QUEDA E SALVAÇÃO

Autor: PIETRO UBALDI

ÍNDICE

Prefácio

INTRODUÇÃO: O PROBLEMA DO CONHECIMENTO

I - ESQUEMA GRÁFICO: INVOLUÇÃO-EVOLUÇÃO
Esquema gráfico do processo involutivo-evolutivo

II - A SABEDORIA DA LEI
Como a Lei de Deus constrange o ser a atingir a Salvação, respeitando a sua liberdade. O problema do aniquilamento dos espíritos rebeldes

III - A ÉTICA UNIVERSAL
Conseqüências práticas: uma ética positiva universal, dentro de cujas normas intransponíveis o ser rebelde está canalizado para a sua salvação

IV - NEGATIVIDADE E POSITIVIDADE
O significado da Lei. Os diversos pontos de referência. Emborcamentos humanos e retificação pela dor

V – PRINCÍPIOS DE UMA NOVA ÉTICA

VI - O ERRO E SUA CORREÇÃO
O fenômeno erro-dor e a autopunição do rebelde. O peso do imponderável

VII - MECANISMO DA CORREÇÃO DO ERRO
Técnica da correção do erro pela dor. Significado do esquema gráfico. Cálculo e fórmulas do afastamento em sentido evolutivo ou involutivo, até o caso limite

VIII – EVOLUÍDO E INVOLUÍDO

IX - DETERMINISMO DA LEI

O problema da felicidade e das ilusões humanas. A mecânica

da evolução e os campos de forças + e -. O determinismo da Lei e a Liberdade do ser. As causas do fenômeno da evolução

X - DINÂMICA DO PROCESSO EVOLUTIVO
A dinâmica do processo evolutivo e as transformações que ele opera. O ser luta e com a dor paga. Deus aproxima-se, o atrai e o ajuda para que ele se redima. A posição do nível zero, ponto inicial da evolução. cálculo do valor quantitativo e qualitativo das forças em ação na dinâmica do processo evolutivo

XI - IMPULSOS DA EVOLUÇÃO
Análise do desenvolvimento do processo evolutivo na expressão gráfica da figura e nos seus diferentes graus, seja como representação linear, seja por superfície de campos de forças. Destruição do triângulo da negatividade (AS) e, continuação do triângulo da positividade (S), numa universal redenção cósmica

XII - O FENÔMENO QUEDA-SALVAÇAO
A obediência à Lei através dos instintos fundamentais da fome, sexo e desejo de crescimento. A conservação do indivíduo e da raça para evoluir. A lição aprendida pela dor, O ciclo: felicidade (S); revolta, queda, ignorância, erro, dor (AS) ; experiência, conhecimento, subida, obediência, felicidade, (S). O significado do fenômeno queda-salvação

XIII - UMA ÉTICA PROGRESSIVA
A ética progressiva e os três degraus evolutivos A2, A3, A4. Três diferentes conceitos de justiça; no plano biológico da fera, no plano animal-humano, no super-humano. A ética A2 da força, a ética A3 da astúcia; a ética A4 da honestidade. A evolução duma ética na outra. A função biológica da mentira e a seleção do mais inteligente

XIV - NÍVEIS EVOLUTIVOS E TIPOS BIOLOGICOS
A conduta do ser nos diferentes níveis evolutivos A2, A3, A4, conforme a sua relativa forma mental em relação ao problema econômico e ao problema religioso

XV - TÉCNICA DO FENÔMENO DA REDENÇAO
A Lei, dualismo de opostos, a técnica do fenômeno da redenção de - para +, o princípio da reabsorção do erro pela dor, a fatal corrida evolutiva. Os limites da evolução no seu conjunto e no caso particular do indivíduo

XVI - MISSÃO E A AJUDA DE DEUS
Um caso vivido e o controle das teorias. O que é cumprir uma

missão e a ajuda de Deus. A resposta do céu. A lógica (para o mundo) do absurdo evangélico do perdão. A força, fraqueza do mundo. Como Moisés venceu o Faraó no Êxodo da Bíblia

XVII - AS ESTRATÉGIAS DO BEM E DO MAL
A luta entre o bem e o mal. As duas estratégias. A técnica do ricochete. Percentagem de negatividade-vuInerabilidade e probabilidade de vitória. Visualização do fenômeno e conclusões

XVIII - CONCEITO DE MORTE PARA O EVOLUÍDO E O INVOLUÍDO
O que é a morte. A do involuído e a do evoluído. O princípio da geração (S) e o da destruição (AS). A morte mata o corpo, não o espírito. O medo da morte e a luta pela vida. O desapego, a superação, a libertação. Deus, do centro, no S, irradia para AS, porque. a vida vence a morte. Utilidade de viver o Evangelho. Conclusão

PREFÁCIO

Este livro foi iniciado no inverno de 1959. Fui, em julho, convidado a proferir uma conferência em S. Paulo e logo comecei a tomar notas, mas elas foram rapidamente aumentando, até que compreendi que estava recebendo um novo volume: este que agora aqui apresentamos. Era um caudal de idéias novas que estava chegando. Não me restava outra coisa senão apressar-me a registrar tudo por escrito, antes que elas desaparecessem. Assim nasceu este livro, de um trabalho febril executado quase todo durante a noite.

A inspiração tinha-me pegado desprevenido. Ao invés de uma palestra saiu um livro. Sem eu ter de antemão planejado nada, nasceu um trabalho ordenado, segundo um plano lógico e unitário. A primeira idéia que surgiu na minha mente foi a visão ética do esquema da figura anexa neste livro, na sua forma mais simples, isto é, do eixo central XY, e dos dois triângulos invertidos, um positivo (vermelho) e o outro negativo (verde). Mas à medida que ia observando essa visão, ela se foi sempre mais enriquecendo de pormenores, apresentando sempre novos problemas que exigiam solução. Esta, porém, chegava logo que a minha curiosidade de saber formulava novas perguntas. Pareceu-me que estivesse seguindo uma lógica preexistente, ao longo dum caminho já traçado. Tive que admitir: tratava-se duma verdade já feita, completa antes de eu conhecê-la, e que ela apenas se ia, pouco a pouco, descobrindo aos meus olhos.

Mais exatamente a técnica receptiva deste volume foi a seguinte. Ele foi registrado em português em três fases: 1) Por escrito, à mão, foi rapidamente registrado o conjunto de toda a concepção nas suas linhas gerais, a visão sintética do esquema geral do trabalho. 2) Também por escrito, à mão, com o auxilio do precedente rascunho, foi

novamente lida e observada atentamente a mesma visão nos seus pormenores, controlando a exatidão da primeira percepção e ampliando-a agora em todos os seus aspectos. 3) Este segundo rascunho, que representava a segunda leitura e tradução, em palavras, da visão, foi por fim copiado à máquina, cuidando-se da língua, melhorando-se a forma, focalizando-se com mais exatidão cada particular e expressão, para controlar e ter certeza para que a palavra correspondesse à visão. Assim o trabalho se desenvolveu indo do geral para o particular, do conjunto para os pormenores, primeiro em forma de síntese e depois de análise. Para me apoderar em cheio da visão e possuí-la em todas as suas qualidades, tive de me aproximar dela por três degraus de observação: 1) Uma leitura panorâmica, de longe, podendo-se dizer telescópica. 2) Uma leitura comum, mais de perto, a distância normal, poder-se-ia dizer a olho nu. 3) Uma leitura miúda, a distância mínima, poder-se-ia dizer microscópica .

Assim nasceu este volume como conseqüência das teorias expostas em: **A Grande Síntese, Deus e Universo, O Sistema.** ***Cada um deles, como também o presente, é a continuação lógica do precedente. Quando acabo de escrever um livro, parece-me ter esgotado o assunto e ter dito a última palavra a respeito. Mas depois me apercebo que tudo vai continuando e que aquela última palavra é só a primeira dum novo livro. Quando este chegar ao fim, me parece ter esvaziado o depósito do meu conhecimento a respeito do tema tratado; entretanto, verifico depois que, aquilo que me parecia ser um ponto de chegada, é só o ponto de partida do volume seguinte. E assim por diante. Na lógica do pensamento que naqueles livros fui registrando, o presente volume representa a fase do controle experimental e das aplicações práticas daquelas teorias, para ver se a realidade dos fatos correspondia aos princípios gerais nelas afirmados. Assim tudo vai sendo controlado racionalmente. Fazer isso é um dever. Quem prega uma teoria aos outros é quem mais tem a responsabilidade do que afirma, porque deve possuir a certeza e a garantia da verdade pregada. Quem ensina não pode acreditar cegamente nas teorias ensinadas aos outros; deve controlar a cada passo que não está sustentando fantasias, mas verdades. Ele tem de conhecer e oferecer as provas concretas, o serva as suas conseqüências, entrando nos pormenores, comparando as teorias com a realidade dos fatos, tudo submetendo ao teste da experimentação; estando sempre pronto a repudiar o que não resiste a esse exame, aceitando toda objeção e resolvendo toda dificuldade, para que tudo seja claro, lógico, demonstrado.***

Chegados a este ponto, pudemos hoje compreender a lógica do desenvolvimento do pensamento que nos levou até a este volume: **Queda e Salvação.**

O Sistema havia completado a visão de **A Grande Síntese** ***e*** **Deus e Universo.** ***Os choques, porém, dos primeiros anos brasileiros chamaram a minha atenção para o mundo terreno da realidade biológica. Eis então que tive de olhar de outro ângulo, não mais para o céu mas para a Terra. Depois de ter estudado e resolvido o problema da criação e primeiras origens, foi necessário estudar resolver o problema da sobrevivência do homem evangélico no inferno terrestre, do evoluído em contato com as ferozes leis da animalidade humana. Essa foi a origem de onde nasceram os dois livros:*** **A Grande Batalha** ***e*** **Evolução e Evangelho.** ***Eis que tudo isto nos levou ao problema da conduta humana em geral, e surgiu a necessidade de resolvê-lo. O assunto tratado foi sempre mais se ampliando nos seus aspectos humanos, terrenos, práticos, após ao desenvolvido nos livros acima:*** **Deus e Universo** ***e*** **O Sistema.** ***Nasceram, assim, mais dois livros: A Lei de Deus e*** **Queda e Salvação.** ***Eles representam dois graus diferentes de aproximação do problema da conduta humana ou da ética. No primeiro, o assunto foi tratado de modo geral, acessível, prático,***

mais próximo à compreensão do homem comum e de sua vida de cada dia, porque esta era a forma mais adaptada para palestras na Rádio. No segundo o mesmo assunto foi ampliado e aprofundado em relação a outros pontos de referência, isto é, não em junção das necessidades e vantagens imediatas da vida humana atual, mas em junção dos princípios universais fundamentais e da salvação do ser no plano geral da Criação. O presente volume: **Queda e Salvação** ***pode assim ser considerado como uma amplificação do outro: A Lei de Deus, tratando ambos do mesmo assunto, mas em forma diferente, como já foi mencionado anteriormente.***

Eis o fio que liga, de um pólo ao outro do conhecimento, estes livros num único desenvolvimento lógico, segundo um pensamento unitário que vai sempre continuando e se renovando. Podemos assim compreender qual foi o caminho que nos levou até **Queda e Salvação.** ***Neste não se trata mais, como no precedente, A Lei de Deus, de considerações a respeito da conduta humana, mas da construção duma verdadeira "ética racional", fruto, não dos impulsos do subconsciente da maioria e das interpretações das vagas afirmações das revelações religiosas, mas resultado positivo duma lógica científica, por isso de valor real e universal por ser produto das leis da vida, verdadeiras para todos, independentemente do tempo, da raça, da religião de cada um O escopo da presente obra é o de formular e afirmar esta nova ética, qual norma de conduta mais inteligente e adiantada para os evoluídos de amanhã.***

A ética atual infelizmente representa mais um desabafos dos impulsos primordiais da vida na tentativa de discipliná-los, quais a cobiça, o sexo e a luta para vencer, do que a regra com que o indivíduo se coordena em função de finalidades superiores no seio de uma unidade orgânica: a humanidade do futuro. Neste livro, nós, apelando ao sentido prático que todos possuem e a um cálculo utilitário que todos compreendem, queremos demonstrar quanto seria mais vantajoso praticar uma regra de vida menos primitiva e feroz, e mais civilizada. Isto para que possa surgir, paralelo a um mundo que pela ciência se tornou mais poderoso, e melhor pela inteligência e pela bondade. As gerações anuais talvez não compreenderão. Mas nosso objetivo é o de atingir as futuras gerações mais aptas a compreender, porque escolhidas em virtude de terem sido selecionadas no próximo expurgo terrestre, porque amadurecidas pelas grandes dores que nos esperam, as quais têm o poder de abrir os olhos aos cegos.

Impelido pelo desejo irresistível de encontrar este mundo melhor, para me evadir do selvagem estado atual, procurei desesperadamente outro lugar; sufocado pela terrena atmosfera de engano, egoísmo, esmagamento e ignorância, fugi em busca de sinceridade, bondade, honestidade e conhecimento. Tive de viajar muito, mas encontrei o que procurava. Atrás dos bastidores desta peça humana de teatro, suja e trágica, me apareceu uma realidade mais profunda e verdadeira, a do espírito. Quando tive perante a vista o plano geral do universo, o horrível presente se completou num melhor amanhã, numa radiante visão de conjunto, em que a futura felicidade justificava os sofrimentos atuais. A certeza de que este amanhã tinha fatalmente de tornar-se realidade para nós um dia, que este futuro melhor estava garantido, para o ser amargurado pela dor, pela irrefreável vontade da Lei de Deus, tudo isto me encheu o coração de esperança. Vislumbrei ao longo do caminho das ascensões humanas o lento e fatal aproximar-se do reino de Deus, em que Ele triunfa, vencedor das trevas. Foi esta para mim uma grande descoberta que me encheu de alegria. Foi para mim uma descoberta ter chegado a perceber dentro de cada coisa a imanência de Deus, não daquele Deus ao Qual se costuma orar só com a boca ou em Quem se tem de acreditar por medo; de um Deus não só estátua e imagem, mas que

sentimos presente, em toda a hora e lugar, vivo, operante entre nós, pai que nos ama e ajuda a viver e subir para o nosso bem Finalmente era possível sair da névoa das lendas, da fantasia, da ignorância, da fé cega. Finalmente uma visão clara de nosso destino, um apoio firme, um caminho certo, u'a meta segura, a verdadeira vida.

Tudo isto não caiu de graça do céu, mas foi o fruto de um duro trabalho de amadurecimento, de maceração interior, de sofrimentos profundos. Mas este fruto está aqui, e a minha alegria agora é de oferecê-lo, aos meus companheiros na viagem da vida, que sofrem e lutam para subir, para lhes mostrar o caminho da felicidade e explicar-lhes que é possível atingi-la, vivendo conforme a Lei de Deus.

S. Vicente, (São Paulo), Brasil
Natal de 1960

INTRODUÇÃO: O PROBLEMA DO CONHECIMENTO

Antes de iniciar este novo livro, apresentamos numa visão de conjunto, um rápido resumo de nosso sistema filosófico, até hoje desenvolvido na I e II Obra de doze volumes cada uma, que estamos acabando. Esta exposição sintética poderá ser útil como premissa para orientar o leitor a respeito do novo tema, que neste livro iremos desenvolver.

Entremos rapidamente no assunto. Qual é o nosso sistema filosófico? Ele não é uma construção lógica artificial, um castelo de conceitos e teorias abstratas fora da realidade, mas é uma visão positiva, aderente aos fatos, cientificamente controlável, que abrange todos os aspectos da existência, de modo que, dando respostas às perguntas que mais interessam à vida, se pode dizer que resolva o problema do conhecimento, dando-nos, pelo menos nas suas linhas gerais, uma orientação. As perguntas fundamentais, a que a filosofia deveria responder, são por exemplo: por que existimos, por que nascemos, vivemos e morremos, por que sofremos, de onde vimos e para onde vamos? Há um funcionamento orgânico no universo. Quem o dirige? O movimento de tudo o que existe está orientado para uma dada finalidade, mas qual é o princípio que tudo guia para ela, qual o plano de todo esse trabalho? Qual é o seu resultado final? Se estamos seguindo um caminho, a coisa mais importante é a de conhecer esse caminho. Como podemos percorrê-lo sem saber para onde ele vai? E se desesperadamente estamos fugindo da dor e procurando a felicidade, qual é o meio para realizar aquilo que mais almejamos? Um sistema filosófico deste tipo representa a vantagem de nos oferecer uma orientação em todos os campos, a qual, embora não resolvendo todos os pormenores dos problemas, nos permite encarar os assuntos particulares, não construindo hipóteses por tentativas, mas seguindo um caminho pré-ordenado, em que somos dirigidos pela visão de conjunto anteposta à nossa pesquisa. Veremos agora com que método seja possível atingir esta visão.

O filósofo moderno tem de ser não somente um construtor de castelos lógicos, mas também um cientista, um matemático, um biólogo, um historiador, um sociólogo, um moralista, um parapsicólogo etc., porque a sua posição é a de quem, colocando-se acima de todos os ramos do conhecimento humano, tem a tarefa de fazer deles uma síntese que oriente e encaminha para a unidade os resultados de tantas conquistas analíticas em que o conhecimento está hoje fracionado. Então o valor dum sistema filosófico se pode avaliar pelo grau de unificação por ele atingido, pela proporção com a qual aquele sistema conseguiu revelar e

demonstrar, além das aparências da superfície, a substancial coordenação que na profundidade funde num só princípio tudo o que existe.

Surge agora, como dizíamos, o problema do método, que nos permita alcançar esses resultados. A filosofia antiga afirmou e a ciência moderna demonstrou que estamos vivendo num mundo de aparências. Os sentidos, que representam o meio para chegar ao conhecimento da realidade, ficam na sua superfície e não sabem atingir a sua verdadeira profundidade. Como poderemos chegar até lá?

O homem possui dois métodos de pesquisa: o dedutivo e o indutivo. Com o primeiro, que é o da inspiração, intuição ou revelação, o homem, com antecipação evolutiva, colocando-se acima das pequenas coisas do contingente, pode atingir os princípios gerais, para descer ao particular que enfrenta e resolve somente como conseqüência do universal. Acontece, porém, que a pesquisa conduzida neste nível não nos coloca diretamente em contato com a realidade dos fatos, a qual representa o único meio de controle da verdade dos princípios gerais.

Com o segundo método, que é o positivo da ciência, o da observação e da experimentação, o homem ficou no terreno objetivo da realidade, procurando chegar ao conhecimento da verdade, levantando hipóteses a partir daquela base segura, até confirmá-las com o apoio dos fatos, em teorias positivamente demonstradas. Segue-se, desse modo, um caminho inverso do precedente. Em lugar de descer do geral para o particular, se sobe do particular para o geral. O pesquisador fica diretamente em contato com a realidade dos fatos, as verdades atingidas são exatamente controladas, mas elas são parciais, fragmentárias, relativas, fechadas no particular, do qual não conseguem afastar-se senão depois de longo e duro trabalho para subir ao universal.

O primeiro método dá resultados vastos, mas não controlados. O segundo dá resultados positivos, mas restritos. Para resolver o caso por nossa conta, usamos outro método, que poderia ser entendido como um conjunto dos dois, utilizando assim as vantagens de ambos, isto é: o dedutivo que trabalha por síntese e o indutivo que trabalha por análise.

Por outras palavras, usamos num primeiro momento o método que foi o das religiões, o da revelação, que mais exatamente chamamos o método da intuição ou inspiração; e num segundo momento usamos o método positivo da ciência, isto é, do controle objetivo por meio da observação e experimentação. Deste modo chegamos primeiramente a uma orientação geral, que nos indica como dirigir a nossa pesquisa; e depois realizamo-la em contato com os fatos, para controlar se .a intuição, que aceitamos apenas como hipótese de trabalho, corresponde à realidade. Colocamos assim o fruto da inspiração no banco do laboratório das experimentações, como faz o físico ou o químico que, observando o funcionamento dos fenômenos, descobre as leis que os regem. Temos usado este método de controle também no campo moral e espiritual, observando o efeito das nossas ações no bem ou no mal, o desenvolvimento dos destinos, o funcionamento da Lei de Deus, até chegar a uma ética biológica racional, não mais empírica, mas positiva, baseada nas leis da vida. Chegamos, assim, a novas conclusões, que nos levaram bem longe.

O problema é agora o de explicar como funciona esse método da intuição ou inspiração. Entramos aqui num terreno de parapsicologia. Nesta exposição breve podemos apenas resumir as conclusões. Julgo que o grau de conhecimento depende do nível de amadurecimento evolutivo atingido pelo ser que o concebe. O homem não cria nada. Todos os problemas já estão resolvidos e tudo está funcionando desde tem os anteriores à a aparição do ser humano. Ele não cria, mas só descobre a verdade; ele vai apenas sempre mais aprofundando a sua pesquisa para ver o que existe por si mesmo, independente dos seus

recursos perceptivos. A verdade é obra eterna de Deus e não do homem. Ela está escrita toda e sempre no absoluto. O homem situado no relativo, por aproximações sucessivas, pouco a pouco vai abrindo os olhos, lendo cada vez um pouco mais, conforme o que consegue, de acordo com o seu amadurecimento, evolutivo, sensibilização e capacidade de ler e compreender.

❑ ❑ ❑

Então o problema do conhecimento é antes de tudo problema de evolução do instrumento humano. Não se trata de um verniz cultural pintado por fora e colado no cérebro por leitura de livros, mas trata-se de um amadurecimento profundo preparado; às vezes, pelos choques da vida, pelo sofrimento e conseqüente elaboração íntima do subconsciente. Trata-se de um fenômeno que se realiza para além dos comuns processos da lógica, num plano de vida e dimensão super-racionais. Quando o ser está maduro, ele aparece como revelação, em forma de visão interior, que enxerga até onde o raciocínio não alcança. Expliquei nos meus livros como espontaneamente fui levado a usar esse método. Estudei também o progressivo desenvolvimento da sua técnica, que se vai aperfeiçoando sempre mais. Temos nas mãos os resultados concretos: são mais de 6.000 páginas escritas pelo mesmo processo. Resultados que depois foi possível controlar com a observação e a experimentação, que os confirmaram como verdadeiros. Quando colocados em contato com a vida, eles demonstraram corresponder à realidade dos fatos.

Que nos diz esse sistema filosófico e o conteúdo da visão que ele nos oferece? Podemos, resumidamente, reproduzi-lo em síntese, nesta "Introdução". Quem quiser entrar nos pormenores, encontrará tudo nos meus quatro livros básicos: A Grande Síntese, Deus e Universo, O Sistema e neste volume.

O plano é estritamente monista, embora contendo o dualismo. O conceito central, que tudo rege em unidade, é Deus. Ele, na Sua essência, está no absoluto e não pode ser definido, isto é, limitado no relativo, onde está a criatura. Veremos como esse relativo nasceu. Estes são os dois pólos opostos da mesma unidade.

Deus simplesmente é. Ele é tudo. Deus significa existir. Ele é a essência da vida. Tudo o que existe é vida, isto é, Deus. E Deus é tudo o que existe, que é vida. Deus é o "ser", acima de todos os atributos e limites. O nada significa o que não existe, a ausência de Deus, ausência que não pode existir. O nada, portanto representando a plenitude da negação, ou da ausência de Deus, isto é, do não ser, como verdadeira realidade não pode existir por si mesmo, mas só como função oposta à positividade, como segundo pólo da mesma unidade. Eis como o dualismo fica fechado dentro do monismo e não destrói, mas confirma e fortalece a unidade do todo.

Este Tudo-Uno-Deus abrange tudo. Nada há fora Dele. Ele é: 1) uma inteligência que tudo dirige, 2) uma vontade que se quer realizar, 3) uma forma gerada como a inteligência a pensou e como a vontade a quis realizar. Eis a Trindade da mesma unidade de Deus, nos Seus três momentos, do mesmo Tudo-Uno-Deus. Eles são: 1) Espírito (concepção), 2) Pai (Verbo ou ação), 3) Filho (o ser criado) .

Que existe uma inteligência, chama-se Deus ou como se quiser chamá-la, dirigindo todos os fenômenos, enclausurando-os dentro de leis exatas, e que os orienta para um dado telefinalismo, conclusivo de todo o transformismo, não há dúvida. Como não há dúvida também que essa inteligência possui uma vontade que de fato realiza em formas definidas o seu pensamento.

Por esse processo Deus gerou a primeira criação. Ele tirou da Sua própria substância as individuações de tudo o que existe. Ele as tirou de Si, porque nada pode existir fora e além de Deus, que é Tudo. Ficaram em Deus, porque nada pode sair do Todo. Disto se segue:

1) Que todas as criaturas são feitas da substância de Deus.

2) Que, pelo fato de não terem saído de Deus, elas existem em Deus, porque a criação não podia ser exterior, mas somente interior a Deus.

A primeira criação de Deus originou-se, então, do resultado de três momentos: 1) o pensamento, 2) a ação, 3) o instante em que a idéia, por meio da ação, atingiu a sua realização. Aqui temos a obra terminada, na qual a ação gerou a expressão final da idéia originária do primeiro momento.

Tudo assim continuou existindo em Deus, como antes da criação, mas agora de maneira diferente, não mais como um todo homogêneo, indiferenciado, mas como um sistema orgânico de elementos ou criaturas, sistema cujo centro é Deus, regido pelo pensamento Dele, que constitui a regra da existência de todos os seres, que tudo dirige e que chamamos "Lei".

Não há tempo para entrar, agora, na demonstração da verdade destas afirmações, nem para dar provas ou aprofundar o assunto nos pormenores, como foi feito nos três primeiros livros acima mencionados. Falamos de primeira criação? Por quê?

Nas aproximações que conseguimos alcançar em nossa representação humana da idéia de Deus, colocamos o conceito de perfeição. A lógica das coisas impõe conceber um Deus perfeito e, por conseguinte, perfeita a obra Dele. Ora, o nosso universo representa, porventura, uma obra perfeita? Nele existem a desordem, a ignorância, o erro, o mal, a dor, a morte; essas coisas parecem mais com o resultado dum emborcamento de Sua obra. Se temos de admitir que a obra de Deus deve ser um Sistema perfeito, vemos de outro lado que o nosso universo está colocado nos antípodas da perfeição, possuindo qualidades opostas. Se o Sistema de Deus representa a positividade, em nosso universo nos encontramos, pelo contrário, num Anti-Sistema, que representa a negatividade.

Temos, então, dois termos opostos: O Sistema, de sinal positivo, cujo centro é Deus; e O Anti-Sistema, de sinal negativo, cujo centro é Satanás, o Anti-Deus. Ora, como nasceu o Anti-Sistema, que impulso o gerou? No todo não existia senão Deus e Nele todas as criaturas. Tudo isto representava o estado perfeito do Sistema, no fim da primeira criação, obra direta de Deus. Ora, se é absurdo que a perfeição de Deus possa ter gerado o Anti-Sistema que tem as qualidades opostas, porque de Deus, que é perfeito, não pode sair o imperfeito, para justificar pois, o fato positivo, inegável, da presença do Anti-Sistema, não temos outra escolha a não ser atribuí-lo à única outra fonte que existia no Sistema, isto é, à criatura Mas se ela atribui tanto mal a Deus, isto se explica e mesmo prova a sua revolta, porque lançar a culpa aos outros é sempre o desejo e instinto do rebelde, apesar de que, como neste caso, isto represente o maior absurdo possível. Tudo se pode explicar admitindo apenas ter acontecido uma mudança na primeira criação, mudança devida a esse outro impulso que existia no Sistema, o único ao qual, não sendo ele de Deus, é possível atribuir a causa dum outro sistema diferente, isto é, imperfeito. Tudo isto nos aparece verdadeiro, porque está confirmado que a imperfeição

que encontramos em nosso universo representa o emborcamento exato da perfeição do Sistema e das suas qualidades positivas, agora levadas para o negativo. Em relação à primeira criação, estamos no seu pólo oposto, o que nos indica que não se trata duma criação nova, realizada com princípios novos, mas só duma cópia emborcada e corrompida da primeira.

Eis então que aparece, racionalmente justificável, a teoria da desobediência das criaturas à Lei de Deus, a teoria da revolta e da queda, que o homem já conhece por intuição, e que a revelação das religiões desde a mais remota antigüidade afirmou, oferecendo-nos assim uma confirmação dessa teoria que só agora é possível apresentar, baseada na lógica dos fatos e racionalmente demonstrada até às suas últimas conseqüências, como fizemos em nossos livros. A teoria não é diretamente controlável em si mesma, porque se refere a um mundo que não é o de nosso relativo, porque ela está além de todas as nossas possibilidades de observação e experimentação. Podemos, porém, controlar essa teoria nos seus efeitos que constituem o nosso universo e a nossa própria vida, cuja forma e regra só deste modo se podem explicar e justificar. E é lógico que assim seja, porque o Anti-Sistema em que vivemos é exatamente a conseqüência dos deslocamentos realizados no Sistema com a revolta. Esta teoria foi assim nos nossos livros submetida a controle racional. Observando tantos fenômenos e fatos, vimos que eles confirmam em cheio essa interpretação da primeira origem de nosso universo, cuja estrutura físico-dinâmico-psíquica e transformismo evolutivo, como a sua última finalidade, se não fossem relacionados com essas causas primeiras, permaneceriam um mistério inexplicável .

❑ ❑ ❑

Deixemos agora o Sistema, isto é, o universo espiritual incorrupto em que ficou Deus no Seu aspecto transcendente, causa e centro de tudo, junto com as criaturas que não desobedeceram, e olhemos para o Anti-Sistema, o das criaturas rebeldes, isto é, o nosso universo material corrupto, em que ficou presente Deus no Seu aspecto imanente, para guiar tudo à salvação, orientando e dirigindo o ser decaído, curando o que se tinha tornado doente, reconstruindo o que foi destruído, endireitando com a evolução o que havia sido emborcado, reorganizando o caos em que tudo tinha caído. Sem essa presença de Deus, a salvação não seria possível. Explica-se assim o conceito de "redenção". Não existe no universo outra força salvadora pela qual o ser pudesse ser remido. Eis que, saindo dos princípios gerais, nos vamos aproximando das suas conseqüências práticas, que podemos controlar em nossa vida, das quais assim encontramos uma explicação.

Devido ao mau uso da liberdade que a criatura possuía, porque feita da substância de Deus, que é livre, ocorre a desobediência à Lei e, por um automático jogo de forças que aqui não é possível explicar, iniciou-se o afastamento dos rebeldes, do qual derivou o fenômeno da involução, que originou o caos, e o começo de nosso universo. Apareceu assim uma nova maneira de existir, no relativo, isto é, a de tomar-se, ou vir-a-ser, ou transformismo, pelo qual nada pode existir senão fechado numa forma, mas sempre mudando duma para outra. A perfeição ficou longe no Sistema, e dela não continuou existindo senão a necessidade de recuperá-la e o caminho da evolução que leva para ela.

Iniciou-se então um fato novo, o do movimento, e isto nos dois sentidos do dualismo que assim havia nascido: a involução e a evolução. Iniciou-se a corrida nas duas direções opostas: para a negatividade do Anti-Sistema, como conseqüência da queda, e para a positividade do Sistema, como conseqüência e continuação do primeiro impulso criador, para tudo recuperar, voltando salvos à fonte: Deus. Dois movimentos opostos e complementares,

que constituem as duas metades do mesmo ciclo de ida e volta, descida e subida, de doença e cura, do afastamento e do retomo, do emborcamento e do endireitamento: o movimento de involução e o de evolução, o segundo possível e explicável somente em função do primeiro.

Eis, então, o quadro geral do fenômeno da queda. Ele, em seu conjunto, compreende um circuito completo de ida e volta, que chamamos: ciclo. Divide-se esse ciclo em dois períodos. O da descida chama-se: involução. O da subida ou ascensão chama-se evolução.

Cada período divide-se em três fases, que são: espírito, energia, matéria. Apresentam-se nesta ordem sucessiva, no período da descida ou involução, e na ordem inversa no período oposto no evolutivo, que é o nosso.

O período involutivo parte da fase espírito que representa o estado originário, ponto de partida, donde se inicia a descida. Enredado no processo involutivo, o espírito sofre uma transformação por contração de dimensões, pela qual - sendo demolidas as qualidades positivas do Sistema - também ele, o espírito, fica demolido até à fase energia. Continuando na mesma direção o mesmo processo, chega a energia à fase matéria, transformação que é fenômeno já conhecido pela ciência moderna. Temos assim diante dos olhos as três fases do primeiro período, chamado involutivo. espírito, energia, matéria.

No fim desse período, a substância que constitui a parte que se corrompeu, da esfera do Todo-Uno-Deus no Seu terceiro aspecto de Filho, inverteu todas as suas qualidades originarias positivas em qualidades negativas. A causa originária tulha assim produzido todo o seu efeito e o impulso da revolta esgotou-se. Neste ponto de máxima inversão dos valores positivos e de máxima saturação de valores negativos, no Sistema invertido, o processo se detém. A transformação em direção involutiva ou de descida pára. Chegados a esse momento, Deus retoma a Sua lenta ação de atração para Si, como centro de tudo.

Iniciou-se assim aquele longuíssimo processo, no qual vivemos hoje, o da subida, que é o segundo período, inverso e complementar, que se chama: evolução. Enquanto o primeiro período da queda ou involução significara a destruição do universo espiritual e a criação ou construção do nosso universo físico, esse segundo período de subida ou evolução significa a destruição da matéria como tal e a reconstrução do originário universo espiritual. Estamos agora neste segundo período do ciclo, o da evolução. Aqui o caminho é inverso do precedente. Se a descida foi do espírito para a energia, até à matéria, agora a subida vai da matéria para a energia, até ao espírito. A soma dos dois períodos forma o ciclo completo, feito de um movimento que se fecha, dobrando-se sobre si mesmo. No conjunto, tudo volta ao seu lugar, no fim a correção neutraliza o erro, a expiação reabsorve a culpa. No fim, acima de tudo triunfa a perfeição de Deus, que tudo tinha previsto e em que tudo acaba reconstruindo-se.

A estrada que A Grande Síntese nos mostra é a que o ser percorre no segundo período do ciclo, o da evolução. Este livro nos explica o caminho ascensional, partindo da matéria, da sua origem e evolução, através das formas de energia, depois da vida mineral, vegetal, animal, subindo sempre, até ao homem, ao seu espírito, ao seu mundo social e moral, até ao seu futuro em mais altos planos de existência. Do período involutivo, precedente ao nosso atual, A Grande Síntese aceita como fato consumado, sem indagar-lhe as causas e antecedentes. O seu objetivo é somente o trecho que vai do Anti-Sistema ao Sistema. Nisto aquele livro segue o método da Bíblia, cuja gênese também começa com a criação da matéria, sem explicar como isto pôde acontecer e o que houve antes. Assim o assunto se toma mais compreensível, porque abrange apenas o nosso atual trecho de existência, o que o homem pode melhor compreender.

A visão apareceu completa no livro: Deus e Universo, que abraça o ciclo todo, nos seus dois períodos, o involutivo, de ida, e o evolutivo, de volta. Nesta primeira

exposição do esquema geral do fenômeno não foi possível entrar em pormenores para tudo explicar e provar. Assim o livro deixou muitos leitores em dúvida, porque não compreenderam.

Chegou depois o volume: O Sistema. A sua tarefa foi a de fixar as idéias desenvolvidas em vários cursos sobre esse assunto, de responder às objeções que neles foram apresentadas pelos ouvintes, foi a de entrar em maiores pormenores para oferecer novas provas da verdade sobre a teoria, e no fim, tudo controlar, fazendo contato com a realidade de nossa vida, na qual se encontram as últimas conseqüências daquela teoria. Se tivesse havido erro, neste estudo e contínuo controle, deveria tê-lo aparecido. Se não apareceu porque a teoria foi confirmada e não desmentida pelos fatos, que correspondem à verdade.

Eis, em síntese o quadro geral de nosso sistema filosófico. O primeiro volume: A Grande Síntese fica assim enquadrado na visão dos dois, muito mais vasta. Se aquele livro representa uma síntese científico-filosófica, os outros dois são uma síntese teológica Mas o primeiro não esgotava o assunto, porque um processo evolutivo não se pode admitir sozinho, como movimento isolado. sem o movimento oposto em que ele encontra a sua contrapartida que o equilibra; não se justifica, como efeito sem causa, nem precedente.

❑ ❑ ❑

Este sistema filosófico nos ofereceu um ponto de referência, o Sistema, que representa o absoluto. Sem o contínuo transformismo de tudo o que existe no relativo de nosso universo não teria nenhum ponto de apoio, nem ponto final a atingir que justifique e sustente aquele transformismo. Explicam-se, assim, tantos acontecimentos, de outra maneira inexplicáveis; e o valor dum sistema filosófico pode ser avaliado em função dos fatos que ele desvenda. Explica-se, também a origem de nosso relativo, do vir-a-ser da evolução, do imperfeito no seio do perfeito, dos limites do tempo e do espaço, no seio da eternidade e do infinito. Uma evolução assim orientada para um seu telefinalismo adquire um sentido lógico, evolução por intermédio da qual se manifesta a obra salvadora de Deus em favor da criatura decaída. O maior fenômeno de nosso universo resulta, deste modo, dirigido para um objetivo seu, sem o que a evolução seria um caminho sem meta, iniciado sem razão, a percorrer fatalmente, uma condenação a subir, não merecida.

Logo, a presença do mal, da dor, da morte, as qualidades da negatividade próprias de nosso mundo, que não podem ser produto direto da obra de Deus, encontram a sua razão de ser, sem se cair no absurdo de admitir que tudo isto tenha saído das mãos de Deus, o que demonstraria a sua maldade, ou pelo menos falta de sabedoria. Assim a contradição entre opostos, que é princípio no qual se baseia a estrutura e o funcionamento de nosso universo, encontra a sua explicação e justificação dentro da lógica de Deus, a qual fica inatingível e íntegra acima dos absurdos gerados pela revolta. Desta forma a sabedoria domina o erro, a ordem domina a desordem, o bem domina o mal, a vida é senhora da morte, o endireitamento supera o emborcamento, a salvação corrige a revolta, o Sistema é senhor do Anti-Sistema, Deus é superior ao anti-Deus, a Satanás.

Neste sistema filosófico, a grande cisão do dualismo em que o nosso universo aparece inexoravelmente despedaçado, acaba saneada, porque enclausurada dentro de um monismo maior do que ela, que a abrange e fecha dentro de si ~ Está salvo assim o supremo principio da unidade do todo, em que reina Deus, um só Deus, em cujas mãos está todo o poder, não compartilhando com outro anti-Deus, não despedaçado no dualismo, como infelizmente apareceu a vários teólogos e filósofos que ficaram na superfície das aparências e não compreenderam. É verdade que com a revolta nasceu a desordem, mas sem sair da ordem,

nasceu o caos, mas sempre controlado por Deus, nasceu o mal, mas só como sombra do bem. O segundo termo do dualismo não é senão uma função menor no termo originário, que permaneceu como eixo fundamental à volta do qual continua a rodar, permaneceu o ponto central, em torno do qual tudo continua a gravitar. A cisão da unidade entre dois opostos não somente lhe é interior, mas é fenômeno temporário que, pela própria estrutura da obra de Deus, automaticamente tende para a sua solução. De fato, logo que surge a doença, aparece o seu tratamento, é o próprio erro da separação e involução que automaticamente leva para a evolução que o corrige, o processo do emborcamento não pode acabar senão no endireitamento.

Na lógica desse sistema filosófico está resolvida a contradição entre monismo e dualismo, dois fatos que existem, que é impossível suprimir e que, embora aparentemente inconciliáveis, é necessário pôr de acordo, porque de outra maneira fracassa o princípio fundamental que é o da unidade do Uno-Tudo-Deus.

Fomos assim observando esse sistema filosófico de todos os lados e tivemos de concluir que ele satisfaz todas as exigências da razão, tudo coordenando num quadro lógico, em que tudo encontra a sua explicação e justificação. Ele, simplesmente demonstrado, convence sem deixar como resíduo pontos obscuros que, por não ter sido equacionado o problema na forma certa, é necessário depois resolver à força com dogmas e mistérios. Esse sistema filosófico nos esclarece o significado de tudo o que nos cerca, até às suas razões mais profundas, satisfazendo o nosso instinto de justiça e desejo de felicidade, reconhecida como nosso direito, para a qual tudo progride. É um Sistema que, ao mesmo tempo que sacia o coração porque nos oferece uma grande esperança, nos dá de Deus um conceito que está longe das maldades de que o carrega o antropomorfismo, um conceito em que Deus fica verdadeiramente bom e grande, apesar de tantos erros e sofrimentos de que aos nossos olhos aparece como estando cheia a obra Dele.

Temos agora diante dos olhos todo o caminho do ser, saindo do Sistema, onde Deus o criou, e viajando até ao Anti-Sistema, de onde Deus o traz à salvação. Através do vir-a-ser involutivo e evolutivo, podemos agora seguir o roteiro que a cada um cabe percorrer até atingir o ponto final de sua trajetória. E quando conhecemos o problema maior nas suas linhas gerais, é possível orientar-nos em cada momento o ponto de nossa caminhada, é possível colocar no lugar que lhe cabe no quadro geral, cada fenômeno e movimento do ser e os fatos particulares de nossa vida. Eles assim, por pequenos que sejam, encontram a sua razão de ser, até à longínqua primeira origem das coisas. Só deste modo se poderá viver inteligentemente, compreendendo o sentido de tudo o que nos cerca e sabendo o que temos de fazer e por quê. É progresso, porque nos aproxima do estado orgânico do Sistema; é vantagem, porque nos reconduz à felicidade plena. Filosofia sadia, que quer ajudar, que admite o utilitarismo honesto do homem de bem, filosofia que vem ao nosso encontro para nos salvar, que nos mostra a ativa presença de Deus entre nós, de um Deus bom, que antes de tudo é nosso amigo e nos quer bem. Filosofia consoladora, que nos fala com a forma mental do Sistema que está no Alto, trazendo luz à forma mental do Anti-Sistema, para levantá-la a ele, até níveis de vida mais adiantados e felizes. Somos infelizes decaídos no caos, nas trevas, no mal, no sofrimento, na morte. Esta filosofia nos mostra que, apesar de tudo e com as aparências que nos deixam acreditar o contrário, nas profundidades do caos há ordem, nas trevas há luz, no mal há o bem; o sofrimento é um meio para se chegar à felicidade, e a morte serve para se ressuscitar numa vida sempre melhor. Assim vemos: além da injustiça domina a justiça, e acima da negatividade destruidora do Anti-Sistema está a positividade reconstrutora do Sistema de Deus. Que coisa

diferente e quanto maior se torna a vida - quando a vivemos em profundidade, em contato com Deus, com o mais poderoso centro vital do universo!

❑ ❑ ❑

A parte mais interessante deste sistema filosófico é o seu aspecto prático, quando descemos ao terreno das suas conseqüências e aplicações nos casos concretos de nossa vida. Ê pelo fruto que se conhece a árvore, é neste terreno que se pode medir o valor da teoria, quando para controlar. a sua verdade a colocamos em contato direto com os fatos. Se ela nos orienta, explicando-nos o significado das coisas, por sua vez a realidade em que vivemos tem de concordar com a teoria até às últimas conseqüências práticas, tudo fundindo no mesmo sistema filosófico que, assim, embora baseando-se sobre os longínquos princípios abstratos do absoluto, pode ser vivido em todos os seus pormenores em nossa vida miúda de cada dia.

Isto é o que temos procurado fazer nós mesmos e de duas maneiras: 1) por mais de meio século na minha vida observando e controlando se os meus conhecimentos pessoais e os dos outros confirmavam a interpretação filosófica do universo oferecida por esta teoria; 2) racionalmente coordenando e logicamente controlando os frutos destas observações, para construir uma norma de conduta humana ou ética, não mais empírica, como as que estão vigorando, não mais fruto de desabafo de instintos em vez de conhecimento e de uma compreensão do problema, mas uma ética positiva, filha da lógica dos fatos, racionalmente demonstrada até à primeira fonte da qual deriva, apoiada sobre bases cósmicas que a justificam; moral biológica, resultado objetivo das leis da vida e não da vontade do legislador ou dos instintos das massas.

Este trabalho foi realizado em vários livros meus, sobretudo nos últimos quatro que se seguiram ao volume: *O Sistema* que até agora completa a exposição da teoria filosófica. Eles são: *A Grande Batalha*, *Evolução e Evangelho*, *A Lei de Deus* e o presente: *Queda e Salvação*.

Tudo isto nos autoriza a acreditar que este sistema filosófico não é fantasia, se os fatos o justificam e, quanto mais o controlamos, tanto mais vemos que ele corresponde à realidade. Por mais que se queira negar e não ver, estão aí para dar testemunho toda a minha vida, os acontecimentos da vida alheia e milhares de páginas escritas .

Fica valorizado o sistema filosófico, porque ele representa as premissas cósmicas racionais duma norma de vida humana, norma justificada porque acertada em função das origens e funcionamento do universo. O trabalho de construir um tal sistema não fica tão somente no terreno abstrato e teórico, não representa apenas a produção filosófica dum castelo de idéias, mas se dirige para a realização dum melhoramento nas duras condições da vida humana, demonstrando que elas são, em grande parte, devidas à nossa ignorância do caminho certo, ao longo do qual nos deveríamos movimentar. Neste caso o trabalho da construção filosófica não tem somente escopo e sentido intelectual, mas se santifica pelo seu objetivo: beneficiar o homem e, ao mesmo tempo, libertá-lo o mais rápido possível dos seus sofrimentos.

O fruto, para nós útil, de tudo isto, é o ter descoberto que existe uma Lei que representa o pensamento de Deus e a presença Dele em nosso mundo, Lei que tudo dirige, sempre funcionando para todos, à qual todos estão sujeitos, conheçam-na ou não, admiram-na ou a neguem; Lei cujo conteúdo é possível descobrir, isto é, os princípios diretores, os impulsos de ação e reação, a técnica de funcionamento, o objetivo final a atingir. Essa Lei é viva, operante entre nós, sempre presente em ação. Ela não é só pensamento, mas também uma

poderosa, irrefreável vontade de realizar. Eis o que nos mostrou a visão da teoria geral deste sistema filosófico; eis o que vamos estudando nestes nossos livros, e vamos expondo como resultado de nossa investigação conduzida com o método positivo da ciência, o da observação e da experimentação. Isto quer dizer: ou observando, como dissemos, a minha vida e a dos outros, ou seja colocando o seu conteúdo sobre o banco do laboratório desta nova ética experimental para calcular os efeitos de cada movimento nosso no terreno da dinâmica moral e espiritual.

Nós temos estudado essa Lei, porque o seu conhecimento nos ensina as regras da conduta certa e com isso nos revela o segredo para evitar a reação da Lei que se chama dor. Só quem conhece a Lei pode viver orientado, porque compreendeu o significado da sua vida até às suas primeiras origens e últimas finalidades, em função da gênese, estrutura e supremos objetivos do funcionamento orgânico do Todo. O universo é um sistema inteligentemente dirigido, e é lógico que, quem nele quer viver com o menor dano e a maior vantagem possível, tenha que se comportar com inteligência e consciência, resolvendo os seus problemas até os pequeninos de toda hora, em função da solução dos problemas máximos, dos quais os menores dependem. Só conhecemos a razão e a finalidade de tudo o que somos e fazemos, se tivermos nas mãos a chave de nosso destino e com ela a possibilidade de construí-lo como melhor quisermos. Com os nossos pensamentos e atos, livremente semeando as causas, ficaremos fatalmente amarrados.

A Lei representa uma construção lógica que pode ser estudada como se estuda uma teoria matemática. Com este escopo fizemos neste volume um esquema gráfico, representando, em síntese, uma expressão geométrica dos princípios fundamentais que regem o funcionamento da Lei. É possível, portanto, medir o valor quantitativo e qualitativo dos diferentes impulsos que movimentam o ser e as correspondentes reações da Lei. O ser está livre de movimentar-se à vontade, mas logo depois, destes movimentos se apoderam as forças da Lei que fatalmente os guiam para os seus efeitos. Eles são calculáveis, porque estão regidos por princípios de equilíbrio e justiça bem definidos. A Lei é inteligente, poderosa, sensível, e não há movimento que não se repercuta, não há impulsos c sucessivos deslocamentos que não sejam percebidos pela Lei e contra os quais ela não reaja. Ela quer a ordem do Sistema, e não o caos do Anti-Sistema.

Na substância, a reação da Lei não é senão a continuação de nosso próprio impulso, que se ricocheteia e se volta contra nós devolvendo-nos o que nós lançamos aos outros. Assim, cada força que em sentido negativo projetamos contra o próximo, se transforma numa força inimiga, que se volta contra nós, nos agredindo; e cada força que em sentido positivo projetarmos para o próximo, se transforma numa força amiga, que se volta para nós, nos favorecendo. A conclusão é sempre a mesma: recebemos de volta o que lançamos aos outros. Pode-se então estabelecer este princípio da Lei, que diz: "Quem faz o bem, como quem faz o mal, acaba fazendo-o a si mesmo".

No campo de forças do Todo são possíveis três situações fundamentais: o impulso positivo do Sistema, o negativo do Anti-Sistema e o do ser, indeciso, que quer dirigir-se ora para um, ora para o outro. A positividade do Sistema está em luta contra a negatividade do Anti-Sistema, filha da revolta, para corrigir a desordem, reconduzindo-a para a ordem. A negatividade do Anti-Sistema está em luta contra o Sistema, para destruí-lo e substituir-se a ele. O ser está existindo dentro desse dualismo de impulsos opostos. Mas dos dois termos, o mais poderoso é o Sistema em que ficou Deus no seu aspecto transcendente, mas ao mesmo tempo presente também no Anti-Sistema, do qual, para salvá-lo, dirige os movimentos no

processo evolutivo. Dualismo temporário, fechado dentro da unidade que ficou íntegra, do monismo, dono de tudo.

Então o que tudo domina é a Lei, que expressa a positividade do Sistema, o princípio de ordem, de equilíbrio e justiça. Este é o campo de forças em que o ser está livre de movimentar-se, mas só em função da vontade da Lei que quer realizar os seus princípios, que são os do Sistema que ela representa. Então em cada movimento seu o ser tem de levar em conta a presença dessa Lei que, embora deixando-o livre, está sempre impulsionando-o para a frente, para que ele volte ao Sistema. Mas ele pode, também, dirigir-se no sentido oposto, para o Anti-Sistema, isto é, não conforme à vontade da Lei, mas contra ela. No primeiro caso, pelo fato de que o ser se colocou na corrente das forças da Lei, esta o ajuda; no segundo caso, pelo fato de que ele quis andar contra aquela corrente, a Lei se rebela e reage.

Eis a relação que existe entre os três impulsos fundamentais, que se encontram no campo das forças cio Todo. O que o nosso mundo não quer levar em conta é o fato de que, se ele está livre de dirigir-se para o Anti-Sistema, que é o mal, tem fatalmente de receber o choque da parte da Lei que reage, porque a vontade dela é, pelo contrário, a de ir para o Sistema, que é o bem. Nunca esqueçamos que, acima dessa luta entre positividade e negatividade, há Deus que a dirige e, afinal de contas, tudo tem de desenvolver-se conforme a Sua vontade. Se assim não fosse, a evolução poderia representar apenas uma tentativa duvidosa, para acabar, se ela não alcançasse sucesso, na falência da obra de Deus, que com a evolução não conseguiu salvá-la da sua derrota final, representada pela vitória definitiva do Anti-Sistema. Na lógica do desenvolvimento dos impulsos do campo de forças do Todo, é necessidade absoluta o aniquilamento completo de toda a negatividade e o triunfo completo de toda a positividade, sem resíduo algum. Se qualquer traço do mal sobrevivesse, isto representaria a derrota de Deus, que é o bem. Todos os efeitos da queda têm de ser destruídos definitivamente, realizando-se a reconstrução integral do Sistema.

Este, em síntese, é o terreno dentro do qual se movimenta a nossa conduta ética, num jogo de ações e reações, entre os 1mpulsos do ser e a vontade da Lei, da qual nunca se pode esquecer a presença. O ser age livremente, porque tem de experimentar para aprender e subir; a Lei reage deterministicamente para que o ser suba para o Sistema e nele encontre a sua salvação. O afastamento da Lei é o que se chama: erro; a reação da Lei ao erro é o que se chama: dor. No esquema gráfico o comprimento da linha do erro, na direção da negatividade, nos expressa a medida do mal cometido; o comprimento da linha da dor, que leva o ser na direção da positividade, nos expressa a medida do trabalho do endireitamento necessário para voltar à ordem da Lei. O ser está livre de cometer erros, mas tem depois de aceitar a reação corretora da Lei, à força, cujos equilíbrios não podemos violar, sem devolver tudo à justiça de Deus, pagando á nossa custa.

Pode-se assim chegar a estabelecer o princípio de reação nestes termos: "Cada ação do ser contra a vontade da Lei excita e gera uma reação inversa e proporcional, de mesma natureza ou qualidade e de mesma medida ou quantidade".

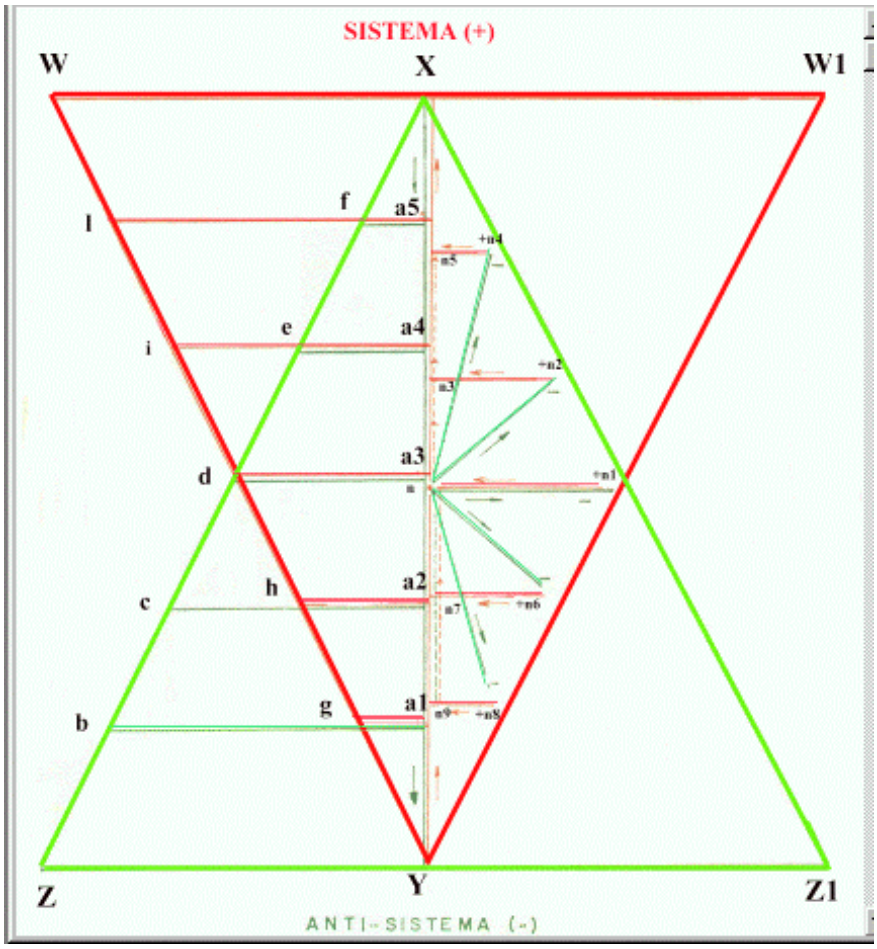
Estudando as regras que dirigem o funcionamento da Lei, pode-se chegar a calcular as conseqüências fatais dos nossos ates, podendo deste modo, com uma conduta mais inteligente, eliminar o mais possível as causas primeiras de tantos sofrimentos, que agora vemos como sejam devidos ao rato de nos querermos colocar fora do caminha certo da Lei. Mas o homem não sabe ou não quer saber estas coisas e continua errando e pagando. Não adianta explicar. Então para ensinar a um ser que tem de ficar livre, não resta, na inviolável lógica da Lei, senão o azorrague da dor, que é o raciocínio compreendido por todos.

Deus nos corrige com a dor porque Ele quer a nossa felicidade, e para atingi-la não há outro caminho a não ser o da Sua Lei. E o desejo de felicidade não é o nosso instinto fundamental? Mas procuramo-la fora do caminho certo. Então a Lei, que nos ama e protege, com a sua reação nos avisa e nos endireita, constrangendo-nos com a dor a irmos para onde nos convém. O homem continua rebelando-se, porque busca uma vantagem onde, pelo contrário, está o seu prejuízo. E a Lei com grande paciência volta sempre a corrigi-lo, e não pára de golpeá-lo até que a lição seja toda aprendida.

Assim, o homem vai experimentando e aprendendo. A verdade que possuímos é fenômeno em evolução. Ela é relativa e progressiva, e conquistamo-la por sucessivas aproximações à medida que vamos amadurecendo. Chegaremos assim a compreender cada vez mais o pensamento de Deus que está escrito na Sua Lei, e alcançaremos maior progresso possível, que nos permite dirigir mais inteligentemente a nossa conduta, libertando-nos cada vez mais do sofrimento.

Quisemos nesta introdução, para orientar o leitor, apresentar os conceitos fundamentais que desenvolveremos neste livro, ao mesmo tempo resumindo numa rápida síntese o plano de nosso sistema filosófico, tanto no seu aspecto teórico, como no prático, nos seus princípios gerais, como nas suas conseqüências a respeito de nossa conduta na realidade da vida, plano que vai da primeira criação de Deus até à realização do ciclo involutivo-evolutivo e à salvação final de todos os seres.

A figura abaixo somente será visualizada no modo Layout de Página, para isto vá ao menu Exibir e escolha a opção Layout de Página


SISTEMA (+)
W
X
W1
f
a5
l
+n4
e
a4
i
+n2
a3
d
+n1
h
a2
c
+n6
g
a1
b
+n8
Z
Y
Z1
ANTI-SISTEMA (-)

I

ESQUEMA GRÁFICO: INVOLUÇÃO-EVOLUÇÃO

Depois da precedente premissa orientadora, podemos agora entrar no assunto do presente volume. Os aspectos básicos das teorias que aqui iremos desenvolvendo foram equacionadas nos livros antes mencionados: Deus e Universo e O Sistema. O atual livro é o terreno das suas conseqüências e aplicações.

Coloquemo-nos então perante a figura anexa, que nos oferece uma mais exata e evidente expressão geométrica do fenômeno da queda e salvação que aqui estudamos. Usamos esta figura como representação gráfica mais apta a fixar em forma visível, intuitivo-sintética, os conceitos que iremos desenvolvendo.

Esta figura nos dá o esquema completo do processo de ida e volta do transformismo involutivo-evolutivo em que se baseia a estrutura de nosso mundo fenomênico, isto é, o esquema do ciclo da gênese, desenvolvimento e tratamento da doença da queda e cisão devida à revolta, donde derivou o estado material de nosso universo corrupto. O princípio fundamental no qual ele se baseia, o do dualismo, é o que primeiro nos salta à vista nesta figura, dividida em duas partes opostas, que se equilibram num processo de recíproco emborcamento. Quem não estiver ainda convencido da verdade das teorias apresentadas nestes dois livros: Deus e Universo e o Sistema, encontrará aqui novos esclarecimentos que ainda mais se explicam, e novas provas que ainda mais as confirmam.

Já sabemos que, pela revolta e a queda que se seguiu, a unidade do Sistema ou Todo orgânico em Deus se despedaçou no dualismo: Sistema e Anti-Sistema. Este processo de separação chegou à sua plenitude na realização do Anti-Sistema, mas está sujeito a outro processo de reunificação, que chegará à sua plenitude com a reconstrução da parte decaída, no seio do Sistema. Separação-reunião, destruição-reconstrução, doença-tratamento, descida ou afastamento longe do Sistema, subida ou volta ao Sistema, involução-evolução: eis os dois momentos que encontramos sempre opostos, num contraste de forças rivais em luta para a supremacia. Neste contraste se baseia o dinamismo de todo o processo, que assim vai amadurecendo de uma posição à outra, deslocando os seus elementos ao longo das posições escalonadas pelo caminho a fora, até ele ser todo percorrido, desde a sua origem até a sua conclusão.

Este é o conceito fundamental que domina o fenômeno que agora estudamos: o da cisão no dualismo. Então duas forças básicas em luta entre si, cada uma com o fim de vencer a outra, prevalecendo uma de cada vez, a do Anti-Sistema no período da descida involutiva, e a do Sistema no da subida evolutiva. Elas são:

1) O Sistema, que representa a positividade, os impulsos deste tipo, as qualidades que afirmam, as da vida, da sabedoria do amor, da unidade, da ordem, da disciplina, da felicidade etc. Este é o lado de Deus, do espírito, do bem. Por isso o sinal do Sistema é + (mais).

2) O Anti-Sistema, que representa a negatividade, os impulsos deste tipo, as qualidades contrárias que se opõem às do Sistema, as da morte, da ignorância, do ódio, da separatividade, da desordem, da revolta, do sofrimento etc.. Este é o lado de Satanás, da matéria, do mal. Por isso o sinal do Anti-Sistema é - (menos).

Para nos expressar de maneira mais rápida, abreviamos a palavra "Sistema", com a letra S; e a palavra "Anti-Sistema", que também teremos que usar muitas vezes, com as letras AS. Na figura tudo o que pertence ao S está marcado com cor vermelha, que escolhemos como cor da positividade (+), e tudo o que pertence ao AS está marcado em verde, que escolhemos como cor da negatividade (-) .

A linha vermelha WXW_1 representa a plenitude do S, é a base do triângulo WYW_I, que contém o campo de forças positivas do S. A linha verde ZYZ_1 representa a plenitude do AS, é a base do triângulo ZXZ_1, que contém o campo de forças negativas do AS Estamos não no terreno da originária unidade do S, mas no dualismo em que fracassou o nosso universo. Por isso todos os valores, impulsos, movimentos, que nele vigoram, se realizam sempre em função da oposição entre os dois sinais + e -.

A figura é simétrica e está dividida ao meio em duas partes iguais, em sentido vertical pela reta XY - tanto para o triângulo vermelho do S, como para o triângulo verde do AS. Marcamos em verde uma linha central, que representa o caminho de descida ou involução; e em vermelho outra linha central, que representa o caminho de subida ou evolução - o nosso atual.

Esta figura nos oferece a representação completa da visão do fenômeno da queda nas suas duas fases de ida e volta, em que o ciclo se fecha chegando novamente ao que foi o seu ponto de partida. Tendo perante os olhos esta representação gráfica apta a fixar as idéias, poderemos melhor estudar o fenômeno nos seus pormenores. As duas cores diferentes nos permitem perceber à primeira vista qual é a natureza de cada ser e a sua posição, e qual dos dois campos, positivo ou negativo, ele pertence. Os limites geométricos da figura nos expressam o conceito da presença da Lei de Deus que, incluindo o desmoronamento do AS, abrange tudo dentro dos seus limites, com as suas regras dirigindo todo o movimento, com as suas reações contra a violação, retificando todo o erro, reconduzindo tudo à ordem, tudo o que procurou afastar-se dela.

Comecemos observando o ciclo nas suas fases de ida e volta. A figura contém dois campos de forças contrárias, as positivas e as negativas. Eis que elas se põem em movimento, determinando com isso uma série de ações que excitam reações opostas, proporcionadas e calculáveis, que a figura nos expressa com a posição e o comprimento das suas linhas.

O ponto de partida do ciclo na sua primeira metade involutiva é o ponto X situado na linha vermelha WW_1 do S. O ponto de chegada daquela primeira metade involutiva do ciclo, é Y na oposta linha verde ZZ_1 do AS. Aqui acaba a involução. Mas este ponto de chegada representa também o de partida da segunda metade do ciclo, isto é, da evolução. Então o ciclo que tinha iniciado o seu movimento de descida involutiva no ponto X do S, agora no ponto Y situado no AS, vira-se em sentido contrário, endireita o seu emborcamento, iniciando o seu caminho de volta, subindo. O ponto de chegada desta segunda metade evolutiva do ciclo é X, situado na linha do S, de onde se iniciou o processo da descida involutiva. Que quer dizer tudo isto?

Quer dizer que o impulso que saiu do S, dirigido para o AS, depois de se ter esgotado atingindo o seu objetivo que é a realização do AS, se autoneutraliza e anula, seguindo um movimento oposto que o leva novamente ao seu ponto de partida, ou seu estado de origem S. Tudo se reduz deste modo a um erro corrigido, a uma temporária doença curada, a um afastamento compensado pela aproximação de volta, a uma positividade perdida e recuperada e

a uma negatividade adquirida e repudiada, a um processo compensado de ida e volta, a um intervalo de imperfeição na eterna e indestrutível perfeição de Deus.

Isto já foi dito naqueles dois livros; mas quisemos aqui dar-lhe uma expressão gráfica mais evidente e exata. E, se temos falado de erro corrigido, foi porque procuramos salientar melhor este aspecto do fenômeno, pelo fato de que um dos maiores problemas que agora teremos de encarar, será o da reação da Lei e correção dos nossos erros, entrando no terreno da ética que é o nosso assunto atual. A este respeito o fenômeno da queda .representa o primeiro e maior caso de erro cometido pela criatura e corrigido por Deus. A queda, erro máximo, atrás da qual ecoam e se vão repetindo todos os outros erros menores que o ser repete a toda hora, ao longo de sua escala evolutiva, é o que vamos ver agora.

Observemos primeiro o processo no momento do início do ciclo no ponto X do S, onde começa a viagem em descida para Y, ao longo da linha da involução. Na linha WXW_1 o S se encontra na plenitude da sua positividade, enquanto o valor efetivo, atual, da revolta é apenas potencial e o volume da negatividade é apenas um ponto sem dimensões, situado na plenitude da positividade do S. Alas eis que essa potencialidade vai se tornando cada vez mais próxima do AS, e pouco a pouco a revolta vai se concretizando. Este fato está expresso na figura pela superfície sempre mais vasta que na descida a revolta conquista e domina, até atingir a plenitude de sua realização; uma plenitude às avessas, ao negativo, na linha ZZ_1, em que o triângulo está completo por terem os seus lados atingido a abertura máxima. Assim a negatividade, com o processo da involução, vai cobrindo toda a superfície do triângulo do AS, cujo vértice é X e a base a linha ZZ_1. No fim deste processo o ponto X se dilatou sempre mais até atingir as dimensões da linha ZZ_1. A superfície sempre maior, coberta com o progredir do impulso da revolta ao longo da linha da involução XY, representa o dilatar-se do campo de forças dominado pelo AS, que assim se vai potencializando sempre mais, até a sua plenitude máxima na base ZZ_1 do triângulo. Neste ponto o impulso da revolta atingiu
a sua completa realização com a criação do AS, que é o nosso universo material .

Que acontece ao mesmo tempo a respeito do S? Se o AS no início do ciclo, em X se encontra no estado puntiforme, só de valor potencial, o S se encontra ao contrário na sua plenitude WW_1 E se na descida involutiva o ponto X, na gênese do AS, foi ampliando sempre mais o seu campo de ação até que se tornou a plenitude ZZ_1, paralelamente á linha WW_1, ou plenitude do S,
foi contraindo sempre mais o seu campo da ação, até que se tornou o ponto Y. As duas transformações inversas se realizaram uma em função da outra, a negatividade ganhando onde a positividade perdia, num processo de paralelos emborcamentos das dimensões dos próprios valores. O que era mínimo em S se tornou máximo em AS, e ao contrário. Passa-se assim da plenitude da positividade à plenitude da negatividade. Isto porque no processo da queda vai se realizando sempre mais a inversão das qualidades positivas do S nas negativas do AS, e porque à medida que se vai enfraquecendo o poder do S, se vai fortalecendo o do AS. Isso até que na linha
ZZ_1 o poder positivo do S, que no início era expresso pela linha WW_1, foi reduzido ao ponto Y; e o poder negativo do AS, que no início era expresso pelo ponto X, se tornou na linha ZZ_1. Tudo
isto a figura nos indica com o progressivo aumentar da extensão da superfície ou campo de forças dominado pelo triângulo do AS e pelo paralelo diminuir da extensão da superfície ou campo de forças dominado pelo triângulo do S.

É bom esclarecer que tudo isto se refere ao fenômeno da queda ou ciclo involutivo-evolutivo que saiu do S, e somente parte que dele quis sair e se corrompeu, e não ao

S todo, que ficou íntegro corri o restante que não se rebelou. Temos até aqui esgotado só a primeira parte deste fenômeno, isto é, a fase queda. Observemos agora a sua segunda parte inversa e complementar, a outra fase do ciclo, a da salvação. Por isso o título deste livro: Queda e Salvação.

Se a primeira parte do ciclo está constituída por um processo de inversão da positividade da parte rebelde do S na negatividade do As, a segunda parte é constituída por um processo de endireitamento da negatividade do AS na positividade do S, devolvendo ao S a parte corrupta que dele se afastou. Em Y acabou o caminho da descida ou involução e inicia-se o do regresso em subida, ou evolução. Observando a figura veremos que ela nos expressa todo o processo do ciclo completo, que contém, nos seus dois movimentos fundamentais de descida e subida, quatro deslocamentos, isto é:

a) no movimento de descida, 1) o deslocamento do estado de nulidade da negatividade do AS, ao estado de plenitude daquela negatividade (gênese do triângulo verde); 2) o deslocamento do estudo de plenitude da positividade do S, ao estado da nulidade daquela positividade (destruição do triângulo vermelho).

b) no movimento de subida, 3) o deslocamento do estado de plenitude da negatividade do AS, ao estado de nulidade daquela negatividade (destruição do triângulo verde); 4) o deslocamento do estado de nulidade da positividade do S, ao estado de plenitude daquela positividade (reconstrução do triângulo vermelho).

Eis que a segunda parte do ciclo, inversa e complementar da primeira, o completa e conclui a segunda parte do mesmo fenômeno. Se na primeira parte, como há pouco dissemos, se passa da plenitude da positividade, à plenitude da negatividade, vemos agora que na segunda parte do ciclo se passa da plenitude da negatividade à plenitude da positividade. Então todo o fenômeno da queda se reduz à gênese do dualismo, feito pelos dois sinais opostos + e -, dualismo pelo qual num primeiro momento a positividade se torna negatividade gerando o AS, e num segundo momento a negatividade volta à positividade, reconstituindo-se no S.

O processo do endireitamento evolutivo, que corrige o precedente da inversão involutiva do S para o AS, se inicia na linha ZZ_1 no AS, que aqui se encontra em sua plenitude e no ponto Y no S, que aqui se encontra reduzido a um ponto. Estamos na fase do maior constrangimento da positividade e da expansão da negatividade vitoriosa. Mas neste ponto o originário impulso da revolta que gerou a negatividade, aprisionando a positividade do S, se esgota e volta a prevalecer o caráter fundamental dos dois impulsos, isto é, o do AS, que não pode deixar de seguir a sua natureza negativa que o levará até a renegar a si mesmo, anulando-se assim no caminho do regresso como negatividade, a isto levado também pelo impulso do S, que não pode deixar de manifestar-se reagindo ao constrangimento sofrido dentro da negatividade do AS, afirmando a sua indestrutível natureza positiva, agora que o esgotar-se do impulso contrário lho permite.

Vemos então que a negatividade que quer continuar a ser negativa e a positividade que quer continuar a ser positiva, de fato colaboram no mesmo sentido da reconstrução: a negatividade, por que quer ser negatividade, a positividade, porque quer ser positividade. Maravilhosa sabedoria da Lei que providencia tratamento e cura, prevendo tudo isto de antemão, pré-ordenando esse jogo de forças que automaticamente levam à salvação. Técnica estupenda pela qual vemos que bem e mal trabalham juntos: o bem, impulso positivo; o mal, negativo; para chegar ao mesmo resultado, que é triunfo do bem.

Continuemos observando. O processo vai-se assim desenvolvendo na segunda parte do ciclo até que a linha ZZ_1 da negatividade do AS fica reduzida a um ponto, X; e o ponto Y da positividade do S se torna ampliado até chegar à linha WW_1. Estes

deslocamentos significam que o campo de forças do S, que antes se foi apertando sempre mais até à sua anulação, agora vai se dilatando cada vez mais, ganhando em superfície, isto é, potencializando-se até voltar à sua plenitude; e que o campo de forças negativas do AS, que anteriormente se havia dilatado e potencializado sempre mais, até chegar à sua plenitude, sempre mais se apertando agora até chegar à sua anulação.

Neste ponto o ciclo fica completo e fecha-se sobre si mesmo, porque atingiu o seu ponto de partida. Nesta altura o emborcamento foi endireitado, a negatividade do AS reabsorvida na positividade do S, o caminho involutivo-evolutivo está todo percorrido, e tudo voltou reconstruído e saneado ao seio do S. Assim os opostos se compensam e, em perfeita correspondência e proporção de impulsos e movimentos, os dois caminhos da queda e salvação se equilibram e se resolvem na perfeita ordem da Lei. A construção do triângulo verde do AS, e a destruição do vermelho do S, que o processo de involução ou descida XY gera; a destruição do triângulo verde do AS, e a reconstrução do vermelho do S, que o processo da evolução ou subida YX gera; tudo isto está graficamente expresso na figura e salta à vista ao primeiro olhar.

Esta figura tem um significado profundo. Ela orienta-nos, explicando a causa, a razão e o objetivo do vir-a-ser universal, mostrando-nos as origens e o porquê do processo evolutivo em que vivemos. Ela deixa-nos, ver com que exatidão geométrica a sabedoria da Lei opera a salvação, depois de estar contido em sua ordem todo o desmoronamento da queda. Para compreender a figura é necessário penetrá-la nos seus movimentos de contração e expansão, de criação e reabsorção de valores, no seu contínuo dinamismo regulador de todo o ciclo involutivo-evolutivo. Vemos, assim, de X, um ponto, sem dimensão, nascer todo o campo de forças do AS, e igualmente do ponto Y, o S voltar à sua plenitude. A posição reciprocamente emborcada dos dois triângulos, o do S e o do AS, um que diminui na proporção que o outro aumenta, até um desaparecer na plenitude do outro, tudo isto nos mostra quando ordenadamente a Lei tenha dirigido a desordem da queda no AS, até a reconduzir toda na ordem do S. A figura mostra-nos como, a cada ponto e posição ao longo da linha da involução ou da evolução, corresponde uma proporcionada amplitude do campo de forças negativas ou positivas dominado, amplitude expressa pela superfície contida entre os dois lados oblíquos dos triângulos que se vão abrindo ou fechando. Pode-se assim calcular a extensão do terreno que em cada ponto do seu caminho os seres viajantes dominam, e o valor das forças que eles possuem, perdendo num sentido e ganhando no nutro, conforme a direção do seu caminho.

Assim a figura não somente nos expressa com representação geométrica espacial o esquema estático do fenômeno, mas também o dinamismo que o anima e transforma a cada passo, na gênese a anulação dos espaços vitais, seja do S seja do AS. Com o aproximar-se um do outro, os dois lados de cada triângulo, pouco a pouco se avizinham do seu vértice, e com o relativo estreitar-se do campo de forças ou espaço vital que o S ou o AS domina, com tudo isto a figura nos apresenta, expresso graficamente em formas espacial intuitiva, o conceito da anulação do S, ou AS. E ao contrário, com o afastar-se dos dois lados dos triângulos e relativo ampliar-se do campo dominado, a figura nos expressa o conceito de formação do AS, ou reconstrução do S. Se pensarmos o que isso significa, suas implicações com qualidades e conseqüências, um triângulo prevalecendo sobre o outro, poderemos compreender quão vastos significados a figura contém e a importância das conclusões, às quais nos poderá levar este estudo.

❑ ❑ ❑

Vamos continuar observando a nossa figura para compreendê-la cada vez melhor. Procuremos aprofundar sempre mais o nosso olhar no mistério da estrutura do fenômeno do universo e dos abstratos princípios gerais que o regem. Poderemos assim penetrar os significados sempre mais íntimos de nossa representação gráfica, as razões da sua estrutura e a técnica do funcionamento das duas forças.

Temos até aqui observado, numa simples visão de conjunto, a figura em sua estrutura estática, para ver como está construída. Estudamo-la depois em seu dinamismo, isto é, no desenvolvimento das duas fases, de ida e volta. Estamos aprofundando e ilustrando elo forma visível, com exatidão cada vez maior, os conceitos apresentados nos livros: Deus e Universo e O Sistema, trabalho que é possível, somente agora que u esquema geral foi traçado e os problemas fundamentais resolvidos.

Vimos em que consiste o processo involutivo-evolutivo, isto é, as duas fases do ciclo, de ida e volta. Explicamos que o movimento de descida ou afastamento do S, ao chegar ao ponto Y, se emborca em subida ou aproximação do S até atingi-lo.

Surge neste ponto a espontânea pergunta: por que motivo o processo da queda, chegado a esse grau do seu amadurecimento, ao invés de continuar na mesma direção, volta para trás? A que força é devido esse emborcamento do seu caminho? Dissemos que assim acontece porque se esgota o impulso da revolta. Mas isto não basta para explicar. Há mais.

A lei de cada impulso tende a progredir até atingir a plenitude da sua realização. Mas quando essa realização for atingida, o impulso não funciona mais. Então dizemos que ele se esgota porque, atingido o alvo, ele pára. Isto porque quando a causa tiver sido transformada toda em efeito, ela não existe mais como causa e com isso se anula o motor do processo. Quando o alvo for atingido, acaba a trajetória da viagem, que não pode continuar. Quando realizamos uma obra, quando manifestamos nela o nosso pensamento e vontade, quando o que se encontrava dentro de nós em estado potencial passou para fora de nós em estado atual, a força que tudo movimentou não pode continuar. Para onde poderia continuar se o objetivo foi atingido? Para continuar precisaria determinar novo objetivo e novo impulso para atingi-lo. Não há movimento que possa continuar além do seu ponto de chegada, a não ser iniciando outro caminho para outra finalidade.

Então, pela própria lei que o fenômeno traz escrita dentro de si, tudo está automaticamente pré-ordenado de modo que, no ponto em que toda a positividade da parte rebelde do S se transformou na negatividade do AS, e a obra de construção desse triângulo verde está cumprida na linha ZZ_1, neste ponto o processo tem à forca de parar e, se quiser continuar, não pode fazê-lo senão mudando o tipo do seu movimento e iniciando outro caminho para outro objetivo.

E que direção poderá esse novo movimento assumir? Que outro tipo de causa poderá surgir dentro do efeito realizado? O novo impulso somente poderá ser determinado pelas forças disponíveis naquele ponto do caminho ou desenvolvimento do processo. E o que se encontra naquele ponto? O impulso para o AS foi esgotado porque este foi realizado. Aquele impulso não possui mais força e jaz exausto, inerte. Pode surgir, então, outro impulso ativo nesse ponto?

Ele é representado pelo S. Enquanto o caminho XY consumiu todo o impulso da negatividade devida à revolta, por esse mesmo processo de expansão construtora da negatividade do triângulo verde se realizou uma compressão destruidora da positividade do triângulo vermelho. Disto se segue que ao chegar o processo à plenitude do AS, encontramos uma negatividade no máximo estado de sua expansão, isto é, de esgotamento e inércia, e uma positividade no máximo estado de sua concentração, o que quer dizer potencialização e

dinamismo. Sendo o fenômeno da queda um jogo de emborcamento, o resultado da sua vitória foi só o de fortalecer a reação evolutiva. É no ponto em que foi atingido o completo triunfo da negatividade, que o impulso da positividade comprimida vai bater como que contra uma parede e aí ricocheteia para trás. Mas o que construiu a parede que constrange o processo a emborcar, o emborcamento da negatividade, isto é, a endireitar-se na positividade, é o próprio triunfo da negatividade.

Isto nos poderia fazer pensar que se trate só duma nova direção do mesmo impulso, que continua às avessas, tanto mais que se trata do mesmo ciclo, do qual involução e evolução são duas fases consecutivas. Então a evolução seria só a continuação do caminho da involução. Se isto é verdade, o é também o fato que esse novo impulso deriva do S, que pode começar a levar vantagem sobre o AS só neste ponto Y, onde o caminho do AS está esgotado. É assim que em Y começa a prevalecer o S. É assim que, no ponto onde a negatividade atingiu a plenitude da sua realização, a positividade pode iniciar o seu trabalho lento mas constante, que tanto operará até reconduzir tudo ao S, tudo redimindo na salvação final.

Além disso é necessário levar em conta o fato de que com a queda foi gerada e se iniciou a maneira de existir no relativo, isto é, na forma do vir-a-ser ou transformismo. Nele o ser agora está situado, constrangido a percorrer o caminho do ciclo involutivo-evolutivo, no qual ele não pode parar. Então a primeira condição da sua sobrevivência é a continuação desse caminho. Se o fruto maduro da queda não quer ficar congelado na perda completa da vida que a positividade representa, é necessário que o movimento continue. se pelo transformismo universal, que no relativo é lei de vida e condição de existência, ninguém pode parar sem morrer, para continuar a existir, e o ser não tem outra escolha a não ser emborcar-se novamente, voltando ao positivo.

Por que não há outra escolha? Porque no Todo não existe outro modelo, mas um só: o do S. Este é o modelo do Todo-Uno-Deus. A criatura não é o Criador e, por isso, não tem o poder de gerar outros modelos. Tudo o que existe tem de girar ao redor de Deus, tudo está incluído e fechado dentro do sistema de forças da Sua obra. Outra obra não há, nem pude haver. Então a única coisa que pode existir é o Sistema de Deus ou uma alteração naquele modelo, mas não um novo. Nunca um sistema de outro tipo, uma ordem diferente, mas só um deslocamento, uma desordem dentro da ordem de Deus. Daí o emborcamento da revolta. Quando este acabar por se ter realizado, nem por isso aquele processo pode sair do sistema de forças do Todo, que tudo abrange, fora do qual não há existência e no qual tudo está enclausurado. Se Deus é tudo e este é o modelo do Todo, não é possível sair deste sistema. Por isso quando o impulso da ida se tiver esgotado, não lhe resta para sobreviver senão repetir o mesmo motivo do emborcamento e, desemborcando-se, voltar para trás. Esta é a razão pela qual a negatividade do AS tem que endireitar-se na positividade do S.

Observando a figura vemos que no ponto Y, se a negatividade se expandiu, a positividade ficou comprimida naquele ponto, acima do qual gravita o triângulo, convergindo para ele todas as suas forças. É lógico que, neste ponto Y, que é o de mínimo poder na negatividade (porque se encontra na sua maior expansão que a enfraquece), e do máximo da positividade (porque se encontra na sua maior concentração que a fortalece, dado que o ser nada pode criar ou destruir), esta prevaleça sobre aquela, e exatamente este seja o ponto onde se inicia o caminho da volta.

Começa assim o regresso. Por este automático jogo de forças contidas no próprio seio do processo, tudo continua desenvolvendo-se deterministicamente, pré-ordenado pela sabedoria de Deus que tudo tinha previsto, e aprontado o remédio do mal, no caso de a criatura desobedecer. Trata-se de leis que regulam todo o movimento do ser livre, dentro das

quais estamos situados. Leis benfazejas e consoladoras, porque querem e sabem dirigir a loucura dum ser livre, à sua salvação. A compreensão desse processo: regresso do AS ao S, nos mostra e garante que, no fundo do mal, o ser não pode encontrar senão o caminho para o bem; no fundo da culpa não pode haver senão o arrependimento, porque é da Lei que no extremo do afastamento de Deus tem que iniciar-se o processo da aproximação; no máximo da revolta começa a obra da reconciliação.

Chegamos então a compreender e podemos aqui afirmar que existe uma lei que poderemos chamar a "lei do regresso", pela qual, obedecendo a um princípio geral de equilíbrio, tudo o que se afasta de Deus tem de recuar, retrocedendo para trás até ao seu ponto de partida, agora de chegada, que é Deus, único ponto de referência e tudo o que existe. Por esta lei de regresso a revolta não pode acabar senão na obediência, o emborcamento no endireitamento, a perdição na salvação. A nossa admiração não terá nunca limites perante tão profunda sabedoria pela qual o erro se resolve numa experiência para aprender a verdade, no fundo da descida desponta o impulso para a subida, no âmago do sofrimento se abre o caminho para a felicidade.

Assim o ser, indiretamente constrangido por esta lei de regresso, não pode deixar de realizar a sua salvação. Em todo momento, qualquer que seja a posição que atingiu, ele permanece sempre filho do S, com as suas indeléveis qualidades que ele aí possuía. Elas foram desviadas, torcidas na negatividade, mas nem por isso destruídas. O ser se tornou um exilado, mas a sua pátria ficou sendo sempre o S. A sua natureza permaneceu a da positividade, da qual no fundo da negatividade não subsistiu para ele senão o vazio e a sensação da falta, a saudade e o choro do instinto insatisfeito. As qualidades positivas do S ficaram escritas na sua alma, qual anseio de vida e de felicidade, qual desesperada lembrança do paraíso perdido. O desenfreado desejo de crescer fora
da sua medida e da ordem do S, lançou o ser no AS, onde ele ficou mergulhado às avessas, na negatividade. Assim ele perdeu o seu tesouro que ficou no S, e quanto mais ele se aprofunda no AS tanto mais se torna ansioso de recuperá-lo. Mas o ser é rebelde e então o vai procurando na descida, afastando-se assim sempre mais e perdendo em positividade, ao invés de recuperá-la. Eis o que vemos de lado acontecer em nosso mundo. Depois destas elucidações podemos compreender a irracionalidade dum trabalho assim tão contraproducente .

Mas eis que para salvar a criatura desta loucura, intervém a sabedoria da lei do regresso. Quanto mais o ser desce, tanto mais aumenta a carência de tudo o que ela possuía no S; e quanto mais ele empobrece, tanto mais aumenta o seu anseio de enriquecer novamente. Mas quanto mais ele desce na negatividade do AS, tanto menos positividade ele encontra no seu ambiente e com isso tanto menor possibilidade de ficar satisfeito. Quanto mais ele se torna faminto, tanto mais se torna difícil satisfazer a sua fome. Quanto mais o ser procurar perseverar na sua loucura de querela encontrar a positividade do S dentro da negatividade do AS, tanto mais ele ficará traído e desiludido porque, como é lógico, não terá encontrado senão o contrário do que está procurando. Não está tudo isto confirmado pelos fatos que vemos acontecer em nosso mundo a todo momento?

Mas o tormento deste mal-entendido não pode durar para sempre. Nada há que nos constranja a pensar tanto como a desilusão, e que acorde a inteligência como o sofrimento. Então eis que no meio de todas as dores abre-se a mente fechada pelo orgulho, a alma começa a vislumbrar a luz de Deus que chama de longe e assim se inicia o caminho da volta a Ele. Quem é filho Dele, feito da Sua mesma substância, não pode deixar de se ser tal e, mais cedo ou mais tarde, acaba voltando ao Pai.

Eis como o ser se encontra impulsionado a enfrentar o trabalho de reconstrução. A estrada é longa e cheia de dificuldades. Mas pelo fato de que o ser, como vimos, encontra-se mergulhado nesse jogo de forças, não há como fugir. É necessário superar os obstáculos com o próprio esforço. Se o supremo objetivo do ser é o de voltar à plenitude da vida e à felicidade no S, não há outro caminho senão o da evolução. O roteiro da viagem está todo marcado de antemão. O ser, feito da vida do S, não pode permanecer para sempre nas angústias do AS. Ele tem de subir, e por isso tem de lutar e vencer. O paraíso perdido está esperando-o, mas ele tem de reconquista-lo com o seu esforço. O ambiente é hostil, a existência é dura. Ao anseio de felicidade e vida, responde apenas uma realidade de sofrimento e morte. Para sobreviver, o ser tem de lutar a cada passo contra mil inimigos.

Eis que estas nossas elucidações nos explicam porque a existência do nível vegetal, animal e humano se baseia numa guerra contínua de todos contra todos, que não conhecem outras relações senão as do ataque e defesa. Isto é fruto do AS e do esforço evolutivo para sair dele. Nos níveis de vida mais adiantados, porque nos avizinhamos do S, tudo isto vai desaparecendo no pacifismo evangélico do: "ama o teu próximo como a ti mesmo". Podemos compreender assim qual é a origem, razão e objetivo da fundamental lei de evolução, que é a da luta pela vida.

Deus é vida e tudo tende para a vida que é Deus. A luta pela vida, é a luta para o S, contra o AS. Ela representa o esforço do ser para emergir da negatividade que o sufoca. Através dessa dura lição ele vai experimentando, aprendendo, reconstruindo. Tudo isto é trabalho pesado, mas o ser está apegado à vida, princípio do S, e não pode deixar de defendê-la desesperadamente. Então ele tem que fazer esse esforço. Mas isso quer dizer também desenvolver a inteligência, o que significa volta para o S. Então a função da lei de luta pela vida não se esgota na sua mais próxima finalidade que é a seleção do mais forte, mas adquire e contém um significado mais profundo, que é o de representar um meio para abrira mente, acordar o espírito adormecido, para ele se potencializar e progredir- emergindo da materialidade, e subir até regressar ao S, Esta é a história de nossa evolução planetária, entendida no seu sentido substancial, concebida na mais vasta amplitude do ciclo inteiro da queda e salvação.

II

A SABEDORIA DA LEI

Antes de entrar no estudo dos pormenores da maravilhosa técnica de funcionamento da Lei, que nos mostra a sua expressão gráfica em nossa figura, continuamos observando as razões que a explicam e justificam.

Falamos no capítulo precedente do constrangimento ao qual o ser está sujeito para que se realize a sua salvação. A este respeito surge expontânea a pergunta: como se pode conciliar de um lado essa absoluta necessidade de salvação que leva ao constrangimento, e de outro lado a liberdade do ser, sua qualidade fundamental e inviolável? Como se pode conciliar essa invencível vontade da Lei de realizar a salvação, com o livre arbítrio do ser? Se é a Lei que tem de atuar, e se o ser está fechado dentro dela sem possibilidade de evadir-se- então, ele não é mais livre. Eis que encontramos aqui a Lei em conflito consigo mesma, porque vemos existir nela dois princípios opostos: o do domínio absoluto da Lei e o da liberdade do ser. Posição de plena contradição, porque num momento a Lei quer a liberdade do ser, e num outro ela quer a sua obediência. Como se resolve esse conflito?

O fato é que a Lei foi elaborada para o ser funcionar nela por convencimento, para ser obedecida espontaneamente e não à força. O constrangimento não existia no S e somente apareceu fora dele com a revolta, com a necessidade de salvação dos rebelados. Nem a Lei é responsável pela desobediência. Previu porém,
a doença e a cura, que atinge com o constrangimento, de outro modo não seria necessário. Ele não é concebível no S, e sim fruto do AS.

Se a Lei, porém, realiza essa coação, ela o faz somente para o bem de quem errou. Quando um homem se enlouquece e ameaça matar-se, aí alguém, mesmo respeitando o máximo possível sua liberdade, o constrange a salvar-se da autodestruição, pode ser chamado de escravagista? É isto escravagismo ou um ato de bondade? Representa isto para o ser um ataque ou um ato de defesa? E como poderia não ter que fazer isto uma Lei baseada na justiça e na bondade? E de fato é justo que o rebelde sofra as conseqüências da desordem que semeou e no sofrimento experimente para aprender a lição e assim não cair mais. É também ato de bondade o de constranger um louco suicida a salvar-se, tirando-lhe até para isso a liberdade, quando esta nas suas mãos se torne um instrumento de mal e um prejuízo para ele.

Mas será que o Deus verdadeiro escraviza recorrendo à força? Toda a ação Dele neste caso não vai além do que chamamos: a reação da Lei. Mas isto não é escravidão, porque o ser não fica de modo algum constrangido pela força. Aqui não há nem força, nem coação direta. Deus não tira, nem poderia tirar a liberdade á criatura, porque deste modo faria dela um autômato. Se isto houvesse sido possível, Deus teria antecipadamente resolvido todo o problema da queda, criando u'a máquina perfeita e, por isso, totalmente obediente, e não um ser livre e consciente.

Mas os fatos nos mostram o contrário. Tudo o que aconteceu no tirania da revolta é exatamente o efeito da inviolável liberdade do ser. Se a Lei reage é porque o ser foi deixado livre para violá-la; e se ela continua reagindo, é porque o ser está livre de continuar violando-a quantas vezes quiser. Mas isto não pode significar que Deus renuncie aos Seus planos e deixe nas mãos da criatura o poder de emborcar e destruir toda a Sua obra. Tanto mais que isto seria a destruição também do rebelde que a quis Tudo que o ser pode realizar com a revolta transforma-se em seu próprio prejuízo. Eis perfeita justiça e equilíbrio, o efeito tem de ser proporcionado à causa.

A criatura não gosta de receber punição e quereria uma liberdade que lhe permitisse fazer o mal sem ter de ficar sujeito às conseqüências. O poder de violar a Lei e ter, por isso, de pagar, não é liberdade para o ser, que a chama de escravidão. Ele se rebela ao amargo remédio. Mas como pode o médico não procurar curar a doença e, para satisfazer o doente, suprimir o amargo remédio e assim paralisar a sua ação salvadora? Como pode Deus deixar de impulsionar a criatura para o caminho da evolução se, embora duro, esse é o único que leva para o S, onde somente é possível encontrar a salvação? Com a revolta o ser se tornou ignorante e agora ele é tão louco que vai procurando a plenitude da vida na morte, no AS. O ser é um emborcado, e quer continuar a descer. Se ele não fosse pela dor constrangido a endireitar o seu caminho para a subida, ele se aprofundaria sempre mais no pântano, até à sua destruição. Esta não pode ser uma solução, nem a pode permitir um Deus que gerou a criatura para a vida e não para a morte. Eis, então, que no meio do triângulo verde (AS), aparece a linha vermelha da Lei, ou evolução, que representa a salvação. Todo o fenômeno se desenvolve em cada momento com perfeita logicidade.

Ora, a sabedoria da Lei tem de conciliar as soluções de dois problemas opostos: o da necessidade de salvação e o do respeito à liberdade individual. A salvação tem de ser atingida, porque se o não fora, fracassaria toda a obra de Deus. Mas ao mesmo tempo ela

não pode ser realizada à força, porque o ser não pode regressar ao S como escravo. No S não há lugar para escravos. Eis então que a solução dos dois problemas é dada pela reação da Lei. A função dela não é a de impor-se à força, mas a de ensinar e educar. E à força não se educa. Então a Lei deixa o ser livre de experimentar para aprender. Com a sua reação ela não escraviza, mas educa. Com a dor a Lei ensina a lição e com essa aprendizagem, ela reergue o ser para salvá-lo.

Se olharmos bem veremos que há uma razão mais profunda para tudo isto. A reação da Lei em substância não é o que ela parece, isto é, o resultado duma vontade contrária inimiga, no terreno do ataque e defesa; mas é o automático efeito da negatividade que o ser com a revolta produziu na positividade o S. Trata-se duma auto-reação contra si mesmo, devida à posição emborcada em que o ser se quis colocar com a revolta. Com esta ele só renegou a si mesmo, não alterou a Lei como pensava, mas só mudou a si próprio dentro dela que continuou indestrutível, apesar de tudo, indelevelmente escrita dentro de si, porque constituía a sua própria natureza. Pensando renegar a Deus, com a revolta a criatura só renegou a si mesma. Sendo ela um elemento do Sistema de Deus, agindo contra Deus ela agiu contra si, de modo que o que agora aparece como reação da Lei não é na realidade senão a reação da íntima e própria natureza do ser contra a sua revolta, que o levou para a dor e para a morte, enquanto ele não pode deixar de querer a felicidade e a vida.

Não há escravagismo algum nisso. O ser ficou perfeitamente livre de continuar a aprofundar-se à vontade na dor, até anular-se. Por isso, para que não seja violada a sua liberdade, foi que tivemos de admitir a possibilidade até da sua destruição final como individuação ou eu pessoal, "eu sou", no caso limite de ele querer insistir na revolta e aprofundar-se na negatividade até ao aniquilamento da sua positividade como elemento do S.

Então, se há reação da Lei, esta na substância não é senão a reação do ser que não quer sofrer e morrer. A escravidão dele é dada pelo fato de ser ele indestrutivelmente cidadão do S, filho de Deus, isto é, da felicidade e da vida. O constrangimento depende apenas do fato de que o ser não pode viver fora do S, nem deixar de ter de voltar para o S. E se ele hoje se encontra nesse impasse de estar situado no AS, isto foi devido exatamente ao fato de ser ele livre, e de ter querido sê-lo demais. Enquanto o ser estava no S, estava cheio de liberdade, mas perdeu-a pelo mau uso que fez dela. Assim o ser se lançou por si próprio na falta de liberdade não lhe restou senão o endireitamento do erro, se não quiser piorar sempre mais as suas condições e sofrer mais ainda. Não há coisa alguma que possa sair de Deus e da sua Lei, feita de justiça e ordem, e a Ele não voltar. se os equilíbrios foram deslocados, não resta outra alternativa senão reequilibrá-los. Se o ser quis lançar-se na negatividade do AS, agora não há para ele outro caminho a não ser o de reconstruir a positividade perdida do s. Tudo isto é conseqüência natural e automática da estrutura do S. Não se trata de escravidão, mas da necessidade de reintegrar os rebeldes na posição de filhos do Pai.

Esta é a lição a aprender: é absurdo e impossível encontrar a positividade da negatividade, a felicidade na revolta, uma vantagem no emborcamento. Isto nos explica a função educadora e saneadora da dor, cuja presença assim se justifica, de acordo coma bondade de Deus, como instrumento seu para atingir o nosso bem. A este Ele nos leva, respeitando a nossa liberdade e usando um método duplo, isto é, o do livre arbítrio nas causas, e do determinismo nos efeitos: o primeiro temperado, corrigido e retificado pelo segundo. É o método da livre semeadura e da colheita obrigatória. Assim a sabedoria de Deus soube conciliar a necessidade de o ser ficar livre, com a necessidade de que ele seja salvo. Maravilhosa escola na qual os alunos, ficando livres, têm necessariamente que aprender e subir.

Eis então a série dos momentos sucessivos com os quais, por um encadeamento lógico, se desenvolve o processo da salvação:

1) Deus é bom e quer o nosso bem e felicidade. 2) Bem e felicidade não podem ser atingidos, a não ser no seio do s. 3) Deus, respeitando a liberdade do ser, o deixou afastar-se do S, e com isso cair no mal e na dor do As. 4j Para regressar ao seio do s é necessário evoluir. A salvação está na evolução para recuperar o que foi perdido. 5) Por não haver outro caminho para a salvação, Deus nos impulsiona para que avancemos ao longo de nossa trajetória evolutiva. 6) O ser não pode voltar ao seio do S, senão livre e consciente. 7) Então Deus não pode escravizá-lo. U'a máquina ou autômato, embora perfeito e obediente, não serve. 8) O ser, para voltar ao S, tem absolutamente de transformar-se, ficando livre, sem coação. 9) Não resta a Deus outra coisa senão educar-nos, sem usar a força e a escravidão, que não educam. Deus não pode querer o absurdo. Ele não age loucamente, mas com sabedoria e poder. 10) Por isso não há para Deus outro caminho, senão o de nos educar, para nos fazer conscientes cidadãos do S. 11) Para se tornarem tais, os alunos têm de aprender a lição, experimentando-a livremente. 12) O que significa: aprender à sua custa; livres de cometer erros, sem que depois seja possível fugir às suas conseqüências; livres de se afastarem do carrinho da Lei, mas não dos dolorosos efeitos que esse afastamento produz. 13) Por isso Deus usa o único método que satisfaz a todas essas exigências, isto é, o método do constrangimento indireto. 14) Esse constrangimento é representado pelas reações da Lei, que nos devolve em forma de dor cada violação nossa contra sua ordem, golpeando-nos, até que aprendamos a lição, ensinando-nos a não errar mais.

O método da reação da Lei resolve o caso. Ela diz: o ser fica livre de violar a Lei à vontade e de afastar-se do S. Mas com isso ele se afasta da felicidade e cai no sofrimento, perde em positividade e vida e aprofunda-se cada vez mais na negatividade da morte. Então, se o ser não quer anular-se, tem de voltar para trás e evoluir para sair com o seu esforço do inferno que gerou para si. Esta é a encruzilhada em que ele se encontra: ou ter que sofrer sempre mais, se quiser continuar satisfazendo o seu desejo de revolta, ou arrepender-se e mudar a sua trajetória, se quiser libertar-se do inferno e reconquistar o paraíso perdido. São os próprios resultados da sua revolta que o obrigara a revoltar-se contra ela, cujos frutos são amargos dentais para ele os aceitar.

É o que nos confirmam os fatos que nos oferece a vida. Os seres estão-se disputando os fragmentários sobejos da grande vida que possuíam no S. Aprofundados no AS, não é possível viver senão em trechos entrelaçados com períodos que negam a vida, sempre abraçados à morte, devorando-se uns aos outros numa luta contínua. A existência tem de ser ganha a todo o momento com o próprio esforço, o que significa necessidade de evoluir, experimentando, aprendendo e assim desenvolvendo a inteligência e acordando o espírito. Da grande vida no S não ficou senão esse pobre resto, uma vida fechada no tempo e a cada momento despedaçada pela morte, que está sempre à espera, espiando-a para destruí-la. Quem pode aceitar isto para sempre? Eis então o que gera o impulso irresistível para a libertação dessa condenação e com isso a necessidade de fazer o esforço de evoluir. Eis em que consiste o livre constrangimento com o qual a Lei obriga o ser a atingir a sua salvação, voltando aos- Até então a nossa vida, insegura, com medo em cada instante de perdê-la, terá de ser defendida com o nosso esforço de toda hora. E muito teremos de lutar e sofrer, para poder subir todo o caminho da volta e atingir no s o ponto final de chegada.

❑ ❑ ❑

Os problemas estão conexos e interdependentes uns com os outros. Resolvendo agora o do constrangimento, nos aproximamos dum problema paralelo: o do aniquilamento da substância que constitui o ser, no caso de ele querer definitivamente persistir na sua revolta. lá tocamos neste ponto em nossos dois livros: Deus e Universo e O Sistema. Será útil para o leitor encontrar aqui o assunto rapidamente resumido, ao mesmo tempo que apresentado em forma diferente, em relação aos outros problemas de que estamos tratando, assim eles, também, ficarão mais esclarecidos.

Tratando há pouco do assunto do constrangimento, vimos que a Lei só indiretamente impulsiona o ser à sua salvação, ficando sempre na posição dum absoluto respeito para com a sua liberdade. surge então o problema: esse respeito da Lei para com a liberdade do ser chega até ao ponto de ter que aceitar uma sua definitiva revolta? se o ser quiser usar da sua liberdade até ao caso limite, teoricamente possível, de nunca querer voltar para trás evoluindo até à salvação, então a Lei pode permitir que o ser a viole até ao ponto de aniquilar os seus efeitos? Esse respeito para com a liberdade chegará ao ponto de deixar que o ser, com a sua revolta, vença definitivamente a Lei, construindo um AS não temporário e sanável, mas eterno e definitivo, o que representaria o fracasso da obra de Deus? Como a sua sabedoria resolve esse outro conflito entre duas exigências opostas?

Temos aqui dois princípios contrários: o da liberdade do ser, que não pode ser destruída; e o da supremacia da Lei, que tem de atingir as suas finalidades.

Temos de um lado a impossibilidade de tirar a liberdade do ser, porque ela é o requisito fundamental da substância divirta de que o ser está feito. O filho tem de ser da mesma natureza do pai. se a natureza do pai é a de ser livre, também a do filho o tem de ser. se o espírito não fosse livre, ele não seria filho de Deus, porque não seria construído com a livre substância do Pai. Mas eis que, ao mesmo tempo, é a própria liberdade que contém o perigo da revolta, que nela está implícita. se tirarmos do espírito a liberdade de desobediência, ele não seria mais livre. A liberdade deve ser total, completa, com possibilidade também de revolta perpétua e definitiva.

Eis, então, que há necessidade de deixar nas mãos da criatura o poder de desvirtuar para sempre, com uma rebelião permanente, a obra de Deus. Isto porque se nesta sobreviver só uma gota de desobediência e de mal, a obra não seria mais perfeita, mas feita de bem corroído pelo mal, de divindade derrotada pelo seu inimigo, manchada, manca e falha na sua imperfeição.

Encontramo-nos na contradição entre duas posições opostas. Existe a liberdade do ser e ela representa um perigo, mas não se lhe pode tirá-la, para garantir a obra de Deus. Que esta fique sujeita à vontade do ser, é absurdo inadmissível. Então é necessário admitir que, pela divina sabedoria, existe um meio para impedir a essa liberdade de fazer naufragar a obra de Deus. Qual é esse meio.

Antes de tudo, para resolver o caso, existem muitos meios antes de chegar ao último e definitivo, evitando, dessa forma, a necessidade de usa-lo. Há a elasticidade da lei, o que se costuma chamar de divina misericórdia, que nos espera no tempo, oferecendo-nos assim a possibilidade de encontrarmos as condições mais adaptadas para compreendermos, pagarmos e nos corrigirmos. Há a bondade de Deus que nos ajuda, e a sua vontade que nos impulsiona ao longo do caminho da evolução.

Há duas grandes forças que operam neste sentido: uma negativa e outra positiva, colaborando para atingir a mesma finalidade. Pela primeira, o ser é repelido para longe do AS, pela segunda, ele é atraído para o S. Quanto mais o ser insiste na revolta, tanto mais ele desce para o AS, isto é, aprofunda-se nas suas qualidades de negatividade, que são as

trevas, a dor, a morte. Ora, como é possível que o ser queira insistir para sempre num caminho que o leva para uma tão absoluta negação do que ele mais almeja? O que vai contra ele mesmo, contra a sua própria natureza, não pode durar.

Por outro lado, quanto mais o ser se torna obediente à Lei, tanto mais ele se aproxima do S, isto é, ganha nas suas qualidades de positividade, subindo para a luz, para a felicidade, para a vida. Como pode o ser continuar usando a sua liberdade no sentido de aumentar o próprio dano e diminuir a própria vantagem, quando o seu instinto quer o oposto, isto é, diminuir o primeiro e aumentar o segundo? O fato é que há sempre maior vantagem em obedecer e sempre maior dano na desobediência. Do fundo do senão pode deixar de falar a sua própria natureza íntima, que é a de ser cidadão do S. Acontece então que automaticamente a posição em descida se faz cada vez mais insustentável e insuportável. Eis que o problema tende a resolver-se por si mesmo, porque a mecânica da utilidade cessante e do dano emergente, por si mesma leva fatalmente ao arrependimento à retificação.

Tudo isto, porém, não basta para destruir a possibilidade teórica duma revolta perpétua e definitiva, possibilidade que não se pode negar, porque sem ela a liberdade do ser não seria mais liberdade. É necessário que a obra de Deus esteja em absoluto acima de toda tentativa de alteração, inatingível na sua perfeição. Então, há no fim outro meio, último e definitivo de defesa: o da destruição do ser. Veremos agora em que sentido.

Antes de tudo a lógica impõe ter de admitir essa possibilidade teórica, porque se não se admitisse a mesma, seria necessário admitir-se uma possibilidade ainda mais difícil de aceitar: a da criatura destruir a obra de Deus. Resta então apenas uma solução: quando o ser quiser usar a sua liberdade para permanecer definitivamente rebelde a Deus, então não é escravizado; ele é eliminado. Essa solução é devida a duas impossibilidades:

1) a de tirar ao ser a liberdade, violando a própria natureza da divina substância de que é constituído.

2) a de permitir que tal liberdade possa destruir a perfeição da obra de Deus.

Temos falado de destruição e eliminação do ser. Como é que isto acontece?

Neste caso também, Deus continua sempre respeitando a liberdade do ser. Não é que Deus o queira destruir à força, o que sereia pior que tirar-lhe a liberdade. A destruição do ser está implícita na própria estrutura do fenômeno. O ser não fez na liberdade o uso para o qual ela estava destinada, isto é, no sentido positivo, construtivo, mas a empregou às avessas, em sentido emborcado, isto é, negativo, destrutivo. É lógico que, com a revolta o ser, aprofundando-se cada vez mais na negatividade do AS, por si mesmo acabe destruindo-se e eliminando-se. É lógico que, no caso limite da revolta perpétua e definitiva, o ser tenha que atingir o extremo do processo de emborcamento da positividade na negatividade, isto é, um estado de destruição completa de toda a positividade e de absoluto triunfo da negatividade, o que quer dizer o nada. É automático e fatal que, por sempre querer negar tudo, o ser rebelde acabe negando até a si próprio, até ao seu próprio aniquilamento. Não quis ele, usando a sua livre vontade, destruir todas as qualidades positivas que possuía no S? E o que pode ficar quando tiramos de uma entidade tudo o que é positivo? Não pode ficar senão o nada. Eis a solução, automática e fatal, implícita no próprio fenômeno da queda, sem intervenções coativas e exteriores. É o próprio fato de ter o ser desejado com a revolta escolher o uso do método da negação, que fatalmente deve levá-lo para o seu aniquilamento do nada.

Tudo é simples e claro, regido por uma lógica perfeita, como num processo matemático. A dificuldade em compreendê-lo está no fato de que estamos acostumados a pensar antropomorficamente e ficamos fechados nessa forma mental, também quando enfrentamos

esses problemas. Por isso eles não são equacionados de modo certo e, não encontrando explicação, tudo tem de acabar na fé cega e no mistério. Mas esta não é solução, não pode ser aceita hoje, que a mente humana vai amadurecendo. Deus não é exterior
aos fenômenos, como o é o homem que vive no relativo. Seria pensar antropomorficamente. Deus é interior a tudo o que existe, como o nosso eu é interior ao nosso corpo e nele age, o movimenta e cura, por dentro e não de fora para dentro. Eis o que nos ensinam estes fenômenos que vamos observando.

Continuando o nosso processo lógico, poder-se-ia, porém, contrapor esta dificuldade: o ser, criatura filha de Deus, é antes de tudo espírito, constituído da substância de Deus que é eterna. ora essa substância e o espírito feito com ela, porque não tiveram origem, não podem ter fim, porque não foram criados, não podem ser destruídos .

Respondemos: que foi criado na primeira criação realizada por Deus? O que nasceu não foi a substância, mas a sua individualização pessoal, que constitui o ser. A substância de Deus é a sua obra que, com a criação, foi transubstanciada no particular modelo da individuação pessoal. Somente esta individuação teve um nascimento. Por isso, ela somente pode morrer. Então o aniquilamento final de que aqui falamos, se pode referir só a essa individuação, que constitui o ser, e não à eterna substância da qual ele é constituído. Eis que, quando entendemos o conceito de destruição e aniquilamento neste sentido, tudo se torna lógico, claro e admissível .

Tudo isto é também justo, porque o rebelde, neste caso, acaba destruindo somente a si próprio e nada mais, só a sua individuação, seu eu pessoal e nada do que pertence ao S, à Lei, nem aos outros elementos que não se rebelaram ou que escolheram recuperar o que tinham perdido, seguindo o caminho de volta. Assim o mal fica sempre fechado em si, isolado, levado à destruição só de si próprio, quando o singular elemento livremente o quiser. Ninguém pode ser infectado por essa doença, que mata só quem a gerou dentro de si e quis depois, definitivamente, aceitá-la.

Tudo isto é justo, também, porque a destruição do ser é o retorno contra ele, do impulso de destruição que ele com a revolta lançou contra o S. Quanto mais aprofundamos a nossa pesquisa para compreender a estrutura da Lei e as suas reações, tanto mais nos apercebemos que não há um Deus à imagem e semelhança do ser humano que intervém premiando ou punindo. Os fatos falam diferentemente. Deus não opera nesta forma antropomórfica. Embora Ele exista em forma pessoal no Seu aspecto transcendente, em nosso universo não O encontramos, a não ser no Seu aspecto imanente em forma impessoal, presente a todos os fenômenos e individuações do Ser. Então, quando nós violamos a Lei e ofendemos Deus, não é que a Lei reage ou que Deus pune; são as forças do S que nos devolvem os impulsos que lançamos contra Ele. É o retorno dos nossos próprios impulsos que ricocheteiam para trás, que proporciona a reação à ação e as equilibra, constituindo a base da justiça divina. O que os fatos nos dizem a respeito da natureza de Deus, é diferente do que o homem, pensando antropomorficamente, até agora imaginou. É difícil para ele, acostumado à incerteza da escolha e tentativa, própria do seu estado de imperfeição, compreender esse estranho modo de operar segundo um determinismo automático que parece mecânico, porém, age com lógica, justiça e segurança absolutas, como só pode acontecer na obra perfeita de Deus.

Somente encarando-o assim, em sua profundidade, podemos compreender o problema da destruição do ser. A Lei automaticamente nos devolve, em bem ou mal, o que de nós recebeu. Os seus equilíbrios se restabelecem à nossa custa, na medida em que nós quisermos deslocá-los. Qualquer que seja o dano que fizermos, temos de restaurá-lo. O fenômeno da evolução se baseia nesse princípio. Temos que reconstruir os equilíbrios da Lei,

na medida em que os violamos. Assim acontece porque quando saímos da ordem da Lei aparece a dor, que nos continuará golpeando até regressarmos àquela ordem. A dor não é o efeito duma intervenção de Deus, mas é a carência da harmonia de forcas da qual depende a nossa felicidade. Cada revolta nossa destrói essa harmonia, lançando-nos na desordem e carência que se chama dor. Assim, a cada afastamento da Lei, tem que corresponder uma proporcional aproximação junto dela. Então, é lógico que com o esforço da evolução se possa pagar uma revolta temporária, corrigindo o seu impulso limitado, percorrendo em subida o caminho feito em descida. Mas quando a revolta é completa e definitiva, não há subida que possa corrigi-la facilmente, tão grande é a desordem provocada. O ser tanto se aprofundou, que é difícil recuperar-se. Ele, não pode ressuscitar do seu negativismo, daí a razão do seu aniquilamento.

Tudo é lógico. Com a revolta o ser procurou destruir a obra de Deus. Mas a obra de Deus a respeito do ser foi a de cria-lo. O seu estado de criatura como eu individualizado, é exatamente o produto da criação. Então o ser, revoltando-se contra a obra de Deus, se revolta contra a sua própria existência e procura destruí-la. A individuação do ser representa um campo de forças, dentro do qual só lhe é permitido agir, e não pode sair dele. Isto quer dizer que o S, a obra de Deus, é inatingível pela criatura, que é dona só do que lhe pertence e é livre somente para se destruir, a si mesma, seja temporariamente, recuperando-se depois com a evolução, seja definitivamente, se quiser para sempre insistir na revolta.

Tudo é justo e lógico. Mas queremos saber ainda mais e continuamos olhando para a nossa visão, para ver nela sempre mais profunda e pormenorizadamente. E perguntamos: como acontece mais exatamente esse aniquilamento do ser? Com estas continuas perguntas, às quais vamos respondendo, pedimos a Deus que Ele nos mostre um pouco da Sua face, que é feita de pensamento, na qual procuramos lê-lo .

O conceito de aniquilamento do ser está conexo com o conceito de limites de desmoronamento da queda, que se realiza em proporção ao poder do impulso originário na revolta. O efeito tem de corresponder à causa. Isto quer dizer que à amplitude do caminho percorrido em descida na queda, tem de ser proporcionada ao volume do impulso que o ser gerou com a sua revolta. Deus, criando dentro de Si, com a Sua substância, as individuações desta, que constituem as criaturas, as gerou conforme o modelo central que Ele representa, isto é, qual eu central, dentro dos limites da obediência hierárquica, autônomo, gerador de impulsos próprios independentes, que só tinham o dever de coordenar-se com os paralelos impulsos de todos os outros seres, em função do impulso central de Deus, como acontece nas células de nosso organismo. Assim, dentro dos limites do campo de forças da própria individuação, o ser estava livre de gerar e lançar os impulsos que quisesse, dando origem a efeitos que depois eram fatalmente seus. Isto é o que aconteceu com a revolta. Os efeitos desta têm de ser proporcionados ao poder do impulso que a gerou.

Então, se esse impulso foi limitado, no momento em que esta causa terá atingido o efeito que representa a sua completa realização, o dito impulso se esgota, como vimos no capítulo precedente, o ser pode voltar atrás, para tudo corrigir e recuperar. Mas isto não pode acontecer se maior foi o volume do impulso da revolta, se ela foi completa, absoluta e definitiva. Cada causa não pude parar de funcionar até se ter esgotado, atingindo todo o seu efeito. Então, se tal foi o impulso originário, ele não poderá parar sem se ter esgotado, nem o ser poderá voltar, para trás, mas terá de atingir a realização da causa até à sua plenitude, representada pelo estado de negatividade absoluta, isto é, o aniquilamento do ser.

Ora, esse processo de destruição do ser não corresponde à sua causa só como quantidade, na medida dos efeitos, mas também como qualidade, isto é, na natureza deles. A

revolta representa um movimento separatista, correspondente a um impulso do ser, pelo qual este procura afastar-se e separar-se do S. Podemos agora ver qual é a técnica do fenômeno da queda ou aniquilamento. O impulso originário é de tipo separatista. Uma vez que o processo se iniciou ele não deixar de continuar a desenvolver-se como uma desintegração atômica em cadeia, que não pode parar até esgotar o impulso. Se este foi de revolta completa e absoluta, o seu resultado final é a pulverização do ser. E isto é possível porque o espírito, sendo constituído de substância divina, isto é, de natureza infinita, pode gerar impulsos e com isso efeitos de natureza infinita.

Mas, por que pulverização? Porque o impulso é de tipo divisionista. Ele, como vimos, não pode sair dos limites do campo de forças do ser. Então o divisionismo que ele tinha lançado contra o S, ricocheteia e começa a trabalhar dentro do indivíduo que o lançou, por aquele princípio de regresso à fonte, pelo qual tudo o que é lançado para fora acaba introvertido para a sua causa e origem, Então o princípio do divisionismo começa a transformar interiormente o ser, progressivamente desagregando-o sempre mais nos seus elementos componentes. É um processo parecido ao que vemos verificar-se num organismo biológico no momento da sua morte física que, com o afastamento do eu central diretor do organismo, representa o fenômeno da dissociação dos elementos competentes que se verifica no caminho involutivo. Como na desagregação do corpo físico cada célula não vive mais em função das outras, não mais se conhecem, se dissociam porque se dissolve a unidade orgânica; também na morte da célula, as moléculas dos elementos químicos componentes se separam, seguindo apenas os mais simples impulsos associativos da matéria inorgânica. Essa desagregação do edifício biológico poderia continuar até à separação dos átomos constituintes da molécula, e os elementos constituintes do átomo, e assim por diante... O mesmo processo de pulverização se verifica no caminho involutivo, de modo que a unidade orgânica do eu se vai dissolvendo sempre mais quanto mais desmorona a organicidade do S, e o ser, involuindo, se aprofunda no estado caótico
próprio do AS. É lógico que, se o impulso foi limitado, num dado ponto, ao esgotar-se, o processo pára o ser, pode desemborcar a descida em subida. Mas é claro também que, se a revolta foi completa e definitiva, (neste caso excepcional e praticamente só possibilidade teórica) esse processo de desagregação terá que acabar no aniquilamento da unidade que constitui o ser.

A contraprova de tudo isto a encontramos no fato de que, enquanto a involução se nos apresenta como um processo divisionista, a evolução é constituída por um processo unificador. Não vemos mais, neste segundo caso uma desagregação do estado orgânico do s, na desordem do As, mas uma reorganização desta na organicidade do S. De fato, como explicamos em A Grande Síntese, na evolução vigora a lei das unidades coletivas, cuja função é a de reconstruir, com os elementos que se desuniram, a organicidade destruída do S. Então o fenômeno, em toda a sua amplitude, resulta situado entre dois pólos opostos ou casos limites, isto é: no extremo da queda, no fundo máximo do As, temos a plenitude da dissolução da unidade até ao aniquilamento do ser; no extremo oposto, no cume máximo do s, temos a plena eficiência da unidade no Tudo-Uno-Deus.

De fato vemos a evolução progredir neste sentido, levantando andares cada vez mais elevados da sua construção com o agrupar dos seus elementos, organizando-os em unidades coletivas sempre mais vastas. O ser humano encontra-se ao longo desse caminho. Ele é constituído pela organização de átomos em moléculas em células, de células em tecidos e órgãos, destes num organismo unitário dirigido por um só eu. Mas o ser humano é ainda célula desorganizada em relação à unidade coletiva-humanidade e sociedades de humanidades,

embora conheça o organismo familiar, o do grupo ao qual pertence, várias formas de associações, até a de Estado, de povo e unidade étnica. Eis o passado e o futuro, o caminho percorrido e aquele a percorrer no trabalho da reconstrução da unidade máxima na completa fusão orgânica do S.

Quando o ser com a sua revolta sai dessa organicidade que o funde em unidade com os outros elementos constitutivos do S ou criaturas irmãs, ele se encontra sozinho, abandonado ao processo de sua desagregação interior, pela qual se vai dissolvendo nos seus elementos constitutivos, até que o edifício todo do seu eu se pulveriza. Assim a centralidade representada pelo eu pessoal se fragmenta e tritura cada vez mais num movimento centrífugo para a periferia, oposto ao que se realiza na evolução, em direção centrípeta, para a reconstrução da unidade que se expressa na forma de eu. O máximo é o "Eu sou" de Deus, que centraliza e reúne em si todos os elementos do todo, suprema unidade que a revolta tentou quebrar, conseguindo, porém, quebrar somente os revoltados.

Eis como se realiza a eliminação do ser rebelde. O ter observado esse fenômeno de perto, nos levou a uma compreensão mais profunda do processo involutivo e evolutivo. Quando o ser escolhe o caminho da revolta, ele movimenta as forças da negatividade, então se inicia e se desenvolve o desmoronamento do seu eu numa progressiva desintegração das suas dimensões, que parará somente quando o impulso originário se esgotar, a causa realizar-se no seu efeito. O fato de chegar ou não até ao aniquilamento final depende do peso do impulso que o ser quis lançar em sua revolta. Deus não persegue e não inflige pena a ninguém, mas é pela própria mecânica do fenômeno, que o rebelde se condena e se penitencia por si mesmo, quando livremente quiser esse caminho. A culpa e a sua pena não saem do campo de forças do ser responsável. Cada um por sua conta paga o que deve e recebe o que merece. O S fica perfeito e inatingível, acima de qualquer revolta e queda. Não é possível vencer Deus. Quem procura fazer isto, vence a si próprio. se a vontade do filho é a de destruir a obra do pai, ele atinge o seu escopo, porque acaba destruindo a si mesmo,
que é a obra do pai.

Quando nos outros volumes falamos de destruição de espírito, muitos não entenderam e reclamaram. Mas repetimos: trata-se da destruição apenas da particular individuação da substância que constitui o ser, não da substância que o constitui. só essa individuação, que com a criação teve princípio, pode ter fim; mas a substância eterna, que não teve princípio, não pode ter fim. Também esse processo do aniquilamento da individuação é regido pela ordem do S e tem que desenvolver-se segundo as regras precisas que aquela ordem impõe.

Concluímos esse assunto com um exemplo prático. Neste caso acontece como se tivéssemos uma estátua feita de matéria indestrutível. Esta matéria não pode ser destruída; pode-se, no entanto, anular a sua forma de estátua. se a mesma é de bronze, fundindo a estátua o bronze permanece, mas não a forma de estátua, que não existe mais, porque como tal ela foi aniquilada, enquanto fica intacta a sua substância, que é o bronze. No caso que observamos, a substância espiritual, sendo indestrutível, volta à origem, à fonte que a gerou, reabsorvida em Deus. Sendo Ele um infinito, não pode por isso ser aumentado nem diminuído, e tudo permanece inalterado e inalterável, seja qual for a quantidade (n) que se lhe acrescente ou que se lhe diminua, porque

$$\infty + n = \infty \quad e \quad \infty - n = \infty$$

Eis o que quer dizer destruição do espírito, o que, bem entendido, é concebível e lógico. Eis como a sabedoria de Deus resolve este caso, em concordância e harmonia, satisfazendo todas as exigências opostas.

III

A ÉTICA UNIVERSAL

Depois de termos resolvido no capítulo precedente alguns problemas colaterais, para esclarecer as dúvidas e responder às perguntas que vão surgindo ao longo do caminho, voltamos ao assunto central deste volume, seu objetivo principal não é o de nos fornecer uma orientação geral, o que foi feito nos livros Deus e Universo e O Sistema, numa visão de conjunto de todo o ciclo involutivo-evolutivo; mas o de focalizar mais de perto o processo de recuperação que se chama evolução. Entramos cada vez mais no terreno das conseqüências e aplicações práticas das teorias, encarando sempre mais de perto os problemas de nossa vida, o mais importante dos quais é o de nossa salvação.

O nosso universo representa o fato consumado da revolta e se nos apresenta imerso nas suas conseqüências. A primeira e maior foi a cisão da unidade do S, nu dualismo S e AS. Este dualismo constitui o esquema fundamental do universo em que vivemos. Ele se apoia sobre duas posições básicas: a da positividade e da negatividade. Esta segunda, com todas as qualidades que a acompanham, apareceu como produto da revolta, porque na obediência dentro do S não pode haver senão positividade. A desobediência gerou o que a Bíblia representa com a imagem da expulsão do paraíso terrestre, depois da qual nasceram todos os males e dores. Se acima de tudo ficou inatingível e inalterado o monismo de Deus que abrange tudo, incluindo o AS, o nosso universo dentro desse monismo representa a cisão dualista. Todos os seres têm de viver nesta forma de existência despedaçada pela queda, até que o processo inverso da evolução tenha saneado esse estado que representa um verdadeiro estado patológico do existir.

A revolta gerou o caminho do afastamento expresso pela linha verde da figura, isto é, a posição emborcada da negatividade. A evolução, percorrendo a linha vermelha da positividade em obediência à Lei, tudo reconstrói até tudo reintegrar na perfeição do S, Este volume foi intitulado: Queda e Salvação porque analisa esses dois momentos ou processos inversos, em que o ciclo se cumpre e o dualismo se completa fundindo-se em unidade, que abraça num mesmo movimento, o primeiro de separação para longe do S, e o segundo de nova unificação no S. Que representa a salvação. senão a destruição do dualismo e a reconstrução de tudo na unidade? A função da evolução é exatamente a de eliminar a negatividade do AS e restaurar tudo na positividade do S.

Eis então que o problema nos aparece como uma situação de opostos, na qual lutam duas forças contrárias, uma para sobrepujar a outra e vencê-la. A análise do contraste entre esses dois impulsos, o da negatividade e o da positividade, nos permitirá equacionar e resolver vários problemas que se referem à nossa conduta e posição na vida. O impulso da negatividade é devido à vontade da criatura e gerou o processo da queda. O impulso oposto, da

positividade, é devido à vontade de Deus, que com a evolução gera o processo de salvação. No primeiro caso tudo é devido ao erro cometido pela vontade do ser, o segundo caso representa a correção desse erro realizada pela vontade de Deus. O nosso mundo se nos apresenta como um campo de luta, em que se chocam esses dois impulsos gerados por duas fontes rivais, de um lado a criatura rebelde e pecadora, do outro, Deus que tudo retifica e redime. Lá onde vence a desobediência, tudo acaba na destruição. Se o ser renunciar à sua vontade de revoltado e aceitar a de Deus, poderá encontrar a salvação.

Vimos que, embora respeitando a vontade do ser, Deus o impulsiona para a subida, que é o caminho da salvação. Mas o ser quer a sua vontade e não a de Deus. Não há dúvida que a evolução está orientada e dirigida por Deus para a última finalidade. que é a salvação. O desenvolvimento desse processo é representado pela história dessa luta entre aquelas duas vontades opostas: a rebelde da criatura, e a da Lei de Deus. A primeira quer a queda no AS, a segunda quer a salvação no S. Eis os dois termos de nosso assunto atual. Do choque entre esses dois impulsos nascerão várias posições de luta, problemas e soluções, que iremos observando.

Estes conceitos nos explicam a razão por que o ponto de partida das leis civis e religiosas pressupõem que o homem seja um rebelde, e sua tarefa é a de subjugá-lo. Elas revelam essa luta entre duas vontades opostas. A primeira função do legislador parece que seja a de reprimir e domar, antes de tudo proibindo o que o homem queria fazer, como se o espontâneo instinto natural fosse só o de ser mau. Os mandamentos de Moisés são uma lista das culpas humanas, que se presume o ser tenha muita vontade de cometer e que Deus ordena que não sejam consumadas, porque proibidas. Ninguém se pergunta por quê a voz de Deus se manifestou nesta forma de imperativo negativo. Mas isto se explica porque a Lei representa a positividade de Deus, que se dirige à destruição da negatividade em que a criatura com a revolta mergulhou. Eis o que a ética das religiões quer corrigir e porque ela assumiu a forma de condenação. Está claro que a Lei segue o principio do dualismo e encara o problema como nós o encaramos. Ela representa a positividade que impõe a luta contra a negatividade para destruí-la.

A história do mundo se baseia no dualismo, é a história do progresso, da evolução, da luta entre S e AS. Observemos como falou Deus nos dez mandamentos. A primeira frase é: "Eu sou", a afirmação absoluta, que testemunha a completa positividade. Este é o terreno de Deus e do S, o ponto de partida da Lei. Quando Deus fala de Si, tudo é afirmativo. Assim que Ele se dirige ao homem começa a série de negações, que se repetem a cada passo: "não terás, não farás, não tomarás, não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás, não cobiçarás etc.". O terreno do homem é o terreno da negatividade, o do AS. E logo se delineia a luta, porque como a afirmação do S é a negação do AS, assim a afirmação do AS é a negação do S. A primeira coisa que Deus tem de fazer na formulação da Sua Lei é a afirmação do S contra a revolta do homem, para vencer o AS a que ele pertence.

A estrutura das leis divinas e humanas nos faria pensar que, por sua natureza, o homem seja mau, nascido pecador, cuja regra é uma conduta errada. A tarefa da Lei, impondo com sua ética uma conduta correta, é a de corrigir essa criatura má que, senão admitirmos a sua revolta e queda, como tal teria saído das mãos de Deus. Seria o mesmo que dizer que Deus, arrependido por esse Seu erro, procura agora remediar, tudo retificando com a Sua Lei. Este seria o significado da ética e da Lei, se não aceitarmos a teoria da queda pela qual o mal, que mancha o ser e satura o mundo, foi devido à desobediência da criatura, não sendo

obra direta de Deus. Se a causa de tudo isto estivesse em Deus, então, para remediar o Seu malfeito, Ele não teria condenado ao trabalho duro da evolução a criatura inocente, injustamente julgada responsável e por isso forcada a pagar à sua custa. Então Cristo, em vez de redimir o homem, deveria ter redimido Deus que, com o Seu erro, gerou tanto mal. É verdade que o homem é mau e a Lei está aí para corrigi-lo. Mas se o homem é mau, é porque ele quis cair no AS, e não porque Deus o criou mau. De Deus não pode sair o mal. E, se o homem não é mau pela maldade de querer ser assim, mas só por ignorância de involuído, também esse estado de involução é conseqüência da queda e par isso representa uma responsabilidade.

A revolta foi um desvio da posição correta. Esse foi o primeiro erro e o maior, que gerou todo o processo da queda. Mas veremos agora que, ao longo do caminho da evolução, o ser pode voltar a realizar o seu impulso de desobediência, com afastamento da Lei, gerando semelhantes, mas pequeninas quedas, porém, com relativa recuperação. Desta vez o afastamento não é representado pela linha verde XY que sai do S, para o AS, e o caminho de volta não é representado pela linha vermelha YX, que do AS leva tudo novamente para o S; mas é representado na figura por afastamentos laterais longe da linha central vermelha da Lei. Estudaremos nas próximas páginas esses casos menores, que são os de nossa vida comum, confirmando-nos o que já foi por nós sustentado, em que estão vigorando os mesmos princípios gerais da queda e salvação. O conceito é sempre o mesmo, voltando em todos os momentos e pontos, porque constitui o problema central de nosso universo; o do erro que levou para a negatividade e o da sua correção voltando à positividade.

A vontade de Deus é esta: tudo o que decaiu no AS seja reconduzido salvo para Ele; no S, assim é a vontade da Lei: que todo o erro do ser seja reconduzido a ela, isto é, à linha vermelha que a expressa. Eis, então, que a nossa figura nos mostra, utilizando o caso maior da queda e salvação, como se realiza e depois se corrige o repetir-se de todos os outros casos menores que pode acontecer a toda hora e altura da escala evolutiva, ao longo do seu caminho. Isso se verifica com o mesmo processo. Teremos então, em lugar da linha XY e YX, outra linha, lateral à linha vermelha da Lei, com igual movimento de ida e volta, de erro e correção, de doença e saneamento, de afastamento e recuperação. O ciclo involução-evolução se repete nestes casos menores, seguindo o mesmo modelo da grande queda, no qual tem de equilibrar-se os dois impulsos opostos: o do ser para a desordem, e o impulso corretor da Lei para a ordem.

Neste caso também temos uma linha verde que expressa o afastamento para a negatividade, e uma linha vermelha que expressa a aproximação de volta para a positividade; isto é, temos a linha da queda gerada pela vontade da criatura, e a linha da salvação gerada pela vontade da Lei. Tudo se desenvolve com o mesmo método da retificação do erro ou correção da desordem reconstituída na ordem. Contra a vontade destruidora do ser se levanta sempre a vontade reconstrutora de Deus, que trata e cura toda doença.

Como no caso da grande queda o ponto de referência é o S, nestes casos menores laterais o ponto de referência é a Lei. Como antes o ponto de partida e de chegada era o S, agora é a Lei. Neste caso também há um ciclo completo de ida e volta, isto é, um processo dividido em duas partes inversas e complementares, que em forma dualista constituem uma unidade. Como o ponto de referência é o S, em função do qual no fenômeno da grande queda tudo se movimenta, assim o ponto de referência, em função do qual no fenômeno desses

afastamentos parciais tudo se movimenta, é a Lei, expressa pela linha vermelha YX. Podemos agora compreender o seu significado. Marcando o caminho da evolução, essa linha representa a norma a seguir para atingir a salvação. Ela expressa então o princípio da ética, ou norma de conduta certa. Afastar-se dela significa erro e culpa, tendo-se depois de voltar e para recuperar o que foi perdido, o que não pode ser realizado senão com o trabalho e o esforço do ser, como dever, penitência, sofrimento. E é assim porque se trata de um trabalho de reconstrução, que tem de ser realizado pelo mesmo ser que, em sentido oposto, fez a obra de destruição. E isto pelo fato que o nosso universo, apesar de estar pela revolta decaído na desordem, está sempre regido pela ordem de Deus, que impõe um princípio de equilíbrio, pelo qual não são possíveis afastamentos definitivos e gerais, com resultados permanentes, somente deslocamentos temporários e locais, logo corrigidos, contrabalançados e restituídos ao equilíbrio de origem; não são possíveis senão desordens parciais que, por fim, têm sempre que acabar sendo reconduzidos à ordem geral.

É assim que neste caso podemos ver o dualismo equilibrado nos seus dois momentos opostos, de modo que é possível até calcular a posição de débito ou crédito em que, em cada momento, o ser se encontra a respeito da Lei, que é o ponto de referência universal estabelecendo os valores e as normas da vida. Eis como pode despontar a idéia de uma regra de vida, ou norma de conduta baseada sobre princípios que mergulham as suas raízes na própria estrutura do universo. Começamos assim a vislumbrar desde agora a possibilidade, como veremos neste volume, de estabelecer uma ética positiva, racional, poderíamos dizer científica, independente da fé e das religiões, obrigatória porque demonstrada, uma ética exata, suscetível de cálculo, cujos valores se podem medir, qualidades que as éticas vigorantes estão bem longe de possuir.

Poderemos deste modo atingir um conceito de ética duma vastidão até agora desconhecida. A ética humana atual, tipo fundamental, a que se podem reduzir as éticas nas várias religiões atualmente vigorantes na Terra, não é universal, mas particular a esta humanidade e relativa ao nível de evolução por ela atingido. Como acontece com todas as verdades que o homem consegue possuir, trata-se de uma ética relativa em evolução, da qual o homem só conhece a sua aproximação do ponto final, perfeição do S.

Mas as transformações evolutivas dessa ética nos dizem que ela é progressiva e se transforma ao longo de sua trajetória numa ética universal, que abrange e disciplina não somente uma posição relativa do ser ao longo do caminho da evolução, mas igualmente todas as suas posições possíveis. Essa ética universal, que abraça todas as restritas éticas relativas que o ser atravessa na sua ascese para o S, é a que estudamos neste volume. Ela está acima das éticas particulares e transitórias de nosso mundo. Essa ética universal é a Lei. Deste modo, estudando-a, é possível descobrir os princípios universais que sintetizam as normas que dirigem o ser em todos os níveis de evolução, proporcionadas a cada um deles. Sem ficar fechados em nenhuma posição particular, possuiremos a chave para compreendê-las todas, porque, ao invés de concebê-las como completas e definitivas, as veremos como uma ética progressiva em evolução; ao invés de concebê-las separadas, as veremos no seu conjunto num colar que as uno todas, quais momentos sucessivos da mesma ética universal.

Cada uma dessas éticas relativas, como por exemplo a humana atual, contém as normas de vida adaptadas para o ser evoluir em relação a cada nível em que ele se encontra no seu caminho evolutivo, para superar este e entrar num outro mais adiantado. Assim a ética

do homem de hoje não é a de ontem nem de amanhã. O homem atual julga crime o que o selvagem do passado julgava lícito e normal. Assim o homem mais civilizado do futuro julgará crime muitos atos que o homem atual julga lícitos e normais. Cada período de evolução possui o seu dado tipo de ética que se vai transformando e que, o progresso, tem de ser continuamente superada. Tudo está proporcionado ao grau de sensibilização e inteligência atingido. Constrói-se assim o sentido moral, que é fruto de duras e longuíssimas experiências. É lógico que, proporcionalmente ao grau atingido, nos vários níveis se encontrem escalonadas regras diferentes, conforme o trabalho a realizar que elas dirigem. Em todo plano de existência o ser fica sempre enquadrado em um jogo de princípios e forcas, proporcionado ao trabalho que a Lei o faz cumprir, para atingir um determinado escopo, percorrendo o trecho do caminho evolutivo que a ele pertence naquele dado momento. Isto é lógico. Se o nosso universo se baseia no princípio do relativo em evolução, tudo, e também a ética, não pode deixar de ter que acompanhar o movimento desse transformismo universal.

❑ ❑ ❑

Se a ética universal da Lei representa a linha central ou tronco das normas que dirigem o ser na realização da sua evolução, na prática esse tronco vai sempre mais se ramificando, quanto mais nos aproximamos do caso particular. Vemos então que o ser não se movimenta livremente, como é comum se acreditar, mas enclausurado o numa rede de princípios menores. O homem conta antes de tudo com a sua força e astúcia, acreditando ser livre de realizar à vontade tudo o que deseja. E não imagina que vive enredado dentro de uma gaiola de regras, onde cada um do seus movimentos não pode se realizar senão em função de tantas outras forças em ação, levando em conta a presença de normas que agem como paredes invisíveis, mas férreas, para canalizar livremente cada atividade segundo sua vontade, para finalidades preestabelecidas.

Com a revolta o ser admitiu ser possível emborcar o S, tornando-se ele o chefe, substituindo a ordem da Lei pela desordem representada por outra lei sua. Mas de fato não conseguiu senão emborcar-se a si mesmo dentro do S, que ficou íntegro, de pé, de modo que, apesar da tentativa de revolução, as fundamentais leis de equilíbrio do S ficaram vigorando e dominando tudo, incluindo o AS. Elas representam regras intransponíveis que o ser tem de levar em conta e com as quais ele não pode deixar de chocar-se e ter de aceitar a devida reação, todas as vezes que ele não as respeitar.

A conseqüência de tudo isto é que o homem acredita ser poderoso porque sabe vencer com a força ou astúcia, de fato não faz outra coisa senão contrair dívidas perante os equilíbrios da Lei, para depois ter de pagar, reconstituindo-os à sua custa.

Isto não quer dizer que, embora enclausurado dentro desta rede de regras, o ser não seja livre. Ele o é, mas somente dentro do espaço que a Lei lhe deixa disponível, para que lhe seja possível aí cumprir a oscilação entre o caminho certo e o errado, quanto basta para realizar o trabalho de experimentação que lhe é necessário para aprender e evoluir. Alem disto, vigora o determinismo absoluto e o indivíduo não tem poder algum. A sua vontade de revolta pode trazer alterações somente nele, não na obra de Deus, que está acima de qualquer revolta e tentativa de emborcamento. O ser rebelde, com toda a sua revolta e conseqüências, está contido dentro da ordem do S, nem pode de maneira alguma sobrepujar os limites pré-estabelecidos pela Lei. A revolta foi uma revolução de peixes dentro dum rio, do qual eles não podem de

maneira alguma sair. A sua liberdade não chega até lá. E, aconteça o que acontecer dentro do rio, fora dos seus limites permanece inatingível e inalterada a ordem de Deus.

A Lei da luta pela vida e da seleção do mais forte, vigorante em nosso mundo, é apenas uma lei transitória para aprender uma dada lição. Deste modo, além desta pequena liberdade, que chamamos de livre arbítrio e que nos parece absoluta há uma lei de ordem da qual ninguém pode sair. Quanto mais nós queremos ser fortes para nos rebelar, tanto mais ela nos constrangerá a regressar à sua ordem. Não é que ela reaja ativamente. A sua resistência é passiva como a da rocha, que só quer ficar onda está. E ninguém consegue deslocá-la. Quando os peixes rebeldes procurarem sair do rio para espalhar a sua revolta, eles não são repelidos por ninguém, mas tão somente pelo choque automático que recebem de volta, lançando-se contra as paredes, contra as quais vão bater com a cabeça. É o que chamamos a reação da Lei. A lição que o homem tem de aprender é esta: há paredes ou limites dentro dos quais cada movimento do universo, também no caos da revolta, está canalizado, de modo que ninguém pode sair da ordem, e se o tentar baterá com a cabeça contra as paredes duras da Lei e ficará preso nas dolorosas conseqüências do seu erro, até que indo esteja retificado na posição correta. Este é problema fundamental da vida e é o nosso assunto atual.

Num mundo em que se acredita na liberdade indisciplinada, e que nela tudo seja lícito, bastando seja sustentado pela força, é necessário mostrar quantos sofrimentos custa ao homem o erro tremendo de violar os princípios da Lei. Este é o nosso trabalho. que é, também, o de estudar a medida do esforço necessário para reconstituir os equilíbrios destruídos, e reintegrar na ordem a desordem gerada pela liberdade indisciplinada. Como se vê estamos nos antípodas da concepção normal do mundo, que obedece mais aos instintos do primitivo, que a um verdadeiro conhecimento e demonstração racional do fenômeno da exata conduta humana.

Eis, em última análise, a liberdade que o ser possui. Ele vai indo, como um avião livre no ar. Mas nessa sua liberdade o avião está fechado dentro de uma armação de forças que dominam todos o seus movimentos, dentro de um emaranhado de leis que exigem obediência completa, sem o que ao primeiro erro, o avião cai e tudo fracassa. Em todas as atividades humanas vemos surgir a necessidade duma disciplina, tanto maior quanto elas se tornam mais vastas e importantes, isto é: necessidade de retificar a desordem na ordem, o caos no estado orgânico, os métodos do AS nos do S. corrigindo a revolta com os princípios da Lei.

No terreno da ética e das normas de sua conduta, o comportamento do homem atual é parecido ao de quem, pelo fato de possuir um automóvel mais poderoso, e ele ser mais hábil, isto é, pelo direito só da força e da astúcia, se acreditar autorizado a correr à vontade, sem regra, na pista cheia de outros carros, desrespeitoso de toda a disciplina do trânsito. Cada um pensa horrorizado nas conseqüências desse método de dirigir. Dizem que a perda de vidas nos acidentes rodoviários é maior do que nas guerras. Este porém é o método que prevalece na conduta humana. No terreno do trânsito o homem chegou a compreender a necessidade de uma disciplina, e que o levou até lá foram os sofrimentos duma conseqüência da sua ignorância. Quanto teremos ainda de sofrer as conseqüências dos nossos erros, antes de compreendermos que, para não ter de continuar sempre pagando, é indispensável uma igual disciplina também no campo da ética que dirige a nossa conduta? Tudo com o progresso passa do estado de desordem ao de ordem. Assim a Lei vai sempre mais se revelando e manifestando em nosso mundo, transformando-o cada vez mais no estado orgânico que é o do S.

Então o que encontramos na realidade é o seguinte: acima de tudo a ordem soberana de Deus que tudo regula e à qual nada pude escapar. Contida dentro dessa ordem, e fechada dentro das suas paredes invisíveis, está a desordem da revolta que quer estabelecer como principio dominante o caos do AS. É verdade que a desordem não é senão um episódio dentro da ordem, senão uma sua variante excepcional e transitória, que nunca conseguirá fixar-se em forma definitiva, porque não pude existir senão como vir-a-ser ou transformismo dirigido para a ordem da lei que é o seu ponto de chegada. Tudo isto é verdade, e nem por isso impede que a desordem constitua uma vontade contrária no seio da ordem e possa, no estado representado pelo nosso universo atual, nascer um choque entre as duas vontades opostas.

Eis então como o nosso mundo se tornou um terreno de luta entre dois impulsos opostos, o da vontade da criatura e o da vontade do criador. Dualismo não significa apenas cisão em duas partes, mas oposição das duas partes, uma contra a outra porque com a revolta a vontade do ser não quis coordenar-se no seio do S em obediência à Lei, mas quis erguer-se qual principio autônomo independente. É lógico que, sendo Deus o mais forte, apesar da cega tentativa de revolta para substituir-se a Ele, quem por fim terá de dobrar-se vencido, em obediência, não será Deus perante a criatura, como esta acreditou ser possível, mas a criatura que é a mais fraca perante Deus que é o mais poderoso. A diferença de valor intrínseco entre as duas primeiras fontes de origem dos dois impulsos não pode deixar de acompanhá-los até à conclusão do seu caminho.

A revolta não tirou nada à supremacia e poder de Deus. Ele, permanecendo dono absoluto de tudo, apenas a permitiu; a revolta foi possível, porque Deus quis deixar o ser livre de realizá-la. Do outro lado o ser na rebeldia viu uma prova da sua força, quando foi prova somente da sua fraqueza, porque no choque entre as duas vontades, quem vencerá será Deus com a Sua Lei e não a criatura que quis violá-la. No fim não será esta que conseguirá construir um AS, mas será o S que reabsorverá o AS e toda a revolta. Tudo isto porém não pode obstar ao fato de que a revolta se realizou e continua existindo, podendo-se repetir em casos menores, que agora iremos observando.

O ser possui uma amplitude de liberdade que lhe permite afastar-se da linha da Lei, isto é, das normas da conduta certa. Eis a maravilha que veremos: qualquer coisa que o ser faça, a Lei fica inviolável, e ele, mais cedo ou mais tarde, tem de voltar para a sua ordem. O estudo de nossa figura nos mostrará como se desenvolve a luta entre essas duas vontades e como a cada impulso o movimento do ser no sentido do afastamento da linha da Lei, corresponde um proporcionado impulso e movimento corretor no sentido da aproximação e volta a ela. A conseqüência necessária é esta: como não foi possível ao ser chegar à construção definitiva do AS, assim também não lhe é possível afastar-se definitivamente da linha da Lei, isto é, do caminho que o leva à sua própria salvação. O resultado final é que o rebelde não vai conseguir aniquilar-se com a sua loucura. Esta é a vitória de Deus: o bem da criatura reintegrada na perfeição e felicidade do S. Nisto está a vantagem: que, dos dois, vença o mais poderoso, Deus. Eis a razão que torna saudável e justo aquele impulso da Lei para que tudo volte a ela, com uma outra conduta, enquadrada na sua ordem.

Porque estamos dentro do dualismo, e que por isso tudo está cindido em dois termos opostos, a luta é inevitável. Ela é universal e se encontra em todos momentos e lugares, porque a estrutura de nosso universo se baseia na oposição e contraste entre positividade e negatividade; por ter nascido da revolta, e se fundamenta sobre o princípio de contradição. É

por isso que a ética tomou a forma dualística de erro e sua correção. Até às suas últimas conseqüências, tudo é o resultado da primeira revolta, da qual se conservam os caracteres fundamentais. Eis por que a luta de todos contra todos é o motivo dominante de nossa vida. Sem a revolta. dada a exigência lógica, absoluta, que Deus seja unidade, o fato inegável dessa contraposição dualista, não se poderia explicar. Entre as duas partes não há outra ponte que possa ter estabelecido uma passagem, a não ser um desvio que tenha realizado o emborcamento. O ser quis separar-se? Eis a separação desejada: o dualismo e a luta. A presença desta, prova a revolta, sem a qual não se explica como esse método e estado de luta poderia ter nascido. Nem se compreenderia como um Deus unitário tivesse escolhido essa técnica separatista, de oposição de contrários, quando o principio Dele é o da unidade.

Só assim se explica e justifica o fato de que existe uma Lei, que é regra de vida, e ao lado dela o impulso da desobediência. Não é esta a história de cada ato nosso e da nossa vida? Temos sempre, de um lado o legislador e a ética que se querela impor à forca, e do outro o instinto humano da revolta. Não é verdade que sabemos o que teríamos que fazer e que acabamos fazendo o contrário? Está sempre presente a Lei, que representa a ordem do S. Mas parece que essa afirmação solene dos nossos deveres esteja aí só para ser renegada nos fatos a cada passo. A Lei é sempre a pedra angular do edifício da vida, mas só para nós batermos a cabeça contra ela em choques contínuos. O que quer prevalecer em tudo, não é a ordem do S, mas a desordem do AS. Tudo isto tanto mais é verdade, quanto mais, descendo involutivamente nos aproximamos do AS e nos afastamos do S. Prevalece então sempre mais o princípio divisionista e a luta se torna mais feroz. O contrário se verifica se subirmos evolutivamente e nos aproximamos do S que representa o princípio unitário, até a luta desaparecer completamente na harmonia universal.

Se o sistema da luta é o que domina em nosso universo, ele não existe no S; gerado pela separação, ele desaparecerá com o regresso ao ponto de partida. A primeira e maior luta foi entre a criatura rebelde e Deus. No estudo da ética veremos voltar esse motivo da luta a cada passo, entre a Lei que representa a ética e o ser que, na sua conduta, não quer seguir-lhe as normas. Vemos desaparecer sempre o mesmo contraste entre a vontade do ser e a de Deus. Eles são os centros dos dois impulsos e os dois elementos básicos do problema da ética que enfrentaremos, Mas não se trata de um contraste inútil, destrutivo, mas construtivo, porque se vai resolvendo sempre mais até desembocar na salvação. Seja o que for que o ser realiza, ele tem de voltar à ordem da Lei. O AS rebelde se contrapõe à positividade do S na posição menor de negatividade. O impulso da positividade é maior e por isso tem de vencer, levando tudo à salvação final.

Esta é a maravilha do processo da queda: a semente da salvação foi depositada nela, salvação automática e fatal. Estamos observando a técnica desse fenômeno. O nosso universo é caos e luta, para transformar a desordem em ordem, a guerra em paz, as rivalidades em concórdia. Compreende-se e se justifica este triste fato - ainda que ninguém o queira, aparece insuprimível: a guerra -- um acontecimento inconciliável com a bondade de Deus e com as regras da moral que o homem prega. O que ele prega representa o impulso salvador do S; o que ele faz deriva do impulso destruidor do AS. Explica-se assim a ferocidade da vitória do mais forte sobre o mais fraco, que não se coaduna com a justiça de Deus. No entanto, por intermédio das rivalidades, se realiza o progresso, que faz vencer o mais adiantado e que sempre mais vai destruindo a ignorância, o mal e a dor. Desse triste palude desabrocha a esplêndida flor da redenção e da salvação. O impulso para o emborcamento acaba

emborcando-o, ou seja: ele mesmo, automaticamente, tudo retifica. Tantos extermínios de vidas nas guerras existem para se chegar à paz tantas inimizades, para chegar a compreensão, tão grande mar de sofrimentos tem de ser atravessado para se chegar à felicidade. Eis o significado da presença da dor e da luta numa criação que foi obra da bondade de Deus.

A luta está destinada a resolver-se. A monstruosidade emborcada, o AS, saiu do S como um aborto. O câncer não tem direito à vida. A negatividade nada pode gerar, porque termina na sua própria destruição. O AS é uma doença contida no organismo sadio do S. Mas o S é Deus, isto é, um organismo tão forte que não há doença que possa vencê-lo. Então não é a doença que destrói o doente, mas é o doente que destrói a doença. O antagonismo existe em posição de inferioridade para quem se rebelou à ordem. Não pode vencer uma batalha quem se coloca e a faz em posição emborcada. Não pode avançar quem quer ir para trás. Nada se pode construir com os métodos destruidores da negatividade. Como pode a revolta alcançar sucesso, se ela consiste em colocar-se em posição de inferioridade? Quem toma esse caminho sempre trabalha em perda, e desde o início, pelo seu próprio método, está condenado à derrota. Esta derrota é a dor. Eis por que, para não ficar derrotado no sofrimento o rebelde tem que voltar dele mesmo à obediência.

No S tudo é positivo. A negatividade foi um produto da revolta, com esta nasceu para terminar no seu próprio auto-aniquilamento. A unidade fundamental originária reabsorverá toda a cisão do dualismo. Mas com a revolta, até que se tenha tudo saneado, o ser que antes existia apenas numa posição, teve de viver oscilando entre os dois pólos opostos, o da positividade e o da negatividade. E ele terá de viver assim oscilando, até que tenha com o seu esforço- e sofrimento reabsorvido e neutralizado essa oscilação, reconduzindo a separação do dualismo à unidade.

Como é possível encontrar a felicidade na negatividade? É como querer encontrar a plenitude da vida na morte. Como podia a revolta com essa lógica estranha realizar o absurdo? E o homem repete esse erro todas as vezes que se afasta da linha da Lei, isto é, das normas de conduta da ética. É o impulso inicial da rebeldia que novamente o leva a lutar contra Deus. Também nesse terreno das menores desobediências, como é possível construir destruindo, avançar retrocedendo, adquirir as qualidades do S, descendo para o AS? É lógico que, se a função da revolta é a de tudo emborcar, a sua lógica constitua um absurdo, nesse caso representado pelo fato de se querer procurar a felicidade onde não é possível encontrar senão dor. O princípio é sempre o mesmo. O processo de recuperação é só um. Não se pode sair do inferno do AS, senão subindo até ao S; não é possível libertar-se do sofrimento senão reintegrando a desordem na ordem, voltando em obediência ao seio da Lei .

O absurdo da revolta é o de se acreditar que seja possível chegar à positividade ou felicidade, seguindo o caminho da negatividade, que é o da desobediência. A lógica do movimento oposto, da salvação, consiste em saber que somente se chega à positividade ou felicidade, percorrendo o caminho da retificação da negatividade em positividade. Continuaremos sempre encontrando frente a frente, de um lado o absurdo do ser rebelde, e do outro a lógica da Lei, esta corrigindo e ensinando para salvá-lo. É a lógica da obediência que retifica o absurdo da revolta. Eis o significado das palavras que Cristo deixou para repetir em Sua oração do Pai nosso: "seja feita a Tua vontade". Ora, fazer a vontade do Pai quer dizer obedecer à Lei, e obedecer à Lei significa o caminho da salvação. Eis o problema que aqui estudamos: o da nossa salvação.

IV

NEGATIVIDADE E POSITIVIDADE

O problema que iremos agora focalizar cada vez mais de perto, não é mais o da grande queda que já estudamos em outros volumes, e que na figura está expressa pela vertical XY; mas é os das quedas menores laterais, que há pouco nos referimos, para observarmos as conseqüências desses afastamentos da linha da Lei, da ética, que estabelece qual deve ser a conduta correta. Estas quedas menores são o que chamamos de erro ou culpa. Podemos agora dar a estas palavras um significado positivo de deslocamento para a desordem, longe da devida posição de ordem estabelecida pela Lei: ordem que a universal lei de equilíbrio impõe seja reconstituída todas as vezes que for violada. Podemos assim dar um valor exato também às palavras expiação e redenção, em função desse processo de reordenação. Revela-se-nos assim toda a valorização da dor, como meio de recuperação e elemento fundamental na lógica do fenômeno da salvação.

Essa linha da ética representa a espinha dorsal do processo de salvação. Este é o percurso dentro do qual está canalizado o caminho da evolução, que o ser tem de percorrer para recuperar o que com a queda perdeu. Todas as vezes que o ser se afastar dessa linha de retorno dirigido para o S, comete erro e terá de sofrer até ser neutralizado, tudo reconstruindo com o seu esforço e sofrimento. Também no processo desses afastamentos laterais, temos uma linha verde de descida para a negatividade, representando o afastamento ou trabalho de destruição; e temos uma linha vermelha, de volta para a positividade, representando a aproximação de retorno ou trabalho de reconstrução. Como a força de atração terrestre constrange tudo a ficar em equilíbrio aderente à superfície do solo, e voltar a ele quando se afasta, assim a Lei, que representa a divina bondade e vontade de salvação, constrange tudo a ficar em equilíbrio aderente à linha da Lei, e a voltar a ela se se afastar.

Essa é a função da linha da Lei. Ela representa um raio do pensamento e da vontade de Deus, que desce no próprio centro do universo dos rebeldes para libertá-los da destruição em que de outro modo acabariam. Além da pequena redenção realizada por Cristo num dado momento em favor de uma das infinitas humanidades que povoam o universo, existe uma redenção muito maior, contínua, realizada por Deus no Seu aspecto imanente, em favor de todas as humanidades e de tudo que existe. Essa maior redenção está expressa na figura pela linha da Lei, YX, que sustenta o triângulo da mesma cor vermelha e sinal positivo, e o respectivo campo de forças que esse triângulo com a sua superfície representa e contém. Ele com a sua base no S e a ponta dirigida para baixo, penetra todo o triângulo do AS até o fundo, como uma projeção da positividade lançada no campo da negatividade, para salvá-lo com o seu impulso reconstrutor do aniquilamento, que seria a conclusão lógica do processo.

Tudo o que na figura é vermelho representa o princípio de positividade do S, a presença de Deus, a salvação. De tudo isto deriva a grande importância de conhecer a Lei, o seu conteúdo, a técnica do seu funcionamento, as normas de ética com as quais ela nos dirige; porque conhecer tudo isto significa ver o roteiro a seguir, e ter nas mãos o leme para dirigir no oceano da evolução, o nosso barco para a salvação. Nós existimos e temos de funcionar dentro dessa grande máquina do universo, e não conhecemos a Lei que a dirige. Assim a nossa

conduta é a de um cego ignorante que vai sempre cometendo erro, e jamais acaba de pagar as conseqüências. Quantas dores se poderiam evitar, se o homem aprendesse a movimentar-se com inteligência, dentro dessa máquina, porque ela é dirigida com muita inteligência, a inteligência de Deus! É necessário compreender essa máquina, para funcionar de acordo com ela, em disciplina, e não na desordem, violando-a a cada passo, batendo com a cabeça de encontro às suas sábias resistências. Enquanto não aprendermos a movimentar-nos deste modo, teremos que aceitar a dura lição da dor, necessária para aprender. Não se trata de teorias longínquas, mas dos mais vivos e próximos problemas de nossa existência. Trata-se de conhecer a Lei, o que não constitui só uma grande vantagem, mas também imenso consolo, porque ela representa o princípio do Amor de Deus, que tudo reordena, reconstrói e salva.

Este é o significado da linha da Lei. Ela representa o centro dos fenômenos que iremos estudando. Observaremos o percurso da linha, verde da negatividade que o ser origina lateralmente, quando se afasta da linha da Lei; e depois a linha vermelha do retorno a esta: tudo isto reproduzindo em medida menor o trajeto XY e YX. O processo da queda repete-se nestas menores tentativas da revolta, dirigidas para a construção de menores anti-sistemas laterais, que se constróem e se destroem, se desenvolvem e são reabsorvidos com o mesmo método de ida e volta. Obedecendo ao impulso inicial da desobediência, o fenômeno avança ao longo da linha verde, até que o impulso se esgote. A reabsorção se realiza ao longo de uma paralela correspondente linha vermelha, que representa a correção dos valores negativos e a recuperação dos valores positivos. Na figura podemos controlar o fenômeno nos seus movimentos, posições e medida.

Vemos assim que o nosso erro tenta gerar um pequeno AS lateral, fugindo da linha da Lei YX, como na primeira queda o ser fugiu da linha WW1 do S. E igualmente esse processo tem de ser neutralizado por um equivalente caminho de regresso. O trajeto percorrido na ida pela linha verde lateral, tem de ser compensado por uma proporcional linha vermelha de regresso. Trata-se de um processo menor, dentro do maior da involução-evolução, regido pelo mesmo princípio. Eis por que vemos aqui, novamente, aparecer o modelo dualista da oposição de contrários. Por isso este processo se desenvolve em forma de inversão recíproca, de erro e sua correção. A linha da desobediência sai da linha da Lei, e volta a ela transformada em linha de dor. O movimento que se iniciou com o sinal negativo, volta à fonte com o sinal positivo. O ser adoece para voltar à saúde. É o princípio de equilíbrio que aprisiona o fenômeno dentro do jogo de reciprocidade.

Vemos assim repetir-se os motivos fundamentais do universo até aos últimos pormenores do particular. Isto é lógico. No Todo existia somente o modelo do S, em que existia Deus. Não possuindo a criatura poder de criar, era incapaz de gerar outros modelos; sendo efeito e não causa, ela não podia ser causa de efeitos novos. Tudo o que ela podia fazer era alterar o que já existia. Se o S era tudo o que havia, o que podia surgir era somente a sua negação. Como o S permaneceu o centro de tudo, a negação não pôde seguir outro caminho senão o seu endireitamento para o positivo, isto é, reafirmando o que foi negado. Eis por que no caso ora observado, aparece primeiro a linha verde e depois a vermelha. Aqui também a primeira fase é a da queda, e a segunda é a da salvação. Tudo foi criado de tal modo que, para qualquer acontecimento ou negatividade do ser, nada se perde, tudo se resolve e se redime nos braços de Deus, sempre centro de tudo.

❑ ❑ ❑

Analisemos de perto como se desenvolve esse processo do erro e sua correção. Entramos agora no terreno específico da ética, para estabelecer as suas bases positivas. Colocando-nos perante a figura, escolhemos ao longo da linha vermelha YX da Lei o ponto N, situado num dado nível de evolução. Suponhamos que esta seja a posição do ser cujos movimentos agora estudamos, posição intermediária ao longo do caminho da evolução do homem, por exemplo. A linha YN representa o caminho percorrido, a NX o caminho ainda a percorrer. Este é trecho que lhe falta para acabar de cumprir a sua redenção, e ele o deveria seguir porque constitui o caminho direto, o mais curto para voltar ao S. Mas eis que retorna o motivo da revolta, de modo que, como uma vez o ser se afastou do S para o AS, agora ele se afasta da linha da Lei. Até que tudo o que pertence ao AS seja neutralizado pela evolução, este impulso secessionista pode continuar ecoando em casos menores, até que tenha desaparecido. No primeiro caso, o da queda, o ser desceu a linha XY e agora tem de subi-la às avessas. Neste segundo caso menor o ser percorre a linha NN1 a do afastamento, para depois ter de seguir a da revolta, N1N. O ponto de partida desse processo é N, onde se manifesta o impulso da revolta. O ponto onde esse impulso se esgota é N1, onde sobre ele leva vantagem a atração da Lei que, por um processo inverso, tudo restaura na sua ordem. Esse é o esquema do fenômeno que aqui estamos estudando.

Temos assim dois momentos ou elementos fundamentais neste processo: o da linha verde NN1, e o da vermelha N1N. Ambas juntas constituem o ciclo completo de ida e volta: NN1N, correspondente ao ciclo completo da queda e salvação: XYX. Trata-se do mesmo processo de emborcamento e endireitamento que, no caso da queda vemos desenvolver-se na figura em sentido vertical de descida e subida, e que neste caso se cumpre em sentido horizontal de afastamento e aproximação. O princípio é sempre o mesmo: um erro devido à vontade da criatura, e depois uma reintegração devida à vontade de Deus.

A expressão gráfica, que na figura demos ao fenômeno, nos ajudará a compreender melhor o seu desenvolvimento. Mas para que tudo seja claro é necessário antes de mais nada estabelecer o valor das palavras e conceitos que usamos, e o ponto de referência em função do qual os usamos. Já tocamos ligeiramente no assunto no Cap. III. Dissemos que o ponto de referência do fenômeno é a Lei. Foi em relação a este ponto que a linha verde do afastamento da linha da Lei tomou o sinal negativo e que a linha vermelha de aproximação a ela tomou o sinal positivo. O primeiro trecho verde é negativo porque nele opera o impulso do ser contra a Lei. O segundo, vermelho, é positivo, porque nele opera o impulso da Lei contra o do ser. Dado que o ponto de referência é a Lei, o sinal negativo expressa o período em que prevalece o emborcamento e a Lei está vencida; e o sinal positivo expressa o período em que prevalece o endireitamento e a Lei triunfa.

A negatividade expressa a atividade destrutiva dos valores positivos da Lei; a positividade expressa a atividade reconstrutiva daqueles valores. Tudo o que na figura tem a cor verde ou o sinal negativo é fruto da vontade rebelde da criatura e se dirige em posição emborcada para o AS. Tudo o que tem cor vermelha ou sinal positivo é fruto da vontade de Deus e se dirige para as posições emborcadas pela revolta, para endireitá-las no S. A nossa figura está concebida em função desse ponto fundamental dc referência que é Deus, o S, a Lei que o representa. É em relação à positividade desse ponto de referência, que todos os movimentos gerados pelo impulso da revolta tomaram o sinal negativo.

Mas é possível escolher como ponto de referência o outro termo do dualismo, que também existe, isto é, não Deus, ou o S, ou a Lei, mas a criatura rebelde, ou o AS, ou anti-Lei. Então tudo adquire um valor oposto, porque está correlacionado não com a positividade, mas com a negatividade. Neste caso tudo o que na figura é positivo, se torna negativo. Por outras palavras, se o ser com a sua revolta quer o contrário do que Deus quer, tudo concebendo com a sua função e não em função de Deus, é lógico que os valores se emborquem, adquirindo o valor oposto. E de fato o homem, doente de antropomorfismo crônico, costuma erguer-se em centro do universo, substituindo o seu "eu" ao de Deus, o que acontece a toda hora e representa a maior prova da teoria da revolta. Tal é o ponto de referência humano e é lógico que seja às avessas, porque o ser que decaiu no AS se encontra em posição emborcada e não pode conceber senão nessa posição, que é a sua forma mental.

Temos então, frente a frente, dois centros opostos, que querem impor-se como "eu" absoluto: o "Eu" de Deus e o "eu" da criatura. A oposição nasceu com a revolta, pela qual o segundo "eu" se mudou da posição de coordenação dentro do S, para a de insubordinação fora e nos antípodas dele.

Ora, se aceitamos como centro o "Eu" de Deus, o fenômeno se nos apresenta na sua posição direta; se aceitamos como centro o "eu" individual da criatura, o mesmo fenômeno, observado do seu pólo oposto, se nos apresenta na sua posição emborcada. No primeiro caso o ponto de partida é X no S, ou N na linha Lei, no segundo caso é Y no AS, ou N1, oposto à linha da Lei. Então, se o ponto de referência é a linha da Lei, a linha NN1 que agora estudamos, é de sinal negativo, e a N1N de sinal positivo; e se escolhemos ao invés como ponto de referência a posição do ser em revolta, a linha NN1 é de sinal positivo, e a N1N de sinal negativo.

É lógico que aqui temos de estudar o fenômeno na sua posição direta, em função de Deus e da Lei, e não em posição emborcada, em função do ser que se faz centro de tudo, com seu "eu" separado e egoísta. A nossa figura foi concebida em relação ao ponto de referência: Deus, ou S, ou Lei. É por isso que a linha NN1 tomou o sinal negativo, e a N1N o sinal positivo. Veremos daqui a pouco o significado prático desses sinais.

Era porém necessário explicar o sentido da posição oposta. Para o ser rebelde a linha NN1 representa o triunfo da sua vontade secessionista, o que para um rebelde é positividade; enquanto a linha N1N representa o triunfo da renúncia à sua vontade na obediência e no dever, significa a penitência do regresso na ordem e no esforço da subida, o que para um rebelde é negatividade.

Cada um dos dois "eu" quer atingir uma plenitude de realização aposta à do outro. O objetivo de Deus é o S, o do ser rebelde é o AS. O primeiro leva o sinal positivo, enquanto o segundo recebe o sinal negativo, na realização do objetivo de cada um. Como duas vontades opostas, o caminho de ida XY ou NN1 vai do + para o -, e é negativo em relação ao S, porque gera o AS : mas também se pode considerar que esse caminho vai do - para o +, e assim é positivo em relação ao AS que nasce afirmativo para o rebelde, porque deseja substituir a ordem de Deus pela sua desordem. E paralelamente o caminho de volta YX ou N1N vai do - para o + e é positivo em relação ao S em que tudo se reconstrói para a salvação do ser, destruindo o AS; mas esse caminho sob o ponto de vista da criatura vai do + para o -, e assim é negativo em relação ao AS, que deste modo morre, negativo para o rebelde que gostaria de se afastar da ordem do S e agora tem de voltar a ela.

Esse jogo de contínua inversão de opostos é devido ao emborcamento gerado pela revolta. É assim que, ao afastar-se do S, tudo em relação à Lei, para o ser, é negativo; enquanto que, em relação a ele próprio, emborca o sinal e se torna positivo. E ao contrário, no caso do regresso do ser ao S, tudo em relação à Lei é positivo; enquanto que, visto em relação a si próprio, emborca o sinal e se torna negativo.

A posição direta em que aqui observamos o fenômeno, escolhendo como ponto de referência a positividade de Deus, é verdadeira e básica, é a predominante. A posição do ser representa somente um desvio lateral, um deslocamento fora da ordem, uma exceção à regra, uma desordem, um erro, infelizmente, porém, é esta estranha posição emborcada a que o homem mais usa. Nós, humanos, estamos mergulhados no AS; somos por isso levados a conceber tudo em função do nosso "eu", usando o segundo dos dois pontos de referência, o que foi efeito da revolta. A nossa posição atual nasceu da vontade de emborcar o S, e representa o antagonismo entre o nosso "eu" e o "Eu" de Deus. O nosso instinto nos levaria a estudar o fenômeno às avessas, construindo uma tábua de valores não em função de Deus, mas do nosso "eu", e dando o primeiro lugar não à ordem do estado orgânico do Todo, mas ao separatismo individualista da vantagem egoísta (a lei da seleção do mais forte).

Se a afirmação de Deus é: "Eu sou o senhor teu Deus (....), Não terás outros deuses diante de mim"[1]; a afirmação do homem é: "Eu sou o senhor de tudo. Não terás outros senhores diante de mim". Afirmação emborcada, que diante de Deus é uma negação. A afirmação do homem é a negação de Deus, como a afirmação de Deus é a obediência do homem. O modelo é só um, e o fenômeno se baseia sobre o processo do seu emborcamento, se o olharmos de cima para baixo, ele toma o sinal +, porque é Deus que afirma. Se o olharmos ele baixo para cima, o modelo toma o sinal -, porque é o homem que nega. Por isso pode parecer que a concepção mosaica de um Deus que quer dominar sozinho, cioso de todos os rivais, seja a reprodução da psicologia de qualquer rei humano, cuja primeira preocuparão é a de defender o seu reino matando todos os rivais do seu trono. Mas isto é lógico, porque o modelo é um só, o do egocentrismo, que com a revolta se tornou em dois pólos, que alternativamente podem funcionar como pontos de referência: o egocentrismo positivo de Deus e o negativo do ser rebelde. O mesmo modelo quer dizer o mesmo tipo de forma mental, que impõe o próprio "eu" ser o centro de tudo.

Agora que temos determinado o nosso ponto de referência, em função do qual foi concebida a figura e agora estudamos o caso dos afastamentos da linha da Lei, é

[1] **- Êxodo: (20:2-3). (N. da E.)**

necessário, como há pouco dissemos, definir o valor dos conceitos e o sentido das palavras que usamos. Qual é na prática o significado e conteúdo destes conceitos de positivo c negativo? Eles têm de corresponder a alguma coisa de concreto, que vemos existir em nossa vida, porque o objetivo destas nossas pesquisas é o de estabelecer as normas que a dirigem orientando a nossa conduta. Poderemos assim saber com mais exatidão a correspondência, na figura, da cor vermelha ou verde com o sinal + ou sinal -.

Positividade quer dizer: Deus, ou S, ou Lei, isto é, a vontade que tudo fique na ordem, e o domínio do respectivo impulso de levar novamente para essa ordem tudo o que saiu dela. Negatividade quer dizer: a criatura rebelde, o ser que com a revolta se colocou na posição de egocentrismo oposto ao de Deus. Isto significa vontade de sair da ordem, e o domínio do impulso de sempre mais afastar-se Dele para ficar no pólo oposto, no AS. Veremos assim as duas linhas, a verde, sinal --, e a vermelho, sinal +, sempre contrapostas e compensadas num dúplice movimento de ida e volta, que tudo acaba reequilibrando na ordem.

O fato é que o verdadeiro e fundamental ponto de referência é o primeiro, isto é, Deus. O outro é só pseudo ponto de referência que, por estar no campo da negatividade, não é centro real como o primeiro, nada pode por isso sustentar de definitivo, fora do seu terreno relativo. Por isso a figura nos mostra não somente a contraposição entre a primeira vontade que é de ordem, e a segunda que é de revolta; mas também nos indica que, neste contraste, a primeira acaba vencendo a segunda.

Eis então que positividade, vontade de ordem, significa também impulso para a salvação; e eis que negatividade, vontade de revolta, significa também impulso para a perdição, na qual tudo pereceria se não fosse salvo pelo primeiro impulso de positividade que é o de Deus. Assim a linha vermelha nos expressa, em função do ponto de referência Deus, o que para o ser, contra a sua, vontade que é de revolta, é a linha da recuperação ou vantagem, a da vida, representando o impulso da positividade de Deus contra o impulso da negatividade da criatura que, percorrendo a linha verde da perda, se dirige loucamente para o seu aniquilamento.

Os conceitos de positividade e negatividade são conceitos centrais sintéticos, que em nosso mundo relativo vão-se ramificando no particular periférico analítico, em muitos conceitos menores. Assim os sinais + e - podem ser entendidos de várias maneiras, dando-se-lhes diferentes sentidos e conteúdos. Positividade pode significar não somente Deus, o S, a Lei, a vontade de ordem, o impulso para a salvação, mas igualmente o bem, o Amor, a espiritualização, a linha da correção do erro ou culpa na obediência e na dor que purifica, o caminho de volta e recuperação para a vida, a sabedoria, a liberdade, a felicidade, a perfeição. Negatividade pode significar não somente a criatura rebelde, o AS, o caos, a vontade de revolta, o impulso para a perdição, mas também o mal, o ódio, a materialidade, a linha do desvio no erro ou culpa pela desobediência e pelo gozo desordenado, o caminho do afastamento para a morte, a ignorância, a escravidão, a infelicidade, o estado manco e falho da imperfeição.

Por isso a linha verde NN1 que representa o caminho do afastamento do ser do seu ponto de referência: a Lei, poderemos chamá-la de "linha do erro ou culpa", dirigida para o mal (-); e a oposta linha vermelha N1N, que representa o caminho de regresso do ser para a Lei, seu ponto de partida, poderemos chamá-la de "correção na dor", dirigida para o bem (+). Na figura estudaremos o fenômeno nesta ordem, isto é, primeiro a linha da negatividade,

e segundo a da positividade, porque é a linha verde do afastamento ou perda a que nasce primeiro como filha da revolta, e é a linha vermelha da volta ou recuperação a que aparece depois para corrigir e reabsorver a outra.

Esclarecemos assim o sentido de várias palavras que temos de usar no estudo da ética, tais como: bem e mal, amor e ódio, erro e culpa, obediência e recuperação, revolta e perdição etc.; além das acima mencionadas, outras existem que adquirem um significado exato e profundo, encontrando a sua explicação lógica em função da estrutura do grande organismo do universo e da solução dos maiores problemas do conhecimento.

❑ ❑ ❑

Procuremos penetrar agora ainda mais no terreno especifico da ética, que é o nosso objetivo, explicando sempre melhor estes conceitos.

Vimos que o conteúdo da idéia de negatividade é a de erro ou culpa, dirigida para o mal, no sentido de perda, porque é afastamento da linha da Lei, nosso ponto de referência; vimos também que o conteúdo da idéia de positividade é a de correção na dor, dirigida para o bem, no sentido de recuperação, porque é retorno à mesma linha da Lei. O primeiro movimento, sendo do + para o -, vai para a perdição. O segundo movimento, sendo do - para o +, vai para a salvação. Temos assim de um lado os conceitos de erro ou culpa e afastamento para o mal e a perdição. no outro lado temos os conceitos de dor e de volta para o bem e a salvação.

Mas os princípios de negatividade e positividade contêm também outros conceitos e aspectos. Vimos que a Lei reage retificando o primeiro movimento com o segundo, isto é, corrige o erro com a dor. Por quê e como acontece isto? Qual é a mecânica desse processo? Com que técnica se cumpre o fenômeno da salvação ou redenção? Eis o que vamos estudando, com esse conteúdo e objetivo ético: a norma que dirige a nossa conduta, premiando os nossos esforços positivos, refreando e endireitando os afastamentos para o negativo, e sempre nos reconduzindo para o caminho certo da salvação. O ser rebelde é louco. A Lei é sábia. O ser quer encontrar as qualidades positivas nos caminhos das negativas. A Lei, para salvá-lo, o reconduz com a dor aos caminhos da positividade. Esse é o jogo da mecânica da salvação. O ser rebelde quer encontrar a luz nas trevas, mas a Lei o reconduz à luz; quer encontrar a vida na morte, mas a Lei o leva novamente para a vida.

Descemos aqui o terreno das teorias gerais, penetrando sempre mais na prática de nossa vida. Problemas que nos tocam de perto e nos interessam, porque se trata de nosso sofrimento ou bem-estar. Com a revolta o ser foi à procura de felicidade, mas fora da ordem, da regra e justa medida, o que representa um absurdo. É lógico então que, seguindo o caminho da revolta que é emborcamento, o ser encontrasse o sofrimento. Poderia perguntar-se: por que motivo o caminho da volta, reconstrução, é feito de dor? Porque o ser procurou a felicidade, que é qualidade positiva, no terreno da negatividade, com a desobediência na desordem e não com a obediência na ordem, no AS fora do S, isto é, às avessas. É lógico que ele encontrasse felicidade às avessas, isto é, dor. Aqui está a tragédia da revolta. Eis o erro fundamental do ser, o que o fez fracassar no absurdo. Para crescer demais fora da ordem, ele entrou na desordem; para se afirmar além dos limites devidos, entrou a negação. Para se estender além da lei da sua existência, o ser saiu do S, isto é, da positividade e de todas as suas qualidades, e entrou no AS, isto é, na negatividade com todas as suas qualidades. Assim, do

bem o ser caiu no mal, da luz nas trevas, da vida na morte, da felicidade na dor etc. Tudo é lógico. Então ele tem de ficar no mal, nas trevas, na morte, na dor, imerso nesse mar de tristeza, até o ter atravessado todo, reabsorvendo a negatividade que passou a ter com a revolta e, assim neutralizando-a, voltar à Lei, reintegrando-se na positividade perdida.

Com a revolta, quis fazer de si mesmo centro e ponto de referência, enquanto o centro só pode ser Deus e nada pode existir senão em função desse ponto de referência. Eis por que com a revolta o ser não podia adquirir senão qualidades negativas. Elas agora são suas e não há outro caminho para libertar-se delas senão a marcha à ré da reabsorção da negatividade e da recuperação da positividade. Para endireitar-se, é necessário que o ser cumpra à sua custa o trabalho de redimir-se e com o seu retorno cumprir, no caminho da fuga da ordem, a fadiga de voltar atrás em disciplina, assimilando a sua culpa. Isto é dor, e eis porque ela adquire qualidades positivas de recuperação. Eis a sua origem, a razão da sua presença, a função que cumpre, o objetivo que deve atingir.

O impulso fundamental do existir é sempre o do S, isto é, positivo, o da própria vantagem. Mas o ser tinha de realizar esse impulso positivo neste sentido, dentro da ordem. O erro do ser foi querer realizá-lo em sentido negativo, fora da ordem, dai o seu dano. Eis por que a linha NN_1 a do erro, é também a linha de prejuízo do ser, enquanto a linha N_1N, a da dor, é a de sua vantagem. Assim pelo fato de que a linha do erro é a do emborcamento (-), e a dor é a do endireitamento (+).

Mas as linhas da negatividade e positividade têm também outros significados afins e paralelos. Observemo-las para esclarecer melhor o assunto. A primeira é a linha dos rebeldes, dos criminosos, dos guerreiros, dos chamados fortes que, à disciplina de todos os seres no estado orgânico do S, ao redor do centro único ou "Eu" de Deus, substituíram a revolta na desordem do caos, cada ser por si mesmo, ao redor de tantos pequenos centros ou egocentrismos individuais das criaturas. O método delas nessa sua posição, não é a espontânea colaboração, mas a imposição pela força. Podemos agora compreender por que existe na Terra a lei do mais forte, o que ela significa e por que se pratica esse método de vida. Podemos compreender como o princípio vigorante em nosso mundo, o da luta e da vitória do mais forte, represente um princípio separatista e, por isso, próprio do AS e não do S. Isto quer dizer um estado primitivo, involuído, mais próximo da animalidade que do homem evoluído. Então essa lei biológica não é uma expressão de positividade, isto é, de poder construtor, como se acredita, mas de negatividade, isto é, de poder destruidor; já que é uma sobrevivência de estados involuídos do passado, perante a Lei que quer o evoluído do S e não o involuído do AS, representa não força, mas fraqueza, não virtude, mas defeito, não vitória, mas derrota. O principio da força parece ser de afirmação, mas o é só em função do ponto de referência: homem. Mas isso significa caminhar às avessas, contra a Lei, Perante Deus quer dizer afastamento ao longo da linha do erro.

De fato, o método do triunfo do mais forte leva a ganhar não em sentido positivo, gerando e construindo, para o bem dos outros, o que conduz para o S, mas em sentido negativo, escravizando, destruindo, matando, semeando para os outros, como acontece em todas as guerras, mal e sofrimentos, o inferno do AS. O vencedor não cria nada, mas só ganha espaço vital subtraindo-o aos demais. Tal é o método das rivalidades, oposto ao da concórdia. Estamos no caminho da negatividade, no qual se conquista a vida própria tirando-a dos seus semelhantes enquanto que no caminho da positividade para conquistar a vida é necessário

procurá-la para os outros. Eis os dois tipos: o do guerreiro, egoísta e agressivo, e o do homem pacífico do Evangelho, altruísta, pronto a colaborar. O primeiro é positivo só em relação à gota de água, que é o seu mundo, do qual ele se faz centro; mas ele é negativo em relação ao universo, do qual sem saber faz parte e cujo centro é Deus. O mártir do sacrifício para o bem de todos é negativo dentro da gota d'água humana, mas é positivo dentro do universo perante Deus. Tudo está emborcado em nosso ambiente terreno e, por isso, se julga fraco e se condena como tolo quem se sacrifica para o bem do próximo. Explica-se assim por que há um absoluto antagonismo entre o mundo e o Evangelho, porque existem, e o que significam esses dois métodos opostos. O homem do dever sacrifica-se, mas constrói na ordem, o homem da força triunfa em proveito próprio, mas destrói porque é rebelde à ordem; o mártir morre, mas semeia vida, o herói do mundo vence e vive, mas semeia morte. O sacrifício em obediência à Lei reconstrói ao longo da linha positiva da dor; a força na revolta à Lei destrói ao longo da linha negativa do erro e do mal. O triunfo do mundo é emborcado ao negativo, nos antípodas do triunfo positivo, nos céus; representa a vitória das células do câncer; e não a das células sadias do organismo. O triunfo do mundo se constrói esvaziando e destruindo e não gerando e construindo valores. Por isso o homem fica sempre insaciável, porque aquele nutrimento é fingido, negativo, não satisfaz, mas apenas dá fome.

Verifica-se então esse fenômeno: o caminho representa como um trabalho que aspira fora do S ou da linha da Lei uma quantidade de substância (a que constitui os espíritos rebeldes), a qual se inverte em negativa. Este processo gera um espaço negativo que se vai enchendo (AS) fora do campo da positividade (S); e paralelamente um vazio correspondente dentro desse campo da positividade (S). Tudo isto, como é lógico, gera um desequilíbrio que é necessário equilibrar de novo. Isto quer dizer que o deslocamento da positividade para a negatividade tem de ser compensado por um equivalente caminho de regresso da negatividade para a positividade. Então o vazio que se formou dentro do campo da positividade (S), tem de ser preenchido com o que saiu dele, esvaziando o terreno da negatividade (AS), com sua reintegração no estado positivo do S.

Eis por que existe a linha da dor. Explica-se dessa forma, a marcha à ré compensadora de todo o afastamento, o caminho de ida e volta, a necessidade de recuperação. Compreende-se, também, como a linha do erro, que vai para o mal, não pode representar senão uma pseudo-vantagem, uma perda, porque é ganho ao negativo. É uma dívida, um enriquecer momentâneo que depois é necessário pagar. É uma fácil descida que depois temos de subir de novo com o nosso esforço, um atalho para uma felicidade mentirosa que se resolve no engano, e não podemos sair senão recuperando tudo com o nosso sofrimento. Tudo isso, nos mostra a verdade e nos ensina que a desobediência é erro. Infelizmente não há outro meio. O raciocínio que demonstra e convence não tem valor para o rebelde, porque quem vive neste estado de negatividade não possui a forma mental da lógica, mas a do absurdo. É necessária a dor que se pode imprimir no subconsciente; só ela queimando tem o poder de fincar nos instintos um marco indelével.

Eis a razão e a técnica dessa justiça compensadora, pela qual automaticamente todo afastamento tem de se endireitar com o regresso à Lei. O ser que quis gerar o impulso do emborcamento tem de ficar sujeito a esse mesmo princípio até ao fim, isto é, até à completa reconstrução da ordem violada. Trata-se do mesmo impulso de emborcamento que por inércia tem de continuar, automaticamente, até ao seu desemborcamento, retificando tudo. No microcosmo de nosso mundo parece que a linha do

desenvolvimento causa-efeito seja uma reta como são as linhas de nosso pequeno espaço terrestre. E o encadear-se dos trechos causa-efeito aparece como uma junção de retas, uma após a outra. Todavia, saindo desse pequeno espaço terrestre encontramos no universo astronômico outro tipo de espaço, o espaço-curvo, logo a sucessão causa-efeito, vista no seu conjunto ou totalidade do seu ciclo completo, se torna uma curva fechando-se sobre si mesma. Disto se conclui que o efeito não é mais *um conseqüente* que, ao longo duma reta, se afasta do seu ponto de partida; mas é um momento na continuação duma curva que tem de voltar àquele ponto, à causa de tudo que a gerou. Entre os dois termos: causa e efeito não são mais os dois extremos duma reta, mas são o mesmo ponto onde se inicia e se fecha o mesmo ciclo. No todo não podem existir afastamentos verdadeiros e definitivos, nem o ser pode gerar deslocamentos nas imutáveis posições da ordem universal. Podem existir oscilações parciais e compensadas, aparentes e particulares, como as das ondas do mar ou das vibrações da matéria, movimentos que nada deslocam e tudo acabam reintegrando no estado de origem, como Deus o quis. Eis a razão pela qual a involução tem de ser corrigida pela evolução, e à linha do afastamento da Lei ou linha do erro, tem de seguir a linha de regresso ou linha da dor. A obra de Deus é inviolável e nada em definitivo o ser pode nela mudar. E, se este pela sua liberdade, pode realizar alguma mudança, então tudo tem de voltar ao seu ponto de partida e ser restaurado na integridade do seu estado de origem.

Vamos assim observando sempre ,mais em profundidade o significado das linhas de negatividade e de positividade. Vemos que a contraposição entre estes dois termos opostos, na substância não é cisão, mas um conjunto dualista, que constitui a forma e o conteúdo da unidade. Eis então que o dualismo não divide, como se poderia acreditar, mas une; não afasta, mas liga e funde no mesmo ciclo os dois termos opostos que o constituem e que em última análise, não são senão as suas duas metades. O dualismo não é cisão, mas complementariedade entre dois movimentos contrários compensados, que se invertem um no outro, o segundo neutralizando o primeiro. Isto porque o movimento que vai do + para o - gera uma carência no campo do +, um débito que a negatividade tem de pagar à positividade, ou seja um crédito que a positividade exige da negatividade. Se o ser encontra satisfação na culpa que o afasta da Lei, ele nada ganha com isso, porque se trata de um empréstimo que o ser tem de devolver aos equilíbrios da Lei com o seu esforço e sofrimentos. A linha do erro NN1 expressa o primeiro destes dois movimentos (+ para -); a linha da dor N1N expressa o segundo movimento (- para +). Com o -, a dor, fica pago o seu débito ao +, satisfazendo o crédito do +.

Uma conseqüência desta oposição de contrários é que o homem da força que triunfa no mundo, é vencedor somente enquanto o ponto de referência é o AS, mas ele é derrotado em relação ao S, que representa o organismo maior e mais poderoso. Trata-se então de uma vitória em pura perda, como dizíamos, de um débito a pagar, de um empréstimo a devolver, mais exatamente de um roubo aos equilíbrios da Lei, roubo que perante a justiça de Deus é culpa que exige a sua penitência. O S está representado na Terra pelo homem do altruísmo e do sacrifício. O AS está representado pelo homem do egoísmo e da prepotência. Que S e AS não são teorias fora da realidade está provado pela presença destes seus dois exemplos vivos e concretos. O julgamento que o homem comum em geral faz desses dois tipos é lógico: às avessas, porque ele é filho emborcado da revolta e, por isso, o seu ponto de referência é o anticentro, negativo, do AS. O choque entre esses dois tipos é contínuo na Terra, como o da luz e trevas, da verdade e erro etc. O terreno da vida e da evolução é de luta entre a criatura e o Criador e ao contrário. Há inconciliável antagonismo, como diz o Evangelho, entre

os dois opostos: Deus e o mundo. Por isso Cristo falou que não se pode servir ao mesmo tempo a dois senhores. A tarefa da evolução é a de destruir o tipo separatista do homem da violência, substituindo-lhe pelo tipo colaboracionista do homem do amor. Este é o conteúdo do percurso da linha YX da evolução, como da linha N_1N.

Explica-se, assim, a psicologia dos santos e dos mártires do ideal, que ao mundo parece loucura. Eles vivem no caminho da dor, que é o trecho de regresso para a positividade, N1N, indo para a Lei, seu ponto de referência e objetivo. Para quem vive neste caminho, orientado nesta direção, a morte é vida. O homem comum não pode entender essa psicologia, porque está percorrendo o caminho oposto, o de ida para negatividade, NN1, que o afasta da Lei. Aqui o ponto de referência é o próprio "eu". Eis então que o sacrifício é perda, e a morte é morte. É lógico que esses valores sejam em função do seu próprio ponto de referência. E se esses pontos são opostos, é lógico que as mesmas coisas adquiram um valor oposto. É assim que a morte pode significar vida e a vida, morte. É assim que, quando o ser se encontra na posição direta de positividade, cujo ponto de referência é Deus, o "eu" universal, vive em obediência e em função do S, e a vida, então, tem valor de vida, e a morte, de morte. Mas quando pelo contrário o ser se encontra na posição emborcada de negatividade, cujo ponto de referência é o "eu" individual, em função do AS, a vida assim concebida tem de adquirir o valor de morte, e a morte valor de vida. Para quem vai do + para o -, é lógico que tudo seja às avessas de quem vai do - para o +.

Eis um exemplo que nos mostra como a mente humana, ainda emborcada no AS, é levada a conceber tudo às avessas: as religiões concebem a ressurreição de Cristo como um milagre (prova de sobrevivência), encarando-a como prova da morte. Ela é prova de vida para a psicologia do involuído do AS, porque para ele a vida está no corpo; mas ela é morte para a forma mental do evoluído, porque para ele a vida está no espírito. O dato de que o homem concebe a ressurreição de Cristo como prova de vida física, demonstra que ele concebe como positivo o que é negativo, julgando ser vida o que é morte. Somente pode fazer isto o ser que está situado na negatividade do AS. Para o ser situado no pólo oposto (+): o corpo (-) representa apenas a forma, a casca que aprisiona o espírito, não vida mas morte, o abismar-se da positividade na negatividade. O mito da ressurreição de Cristo, satisfazendo o instinto do homem, deifica este produto da negatividade, a matéria, levando-o para fora da Terra, o único ambiente onde ele pode ter uma razão de existir, razão que não há nos céus.

Que a maior paixão de Cristo consista em ter descido até à matéria, isto é inconcebível. Mas que Ele tivesse de levar consigo aos céus as ferramentas da sua maior tortura, é difícil compreender. Tanto mais isto é verdade, que essa sobrevivência nos céus, dum corpo feito só para a Terra, e em nada proporcionado ao seu ambiente, implicava o fato de o espírito de Cristo continuar morando aprisionado nele, a não ser que o colocasse dc lado como uma relíquia sem vida, outro cadáver para enterrar. Então essa ressurreição não seria a continuação da vida de Cristo, mas a do seu aprisionamento na negatividade da matéria, o que para o espírito é morte, Impor a Cristo essa condenação para sempre, mesmo depois de Ele com a morte ter atingido a libertação, é crueldade demais, E sem essa libertação pela destruição do corpo físico, como podia com o invólucro de animalidade humana voltar ao Pai?

O homem, porque vive na negatividade do AS, acredita que a vida e o "eu" consistam no corpo. Para ele a morte é morte e não libertação. A verdadeira ressurreição está nessa destruição material, que liberta o espírito. A sobrevivência física é morte. Mas, para o homem que concebe a sobrevivência às avessas, é necessário que esse corpo saia do túmulo, para

continuar vivendo. o homem concebe tudo à sua imagem e semelhança, porque não pode pensar senão com o seu cérebro e a sua forma mental, que é filha do plano físico onde ele se encontra. Tudo o que sai desse seu mundo desaparece como morto, não existe mais, porque não é percebido. As idéias do homem saem do seu cérebro para satisfazer as suas necessidades. Ele assim tudo transforma em mito para o seu uso conforme as suas exigências mentais. E isto é justo porque as religiões são feitas para o homem. O mito é uma adaptação dos fatos às necessidades de sua psicologia humana, que assim os transforma. A verdade é outra coisa, que existe de modo independente da maneira como o homem a vê. Prova-o o fato de que as interpretações que dela o homem faz mudam e evoluem com o seu cérebro, o que prova o ponto de referência é o "eu" humano. Isto quer dizer antropomorfismo, que é egocentrismo, demonstrando que o ser humano pertence ao AS.

O mundo, pelo fato de que está imerso no AS, é ignorante E por isso que vive enganado e acredita que a vida, seja vida, enquanto é morte, que o caminho da desobediência o leve à felicidade, enquanto o leva à dor. E quanto mais ele se apega a essa sua vida de emborcado em busca de gozo, tanto mais se aproxima do sofrimento. Tudo isto se explica com plena logicidade e justiça, porque para quem vive na negatividade, não observa senão o contrario do que aparece, porque todas as afirmações se tornam negações. Por isso o mundo foi definido como a Grande Maya[2] ou ilusão. Quem tem a sua forma mental, que é emborcamento na negatividade, ao invés de vida encontra a morte.

Acontece que, quando o herói da forca acredita obter vida vencendo na Terra, de fato ele obtém morte, porque endividando-se, depois tem de pagar; com a violência lucra e triunfa, mas involuindo, isto é, descendo a dor do AS, positividade aleatória que é dívida de negatividade, vida temporária que amarra à necessidade de morrer. E quando o mártir do sacrifício perde vida vencido na Terra. de fato ele ganha vida porque dá, assim adquirindo crédito, pelo qual terá de ser compensado; com a bondade e o seu sofrimento perde, é vencido, mas evoluindo, sobe para a felicidade do S, positividade estável que não é empréstimo a devolver, vida eterna. onde a morte não existe. O primeiro método parece certo, mas esta errado porque é contraproducente, isto é, gera dano ao invés de vantagem. O segundo método parece errado, mas está certo porque é produtivo, isto é, gera verdadeira vantagem e não dano como parece, e não pode ser de outro modo. No terreno do emborcamento não pode existir senão verdade às avessas, isto é, engano. Tal é o método do mal, o de prometer vantagem, e fazendo o contrário.

E lógico que as vitórias do mundo sejam contraproducentes, porque o caminho é o da negatividade. Os triunfos do mal são como o afirmar-se da vida do câncer. Quanto mais ele cresce e vence, tanto mais se aproxima da morte, porque é negativo, não tem vida própria e não pode viver senão destruindo a vida dos outros. Esta é a automática punição dos vencedores à custa dos outros, dos que com a força ou a astúcia, quereriam furtar-se à justiça da Lei. Nada se pode ganha ganhar com o roubo. O que é fictício não pode dar senão frutos fingidos. Mais cedo ou mais tarde cada um tem de ficar reduzido aos seus valores substanciais. O que é negativo e quereria viver à custa da positividade dos outros, tem de acabar aniquilado no vazio da sua negatividade, Quem age, positivamente, ganha vida, quem age, negativamente, ganha morte. O primeiro evolui para o S e vai-se enchendo de vida e enriquecendo de todas as qualidades positivas. O segundo involui para o AS e vai-se esvaziando de vida e empobrecendo de todas as qualidades positivas e adquirindo as negativas. Por isso, como já há pouco nos referimos, as conquistas do mundo nunca chegam a satisfazer a insaciável fome de nossa negatividade.

O vencedor no mundo não é vencedor'. Na sua vitória está a sua condenação, porque

---

[2] **- Termo sânscrito: engano, apar6encia (N. da E.)**

com ela ele penetrou mais e se tornou rei no reino do AS, que é o reino das dores. As vitórias humanas vacilam e acabam caindo, porque não têm base Não se pode adquirir coisa alguma furtando-a aos equilíbrios da Lei. A felicidade só pode ser atingida permanecendo-se na ordem do S, com o método positivo. Pela própria estrutura do fenômeno, com o método da negatividade, nunca se poderá encontrar senão felicidade emborcada, isto é, dor. A condenação do rebelde está no fato de que ele não pode seguir outro caminho. A sua meta natural e fatal é o fracasso, Furtar felicidade não pode dar felicidade, mas carência de felicidade. A punição está no fato de que o rebelde pela sua própria posição tem de acreditar no absurdo, e na possibilidade de se realizar alguma coisa ao negativo. Com o método da revolta se pode atingir somente a falta do que procuramos. O absurdo está em acreditar que equilíbrios estáveis se possam manter a poder da força e não com a justiça. A primeira gera desequilíbrio ainda maior. enquanto a segunda vai gerar o verdadeiro equilíbrio. Com a mentira não se pode encontrar a verdade, posições estáveis não se podem basear sobre valores falsos. Só com a sinceridade e honestidade se pode construir. Com a astúcia e a mentira se pode realizar apenas uma pseudo-construção, que parece construção, mas é destruição. Os efeitos não podem ser de natureza diferente das causas que os geraram.

É lógico que a felicidade do mundo acabe no sofrimento. É lógico que ao procurar a felicidade em direção negativa, não se possa encontrar senão felicidade ao negativo, isto é, sofrimento. Com a revolta o ser saiu desse estado feliz que no S é natural, espontâneo, fundamental, e caiu na carência dele, guardando no instinto a saudade insaciável do seu estado de origem. A fuga do S, como da Lei, é uma procura de satisfação fora da posição certa. Por que NN_1 é a linha do erro, a procura de felicidade em sentido emborcado é lógico que gere dor. Quando o movimento chega em N1, atinge a plenitude da negatividade e o ser caiu em cheio no inferno da dor. Para libertar-se deste e não sofrer mais, não tem outro caminho senão o do regresso ao seu ponto de partida, percorrendo às avessas para a positividade o trajeto que foi percorrido para a negatividade. O esforço da subida tem de pagar a fácil descida, a luta no sofrimento tem de compensar o roubo de alegrias não merecidas. Só o trabalho de reordenação na ordem poderá libertar o ser da desordem que o atormenta.

Só nos apercebendo que vivemos num mundo emborcado. podemos compreender essas verdades e encontrar uma explicação das ações humanas e seus resultados. Nesta posição a verdade parece erro e o erro verdade. As conquistas reais fazem-se obedecendo a Deus, na ordem da Lei, e não impondo-se à força ao próximo com o próprio egoísmo; a riqueza conquista-se com o desapego e o desejo de usá-la para o bem dos outros. As aparências nos mostram a face oposta à da verdade: o que é absurdo se apresenta como lógico; o que é lógico se apresenta como absurdo. Mundo estranho em que tudo está disfarçado em formas enganadoras, e as portas se fecham, abrindo-as, e se abrem, fechando-as. O corpo em que vemos a vida representa a morte de nosso verdadeiro "eu" espiritual, e o fim deste corpo, isto é, o que chamamos de morte abre as portas à vida.

As religiões e a ética conhecem e ensinam estas conclusões, dirigindo a nossa conduta, nos mostram o caminho da salvação. Não dizem a razão pela qual temos de segui-lo, parecendo não saber por que isto acontece e o que justifica essas normas, qual é o jogo íntimo do fenômeno de nossa redenção que estamos vivendo e por que temos de realizá-la. O fato é que o ser se encontrava no paraíso do S, e que pela desobediência saiu dele e caiu de cabeça para baixo no inferno do AS. O ser está agora saindo deste inferno e tem de reconquistar o paraíso perdido, atravessando um purgatório de penitência constituído de um imenso oceano de dores. Estamos encontrando sempre novos fatos que nos confirmam esta teoria.

V

PRINCÍPIOS DE UMA NOVA ÉTICA

Antes de continuar a nossa pesquisa no terreno da ética, paremos um pouco para nos orientar. O nosso caminho se dirige do universal para o particular, do tronco para os ramos. Depois de ter explicado as teorias gerais nos nossos livros: *Deus* e *Universo* e *O Sistema*, agora entramos no terreno das suas conseqüências práticas. Isto é útil porque aproxima o absoluto de nosso relativo, transforma os longínquos princípios abstratos em normas práticas à nossa vida. É necessário, porém, não perder contato com aqueles princípios fundamentais, porque se nos afastarmos daquele fio condutor que tudo orienta, há o risco de nos perdermos no labirinto das particularidades de que está feita a realidade dos fatos. Ficaremos imersos na ilusão das aparências da superfície e nos escapará o verdadeiro sentido das coisas.

Eis então as linhas gerais de nosso caminho, no qual procuramos conciliar as duas exigências opostas. A primeira visão apareceu na sua forma mais abstrata no livro: *Deus e Universo*. Aí a concepção é cósmica, científica[3] esquemática, fria, tão acima da realidade de nosso mundo, que parecia não ter contato com esta, nem relação possível para nos interessar. Por isso esse livro não foi compreendido, porque ele, iniciando das primeiras origens, ficava no terreno do absoluto, longe de nosso relativo, não no concreto, mas no abstrato, não no prático, mas no teórico, não no particular, mas no universal; ficava bem afastado da realidade que nos cerca e, por isso, melhor compreendemos.

Continuando, porém, no mesmo caminho, eis que o segundo volume, *O Sistema*, se aproxima de nosso mundo, para nele encontrar as primeiras conseqüências concretas e particulares dos princípios abstratos e universais do primeiro volume. A maneira de tratar o assunto humaniza-se então, aproximando-se cada vez mais da forma mental humana, apoiando-se nos seus pontos de referência. Por isso esse livro foi melhor compreendido.

Por esse caminho chegamos ao presente volume: *Queda e Salvação*, no qual a primeira visão, atingindo as suas últimas conseqüências, se enxerta em cheio e se funde em nossa vida humana, como lei de salvação. Podemos agora explicar-nos como estamos no momento presente chegando a este ponto final de nosso caminho, e a sua ética; podemos compreender como, depois de ter nos outros livros falado da teoria geral da criação, acabamos agora falando da conduta humana, do erro e da dor, da Lei e da redenção. Eis o valor prático e o fruto concreto das abstrações do livro: *Deus e Universo*.

O caminho foi longo, mas era necessário percorrê-lo todo, porque se não tivéssemos começado das primeiras origens das coisas, não teria sido possível chegar a esse tipo de ética, isto é, não empírica e arbitrária, mas ética racional, justificada pelo fato de que, por lógica dedução, ela desce dos princípios absolutos de Deus e da Sua primeira criação. Se quiséssemos traçar o fio condutor que liga esses três livros, poderíamos dizer que eles representam o mesmo caminho pelo qual Deus vai progressivamente sempre mais se aproximando de nós. Esta ética é a etapa final, o ponto de chegada deste caminho, é o momento em que Deus aparece entre nós vivo na Sua Lei, para nos salvar, dirigindo-nos e impulsionando-nos para o S. É assim que da teoria da queda chegamos à demonstração desta nova ética racional, que constitui o objetivo deste livro.

O mundo precisa desse novo tipo de ética, bem sólida, porque de um lado derivada dos princípios fundamentais que regem o universo, logicamente apresentados, que a demonstram e sustentam, e de outro lado concorde com os fatos de nossa vida prática, que ela

explica até às suas primeiras causas, fatos que nesta ética confirmam os princípios universais.

A ética hoje vigorante em nosso mundo, e as regras de vida que de fato o homem para si estabelece. não são produtos nem da lógica nem do conhecimento, mas são desabafo de instintos, produto do subconsciente. O ponto de partida desta ética é a fera, o seu ponto de referência é a animalidade. Pelo próprio fato de que a ética ensina a superação do nível biológico da fera, com isso ela reconhece e prova que o homem pertence a esse plano de vida. Quando os mandamentos dizem: "não matarás", com isso significam que o desejo do homem é o de matar, e quem quer agir assim é fera. Tanto isto é verdade, que o homem, apesar de todas as leis e sanções penais e religiosas, continua matando. A ética representa uma tentativa de regular, disciplinar, apagar esses instintos, que demonstram o seu conteúdo fundamental.

As grandes massas humanas vivem nesse nível. Estes instintos encontram-se momentaneamente adormecidos, pois estão sempre prontos a reaparecer, como vimos nas últimas duas guerras, e também fora do terreno bélico, como cada dia vemos na delinqüência. E o que constitui as verdades que vigoram na prática, é a da maioria a cuja vontade os chefes mais iluminados têm de adaptar-se se querem ser obedecidos, caso eles não sejam da mesma raça e mão possuam os mesmos instintos. Infelizmente o homem não é de forma alguma civilizado. Se ele assim se considera, é por orgulho. A civilização é apenas um verniz colocado na superfície, pintado por fora. Nos fatos o homem vive a lei a sua animalidade.

Isto não quer dizer que não exista na Terra uma ética superior. Mas ela não é produto do homem, desceu do Alto por revelação, ditada a seres superiores excepcionais que no-la ensinaram. Mas esta é a ética oficial, a que está nos livros e nas leis, a que se prega, não a que se pratica. Ela representa uma tentativa para civilizar o animal humano. A este convite e ajuda do Alto para se melhorar e subir, os instintos inferiores gravados no subconsciente responderam com o método dos rebeldes do AS, lutando para eximir-se do esforço evolutivo, para se evadir desse jugo e libertar-se desse constrangimento. Os seres inferiores, ainda criaturas de AS, apegados à sua forma mental de rebeldes, procuraram, pelo contrário, aprender a arte de esquivar-se da disciplina. Da escola da ética saiu uma contra-escola às avessas, a da sabedoria dos emborcamentos, própria do AS, a da sabedoria das adaptações, sagacidades, astúcias e escapatórias. Seguindo o instinto fundamental que é o do egocentrismo, ao invés de praticar as virtudes para se melhorar, a ética se emborcou na procura e na perseguição dos defeitos do próximo. Assim o homem conseguiu emborcar a lógica do S, na do AS. Infelizmente o maior trabalho de todas as formas de cristianismo na Terra, isto é, dos seguidores de Cristo. em última análise se transforma, em grande parte, na arte de enganá-Lo, logrando a Deus por achar que aprendeu a evadir das Suas leis e respectivas sanções. Como verdadeiro cidadão do AS, o homem preferiu colocar-se na posição de luta contra a Lei do S, não para se transformar conforme os seus ditames mas para torcê-la, adaptando-a aos seus instintos inferiores. Assim a sabedoria dos deveres se tornou, nas mãos do homem, a sabedoria das escapatórias.

O homem acabou criando para si um Deus à sua imagem e semelhança, conforme a sua forma mental e instintos. Tudo isto foi trabalho despercebido, fruto de instintos, feito sem querer, nem saber, sem má fé, trabalho realizado no passado quando o controle positivo das ciências psicológicas que analisam esses fenômenos era desconhecido; trabalho profundo do subconsciente das massas, do qual as próprias Igrejas fazem parte, porque elas no seu conjunto não podem ser constituídas por biótipos diferentes do comum.

Aconteceu deste modo porque, na luta entre o ideal e o homem, quem no momento venceu na Terra foi o homem. A ele pertencem o passado e o presente, ao ideal somente o futuro. O homem criou para si, apesar das revelações das religiões, uma idéia absurda de Deus,

vigorante na prática, produto da forma mental do homem, a única que ele sabe compreender porque cor responde aos seus instintos. A lei dele é a luta pela vida, que impõe a necessidade de vencer se quiser sobreviver. Donde o instinto fundamental do homem de se afirmar contra todos. Eis então que o Deus concebido pelo homem, para ser obedecido, tem de ser antes de tudo o mais forte, o todo-poderoso no sentido humano de arbítrio, embora se contradizendo, impondo com o milagre uma correção à Sua própria Lei, efeito do capricho duma vontade desordenada inadmissível na perfeita organicidade do universo. Este Deus pode operar graças à vontade, fora da lógica e dos justos equilíbrios do merecimento. Ele é respeitado não pela Sua inteligência, justiça e bondade, mas porque está armado de punições infernais eternas. Isto revela o homem primitivo que não raciocina, não age por convencimento porque compreendeu, mas só pelo terror do seu prejuízo. Este homem não pode ser dirigido pelos caminhos duma inteligência que ele ainda não desenvolveu, mas só pelo temor do mais forte: temor que gera o desejo de escapar à força de Deus. Eis então que Ele se tornou um pobre ser, enganável com astúcias, susceptível de ser amansado com sacrifícios, ofertas e preces.

Ninguém pode sair da sua forma mental e conceber mais do que a sua ignorância permite. Se a psicologia do homem é a de subjugar o fraco e enganar o simplório, e se não possui outro cérebro senão este, como pode ele compreender que Deus está completamente acima desta forma mental? Outro Deus representa para ele um inconcebível. De tal cérebro humano, filho das necessidades da vida material e feito para resolver os problemas desta, não podia sair outra concepção a não ser esta. O homem comum pensa: quem é o mais forte seja também o mais perigoso, porque a experiência com a qual ele construiu a sua forma mental lhe ensina que quem tem o poder nas mãos costuma fazer dele um uso egoísta, só para a sua vantagem e o dano dos outros. Os chefes que o homem conhece na Terra são, na maioria dos casos, dominadores que escravizam e exploram os seus súditos. Os cidadãos, por experiência milenária, consideram os governantes como patrões, seus naturais inimigos, como o é cada dono para o seu criado. Então é dever defender-se, é mérito e valor usar a inteligência não para obedecer, mas para torcer tais leis inimigas, a elas escapando com a astúcia.

Eis o que está no cérebro do involuído. Mas logo que se desenvolver um pouco a inteligência, aparece o absurdo de tudo isto. Deus não é de maneira nenhuma um chefe desse tipo, Ele não domina para escravizar e explorar as Suas criaturas, as Suas leis são sábias, e benfazejas, obedecer a elas não é dano, mas vantagem. Tal Deus é muito inteligente, justo e bom. Pode-se falar com Ele, porque sabe bem compreender, e o homem honesto nada tem o que temer Dele. Ele não está morando nos céus qual soberano no meio da Sua corte, olhando de longe para o nosso inferno selvagem só para receber na Sua glória egoísta as nossas humildes homenagens. Mas Ele está sempre presente, vivo entre nós operando ao nosso lado, tomando parte na vida e nas dores dos Seus filhos; não precisa de ministros e intermediários hierárquicos para nos comunicarmos com Ele, e quando falarmos de coração aberto e tivermos o ouvido bastante sensibilizado para ouvir a Sua voz profunda, Ele responde, dizendo-nos coisas maravilhosas, bem diferentes das que dizem os homens. Descortina-se então um mundo novo, que a Terra não conhece e onde tudo é claro, justo e bom, duma sabedoria e duma beleza indescritíveis. Aparece então todo o absurdo da corrente concepção de Deus, pela qual não se pode chegar à obediência a não ser pelo caminho do terror, como exigem os selvagens, enquanto, pelo contrário. é vantagem e festa tornar-se, mesmo que seja em medida mínima, conforme as próprias forças, operários colaboradores de Deus na grande obra da evolução redentora da criatura decaída.

Se o homem concebe tudo às avessas, isto é devido ao fato de que ele está situado no AS. E a sua posição de emborcado que o leva a imaginar um Deus emborcado, que domina à

força, que faz mau uso do Seu poder, nos atormentando com punições dolorosas, enquanto a causa dos nossos sofrimentos não é Deus nem a Lei Dele, mas a nossa desordem e desobediência a Ele e à Sua Lei. Deus não pune. Somos nós que nos punimos a nós mesmos. Somente nós que estamos no AS podemos fazer alguma coisa de negativo, que vai contra a vida e a nossa felicidade. Representa o maior absurdo acreditar que alguma coisa desse gênero possa sair das mãos de Deus, que existe no S, representando o centro de toda a positividade. Mas quem está situado no AS não pode conceber tudo o que se encontra perfeitamente lógico no S, senão emborcado no absurdo de que está feito o AS. Tal é a lógica do AS, a lógica do absurdo. E é lógico também que a lógica do AS não possa sei. senão a lógica do absurdo.

Eis a ética atual e as suas bases psicológicas. O tipo de ética que aqui explicamos é diferente. Nela não há lugar para enganos. Encontramos finalmente uma ética sem escapatórias. Ela é sincera, evidente, claramente demonstrada. Nela funciona em toda a hora e lugar, automática e infalível, a justiça de um Deus, que não é fruto pequenino da forma mental do homem, mas está bem acima de nosso mundo, porque junto de Sua bondade. Deus é tão inteligente que não há astúcia humana que O possa enganar. Embora o primeiro desejo do homem seja o de aproveitar-se da bondade alheia, porque a julga fraqueza, Deus tudo isto previu e arrumou as coisas de maneira tão justa e perfeita, que Ele pode continuar infinitamente bom, sem que por isso seja possível aos seres inferiores explorar esta Sua bondade. Pelo contrário, como estamos demonstrando neste livro, substancialmente vigora uma lá de justiça, soberana e absoluta, pela qual tudo volta à fonte que o gerou e quem faz o mal o faz a si mesmo.

Quem entendeu a lógica e a técnica desse fenômeno sabe uma grande verdade que o mundo não conhece, ignorância que lhe custa caro, isto é, que fazer o mal nunca pode levar à própria vantagem, mas só ao próprio dano; sabe que querer ser astuto para lograr a Deus, significa só querer ser astuto para intrujar a si mesmo. Perante tal sabedoria da Lei as armas humanas da forca e da astúcia não têm poder algum. Finalmente a Lei corta as garras à fera e a justiça triunfa. Os inferiores podem gerar o inferno só para si. Que Deus se possa enganar é um absurdo em que só o involuído na sua ignorância pode acreditar. O que de fato vigora na substância é a lei do merecimento. Isto quer dizer o triunfo da sinceridade. bondade e honestidade, qualidades hoje tão desvalorizadas em nosso mundo que, seguindo a Lei do mais forte, as considera quase imperdoáveis fraquezas de doentes. Este é um Deus em que se pode confiar porque dá prova de ser de fato invencível, mais inteligente, cuja Lei não pode ser torcida: pode-se acreditar Nele e segui-Lo porque Ele sabe garantir a vida a quem segue a Sua Lei, que o inundo julga loucura; pode-se segui-Lo em segurança porque Ele é inviolável justiça que tudo retribui segundo o merecimento.

É interessante observar a técnica dessa luta em que, contra a força e a astúcia do homem, vence a sabedoria e a justiça de Deus. O ponto fraco do método do homem é a sua posição emborcada de cidadão do AS. Ele é forte e astuto, mas o seu egocentrismo separatista o expulsa do terreno do S, que é o do conhecimento, e o deixa isolado na sua ignorância. E no fundo dessa sua ignorância ele continua acreditando saber tudo. A revolta, filha do ego-centrismo, significa orgulho; e o orgulho tira a visão. Mas, apesar de cego, o homem se julga bem apto a dirigir-se. Isto o faz um alucinado que acredita nas ilusões do mundo, nas miragens criadas pelos seus desejos, pronto a cair em todas as armadilhas de que o seu ambiente terreno está cheio.

É o exagerado crescimento do "eu", é o orgulho deixando-o acreditar que bastam a força e a astúcia individual para vencer, sem levar em conta o fator merecimento. Mas só este pode constituir os alicerces firmes da construção de nosso destino e posição na vida, porque só

o merecimento representa o verdadeiro valor. Apoiando-se sobre estas bases certas, respeitando os princípios de equilíbrio e ordem da Lei, qualquer posição pode resistir, porque é real e não arrancada com a força ou fingindo fruto de mentira.

Sabemos que esta ética não pode satisfazer os fortes e os astutos do mundo, ser compreendida e aceita por eles, Mas somente pelos maduros que a merecem Nada se pode ganhar de graça e os que não fizeram o esforço necessário para subir, têm de ficar em sua ignorância, com erros e sofrimentos, até ter aprendido toda a lição, Seria fácil demais resolver o problema da evolução e salvação só porque alguém nos explicou o método com palavras. Os mestres ensinam, mas nós mesmos temos de fazer o trabalho de nosso amadurecimento, temos de aprender à nossa custa pagando as conseqüências dos erros para não cometê-los mais. É assim que os fortes e os astutos ficam surdos aos conselhos, e, acreditando saber tudo, não querem abrir os olhos para ver e, como é justo, ficam imersos no inferno que merecem. Acontece então que todos encontram no mesmo ambiente terreno as mesmas oportunidades e os mesmos perigos, mas cada um escolhe segundo o seu tipo, assim revelando a sua natureza e acolhendo as conseqüências que merece. E lógico que quem entendeu o jogo das ilusões da vida não cai mais nelas. É justo que quem tem cobiça seja por ela atraído e caia nos perigos e que os que não têm cobiça os evitem, porque isto é o que cada um merece e porque é bom que quem não sabe, aprenda.

Assim quem ainda não subiu tem de subir. Quanto mais o ser se encontra atrasado em baixo na escala evolutiva, tanto mais para ele a lei é a forca. Mas quanto mais ele progride, tanto mais esta se transforma em justiça. Assim à lei do "eu" separado e rebelde, se substitui a lei do "eu" organizado e disciplinado. A primeira é a dura lei do AS, a segunda é a do S. Tudo isto também é lógico e justo, e corresponde ao merecimento. Para quem com o seu esforço subiu, acima de todas as prepotências humanas funciona uma lei de justiça, que ninguém pode torcer ou enganar. Se o passado e o presente pertencem ao mal, por lei de evolução o futuro pertence ao bem, que não pode deixar de ser o vencedor final. Das profundidades da vida responde uma voz que satisfaz a procura desesperada dos honestos em busca de justiça. Esta voz nos diz que há para todos uma lei de justiça à qual ninguém pode escapar, torcendo-a ou enganando-a.

❑ ❑ ❑

Eis o conteúdo deste novo tipo de ética. Finalmente ao trabalho milenário do homem para torcer e adaptar as verdades eternas aos seus instintos inferiores e para enganar a Deus escapando às suas leis, é possível hoje contrapor uma concepção diferente da vida. em que o jogo contra a Lei é um absurdo anti-utilitário, perigoso e contraproducente. Finalmente um lugar onde há justiça, onde é possível ser sincero e honesto sem ter de pagar caro por isso. Finalmente alguém em que se pode confiar e colaborar com amizade, um amigo que ajuda e não um todo-poderoso que vive só para si, contra o qual teríamos que nos defender. Finalmente um Deus inteligente, não apegado à forma, mas que compreende a substância, que vive ao nosso lado, luta e sofre conosco, que com justiça imparcial é vencedor absoluto dos maus onde quer que eles estejam, sem favorecer grupo algum para condenar todos os demais. Caem assim as barreiras interesseiras humanas: cada um é julgado não pela sua posição terrena, mas segundo o que ele é e merece, e os maus ficam maus e pagam, e os bons ficam bons e recebem, qualquer que seja a sua nação, grupo, partido ou religião.

Deus não é chefe desta ou daquela hierarquia religiosa. por ela monopolizado, armado contra os deuses de todas as outras religiões. Ele é universal, abraça todos, sem preferências e

exclusividades; usa a Sua Lei e medida igual para todos. e não uma para um grupo e outro para os demais. Sua justiça está acima de todas as injustiças humanas. é universal e não particular; é amiga de todos os justos e não somente dos seguidores de um dado grupo. considerados bons, e inimiga dos seguidores de outros grupos. somente por isso considerados maus. Acabe-se com essa psicologia animal de vencedor e vencido, pela qual tudo o que o primeiro faz está certo, e o que o derrotado faz está errado!

Encontramos nessa ética uma verdade firme, positiva. acima da luta, dos poderes e dos enganados do mundo. Ninguém lhe escapa. Não adianta possuir comando de grande chefe, recursos econômicos, força bélica ou política, nem ser massa de povo que, representando à maioria, faz o que quer. Não há como fugir. As nações têm de pagar como os indivíduos. Ninguém pode fazer o mal impunemente. A Lei é um torno de ferro que nos prende a todos, nos aperta dentro do canal das conseqüências das nossas ações, ao longo da linha dos efeitos que têm de amadurecer, sem distância de espaço ou de tempo que os possa parar. Cada um tem de colher o fruto do que semeou. Têm de pagar os grandes os pequenos os homens de todos os partidos ou religiões. É a derrota dos finórios do mundo, contra os quais se levanta a lei do merecimento. O mundo quer outras verdades, em função dos seus interesses. Mas aqui encontramos uma verdade mais profunda que ninguém pode abalar.

Eis a ética por nós sustentada. Ela representa uma revolta à revolta, uma reação contra o AS, para voltar ao S. Isto significa trabalho de retificação para chegar à salvação. Procuramos aplicar à ética o método positivo da lógica, para convencer os que sabem pensar, oferecendo um produto de razão iluminada e não dos instintos do subconsciente.

Estamos percorrendo o caminho da reconstrução. Com a revolta, o "eu" da criatura (menor), que no S existia em função de l)eus (maior), quis realizar o absurdo que Deus (maior) existisse em função do "eu" da criatura (menor) . Esse absurdo, isto é, que o maior possa existir em função do menor, constitui o ponto fraco do AS, o que nos garante a vitória final do S. Esse contraste, que lemos agora observado entre dois tipos de ética, expressa em nosso pequeno mundo a cisão e a contraposição dualista entre S e AS. Também o AS tem a sua ética, que é a do mundo. E nós sustentamos, em contraposição a ela, a ética do S. Ora, se a vitória do S está garantida, o mesmo acontece com a ética. Isso significa que ela está destinada a vencer a do mundo, que com o tempo terá de ficar abandonada nos níveis inferiores da evolução.

Essa nova ética não é novo invento, porque, na substância, não é senão a do Evangelho. É, porém, um Evangelho racionalmente demonstrado, compreendido na sua lógica férrea e profunda, e sobretudo tomado a sério para ser vivido e não somente pregado. E é lógico que o Evangelho se encontra na linha que vai para o S. Esta ética não pode então deixar de repeti-lo. Ele, porém, aqui adquire outro sentido e importância. Ele se universaliza, sai dos limites de uma religião e se torna lei biológica, psicológica social, entrando no terreno positivo da ciência, que não poderá mais como até agora, afastar o problema como o seu agnosticismo. Assim entendida, a doutrina de Cristo não é somente produto histórico, fruto de uma casta sacerdotal, bastando pertencer a outra religião ou ser ateu para não ter mais valor; ela é fruto vivo da vida em evolução, fenômeno sempre presente e atual. O Evangelho expressa uma lei biológica que terá fatalmente que se realizar no futuro. Trata-se de princípios universais, em que neles, acima de tudo, o homem pode acreditar, pensar e realizar-se. São princípios que permanecem independentes de sua aceitação e que ninguém pode alterar ou destruir.

Trata-se de uma ética universal, hoje vigorante na Terra, como caso particular no tempo e no espaço. Nem ela é concebida como fenômeno estático, mas em evolução, como é

tudo o que existe no relativo. A ética do mundo é então relativa e progressiva e, no seu estado atual, representa apenas um nível de vida ou degrau da escada de subida que do AS vai para o S.

Assim se deslocam as nossas concepções comuns da ética. 'Ela se torna um momento do fenômeno do transformismo universal. É assim que, como já mencionamos, cada plano de vida tem a sua ética diferente. As feras têm a sua ética que não é a do homem. Este tem a sua ética que não é a do super-homem. Dessa forma, desde os mais baixos níveis que se abismam no AS até aos mais altos que S levantam para o S, a ética, concebida no sentido mais vasto, de ordem e regra que dirige a vida do ser, se vai transformando, assumindo qualidades diferentes conforme a sua posição mais atrasada ou adiantada ao longo do caminho da subida, ou regresso do universo decaído para Deus. Eis então que a vemos tornar-se tanto mais determinística e compulsória quanto mais o ser que ela rege se encontra em baixo, perto do AS; e tanto mais livre e convicta, quanto mais o ser que ela rege se encontra no alto, perto do S. Fenômeno que tem a sua lógica e razão profunda.

Não foi Deus quem tirou a liberdade do ser, quando este involuiu pela revolta. mas foi o próprio impulso do ser que tudo emborcou; por ter iniciado um caminho às avessas, não pôde deixar de tudo emborcar, inclusive a sua liberdade na escravidão do determinismo, que é o seu oposto - A vontade do ser rebelde era de destruir a Lei para se lhe substituir - Mas ela estava acima de toda tentativa de destruição - Aconteceu então que o ser conseguiu só emborcar a sua posição dentro da Lei e relativamente a sua liberdade. Todavia a Lei ficou de pé, mas para o ser não se conservou jia forma livre do S, e sim na forma compulsória do AS. Tanto mais o fenômeno ocorreu, quanto mais o ser se aprofundou no AS. Eis a lógica e a razão desse fenômeno.

Tornou-se assim constrangimento á força o que antes era livre aceitação. O ser pôde transformar a ordem em caos no AS, mas além deste a ordem ficou íntegra para lhe impor o regresso do caos à ordem, deterministicamente, impondo ao rebelde louco a sua salvação. Não se pode admitir o absurdo de um Deus vencido pela Sua criatura, a parte ser mais poderosa do que o todo, uma revolução que pudesse sobrepor-se ti Lei e destruir a obra de Deus -

Esse fenômeno se explica também como o lato de que com a queda e involução a linha da livre expansão do ser se foi sempre mais curvando sobre si mesma, o seu dinamismo se foi contraindo numa cinética sempre mais apertada em si mesma, até atingir a forma de movimento fechado nas trajetórias do átomo - Os seus elementos não podem sair delas, escravos completos das leis da matéria. Esta é a sua ética, obediência forçada no AS, nos antípodas da obediência livre dos espíritos no S. Os cristais têm de orientar as suas moléculas e moldar as suas formas conforme modelos exatamente pré-estabelecidos. Esta é a sua ética. No mundo inferior da matéria não se concebe desobediência. Ninguém pode desobedecer à Lei, isto é, a Deus. A obediência se realiza sempre: no AS como no S, mas no AS às avessas, sem liberdade. Assim o resultado automático da revolta foi para o ser ficar aprisionado no determinismo. No homem, que está subindo ao longo do caminho da evolução, há liberdade, mas limitada e logo que cometer erros, serão sempre corrigidos à força pela dor. Permanece a regra geral: perde-se toda a vantagem, logo que se fizer mau uso dela. Quem quer emborcar, acaba emborcando. A violação da Lei gera dor.

Tudo se vai transformando com a evolução. Quanto mais o ser sobe na escala evolutiva, tanto mais o determinismo se abranda e suaviza, tende a desaparecer, reabsorvido na liberdade que sempre mais se amplia, se expande e prevalece, à medida que o ser se avizinha do seu estado de origem. A planta se liberta mais do que o mineral, o animal mais do que a

planta, o homem mais do que o animal. independência e amplitude de movimento cada vez maior, da água dos mares à superfície da Terra, á atmosfera com o vôo, e agora no mundo planetário. O homem possui_uma vastidão de escolha que os animais regidos pelo instinto não conhecem, mas isto só na sua parte mais adiantada, a espiritual, enquanto nele sobrevivem os determinismos, que ele tem de aceitar, dos mundos inferiores (estrutura atômica e molecular na parte mineral, o metabolismo no nível vegetal, os instintos no nível animal). A grande liberdade começa a aparecer só em cima no espírito, gradativamente, em proporção ao desenvolvimento deste, tanto mais quanto mais o ser se aproxima do S. Como a nossa ética e mais adiantada que a das feras, assim a do homem de amanhã será mais adiantada que a do homem de hoje, que as gerações futuras julgarão selvagem, como nós julgamos os nossos antepassados das épocas primárias . Quanto mais o ser sobe, tanto mais ele se torna consciente e com isso cada vez menos coupulsoriamente e mais livremente obediente à Lei. Assim se vai transformando essa ética universal do seu ponto mais baixo no AS, até ao seu ponto mais alto no S. Não é estranha essa maneira de conceber a ética, porque tudo o que existe está fundido em Deus numa só Lei unitária.

Chegamos assim ao conceito duma ética cósmica, em que se revela a presença universal da Lei de Deus, ética que nos seus níveis diferentes sustenta, em todos os seus andares, o edifício do ser, regulando a existência e dirigindo a evolução para reorganizar o caos na ordem. Ela representa a assistência contínua de Deus, no Seu aspecto imanente, ao lado e em favor do ser para que ele siga o caminho fatal de sua salvação. Ética viva, inteligente, sempre em ação. Ela dirige o contínuo transformismo do relativo, operando pouco a pouco, tudo disciplinando, para reconduzir o caos ao estado orgânico do S. Neste tudo estava a devida ordem. Se a revolta tudo deslocou na desordem, é por esse caminho que tudo vai voltando àquela ordem. Os egocentrismos separados, filhos da revelia, têm de fundir-se para colaborar em unidades coletivas sempre maiores até reconstruir a organicidade do Todo, voltando ao S.

Ética estupenda que desce do infinito e do absoluto. Ela expressa a suprema vontade de ordem contida na Lei de Deus. Ética global, presente em todos os níveis da evolução, em formas diferentes, cada uma adaptada à posição de cada ser. Temos assim diversas formas de manifestação da ética: atômica, molecular, celular, dos grupos celulares reunidos em tecidos, de cada órgão, para cada organismo no seu conjunto, do sistema nervoso e cerebral, dos sentidos, psíquica, espiritual, reguladora da ordem de uma determinada unidade. Assim todo os seres, caminhando na grande marcha da evolução, são orientados para um objetivo único, e embora adaptando-se às exigências de cada caso particular do relativo. a Lei, dirigindo-os todos por um mesmo princípio, os leva para a unidade.

Agora na Terra está nascendo a nova ética social, internacional, mundial, que terá de reger em unidade o novo organismo coletivo da humanidade. Se a ética do homem primitivo do passado teve de basear-se no princípio da seleção do mais forte, que 1eva à agressividade e à luta, e se ao ter usado essa ética o homem atual deve o fato de ser o vencedor, dono do planeta, eis que hoje os objetivos que a vida tem de atingir são diferentes e por isso tem de mudar- a ética que dirige a conduta do homem. Assim apareceu a civilização com as suas leis civis e religiosas, e com isso uma nova ética, pela qual furtar e matar, que no mundo selvagem eram virtudes do mais forte, são pelo menos em alguns casos oficialmente reconhecidos como culpa e crime. Isto porque a humanidade começou a encaminhar-se para o estado coletivo social orgânico o da convivência pacífica na_colaboração. A humanidade, sem dúvida, está atingindo um novo plano de existência, com a mudança das regras que a dirigem: ética diferente, porque tem de atingir finalidades mais adiantadas, sendo necessário conquistar outras qualidades com outras normas de conduta. Eis por que o Evangelho que as representa não tem,

como há pouco dizíamos, somente um significado religioso, mas também social e biológico. Está sendo construída hoje a nova unidade coletiva constituída pelo estado orgânico da sociedade humana, fato que requer uma nova ordem e uma nova disciplina de cada indivíduo em função do interesse comum: conceitos antes desconhecidos e contraproducentes, hoje úteis e que por isso se valorizam, virtudes novas, mas adiantadas e inteligentes, que tomam o lugar das velhas, da força individual, desorganizada e destruidora, velhas virtudes superadas, socialmente negativas e criminosas, inadmissíveis nas novas condições de vida

Ética diferente, em função de outras finalidades a atingir, porque a vida nunca pára no seu trabalho de construção e agora quer levantar um outro andar do seu edifício e levar o homem para um mais alto plano de existência regido por leis diferentes, que têm de sobrepor-se ao passado, até apagá-lo. Assim o método da luta entre egoísmos separados se tornará cada vez mais antivital e por isso condenado e repelido como desordem perigosa dentro da harmonia da nova ordem, dentro da qual é vantagem e interesse de todos ficar unidos em colaboração. A evolução progride pelo caminho da organização em unidades coletivas, cada vez mais vastas e complexas, dos seus elementos. O ponto final desse caminho é o estado orgânico completo do S, que abrange em unidade fundida em Deus todos os seres do universo O período da descida foi uma queda no separatismo, ou pulverização da unidade do S, num caos desordenado de elementos, no AS. O atual período de subida é representado por um inverso processo de reunião e fusão dos elementos separados, no originário estado orgânico do S. A humanidade não pôde deixar o caminho da evolução universal e agora tem de galgar um novo degrau em sua escada ascensional.

Eis a razão positiva pela qual chegou a hora do Evangelho, razão também científica, porque ele representa a lei biológica no novo nível evolutivo que o homem agora tem de atingir. O Evangelho é exatamente a lei do "ama o teu próximo", isto é, da convivência pacífica, da colaboração, do altruísmo que funde os egocentrismos rivais até agora em luta. O biótipo, modelo da raça, julgado o melhor, será quem tiver perdido as qualidades desagregantes do involuído egoísta de hoje, as virtudes da fera, substituindo-as pelas do homem civilizado.

E para explicar esse fenômeno e orientar o homem neste sentido, obedecendo às leis da vida, que aqui estamos falando no momento histórico e~ que a evolução está amadurecendo os novos destinos da humanidade. Tudo está pronto para se realizar, e se realizará esse novo destino, logo que a inteligência humana se desenvolver bastante para chegar a compreender.

❑ ❑ ❑

Uma das características da ética deveria ser preventiva e não repressiva. É inútil chegar depois que o mal foi feito. Uma ética eficiente previne e evita o mal, impede que ele se realize, mais do que reprimi-lo depois com a punição. E o que acontece no S, onde a Lei estabelece qual tem de ser a ordem, os seres compreendendo e obedecendo, e o mal não se verificando. Estamos no terreno da positividade, onde não há lugar para nenhuma forma de negatividade: o mal e a sua punição e repressão. Aqui tudo está previsto e prevenido e naquela ordem a desordem não pode nascer.

Nós existimos nos antípodas, no AS, onde prevalecem princípios opostos. A mesma Lei de Deus irradia do S para o AS, aqui também presente, impulsionando para a sua ordem, mas o biótipo que aqui mora é um rebelde, que quer impor a sua vontade contra a da Lei e, apesar de ser à sua custa, pode fazê-lo, porque ele é livre. Estamos aqui no terreno da revolta, da desordem e da luta. Só o fato de que este é o tipo de ética vigorante em nosso mundo, constituiria uma prova bastante para demonstrar a teoria da queda.

Nós explicamos assim, porque a nossa ética não é filha da compreensão que espontaneamente evita o mal, mas é filha da luta; em vez de ser uma ética positiva, altruísta e educativa, cujo objetivo é realizar o bem, é uma ética negativa, egoísta e defensiva contra o prejuízo do grupo. Vemos aqui revelarem-se os dois métodos opostos: o do S e o do AS. A nossa ética é também educativa ma na forma emborcada que revela a posição do rebelde do AS, isto é, educativa não a priori, mas a posteriori, deixa o mal acontecer e depois intervém para corrigi-lo . Em outras palavras: para respeitar a liberdade de um ser rebelde, lhe é permitido errar e depois endireitar o erro por intermédio da dor. E é lógico que no mundo do AS, emborcado na negatividade, não haja outro caminho para chegar ao bem, a não ser o da dura lição de sofrimento.

Os seres do S ficaram inteligentes como Deus os criou compreendem que é a sua vantagem permanecer na ordem em obediência à Lei. Os seres do AS com a queda se tornaram ignorantes, o que lhes deixa acreditar que é vantagem existir em posição emborcada na desordem do caos . Mas a Lei continua firme em sua vontade de ensinar, o que neste caso é ainda mais urgente porque se trata da salvação de criaturas extraviadas. Como é possível ensinar a seres ignorantes, incapazes por isso de compreender onde está a sua vantagem e o seu bem'? Como é possível ensinar-lhes senão por intermédio do sofrimento? É a única coisa que conseguem entender, porque aparece depois do erro, como sua conseqüência, para ensinar a não cometê-lo mais.

Eis a razão pela qual a ética humana é ética a posteriori e não a priori, como a lógica exigiria. Mas tratando-se de um S emborcado no AS, é lógico também que no AS vigore uma lógica emborcada no absurdo. Dada a sua posição o biótipo comum não pode aprender a regra certa da vida, senão pelo caminho do sofrimento. E é o que de fato acontece. Na lógica emborcada do AS, este absurdo é perfeitamente lógico. Explica-se assim a técnica da tentativa, vigorante em nosso mundo; técnica de cegos ignorantes A automática condenação para os cidadãos do AS está no fato de que eles não podem chegar à positividade a não ser pelo caminho de negatividade, isto é, à felicidade, senão pelo caminho do sofrimento. Assim o homem tem de aprender à força a ética da sua salvação, constrangido pela dor a seguir a vereda que o leva para a felicidade, que ao mesmo tempo representa o seu maior desejo. Eis em que estranho jogo de absurdos se emborca a lógica do S quando o ser cai de cabeça para baixo no AS, constrangido à força a atingir a realização do seu maior anseio: a felicidade, que o ser vai invocando e procurando desesperadamente, mas que a cegueira em que ele decaiu lhe impede de ver onde o seu alvo está situado! Mas tudo é absurdo enquanto o ser usa a psicologia do AS, mas volta a ser lógico, tão logo seja visto e julgado com a psicologia do S. E de fato a dor corrige o erro, ensina e ilumina a consciência, destrói a ignorância e reconstrói a sabedoria, reabsorve a negatividade do AS e reconstitui a positividade do S. Eis a razão profunda dessa estrutura e técnica, a do erro e sofrimento, com a qual a Lei se realiza em nosso mundo; eis a lógica fatal dessa ética a posteriori, corretiva e não preventiva, como a vigorante em nosso mundo.

Tudo o que existe na Terra assume as qualidades do AS. E por isso que aqui vigora não uma ética interior, mas exterior, não de dentro para fora, porque o ponto de partida é o espírito do S, mas de fora para dentro, porque o ponto de partida é a matéria do AS. Não uma ética de substância, mas de forma, não regra de pensamento, mas de atos, não uma ética baseada nos princípios gerais que orientam nas grandes linhas, respeitando a liberdade de quem compreende, mas uma ética apoiada sobre particularidades materiais, amarrada aos pormenores farisaicos, constrangendo quem não merece liberdade, porque não sabe e não quer compreender.

O deslocamento do S para o AS tudo transformou. Aqui, como prova da verdade dessa teoria, vemos os efeitos vigorantes no mundo humano. Eis então que, enquanto no S, porque o sei é obediente, tudo é livre e espontâneo, no AS, porque o ser rebelde, tudo é constrangimento à obediência. Isto é o que a criatura gerou com a sua revolta. A Lei ficou inatingível, acima de toda revolta e o ser rebelde ficou preso dentro dela, nem pode fugir. Logo que ele se arrisca a fazê-lo, a tentativa gera a dor que o paralisa. Quanto mais ele procurar rebelar-se, tanto mais a dor o aperta, até que ele tem de desistir. De fato quem vai chocar-se com as reações da Lei? São os indisciplinados. Para os que obedecem e a seguem ordenadamente, a Lei não reage. Ela então fala somente da bondade de Deus. Para quem quer ficar dentro da ordem, tudo corre bem. São os desordenados que recebem de volta o choque que eles pretendiam lançar contra a ordem. A Lei não agride a ninguém, mas quer ficar íntegra, de pé, e responde com a mesma agressividade, de quando a sua ordem for agredida por uma vontade de desordem.

❑ ❑ ❑

Para encerrar este assunto, observemos, em resumo, outras qualidades principais que caracterizam esta nova ética. Já lhes tocamos rapidamente, para uma primeira orientação geral do leitor, no início do Prefácio, no fim da Introdução e na metade do cap. III deste volume. O assunto foi desenvolvido, não como teoria geral da ética, mas de outro ponto de vista, mais fácil e prático em nosso livro: *A Lei de Deus*, que contém uma série de vinte e quatro palestras que proferi na Rádio Cultura de S. Vicente no ano de 1958, publicadas também no *Diário de Santos*. Aqui completamos estes conceitos, os reunimos e resumimos, para concluir

Tal ética é teórica e prática ao mesmo tempo, no sentido que, enquanto ela se justifica até às suas primeiras origens porque as suas raízes se encontram nos princípios do S que regem a criação, tal ética se realiza até às suas últimas conseqüências práticas dentro do AS, em nossa vida de cada dia. Ética completa porque vai do S ao AS, do absoluto de Deus ao relativo da criatura, e assim tudo abrange de um ao outro pólo ao existir. Ética universal porque contém todos os tempos, todos os planos de evolução, todas as éticas relativas; universal porque colocada no quadro geral do todo, desde as primeiras origens até atingir as últimas finalidades e a conclusão da obra de Deus. Ética máxima porque na sua substância coincide com a Lei de Deus, e ao mesmo tempo mínima porque rege o universo até aos seus mínimos pormenores.

Porque está escrita na Lei de Deus, que está acima de todas as divisões do relativo, essa ética é verdadeira para todos, acima de todos os partidos e religiões, independente da orientação e posição étnica, política, filosófica ou religiosa do sujeito. Ética verdadeira porque imparcial e positiva, não mais empírica concebida em função do homem, moral biológica, concebida cm função das leis da vida, da evolução e do funcionamento orgânico do universo. Ética à qual não se pode fugir, só pelo fato de ser descrente, cético ou ateu materialista. Não adianta negar, rebelar-se, pensar e agir com outra psicologia. A Lei continua funcionando igual para todos. Ela vence os vencedores do mundo, porque é mais poderosa e inteligente do que a força e a astúcia deles. Ela sabe se fazer compreender por todos, também pelo tipo involuído e ignorante, porque fala a linguagem da dor, linguagem que todo homem compreende, qualquer que seja a sua raça, nível social, crença ou forma mental. A cada erro segue automaticamente a dor corretora, pela qual cada um tem de se corrigir à sua custa. Trata-se de uma lei que está dentro da substância das coisas, sempre funcionando, que ninguém pode agredir e destruir, inatacável porque invisível, indestrutível porque inatingível. Ela constitui a essência do ser e este não a pode aniquilar, sem com isso ter de se aniquilar a si mesmo.

Trata-se de uma ética racional, que não se baseia no princípio de autoridade, mas na lógica e na demonstração das razões pelas quais é nossa vantagem obedecer. Sem mistérios são oferecidas as provas do motivo por que se afirma, porque temos de operar duma forma e não de outra, se explicam e justificam as conseqüências necessárias e inevitáveis de cada ato nosso. Assim ela é também uma ética utilitária, porque impõe virtudes que levam ao bem e à felicidade de quem as pratica, deste modo não oprimindo. mas reconhecendo o direito à vida e à expansão.

Ela é uma ética objetiva, impessoal, que está acima dos instintos e forma mental da qual depende a ética comum, ética da própria vida e não só em função do homem e do momento histórico; não ética subjetiva, pessoal, relativa ao tempo e a quem a definiu para o seu uso, seguindo os seus gostos, os não controlados irracionais impulsos do subconsciente, seja do legislador, seja da massas, que para si estabelecem verdades pelo direito da maioria.

Chegamos assim, como já foi anunciado em A Grande Síntese (caps. LXXV e LXXXVI), a uma ética cientificamente concebida em forma exata, não só racionalmente demonstrada e positivamente acertada e controlada, baseada na lógica dos fatos, mas geometricamente representável e matematicamente calculável, porque suscetível de expressão gráfica dos fenômenos da ética em forma de linhas e de campos de forças. Isto nos permite, como já mencionamos (no fim da Introdução) medir o valor quantitativo e qualitativo dos diferentes impulsos do ser, e das correspondentes reações da Lei, como também a extensão das superfícies dos campos de forças cobertos. ou volume do dinamismo conquistado pela positividade ou negatividade na luta entre S e AS no caminho evolutivo ou involutivo. A ética, assim, pode ser estudada como um momento vivo do grande fenômeno do dualismo universal, como um dinamismo de contínuos choques, isto é, ações e reações entre os dois termos opostos (+ e -) do Todo, isto é: a Lei e o ser rebelde, o S e o AS. Ética sólida, como um teorema de geometria. A novidade está no fato de se_mostrar a possibilidade de se aplicar os métodos científicos exatos à ética de estudar e definir os movimentos dos seus impulsos, com a aplicação dos processos da _matemática no cálculo dos seus valores.

Esta é a ética que aqui oferecemos. a moral da qual o homem moderno precisa (proporcionada ao seu atual merecimento); ética séria, a única que os inteligentes, pela sua forma mental crítica e positiva, podem aceitar; moral prática, razoável, honesta, utilitária, que calcula com justiça e por isso convence, que dá o que promete e de tudo explica o porquê, a razão pela qual nos convém obedecer, e o bem que temos o direito de receber em troca do sacrifício que ela nos pede. Ética evidente, onde tudo está claro, porque cada um pode calcular o efeito dos seus pensamentos e atos. Ética justa, que nos devolve o que lhe apresentamos, conforme o que merecemos, premiando os justos e golpeando os injustos com a dor e a desilusão. Elas se explicam como conseqüência lógica e automática do caminho errado, para a negatividade, que o ser toma quando desobedece à Lei. Tudo isto é implícito e fatal, pela própria estrutura de todo o fenômeno do universo.

O que oferecemos neste livro é somente um esquema dessa nova ética, apresentada nos seus elementos básicos, quanto basta para uma orientação geral que permita depois o assunto ser desenvolvido e os princípios gerais serem aprofundados nos seus pormenores, submetidos a cálculo matemático e à medição exata dos valores e das suas transformações.

VI

O ERRO E RUA CORREÇÃO

Entraremos nestes capítulos cada vez mais no terreno específico da ética, para estabelecer as suas bases positivas. Tivemos de nos afastar do assunto central da figura, demorando em problemas colaterais e exemplos demonstrativos, porque este era trabalho útil para esclarecer e compreender melhor o tema fundamental.

Uma vez estabelecido o jogo da ação do ser contra a Lei, e da reação da Lei contra o ser, isto é, do erro e da dor, o problema da ética aparece por si mesmo, como norma de conduta indispensável para evitar esse choque, filho da revolta, conduzindo tudo para a ordem da Lei. Esta é a gênese, o ponto de partida e a finalidade da ética.

Antes de penetrarmos ainda mais no estudo da técnica do fenômeno do erro e sua correção pela dor, será útil resumir brevemente o assunto, esclarecendo melhor o significado destes conceitos e definindo o valor destes dois impulsos opostos que entram em choque. O problema, assim observado de novos pontos de vista, nos poderá aparecer sob novos aspectos. Voltamos às vezes ao mesmo assunto, embora isto possa parecer repetição, quer porque não podemos evitar que em última análise o assunto seja 'sempre substancialmente um só – o do nosso universo, seja porque nunca há verdadeira repetição pelo fato de que não se pode deixar de dizer á mesma coisa de modo diferente, que a explica melhor, nem se pode deixar de acrescentar alguma observação que ilumina o assunto com uma nova luz, que no-lo esclarece sempre mais em todos os seus aspectos.

Um dos efeitos da revolta foi a queda do estado orgânico do S no estado de separatismo do AS. A unidade se pulverizou em muitas unidades menores. Nasceram assim os “eus” não mais fundidos em unidade orgânica, mas separados uns dos outros, em posição de antagonismo, como os encontramos nas diferentes individuações de nosso universo, entre as quais a personalidade humana. Nestes níveis inferiores, próximos do AS, vigora o princípio do egocentrismo e do separatismo, que o encontramos em nosso mundo, Esta é a razão pela qual este é regido pela lei da luta. É por isso que o homem, por sua natureza, é espontaneamente levado a agredir tudo para subjugar, para que vença somente o seu "eu".

Que acontece então quando o homem se encontra perante, a Lei? Ele, pelo seu método, entra em choque com tudo, porque não quer colaborar, mas só subjugar e dominar, Enquanto ele fica imerso no seu nível, este método pode ser útil para superar os seres do seu mundo. Mas quando, com este sistema de agressividade pelo triunfo apenas do seu “eu”, o homem enfrenta a Lei, a viola rebelando-se, então ele, com a sua conduta excita uma automática reação em forma de dor, da qual não há força que permita e o faça fugir. É assim que se realiza a ação saneadora por meio da dor, porque o homem, realizando as suas experiências, vai aprendendo pelas reações dolorosas que recebe, e com isso, adquirindo uma sabedoria que lhe ensina a não mais se rebelar, ou seja, a não mais se desviar por meio do erro fora do caminho certo da Lei. A dor existe como método de ensino e educação na escola dos primitivos.

Os involuídos são ignorantes porque, decaindo no AS, perderam a luz da inteligência, que é qualidade das criaturas da S. Ora, para ensinar aos ignorantes não se podem usar os meios duma inteligência que eles não possuem. Por isso é necessária e aparece a dor, porque este é o único raciocínio que eles podem compreender. Não há outro meio para que na forma mental. de

um rebelde possa entrar o convencimento de que o caminho da desobediência não representa uma vantagem, mas é prejuízo, não leva à felicidade, como só um emborcado na lógica do absurdo pode acreditar, mas de fato leva à dor. O ser ignaro, por falta de conhecimento, vai experimentando ao acaso, por tentativas, de todos os lados. E para ele aprender o caminho certo, é necessário, todas as vezes que entrar na porta errada, ser repelido para trás, porque ao invés de encontrar a almejada felicidade, encontrou a dor. Até ele, pelo muito experimentar, descobrir a porta certa e entrar nela. Isto se verifica quando o ser, cansado de todas as experiências realizadas no terreno do AS, desiludido por não ter aí encontrado a felicidade, acaba apercebendo-se de que esta é inatingível no AS. Então é constrangido a procurá-la alhures, com uma fuga do mundo inferior que o traiu. Inicia então uma nova tentativa em direção diferente, evadindo-se nos céus, isto é, em superiores níveis de evolução. Verifica-se assim o fenômeno da sublimação dos instintos e aparece o homem superior e o santo. Quando o homem tiver assimilado todo o fruto da sua escola terrena, então não será mais ignorante e tão simplório que vá de encontro à Lei, errando, mas pelo contrário se terá tornado inteligente, e por isso acabará com a loucura de cometer erros, de modo que não receberá mais o seu efeito, que é a dor.

Esse choque entre tais impulsos opostos nos mostro de um lado a loucura do homem que quer procurar a felicidade, onde é absurdo que ela se encontre, e de outro lado a sabedoria da Lei. que usa a dor como meio seguro para que o ser compreenda qual é o caminho para atingir essa fe1icidade. De um lado é lógico que o ser, porque é um revoltado, seja levado a percorrer o caminho às avessas. De outro lado é lógico também que a Lei, sábia e boa, o endireite com o único meio possível a dor, deste modo dirigindo-o para o único caminho que leva à felicidade, Dada a estrutura do sistema do universo, é absurdo que esta possa ser encontrada pelos caminhos da revolta à ordem de Deus, enquanto é lógico que, procurando a felicidade no AS, isto é, às avessas, com a revolta, em vez da obediência, não se possa encontrar senão o oposto, isto é, uma felicidade, emborcada, o que quer dizer: a dor .

Esta é a estrutura da lógica desse jogo entre os dois impulsos opostos: o erro, da parte do ser, e a dor da parte da lei. O se! está livre de movimentar-se à vontade, mas só dentro das paredes da gaiola de ferro que é a Lei. Ele, com a sua experimentação, livremente. tem de aprender a dirigir-se com exatidão, sem fazer movimentos errados que o levem a bater a cabeça contra as paredes. Se age em harmonia com a Lei, tudo corre bem, sem choques, Mas se vai contra Ela, eis que se realiza o atrito que se chama dor. Quanto maior for a desobediência do ser e o seu desvio fora da ordem, tanto maior será o oposto impulso da reação da parte da Lei, na forma de dor, para restabelecer o equilíbrio. Quanto mais baixo o nível evolutivo do ser e mais rebelde ele é contra a ordem, tanto maior é a reação da Lei, para que tudo volte à ordem, Tudo automaticamente se equilibra em perfeita justiça.

O ser está livre e pode cometer à vontade todo os erros que quiser. A eles, porém, segue a dor que queima, Fica assim a regra absoluta à qual. ninguém pode fugir, e o ser não deseja cair na dor. logo ele tem de aprender e seguir as normas da boa conduta. O S é como um grande relógio que funciona com perfeição, porque cada roda está no seu devido lugar funcionando em devida ordem. O AS é um relógio cujas rodas se deslocaram emborcando os seus movimentos, numa desordem que gera atrito, isto é, dor. Para sair desse estado de sofrimento, o ser tem, com o seu, esforço, de eliminar os atritos que o geram, e, para eliminar os atritos, é necessário reordenar toda esta desordem, colocando cada coisa no seu devido lugar e aprendendo a movimentar-se ordenadamente. Este duro trabalho lhe pertence, porque foi ele que com a revolta gerou a desordem. Os seres são as rodas do relógio que saíram de posição e se atritam, gerando dor que não pode acabar enquanto não voltar ao seu lugar de origem, para funcionar em ordem.

❑ ❑ ❑

Podemos agora compreender quais são as primeiras origens e as causas profundas do fenômeno da dor. Quando falamos que a Lei reage contra o rebelde, só usamos uma imagem antropomórfica que facilita a compreensão do homem, que concebe em função do seu instinto de luta para dominar. A Lei não é um "eu" livre e pessoal que queira dominar sobre alguém, mas é uma vontade determinística e impessoal que automaticamente exige a realização dos princípios que a constituem. Por isso não há lugar para a idéia de que exista na Lei uma específica vontade inimiga, de vingança contra o ser, porque ele errou, de ofensa e reação punitiva no sentido humano. Tal idéia é fruto da forma mental do homem que concebe tudo à sua imagem e semelhança. A Lei não odeia e não pune, mas só restabelece equilíbrios quando eles são violados, A Lei é somente um absoluto e universal princípio de ordem, que tens de se realizar, regendo o funcionamento de todo fenômeno.

Dada essa estrutura da Lei, há efeitos necessários, já marcados com antecedência, que têm de se verificar como conseqüência de cada movimento, conforme sua natureza. Não se pode negar o fato de que vemos a Lei de ordem reagir e aparecer a dor quando violamos a ordem. Mas se olharmos melhor, veremos que quem gera a fricção, que é sofrimento, quem com a sua ação errada movimenta a reação da Lei e estabelece a forma e medida dessa reação, é o ser com a sua revolta. A reação da Lei é apenas uma resposta automática, determinística, que se pode calcular com antecedência, como estamos fazendo neste volume: uma resposta que, apesar de bem ativa em sentido contrário, parece passiva, porque ela obedece ao impulso do ser e nada, por si mesma, inicia ou provoca. A Lei quer somente permanecer em sua ordem, reconstruindo os equilíbrios violados. Fora disso ela existe para permanecer imóvel em sua perfeição e nada mais exige, até que a vontade livre do ser gere impulsos contrários que querem deslocar os seus equilíbrios. Quando do isto acontece, a Lei simplesmente os reconstrói. Se isto implica dor, esta pertence ao ser que quis deslocar os equilíbrios, O seu trabalho e a função da dor é que ele aprenda a não deslocá-los mais.

A Lei é um perfeito organismo de ordem que ninguém pode violar. Ela é toda positiva, afirmativa. Nela não existe a cisão dualística dos contrários, não há lugar para a negatividade. Se, saindo da ordem, com o erro, geramos um vazio de negatividade, com isso movimentamos os impulsos reequilibradores da Lei, que têm de encher esse vazio, e eles o fazem na única maneira possível, isto é, à nossa custa, tirando de nós e reabsorvendo o que nós furtamos àqueles equilíbrios. Então a positividade tem de ser reconstituída com o nosso esforço e dor, porque se trata de um nosso débito para com a ordem e temos que lho pagar .

O problema está todo aqui: a Lei é ordem e ninguém pode mudar este fato. O ser quis substituir esta ordem, por outra sua oposta, a do AS, que para a Lei do S e desordem, e continua repetindo esse mesmo motivo toda vez que comete um erro desobedecendo à Lei. Eis como nasce a luta entre os dois princípios opostos, e a encontramos no humano egocêntrico instinto de revolta. Em que está a origem da dor. Ela e gerada pelo contraste e atrito entre a vontade da Lei e essa outra vontade de desordem da parte do ser. O que leva ao constrangimento a que ele, da parte da Lei, está submetido, para que à força volte à ordem. Tudo isto é dor porque, se para a Lei do S a revolta foi emborcamento, para o ser rebelde criador do AS a retificação para o S representa a negação da sua afirmação, o emborcamento da ansiada revolta e a destruição da sua construção: o AS.

Eis a íntima técnica do fenômeno erro-dor. O ser no caso maior da queda e em todos os erros menores repetidos por ele, não é ferido pela Lei, mas pela própria vontade de ferir a Lei. Esta nunca age em sentido destrutivo e não faz nada contra o ser: só lhe devolve o seu impulso destruidor, deixando-o ricochetear para trás, em sua direção, ao invés de absorvê-lo. como o

quereria. A completa positividade do S constitui uma barreira insuperável para que nela seja possível qualquer penetração de negatividade. Mas é exatamente pela completa positividade do S, que nada de negatividade pode sair da Lei, isso prova que a negatividade recebida como reação da Lei, não provem dela, pois não é senão o que o ser lançou contra ela, isto é, a sua própria negatividade. No S não há, nem pode sair dele, tudo o que seja mal, agressividade, dor, negatividade, qualidades exclusivas do AS, filhas da revolta. É importante compreender este conceito, porque ele nos mostra como conseqüência que a causa primeira dos nossos sofrimentos está em nós e em nossa conduta errada, e não está na Lei que nos responde sempre benfazeja, reconstituindo para o nosso bem os equilíbrios violados. Nós inculpamo-la porque ela faz isso à nossa custa, com a nossa dor. Mas a Lei não pode deixar de ser justa. Exigir o pagamento da parte de quem está culpado, faz parte dos seus invioláveis equilíbrios. Explica-se assim como, no terreno da ética, foi possível chegar à conclusão que quem faz o bem, como quem faz o mal, acaba fazendo-o a si mesmo.

Temos à nossa custa de compreender que, levar a desordem da desobediência para dentro do organismo da ordem da Lei, é o maior absurdo, que só um ser ignorante pode conceber. Revolta ou não, não há coisa que não fique contida na Lei de Deus. O ser rebelde não construiu para si outra lei, mas somente se colocou em posição emborcada dentro da organização perfeita do S e dos princípios da sua Lei.

Chega-se deste modo a um resultado que pode parecer estranho, em que se conciliam duas posições que parecem inconciliáveis: a Lei permanece perfeitamente justa, enquanto o ser recebe a sua punição. Ele cai na dor sem que possa inculpar senão a si mesmo. Nada do mal que a revolta produziu pode atingir Deus e a sua Lei, mas fere quem foi a causa desse mal. Triunfa assim a bondade de Deus, que não nos deixa no sofrimento, senão para nos corrigir a fim de atingirmos a felicidade. Triunfa a justiça de Deus que não deixa a dor atingir senão quem a mereceu. Não é necessário que Deus se torne mau para que Sua justiça seja feita; a dor ministra a sua lição, fazendo com que tudo, respeitando-se a liberdade do ser, seja ao mesmo tempo deterministicamente retificado para a salvação. Quando erramos, Deus não nos pune, lançando--nos no inferno por Ele criado para se vingar das ofensas recebidas. Essa psicologia é do homem, não de Deus. Mas a Lei está construída de tal maneira que, quando erramos, com isso nos punimos a nós mesmos, lançando-nos no inferno que, para nós, a nossa desordem criou na feliz ordem da Lei. É pela nossa ignorância que assim ocorre, o que é justo, porque a ignorância é fruto merecido da revolta que destruiu a sua qualidade aposta, a inteligência, que é característica do S. Não podemos deixar de ficar admirados perante tanta sabedoria, e é agradável contemplar a perfeição da Lei que, soberana sempre triunfa de tudo.

O único resultado que o ser podia atingir e atingiu, foi a efetivação, somente para si mesmo, do princípio da desordem e da luta que o atormenta. Dada a estrutura da Lei, a revolta, desde o inicio, não podia ser senão uma derrota, e o rebelde senão um vencido. Isto fazia parte da própria lógica do S, em que não pode haver possibilidade que Deus seja vencido. Se houvesse, Deus não seria mais Deus.

Pelo contrário, o que sempre vemos triunfar é a sabedoria Dele. Esta se revela também na revolta, apesar de poder parecer um erro e um defeito do S. A revolta gerou ignorância, luta, sofrimento. Mas eis que por este caminho emborcado a Lei sabe atingir o objetivo oposto, e com seus meios sabe realizar o endireitamento, porque com a experimentação na luta e na dor, desenvolve e reconstrói a inteligência. Assim a Lei destrói a ignorância, causa de tanto mal, acabando com o sofrimento, porque o rebelde chega a compreender que a causa das suas dores está na desobediência e que não há outro caminho que conduza à felicidade que não seja o da obediência na ordem. É assim que, pela sabedoria da Lei, o caminho da perdição, iniciado pelo ser

rebelde, tem automaticamente que se endireitar dentro do caminho da salvação. Seja no caso maior da queda e grande ciclo involutivo-evolutivo, ou, no que já estudamos, erro-dor, a sabedoria da Lei, substituindo ao mal o bem, continua sempre corrigindo e reconstruindo, lá onde *o* ser errou e destruiu.

Aquela sabedoria nos mostra que, com a revolta, surgiu não somente o modelo do fenômeno da queda, mas também do endireitamento-sa1varção, que o corrige. Esse segundo modelo estava implícito no primeiro, contido, latente, à espera de tornar-se atual, logo que o ser apertasse o botão da revolta. E já noutro lugar observamos que o universo, assim como, mais de perto de nós, a natureza, funcionam por repetição dos tipos de fenômenos ou modelos que antes construíram, e que depois voltam como hábitos adquiridos, e assim continuam ecoando em série na economia do todo. Podemos por isso considerar o caso erro-dor, que aqui estudamos, uma repetição menor do modelo do fenômeno da revolta-endireitamento ou queda-salvação, que estabelece a estrutura do objeto de nossas pesquisas atuais. Eis que, antes de enfrentar o estudo do fenômeno erro-dor, dele possuímos, no ciclo queda-salvação, o esquema fundamental, e aqui o vemos repetir-se nas suas características fundamentais.

Como no ciclo involutivo-evolutivo o ser está constrangido a voltar para o S para fugir aos sofrimentos que encontrou no AS, assim no deslocamento de ida e volta do fenômeno erro-dor, o ser está constrangido a voltar para a Lei pela dor, que não pode terminar até que tenha acabado todo o trabalho de recuperação. Em ambos os casos vigora a mesma lógica pela qual não se pode fugir aos efeitos do mau funcionamento da máquina, até que seja eliminada a causa que é a desordem. Para quem sai do caos não é fácil funcionar organicamente na ordem. Com o seu esforço o ser tem de reconstruir a sua inteligência, a qual é necessária para chegar àquele funcionamento. Ele quer fugir a este esforço, mas não pode, até que, com a sua dura experiência, conquiste de novo a inteligência perdida; ele, com seus movimentos errados, continuará chocando-se com a Lei e recebendo dor. Para afastar-se do inferno do AS e atingir o paraíso do S, há só um caminho: o da evolução. Quem não quer com a sua luta ir para a frente e subir, tem de ficar no sofrimento. Se o ser quer libertar-se da dor, tem de reconstruir para si a ordem que destruiu.

O binômio erro-dor é um momento do dualismo universal em que, com a revolta, se despedaçou a unidade do todo. Não existe mais uma felicidade duradoura em posição estável de equilíbrio, mas felicidade instável, porque fruto desequilibrado de deslocamentos contínuos no sentido do erro, depois corrigido pela dor.

Eis de onde nasceu essa oscilação erro-dor, que caracteriza a nossa vida. No reino da revolta, carregado de negatividade, não é possível um tipo de felicidade contínua, toda positividade, mas só temporária, dívida a pagar, sempre misturada com o seu termo oposto (AS) no dualismo, isto é, a dor.

Se esta oscilação erro-dor representa os contínuos deslocamentos dum estado de desequilíbrio, a Lei esta. no meio para equilibrar a cada passo a balança e restituir tudo à ordem conforme a justiça. Quando funciona o erro (revolta), a agulha da balança se desloca para a esquerda, no sentido da negatividade. Quando funciona a dor (em obediência), a agulha da balança se desloca para a direita, no sentido da positividade, assim corrigindo e equilibrando o deslocamento oposto. É lógico então que, quanto maior for o erro e seu deslocamento para a esquerda, tanto maior terá de ser a dor, isto é, o deslocamento para a direita. A medida da dor é estabelecida pela medida do erro. Quanto mais o ser com *a* revolta se afasta da positividade e se aprofunda na negatividade, tanto mais cai no sofrimento e maior será o trabalho necessário para sair dele. É o homem que, com a sua conduta errada, determina a quantidade das suas dores. Nisto ele está totalmente livre, dono de sofrer à vontade. Mas ele,

porque filho do S, não gosta de sofrimento, e isto é o que constrange o ser para a sua salvação. Ele, livremente, não pode deixar de cumprir o duro esforço da subida, porque se não o fizer, terá de sofrer até o fim do seu resgate.

Se o erro representa o afastamento da positividade para a negatividade, é lógico que, quanto maior for o erro, ou o afastamento da positividade para a negatividade, tanto maior terá de ser o caminho a percorrer da negatividade para voltar à positividade. É lógico também que, como e a negatividade da revolta que destrói a positividade da obediência à Lei, assim e a positividade da obediência que neutraliza a negatividade da revolta e recupera o que foi perdido. *É* a Lei quem tudo domina e, a respeito dela, é negatividade a revolta que afasta e destrói, e é positividade a dor que de novo aproxima e reconstrói. Eis o valor e o significado ao qual está confiada a função da reconstrução dos equilíbrios deslocados. Eis como a dor corrige o erro. Neutralizando o efeito do erro, ou seja a dor, ela não somente corrige o erro, mas destrói-se a si mesma. Com o seu funcionamento ela se consome, se autodestrói, se elimina como negatividade, deixando o lugar livre para o seu oposto, a positividade da alegria. É assim que se realiza, automática e fatal, a correção do caso particular, a qual no conjunto leva à salvação final. Foi-nos possível aqui contemplar a maravilhosa sabedoria da Lei que se revela neste jogo de equilíbrios entre opostos, e que no contraste entre impulsos contrários chega a reordenar a desordem, por choques compensados que, quer seja repelindo, quer seja atraindo, sempre impulsionam o ser para a sua salvação.

A revolta foi o erro maior e a evolução representa o esforço maior que o ser tem de cumprir para corrigir aquele erro. A dor é o peso que o ser tem de carregar, percorrendo todo o caminho da subida, e só esse peso de um lado pode equilibrar o outro prato da balança saturado de erro. A evolução corrige a involução, a dura obediência corrige a louca desobediência, a culpa tem de ser reabsorvida pelo sofrimento. Cada afastamento da linha da Lei gera uma carência de positividade, um vazio feito de negatividade que é necessário encher de novo, se não quisermos ficar para sempre nesse estado, que e dor. Esta nasce da exigência de satisfazer essa carência, de saciar o pedido desse abismo esfaimado de equilíbrio compensador. da sua negatividade em que a vida morre. Por isso a dor, no organismo universal, representa a função da recuperação, um meio de salvação. Tivemos que explicar tucano isto, porque só assim e possível compreender a função benfazeja da dor, o seu valor positivo, o único que lhe podemos atribuir num sistema perfeito que tem de ser o de Deus, regendo o universo. O mundo concebe a do*r* em sentido oposto, como empecilho ao invés de uma ajuda, como um inimigo, não como um amigo; e isto porque o ponto de referência do homem não e a Lei do S, mas o seu "eu" rebelde. Esta maneira de conceber às avessas prova que o homem em relação à Lei vive em posição emborcada, à espera de ser retificada pela evolução.

Eis o sentido deste jogo de contradições e compensações entre os dois OPostos, erro e dor, que vamos estudando sempre mais de perto. Por isso chamamos a este volume de: *Queda e Salvação,* Por isso vemos estes dois elementos contrários e complementares correr um atrás do outro, inimigos abraçados e indivisíveis, em contínua luta um contra o outro só com o fim de colaborarem juntos para reconstruir a unidade despedaçada, ponto de partida e de chegada do imenso ciclo da queda e salvação.

❑ ❑ ❑

Vamos explicando estas verdades tão vivas e tão pouco conhecidas, que tanto nos tocam de perto e que tão pouco levamos em conta em nossa conduta, mas das quais, se

errarmos, temos depois de pagar as duras conseqüências. Não há, quem não tenha reparado que na solução dos acontecimentos de nossa vida há uma parte que escapa ao nosso conhecimento e vontade, e que obedece a outras forças e leis, que chamamos de imponderável. Um imponderável bem ponderável nas suas conseqüências, porque resolve contra os cá1culos humanos, de modo diferente do que pensamos e queríamos. Qual é o conteúdo desse misterioso imponderável? Esta outra inteligência e vontade, que está. alem do conhecimento e vontade do homem, é a Lei. Se o homem conhecesse a Lei, não haveria mais para ele imponderável. Ele está imerso nesta Lei, que é um mundo de forças poderosas que tudo dirigem para as suas finalidades bem definidas, forças que reagem contra quem faz movimentos errados violando a sua ordem, forças contra as quais o homem, pela sua ignorância e espírito de revolta, se vai chocando a cada passo, para depois ter de pagar. Eis como aparece o binômio erro-dor.

Que acontece então? É lógico que o homem procure a sua vantagem. Mas os sentidos que o guiam podem facilmente enganá-lo a respeito da sua vantagem, e dirigi-lo para um bem-estar imediato que representa um prejuízo futuro. O fato é que o homem não sabe qual é a sua verdadeira utilidade, que em geral não *é* a imediata que ele escolhe porque é mais visível, mas sim uma outra, a longo prazo; nem sabe qual é o caminho para atingi-la. Então é facílimo que ele escolha o caminho errado. Acontece assim que ele, ao invés de ir ao encontro da Lei para que esta venha ao seu encontro, ele vai de encontro à Lei, de modo que esta reage contra ele. A Lei não permite ser torcida e opõe resistência quem não segue a sua vontade e corrente de forcas. Essa resistência contra o ser que quereria subjugá-las em favor do seu "eu", é o que chamamos a reação da Lei. Esta é como a corrente dum rio, que representa um impulso para que tudo avance na sua direção. Como tudo o que existe, nós estamos nesse rio – a Lei.

O resultado de tudo isto é que, se o ser seguir os impulsos da Lei acompanhando o seu caminho, esta o envolve em sua corrente e com isso o ajuda. Mas se, pelo contrário, o ser quer seguir somente os seus impulsos, com outra vontade para outro caminho, eis que a Lei com a sua corrente contrária resiste, não o ajuda, mas o arrasta e persegue, porque a vontade dela é que tudo avance para os seus objetivos. Muitas vezes o sucesso é devido ao peso de uma série de circunstâncias que em concordância obedecem a uma vontade que nos favorece, sem que ela seja a nossa. Isto nos escapa no que chamamos de imponderável. Mas o imponderável é a Lei, e a sua vontade é a sua corrente, que nos ajuda quando seguimo-la. No caso oposto muitas vezes o fracasso é devido ao peso de uma série de circunstâncias que, de acordo umas com as outras, obedecem a uma vontade que está contra nós, até vencer a nossa e todos os nossos esforços. Eis aí o outro imponderável tremendo, que se manifesta como um fardo, dirigido pelas mãos de Deus. Esse imponderável é sempre a Lei, essa vontade inimiga é a sua corrente, que contra nós se rebela, e recebemos de volta o que semeamos. É essa nossa revolta que automaticamente nos condena ao fracasso. Então o imponderável, isto é, a Lei, ao invés de nos salvar, nos arruina. Explicam-se assim muitos fracassos de indivíduos, como de acontecimentos históricos, de outro modo inexplicáveis.

Tudo isto se refere ao nosso tema atual, o do fenômeno erro-dor. A tentativa do ser de procurar a sua utilidade contra a corrente da Lei se chama: erro. O impulso da Lei para reconduzir o ser dentro da corrente e com esta levá-lo para a sua salvação, contra a sua vontade que quer o contrário, produz o atrito que se chama: dor, (o peso do imponderável). A causa é a ação do ser. A reação da Lei é o efeito. É lógico que o tamanho do efeito seja proporcionado ao da causa, isto é, que a medida da dor seja estabelecida pelo homem com o seu erro. É lógico que, quanto maior for o erro, isto é, o impulso do ser contra a corrente da Lei, tanto maior será a sua resistência e se manifestará o impulso contrário para arrastar o ser em sua direção. Esta imagem da corrente e,

dentro dela, a vontade, contrária do ser, nos oferece uma idéia bastante clara do que significa a reação da Lei.

De tudo isto se segue que, quanto mais formos a favor da corrente da Lei, tanto mais fácil será o nosso caminho, aquela corrente nos ajudará e por isso sairemos fortes; e ao contrário, quanto mais nos rebelarmos à corrente da Lei *com* as nossas tentativas de desvio, tanto mais difícil será o nosso caminho, porque na corrente contrária encontraremos, não ajuda, mas resistência, o que nos levará não para o sucesso, mas ao fracasso. Quanto maior for o nosso erro, tanto mais seremos vulneráveis e fracos, e tanto maior será a reação da Lei contra nós e por isso padeceremos o contraste de nossa amargura. A desordem gerada pela vontade do ser é proporcional ao impulso corretor da Lei, para reconduzi-lo à ordem. A esta ele terá de voltar, porque quanto mais se afastar da Lei, maior será o seu esforço para vencer a corrente contrária, com isso gerando atrito e sofrimento. Assim, par um automático jogo d forças, o ser ficando livre, não pode deixar de voltar à corrente da Lei, renegando e reabsorvendo o seu próprio impulso de rebelde, porque é este impulso o que gera a sua dor, que não acabará de atormentá-lo até que ele tenha tudo pago e voltado à ordem em obediência à Lei.

A conclusão é que, pela própria lógica de todo o processo, a dor é destino dos rebeldes, enquanto e a própria Lei que com a sua corrente leva os que a seguem para o sucesso final. Então o segredo do sucesso está em conhecer a Lei e em lhe obedecer. Mas como pode fazer isso o homem que, por ser ignorante, não conhece a Lei, e por ser filho da revolta, é levado à desobediência? Este mundo para ele é um mundo de forças desconhecidas, que ele chama de imponderável, como se fosse alguma coisa de irreal, que lhe escapasse, fora da vida, enquanto é o imponderável a causa primeira do que depois, na sua fase de efeito, se torna bem ponderável. Eis como o mundo vai amontoando erros em cima de erros, e tudo tende para o fracasso. É assim que, tudo funcionando contra a corrente da Lei, às avessas, não se pode recolher a não ser desilusões e sofrimentos.

Trata-se de forças sutis, contra as quais a prepotência do homem não tem poder algum. Elas trabalham no íntimo das coisas, de dentro para fora e não de fora para dentro, como acontece no mundo. Elas agem lentas e constantes, despercebidas na superfície, escapando aos nossos sentidos, tudo construindo e aumentando em nosso favor, da profundeza para cima, coma nossas amigas, porque navegamos obedientes à corrente da Lei; ou tudo roendo e consumindo em nossa perda, elas operam como nossas inimigas, porque navegamos rebeldes, contra a corrente da Lei.

Os nossos olhos não percebem o movimento do sol. Mas vemos que ao por-se, ele deu a volta a todo o céu. Assim em nossa vida os acontecimentos amadurecem por pequenos deslocamentos imperceptíveis que, quando movidos por um impulso constante numa dada direção acabam traduzindo os efeitos gigantescos de uma avalanche. A vida se constrói com a soma de instantes com que se fazem minutos, com que se fazem horas, com horas dias, com dias meses e anos, com anos vidas inteiras, séculos e milênios etc. No tempo vigora o mesmo princípio das unidades coletivas que vigora no espaço, princípio pelo qual partículas elementares se juntam para construir o átomo, átomos para formar a molécula, moléculas para formar células, e depois órgãos, organismos, famílias de seres, cidades, nações, humanidades; da mesma forma que as moléculas da matéria constróem jazidas geológicas, planetas, sistemas solares, galáxias e sistemas galácticos etc. Assim em todos os campos cada elemento menor, associando-se com outros iguais, constrói uma unidade coletiva maior, que por sua vez, jungindo-se a outras iguais, forma outra unidade coletiva ainda maior, e assim por diante.

Assim cada unidade resulta constituída pela junção de tantas menores partículas elementares; e, seja no espaço como no tempo, se organiza conforme o mesmo modelo de agrupamento de elementos por ritmo de ciclos, em que a confederação as unidades menores

edifica a unidade maior. É, deste modo que como no espaço se organizam os planetas, os sistemas planetários, solares e galácticos, e no terreno da vida os grupos humanos, até a humanidades e sistemas de humanidades, assim o desenvolvimento dos nossos destinos se realiza pelos deslocamentos mínimos de cada minuto, que juntando-se produzem deslocamentos de horas, dias, anos, séculos, sempre maiores, tudo ordenadamente segundo um ritmo de ciclos menores incluídos em ciclos maiores, estes em outros ainda maiores, até se cumprir o destino maior do ser, que é o da queda e salvação.

Criados pela corrente da Lei, cada deslocamento mínimo vai se somando ate produzir um deslocamento maior que, somando-se a outros maiores, gera outro ainda maior etc. Transcorre assim uma quantidade de ciclos miúdos, que constituem os maiores e que, pela sua pequenez, passam despercebidos. Mas não há instante de nossa vida em que um destes deslocamentos não se realize. amadurecendo alguma coisa. Assim por sucessivos movimentos imperceptíveis, do nascimento chegamos à velhice e a morte. Mas no momento nada vemos, tudo parece ser imóvel, como o sol no céu. Porém no fim vemos que tudo mudou, o mundo se transformou, muitos desapareceram e não conhecemos a nova geração, porque nós mesmos nos tornamos diferentes. Uma mudança profunda se realizou, amontoando tantas transformações pequenas mas constantes, dirigidas no mesmo sentido.

Os nossos olhos míopes, a nossa forma mental feita para ver as coisas miúdas da vida, percebem só as linhas deste desenho menor e lhes escapam as do maior, o desenho geral. Ficamos fechados no ritmo pequeno de nossa vida de cada dia. sem nos apercebermos do ciclo maior do qual ela faz parte, Conhecemos bem a volta quotidiana do trabalho, refeições, repouso, do dia e da noite, mas não sabemos para onde tudo isto avança, Vivemos a realização de princípios gerais que nos escapam, efetuamos amadurecimentos que, nos levam para bem longe, atravessando transformações profundas, estamos desenvolvendo o nosso destino, e de tudo isto não vemos senão uma sucessão de pormenores miúdos e episódios desconexos, cujo desenho geral, que constitui a nossa verdadeira vida, nos escapa. Só os evoluídos, que aprenderam a olhar nas profundezas, vivem conscientemente em função dos grandes ciclos da vida, onde mais evidente se revela a presença desses vastos impulsos da corrente da Lei, os que aqui estamos estudando.

Quanto mais o indivíduo é involuído, tanto mais e apertado o círculo dos seus horizontes, é estreita a vista que ele domina e menor é o ciclo de sua vida, que ele conhece e regula. Para os momentos sucessivos ficam separados, colocados um após o outro, sem fio condutor que deles faça uma unidade maior, que os organize dirigindo-os para um objetivo único, os explique e justifique quais elementos de um plano geral que confere outro sentido à vida. É para atingir esse outro modo, mais profundo de concebê-la, que aqui vamos estudando o funcionamento da Lei e as conseqüências de nossos erros a seu respeito. Se nos acostumarmos a ver os acontecimentos de nossa vida não divididos como momentos isolados, cada um separado do outro, mas todos unidos ao longo de um fio condutor que os liga num desenvolvimento lógico comum, nos aparecerá em uma outra vida a longo prazo, em que se torna visível, além dos pormenores do momento, as grandes linhas de nosso destino. Veremos então o que escapa ao homem comum, imerso nas particularidades de sua vida: veremos a presença da Lei e o funcionamento do imponderável, realizando os princípios que aqui sustentamos.

V1I

MECANISMO DA CORREÇÃO DO ERRO

Tomemos novamente as nossas pesquisas, continuando o desenvolvimento do tema do Cap. I a respeito do esquema gráfico do processo involutivo-evolutivo, e do tema do Cap. 1V a respeito dos diversos pontos de referência. Volvamos assim à nossa figura, para observar outros aspectos do fenômeno que ela representa. No Cap. 1 observamos o caso geral do ciclo completo nos seus dois caminhos de ida e volta. No Cap. IV observamos o fenômeno menor que, conforme o mesmo modelo, se repete no caso particular de cada erro do ser.

É neste ponto, em que se verifica o erro do ser e a sua dor para corrigi-lo. Desponta assina a necessária forma orientadora para dirigir. a sua conduta, entrando no terreno específico da ética. Observemos o fenômeno representado em sua expressão gráfica, em nossa figura, Continuamos dessa forma levando as teorias dos dois livros: *Deus e Universo* e *O Sistema* às suas práticas conseqüências e aplicações.

Estudamos na primeira parte do Cap. IV o caso simples de um afastamento horizontal, nos seus dois movimentos, de ida e volta. Conhecemos agora o significado das expressões gráficas da figura, quais são a linha do erro NN1 e a linha da dor N1N, inversas e complementares. A primeira representa a vontade do ser, que quer o emborcamento, dirigida da positividade para a negatividade. A segunda representa a vontade de Deus, que quer a retificação, dirigida da negatividade para a positividade. Se escolhemos como ponto de referência o ser, a primeira linha representa a satisfação do rebelde que realiza a sua vontade de vencer contra Deus; e a segunda linha representa o sofrimento do rebelde que tem de renegar a sua vontade de revolta para obedecer à vontade de Deus. Se escolhemos como ponto de referência a Lei, a primeira linha representa o caminho que, com a violação da Lei, vai para a desordem; e a segunda linha representa o caminho que, em obediência à Lei, volta à ordem. Como já dissemos no Cap. IV, o fenômeno pode ser observado em função de dois diferentes pontos de referência, seja Deus e a Sua Lei, seja o ser rebelde e a sua vontade de revolta: pontos opostos, que representam os dois pólos do dualismo universal.

Procuremos agora compreender como funciona o mecanismo da correção do erro pela dor. A coluna central do fenômeno da queda é representada pelas duas linhas XY e YX. A primeira representa o desenvolvimento do impulso negativo da revolta, devido à vontade do ser, a segunda representa o desenvolvimento do impulso positivo do endireitamento, devido à vontade de Deus. O primeiro deslocamento XY quer destruir a positividade dirigindo-se para a negatividade; o segundo quer destruir a negatividade reconstruindo a positividade. O primeiro movimento vai contra Deus, o segundo contra o ser. Por isso o primeiro é erro, o segundo é dor. É erro a revolta para emborcar a vontade de Deus. É dor o endireitamento que emborca a vontade do ser. Com a dor este recebe de volta o seu próprio impulso de emborcamento, que por fim se volta contra si mesmo. Ele, que com a revolta quis torcer a Lei, fica constrangido por ela à obediência.

O caminho da evolução não é tranqüilo, mas se realiza no choque entre essas duas forças contrárias. Ele representa o esforço da reconstrução, que o ser tem de realizar contra a sua própria vontade de destruição. O caminho YX da evolução tem de ser percorrido pelo ser, constrangido pela dor, contra a sua vontade rebelde, que é de afastamento e não de retorno ao S.

Eis que chegamos ao ponto chave do problema e podemos compreender porque nasce o erro, isto é, a causa primeira do que se chama culpa ou pecado. A posição do ser situado ao longo do caminho YX da evolução, representa um contraste entre o impulso da Lei que impele o ser para o S, e o impulso do ser que opõe resistência porque, pelo contrário, ele quer dirigir-se

para a realização do AS. A vontade da Lei é de levar a ser para o ponto X. A vontade do ser é de realizar a plenitude da sua revolta no ponto Y.

Disto se segue: 1) A linha do erro NN1 é produto da vontade do ser, contra a da Lei. 2) a linha da dor N1N é produto da vontade da Lei contra a do ser. 3) Este deslocamento lateral MAN é da mesma natureza do deslocamento maior XYX, do qual se apresenta como um caso menor. 4) Cada erro ou pecado representa uma tentativa de revolta contra o S para se aproximar do AS, movida por uma vontade rebelde à ordem de Deus, é efeito desse impulso de emborcamento se constitui uma queda que depois é necessário recuperar com a dor. 5) O deslocamento lateral NN1N representa um desabafo da vontade do ser que quer ir contra a da Lei. O afastamento se realiza em sentido lateral, porque aqui a vontade do rebelde encontra menor resistência do que se retrocedesse direto contra a da Lei em sentido vertical para Y. Neste caso, o ser, para atingir a satisfação da sua vontade, segue e caminho de menor resistência.

Este é o caso mais simples, que estudamos primeiramente. Mas veremos agora o caso diferente e mais complexo de, outros afastamentos não horizontais: afastamentos oblíquos, seja para cima como para baixo, em que por conseguinte prevalece em medida maior ou menor o impulso da vontade rebelde do ser contra a da Lei.

O ser, impulsionado pela sua vontade de revolta dirigida para o AS, contra a oposta vontade da Lei que quer levá-lo para o S, procura uma saída e solução para esse contraste com um compromisso que lhe permita atingir a sua satisfação, mas com o menor esforço possível, contra a vontade da Lei que o aperta do outro lado para levá-lo ao S. Em seu retrocesso para o AS, ao longo da linha XY, a resistência será muito maior. Do contraste entre esses dois impulsos opostos nascerão, segundo o poder do impulso de revolta do ser, diferente, modelos ou tipos de afastamento, como agora estudaremos. Veremos que as linhas do erro e da dor tomarão posições, medidas e valores diferentes, mas sempre obedecendo ao mesmo princípio de equilíbrio, que rege o caso mais simples NN_1N, que já observamos, isto é, de exata correspondência e compensação entre o tamanho do erro e o da dor.

Estudaremos assim em vários dos seus aspectos esse fenômeno da tentativa do ser em busca de escapatórias laterais ao impulso corretor da Lei, para realizar a sua vontade de revolta sem ter de chocar-se com a reação da dor. Como já mencionamos, fomos até agora observando o caso mais simples, o do afastamento horizontal, em que as duas linhas, a do erro e a dor, são perpendiculares à da Lei e iguais entre elas. Observemos agora o caso em que a linha do erro não se afasta em sentido horizontal, perpendicular à linha da Lei, mas em direção oblíqua. Temos que considerar primeiro a linha do erro, que expressa o impulso gerador do fenômeno, fato que estabelece a forma do seu desenvolvimento, a medida da linha da dor e sua conseqüência.

A linha do erro pode então ser oblíqua em duas direções: 1) dirigindo-se para o alto, isto é, para o S; 2) dirigindo-se para baixo, isto é, para o AS. Como poderemos então calcular qual será a correspondente linha da dor que leva o ser à linha da Lei?

Aqui a direção oblíqua introduz no fenômeno novos elementos, já que ela implica um deslocamento não somente lateral, de afastamento da linha da lei, como no primeiro caso, mas também um deslocamento que se repercute ao longo daquela linha, em sentido vertical, seja de subida ou de descida. Assim se a posição oblíqua for dirigida para o alto da figura, então a linha do erro terá percorrido também um trecho da linha da Lei em sentido evolutivo, para o S; e se a posição oblíqua for dirigida para baixo, então a linha do erro terá percorrido também um trecho da linha da Lei em sentido involutivo, para o AS.

Nestes dois casos, que chamaremos o 2º e o 3º caso, tendo em vista o primeiro, horizontal, já estudado, o desvio adquire e representa valores diferentes, porque não se trata mais, como no 1º caso, só de um afastamento da linha da Lei, enquanto tudo permanece sempre à

mesma altura na escala da evolução, isto é, à mesma distância e na mesma posição a respeito do S como do AS. Nestes dois casos, pelo contrário, o deslocamento da linha do erro, sendo oblíqua, gera também correspondentes deslocamentos na posição ao longo da linha da Lei. Mais exatamente, no 2º caso (oblíquo em subida) verifica-se um deslocamento de aproximação para o S, com todas as respectivas vantagens como conseqüência evolutiva; e no 3º caso (oblíquo em descida) verifica-se um deslocamento para o AS, com todas as respectivas perdas como conseqüência involutiva. No desenvolvimento do processo do endireitamento corretor, para chegar a conhecer quais são os seus resultados finais, é necessário então levar em conta e calcular o valor de todos esses movimentos, que vemos expressos pelo comprimento das linhas que observarmos na figura.

Aqui a 1inha da volta ou da dor não é constituída somente pela contrapartida igual à linha do erro, mas por um caminho mais longo e complexo. no qual aparecem outros elementos, cujo valor é necessário definir. Enfrentemos então o problema mais de perto, observando as suas diferentes posições em nossa figura. Ela nos apresenta três modelos ou casos fundamentais.

1º) – O *primeiro caso* e o do *afastamento horizontal,* de que já falamos. Ele está expresso pelo percurso NN_1N, isto é, pelo comprimento da linha verde do erro e da linha vermelha da dor. A primeira linha nos expressa a medida do afastamento para fora da linha da Lei, ou caminho percorrido em sentido negativo na ida, o que é igual à segunda linha que nos expressa a medida do trabalho de nova aproximação à linha da Lei, ou caminho a percorrer em sentido positivo de volta.

A fórmula deste 1º caso é :

$$NN_1 \ (-) = N_1N \ (+)$$

2º) – O *segundo caso* é o do *afastamento oblíquo em subida.* Aqui o problema se torna mais complexo, porque podemos encontrar muitas posições e relações diferentes entre as duas linhas, a do erro (–) e a da dor (+), a segunda encarregada de neutralizar a primeira. Para simplificar escolhemos, como na figura, só duas posições principais, representando todas as outras possíveis apenas variações destas. Cada posição pode ser expressa pela sua fórmula.

a) *Posição a, do 2º caso.* Esta posição do afastamento oblíquo em subida resulta do percurso NN_2N_3. Pelo fato de que a linha do erro é em subida, o caminho reconstrutor pela dor acaba no ponto final N_3, e não no ponto de partida N, como no 1º caso. Assim neste caso o deslocamento lateral do erro implica também na trajeto NN_3, percorrido em subida, em sentido positivo evolutivo, ao longo dia linha da Lei, em favor do ser. (Representa uma vantagem para ele tudo o que o leva para o S).

b) *Posição b,* do *2º caso.* Esta posição resulta do percurso NN_4N_5, e é semelhante à precedente. A diferença é só esta: que o afastamento é ainda mais oblíquo em subida, com a conseqüência que assim se intensificam, acentuadas com maior evidência, as qualidades do caso precedente ou posição A. Pelo fato de que alinha do erro é ainda mais em subida, o caminho reconstrutor pela dor acaba não na ponto final N_3, mas no ponto N_5. Assim neste caso o deslocamento lateral do erro implica também no trajeto NN_5, percorrido em subida, em sentido positivo evolutivo, ao longo da linha da Lei, maior que o precedente, em favor do ser.

3º) – O terceiro caso é o do afastamento oblíquo em descida. Aqui nos encontramos nos antípodas do 2º caso, precedente. O mesmo processo se repete, mas às avessas, em forma emborcada, gerando por isso valores opostos. Aqui também, como acima, para simplificar escolhemos só duas posições principais, deixando as outras possíveis posições intermediárias. Aqui também cada posição pode ser expressa pela sua fórmula, como veremos.

a) *Posição a, do 3º caso.* Esta posição do afastamento oblíquo em descida, resulta do percurso NN_6N_7. Pelo fato de que a linha do erro desta vez e era descida, o caminho reconstrutor pela dor acaba no ponto final N_7, e não no ponto de partida N. Assim neste caso o deslocamento lateral do erro implica também no trajeto NN_7 percorrido em descida, em sentido negativo involutivo, ao longo da linha da Lei, em prejuízo do ser. (Representa um da- no para ele tudo o que o leva para o AS).

b) *Posição b, do 3º caso.* Esta posição resulta do percurso NN_8N_9, e é semelhante à precedente. A diferença é só esta: que o afastamento é ainda mais oblíquo em descida, com a conseqüência que assim se intensificam, acentuadas com maior evidência, as qualidades do caso precedente ou posição *a*. Pelo fato de que a linha do erro é ainda mais em descida, o caminho reconstrutor pela dor acaba não no ponto final N_7, mas no ponto N_9. Assim neste caso o deslocamento lateral do erro implica também no trajeto NN_9, percorrido em descida, em sentido negativo involutivo, ao longo da linha da Lei, maior que o precedente, em prejuízo do ser.

Eis o esquema geral dos três casos e suas posições. Entrando em outros pormenores, explicaremos mais adiante tudo melhor.

❑ ❑ ❑

Analisemos agora os conceitos acima mencionados, para compreender o seu significado e o que a eles corresponde na realidade. Vigora sempre em todo o momento do fenômeno o contraste entre os dois impulsos opostos: o da negatividade devido à vontade de revolta do ser, dirigido para o AS, e o da positividade devido à vontade de ordem da Lei, que impulsiona para o S. Tudo o que é negativo esta marcado na figura em cor verde e com o sinal (–) Tudo o que é positivo esta marcado na figura em cor vermelha e com o sinal (+).

O impulso da negatividade gera a linha do erro, o da positividade gera a linha da dor. Então a linha verde do erro, de sinal –, representa o dano do ser porque, apesar de correr atrás de gozos efêmeros, por esse caminho ele se afasta da Lei que representa a sua verdadeira felicidade. E a linha vermelha da dor, de sinal +, representa a vantagem do ser porque, apesar de sofrer, por esse caminho ele neutraliza o erro e, recuperando o perdido, de novo se aproxima da Lei, em que está a felicidade.

Aqui, quando falamos de dano ou vantagem, o nosso ponto de referencia é o mais importante, isto é, Deus, o S, a Lei, em que se encontra o único verdadeiro bem-estar do ser; e não é o seu gozo momentâneo e ilusório, porque rouba à justiça da Lei e por isso é dívida a pagar, que leva ao estado completo e definitivo da sua felicidade,

Este novo modo de equacionar o problema em direção obliqua, com a conseqüente posição inclinada da linha do erro em relação à linha da Lei, introduz no fenômeno elementos e valores novos que é necessário levar em conta e definir. Nestes dois: 2º e 3º caso, não ha somente a linha do afastamento lateral, a do erro, mas verifica-se também um deslocamento no sentido vertical, ao longo da linha da Lei. Se esse deslocamento é em subida, para o S, ele se resolve num caminho percorrido no sentido da obediência; se ele é em descida, para o AS, se resolve num caminho percorrido no sentido da revolta.

Assim temos agora não somente que calcular os valores da linha do erro no sentido da negatividade e da linha da dor no sentido da positividade, mas tombem no 2º caso os valores positivos construtivos, produto do deslocamento ao longo da linha da Lei em subida (evolução), e no 3º caso os valores negativos destrutivos, produto do deslocamento ao longo da linha da Lei em descida (involução). O valor do resultado final atingido pelo ser nestes dois casos, será obtido comparando o valor expresso pelo comprimento do conjunto de todas as

linhas positivas de um lado, considerado em relação ao valor do conjunto de todas as linhas negativas do outro, ou ao contrário.

Nestes dois casos temos então de observar o comprimento de 4 linhas, que nos expressa e dá a medida do conteúdo e valor delas.

1) A linha do erro (–), oblíqua, de afastamento da linha da Lei, em subida (2º caso), ou descida (3º caso).

2) A 1inha da dor (+), horizontal, de volta, dirigida para a linha da Lei.

3) A linha vertical ao longo da linha da Lei, em subida, em sentido positivo, dirigida para o S, como no 2º caso. Poderemos chamá-la a linha da obediência.

4) A mesma linha vertical, mas em descida, em sentido negativo, dirigida para o AS, como no 3º caso. Poderemos chamá-la a linha da revolta.

Então o resultado final do processo do 2º caso será dado pela soma do comprimento das linhas de sinal positivo (neste caso maiores), isto é, a linha da dor (+), mais a linha da obediência (+), menos a linha do erro (–), neste caso linha menor). Assim, agora prevalecem e vencem os valores positivos. Pelo contrário, o resultado final do processo do 3º caso será dado pela soma do comprimento das linhas de sinal negativo (neste caso maiores), isto é, a linha da erro (–), mais a linha da revolta (–), menos a linha da dor (+), (neste caso linha menor). Assim, agora prevalecem e vencem os valores negativos.

Qual é mais exatamente o significado contido nestas linhas?

A linha do erro expressa a nossa direção errada na procura da satisfação de um desejo fundamentalmente legítimo, para atingir a felicidade, porque a isso fomos criados. O caminho certo para ela é o da Lei, que vai direto para o S. Todos os outros caminhos são errados. É lógico porem que, como está expresso na figura, quanto mais é oblíqua a linha do erro, e com isso é menor o afastamento longe da linha da Lei, tanto menor tenha de ser o cumprimento da linha da dor, que e a de revolta à Lei e corretora do erro.

Mas o fenômeno não se esgota só com estas duas linhas, a do erro e a da dor. Se a primeira expressa a procura da felicidade em sentido errado, e a segunda a correção de tal erro pela penitência da dor, as duas linhas que, no 2º e 3º caso, aparecem em sentido vertical, não são escapatórias longe do caminho carreto da linha da Lei, mas constituem um deslocamento vertical que se dirige, no 2º caso, o da obediência, direto para o S, e no 3o. caso, o da revolta, direto para o AS. Nestes dois casos não se realiza só uma fuga longe do caminho da Lei, como na linha do erro, mas também um caminho direto ao longo da linha da Lei, seja para Deus, seja contra Deus para o Anti-Deus. Nestes dois casos, pelo fato de que o ser trabalha não se afastando da linha da Lei, mas ficando dentro dela, percorrendo um trecho seu, se repete o motivo fundamental da primeira revolta e queda para o AS, se o ser vai em descida, e o motivo da obediência e salvação para o S, se ele vai em subida.

Podemos agora compreender como se desenvolve o fenômeno. No 2º caso a linha do erro não se resolve só em puro valor negativo de erro mas, pelo fato de que é dirigida para o alto, resulta corrigida pelo valor da linha da obediência, que com a sua positividade neutraliza a negatividade da linha do erro, resolvendo caso com uma linha de dor, proporcionalmente menor.

No 3º caso, pelo contrário, a linha do erro não somente fica com o seu valor negativo de erro, não corrigido pelo valor de alguma linha positiva de obediência mas, pelo fato de que é dirigida para baixo, resulta aumentada, porque soma a sua negatividade com a da linha da revolta, resolvendo o caso com uma dor proporcionalmente maior, porque funciona duas vezes, uma para corrigir o afastamento do erro, voltando à linha da Lei; e outra para corrigir a revolta percorrendo em subida o caminho percorrido em descida, involuindo. Para neutralizar a

negatividade de duas linhas em descida, seria necessária a presença de um correspondente caminho no positivo, isto é, de uma linha da dor maior, tal que neutraliza-se a linha do erro mais a linha da revolta. É lógico: o que pode levar os valores negativos destruidores para o seu endireitamento corretor que os neutralize, não pode ser senão um correspondente peso de valores positivos que atuem no sentido da reconstrução. Temos então neste 3º caso uma linha corretora dupla. Ela se realiza em dois momentos; 1) A linha do erro (–) resulta corrigida pela linha da dor (+), que se desenvolve em sentido horizontal. 2) O que, pela inclinação da linha do erro, foi uma descida, e com isso se tornou também linha de revolta, para ser corrigido, tem de ser percorrido de novo às avessas em subida, como linha da obediência, fato que, como veremos, representa um valor diferente.

É necessário compreender que o impulso gerador da linha revolta não é da mesma natureza que o da linha do erro. Esta, como há pouco mencionamos, deriva de um desejo de felicidade, que por si mesmo não constitui impulso errado, porque pertence ao ser como seu direito fundamental, que ele possuía em seu estado de origem como cidadão do S. Como tal, esse impulso pertence à positividade. O que o torna errado é a sua direção de afastamento da linha da Lei, e o leva à negatividade, na medida em que se realiza afastamento. Por outro lado, o princípio psicológico básico da linha da revolta é o egocentrismo separatista contra Deus, para substituir-se, a Ele. Aqui, pelo contrário, se trata de um impulso fundamentalmente errado, toda negatividade, porque dirigido somente como emborcamento do S no AS, para a derrota de Deus e a vitória do Anti-Deus. Neste caso não se trata de erro, mas de revolta. O pecado não é um dos pecados comuns de nossa vida, mas é o maior, o da rebeldia que gerou a queda; não e pecado que a criatura cometa contra si mesma, mas sim contra Deus. Se a linha do erro representa o princípio do afastamento, a linha da revolta expressa o princípio do emborcamento total. Este e o pecado de Lúcifer, pecado de orgulho que tenta agredir a Deus para destrui-Lo. Não se trata da comum fraqueza humana, caminho errado na busca do gozo, mas de uma revolta consciente, feita de propósito, para atingir a sua finalidade subversiva.

Seja em subida com a linha da obediência (2º caso), seja em descida com a linha da revolta (3º caso), se trata sempre de fundamentais deslocamentos evolutivos ou involutivos, cujo resultado e ou uma construção e adiantamento para o nosso bem, ou uma destruição e retrocesso, que depois e necessário pagar com um novo trabalho de construção e recuperação. Neste caso ao erro se junta a culpa da revolta. Isto se verifica quando se faz o mal de propósito, com conhecimento e vontade de fazer o mal. No 2º caso, em subida, há somente erro, sem vontade de revolta, mas pelo contrario, com desejo de obediência que contrabalança a descida do erro, porque leva para o alto ao invés de levar para baixo. Esta boa vontade de seguir a Lei, embora errando, significa introduzir no fenômeno uma dada percentagem de positividade apta a neutralizar a negatividade do erro; enquanto no 3º caso a má vontade de revolta contra a Lei significa introduzir no fenômeno ainda mais elementos de negatividade, que se somam aos negativos do erro. O ser e responsável também pelo erro sem vontade de revolta, porque ele é devido à sua ignorância, que é conseqüência da queda, que foi o fruto da sua vontade de revolta. É justo então que também esse erro o ser tenha que resgatar à sua custa pela dor.

❑ ❑ ❑

Analisemos ainda mais de perto o problema, escolhendo agora como ponto de referência, o ser, a sua verdadeira vantagem ou prejuízo.

Com a ajuda de nossa figura procuramos chegar ao cálculo geométrico dos fenômenos da ética. Colocamos aqui os seus princípios fundamentais, suscetíveis de desenvolvimento com teoremas, demonstrações e conclusões racionais.

Voltemos a observar o 2º e o 3º caso, nas suas duas posições a) e b), para resolvê-los em termos de débito ou crédito da parte do ser.

2º caso. Poderíamos chamar favorável este caso, porque o caminho das linhas positivas sendo maior do que o das negativas, o balanço se fecha em vantagem do ser.

Posição a) do 2º caso.

O cálculo neste caso se baseia sobre três linhas: 1) a ver- de negativa do erro, NN_2; 2) a vermelha positiva da dor, N_2N_3; 3) a vermelha positiva da evolução ao longo da linha da Lei, NN_3. Na balança entre os valores negativos e os positivos, vencem os positivos, pelo fato de que estes são representados por duas linhas contra uma só negativa. Do lado da negatividade temos a linha NN_2 (–). Do lado da positividade temos

$$[\ N_2N_3\ (+)] + [NN_3\ \ (+)].$$

Então a linha do erro (–) fica compensada por duas linhas de sinal oposto, a da dor (+) e a da obediência (+). A diferença entre os caminhos destruidores de valores e os reconstrutores é em sentido positivo. Então o movimento todo no seu conjunto se resolve em proveito do ser, pelo fato de que a soma das duas linhas positivas é maior do que a negativa.

A fórmula da posição "a" do 2º caso tem de exprimir a vantagem (+) em termos de valores positivos em favor do ser, como no 3º caso, que é o seu oposto, a respectiva fórmula tem de exprimir, como veremos, o dano do ser (–) em termos de valores negativos. Assim, enquanto no 1º caso os dois valores opostos + e – se equilibram, sendo iguais, neste 2º caso há uma diferença em sentido positivo favorável de vantagem, como no oposto 3º caso é lógico haja uma diferença em sentido negativo contrário, de prejuízo.

Expressemos com a letra V(+) o conceito dessa vantagem. Ela significa tudo o que o ser ganha em sentido de positividade, de subida do AS para o S, em termos de evolução e correlativo melhoramento.

Então a fórmula resolutiva da posição a) deste 2º caso é a seguinte :

$$V(+) = [\ (N_2N_3\ (+) + NN_3\ (+)\ ) - NN_2\ (-)$$

Posição b) do 2º caso. Nesta outra posição se repete em medida e evidência maior o que temos observado a respeito da posição a) do mesmo 2º caso. A fórmula contém os mesmos elementos, mas ainda mais deslocados para os valores positivos em favor do ser. Aqui selecionamos só estas duas posições a) e b) para simplificar. Mas é possível imaginar entre elas quantas posições intermediárias quisermos, conforme a medida de deslocamento de valores que escolhermos.

Aqui também o cálculo se baseia sobre três linhas: 1) a verde negativa do erro, NN_4, 2) a vermelha positiva da dor, N_4N_3; 3) a vermelha positiva da evolução ao longo da linha, NN_5. Aqui também vencem os valores positivos, representados por duas linhas contra só uma negativa. Do lado da negatividade temos a linha NN_4 (–). Do lado da positividade temos $[N_4N_5\ (+)]+ [NN_5\ (+)]$, Aqui também a diferença é em sentido positivo e o movimento todo se resolve em proveito do ser.

Então a fórmula resolutiva da posição b) deste 2º caso é a seguinte :

$$V(+) = [N_4N_5\ (+) + NN_5\ (+)] - NN_4\ (-)$$

Algumas observações. Observamos que, quanto mais vertical e menos obliqua é a linha do erro, e com isso é menor o seu afastamento da linha da Lei, tanto mais diminui o comprimento da linha da dor e aumenta a linha do progresso em subida, isto é, o comprimento do trajeto percorrido em sentido evolutivo em favor do ser. Isto quer dizer: 1) que diminui sempre mais o caminho de volta para a Lei (dor); 2) que o ser realizou um trabalho útil de progresso ao longo da linha da Lei em seu proveito.

Não esqueçamos o que há pouco mencionamos, isto é, que aqui estudamos o fenômeno em função da vantagem ou dano do ser, e que por isso estes são agora os nossos pontos de referência.

Na posição a) deste 2o caso temos então que, se para corrigir o erro expresso pelo comprimento da linha NN_2 é necessária a dor expressa pelo comprimento da linha N_2N_3 (dano), ao mesmo tempo o ser percorreu em sentido evolutivo o comprimento da linha NN_3 em seu proveito. No 1o caso, NN_1N o ponto de chegada é N, o mesmo que o de partida. Mas no 2º caso o ponto de partida é N, e o ponto de chegada é N_3, o que quer dizer que, embora errando pelo caminho do mal, o ser realizou alguma coisa no caminho *do* bem, Isto não é absurdo nem impossível na realidade de nosso mundo, onde vemos que bem e mal muitas vezes se misturam no mesmo ser e na mesma obra. Acontece assim que o pagamento por meio da linha da dor não somente neutraliza a do erro, mas através desta experimentação deixa no fim o ser numa posição mais adiantada. Isto representa uma vantagem que compensa e anula parte do dano produzido pelo erro. Este trecho que foi ganho como progresso constitui como um abatimento na dívida que o ser tem de pagar para se resgatar do erro com a sua dor. Eis aí o significado da fórmula resolutiva da posição a) do 2º caso.

Na posição b) deste 2º caso as características do fenômeno vão sempre aumentando em favor do ser. A linha da dor, ao invés do comprimento NN_3, fica reduzida à linha N_4N_5; e a linha do progresso em subida, ao invés do comprimento NN_3, resulta aumentada a NN_5. Desta vez o ponto de chegada é N_5, o que quer dizer que foi percorrido em subida um caminho ainda maior, e que por conseguinte no fim o ser se encontra numa posição ainda mais adiantada. Isto representa uma vantagem maior em favor do ser. Este trecho a mais que foi ganho como progresso constitui um abatimento maior na dívida que o ser tem de pagar com a sua dor, ao mesmo tempo que o comprimento da linha da dor foi diminuindo. Eis aí o significado da fórmula resolutiva da posição b) no 2º caso.

Estas duas posições a) e b), como há pouco dizíamos, são só dois exemplos escolhidos para a nossa demonstração entre os muitos possíveis, que cada um pode multiplicar à vontade. Mas estes dois, como na figura, já bastam para nos mostrar a tendência do fenômeno de deslocar os seus valores no sentido de que, à posição cada vez menos oblíqua e inclinada da linha do erro, corresponde uma progressiva diminuição do comprimento da linha da dor (dano), e um progressivo aumento do comprimento da linha do progresso em subida (vantagem).

Esta tendência nos leva a considerar a *posição limite* deste processo, e a poderíamos chamar *a posição c) deste 2º caso.*

Esta tendência significa que o fenômeno está dirigido para uma quantidade de valores positivos conquistados, sempre maior, para a vantagem do ser, e para uma quantidade de valores negativos cada vez menor, a cargo e para o dano do ser. Não há somente o fato de que os primeiros funcionam em favor do ser, como resgate do seu erro; mas ao mesmo tempo há também uma diminuição progressiva do comprimento da linha da dor.

Ora, é claro que, se levarmos esse processo até ao seu caso limite, atingiremos uma posição em que a quantidade dos valores positivos conquistados será máxima, e com isso o será a vantagem do ser; e a quantidade dos valores negativos será anulada, e com isso o será o dano

do ser. Acontece que no fim desaparece a linha da dor, e o erro não foi mais erro, mas só uma tentativa bem sucedida que se resolveu num progressivo caminho de subida. Isto é lógico, porque a crescente inclinação da linha do erro para o alto, cada vez mais a aproxima da linha da Lei,, até anular todo afastamento e com isso a linha da dor que é a sua conseqüência, porque representa o caminho de volta à Lei. É lógico que, não havendo mais afastamento, não haja também linha de dor. Neste caso limite o fenômeno chega então a esta posição: não mais afastamento, nem dívida a pagar, nem dano e dor para o ser, nem valores negativos a resgatar, restando somente a vantagem da evolução realizada. Este é o caso dos santos que, como Agostinho e Francisco de Assis, pecadores na sua juventude, do erro souberam tirar a experiência útil para realizar um progresso espiritual e, assim, transpuseram um nível de vida mais alto.

❑ ❑ ❑

Continuemos agora analisando este processo, mas em sentido oposto, igualmente nas suas duas posições a) e b).

3º caso. Poderíamos chamar desfavorável este caso, porque o caminho das linhas positivas sendo menor do que o das negativas, o balanço se fecha com prejuízo para o ser.

Posição a) do 3o caso.

O cálculo neste caso se baseia sobre três linhas: 1) verde negativa do erro, NN_6; 2) a vermelha positiva da dor, N_6N_7; 3) a verde negativa da involução, percorrida em descida ao longo da linha da Lei, isto é, a linha NN_7, que terá de ser corrigida em sentido oposto, positivo, evolução, como esforço de subida, N_7N. Aqui na balança entre os valores negativos e positivos, vencem os negativos, pelo fato de que estes estão representados por duas linhas, contra uma positiva. Do lado da negatividade temos as linhas $[NN_6 (-)] + [NN_7 (-)]$. Do lado da positividade temos só a linha N_6N_7. Então à linha do erro (–) se junta outra linha negativa, a da descida involutiva. A diferença entre os caminhos destruidores de valores e os reconstrutores, é em sentido negativo. Então o movimento todo no seu conjunto se resolve em prejuízo do ser, pelo fato de que a soma das duas linhas negativas é maior do que a positiva. Se no fim do processo da posição a) do 2º caso o ser se encontrava em N_3, com a vantagem do caminho percorrido em subida como progresso, agora no fim do processo da posição a) do 3º caso, o ser se encontra em N_7, com a desvantagem do caminho percorrido em descida como involução, que depois é necessário pagar subindo de novo com o próprio esforço.

Então a fórmula desta posição a) do 3º caso tem de exprimir esta desvantagem (–) em termos de valores negativos com dano para o ser, como acima mencionamos. Aqui nos encontramos na posição oposta à correspondente a) do 2º caso.

Expressemos com a letra D (–) o conceito deste dano. Este significa tudo o que o ser perde em sentido de negatividade, de descida do S para o AS, em termos de involução e correlativo prejuízo.

Então a fórmula resolutiva da posição a) deste 3º caso é a seguinte :

$$D (-) = N_6N_7 (+) - [NN_6 (-) + NN_7 (-)]$$

Posição b) do 3º *caso.* Nesta outra posição se repetem mais acentuadas e evidentes as condições da posição a) do mesmo 3º caso. É lógico então que os valores negativos prevaleçam ainda mais sobre os positivos, o que quer dizer para o ser aumento de desvantagem. A fórmula

contém os mesmos elementos, mas ainda mais deslocados para os valores negativos, em desfavor do ser. Aqui vigoram os mesmos princípios, mas sempre piorando, o contrário da correspondente posição b) do 2º caso que iam sempre melhorando.

Aqui também o cálculo se baseia sobre três linhas: 1) a verde negativa do erro, NN_8; 2) a vermelha positiva da dor. N_8N_9; 3) a verde negativa da involução, percorrida em descida ao 1ongo da linha da Lei, isto é, a linha NN_9, que tem de ser corrigida em sentido oposto, positivo de evolução, como o esforço do ser, pelo caminho inverso N_9N. Aqui vencem sempre mais os valores negativos, representados pelas duas linhas deste sinal, contra só uma positiva. Do lado da negatividade temos as linhas $[NN_8\ (-)]+ [NN_9\ (-)]$. Do lado da positividade temos só a linha N_8N_9 (+). Aqui também a diferença é em sentido negativo e o processo se resolve todo em desfavor do ser, pelo fato de que à linha do erro (–) se junta outra linha negativa, a da descida involutiva, e a soma das duas linhas negativas é maior do que a linha positiva. Se no fim do processo da posição a) do 3º caso o ser havia descido até ao ponto N_7 da escala evolutiva, agora no fim do processo da posição b) do mesmo 3º caso, o ser desceu até ao ponto N_9, o que exige depois um trabalho de recuperação muito maior.

Então a fórmula resolutiva da posição b) deste 3º caso é a seguinte :

$$D\ (-) = N_8N_9\ (+) - [\ NN_8\ (-) + NN_9\ (-)]$$

Algumas observações. Se no 2º caso vai cada vez mais aumentando a linha percorrida em subida evolutiva em favor do ser, no 3º caso o mesmo fenômeno se repete às avessas, e assim vai cada vez mais aumentando a linha percorrida em descida involutiva em desfavor do ser. No 2º caso tudo está orientado em sentido positivo construtor, no 3º caso em sentido negativo destruidor, Trata-se de dois sistemas de forças opostas : um dirigido para o alto, o outro para baixo. No primeiro prevalecem os valores positivos, e é lógico então que o resultado final seja positivo: V(+). No segundo prevalecem os valores negativos e é lógico então que o resu1tado final seja negativo: D (–). Se no 2º caso, em subida, a linha verde (–) do erro resulta corrigida só pela linha vermelha (+) da dor, com a vantagem (+), porem, de ter atingido um ponto mais adiantado no caminho da evolução, no 3º caso, em descida, a linha do erro resulta corrigida pela linha vermelha (+) da dor, com a desvantagem (–), porém, de ter retrocedido para um ponto mais atrasado no caminho da evolução.

Para voltar ao ponto de partida N, recuperando o perdido, é necessário reconstruir o que foi destruído, isto é, com o próprio esforço ter de cumprir de novo o trabalho de percorrer em subida o caminho que foi percorrido em descida E por isso que no 3º caso o trabalho necessário para chegar ao resgate do erro é muito maior. Enquanto no 2º caso a linha em sentido evolutivo representa um abatimento na dívida do ser, o que constitui um crédito em seu favor, no 3º caso não somente não existe essa compensação, mas a linha percorrida em sentido involutivo representa um acréscimo na dívida do ser, enquanto gerou um novo débito a pagar, que vai aumentar o outro expresso pela linha do erro.

Se olharmos para as posições a) e b) do 3º caso, veremos a mesma tendência a um deslocamento de valores sempre maior que, se no 2º caso é em sentido positivo, pelo contrário neste 3º caso é em sentido negativo. Em outros termos, quanto no 2º caso a tendência é dirigida para um contínuo aumento em favor do ser, no 3º caso ela o é para um contínuo aumento em desfavor dele.

Continuando por este caminho, chega-se, como vimos no 2º caso, à *posição limite* do fenômeno. Nesta posição a linha do erro tanto se inclinou para baixo, que acabou sobrepondo-se à linha da Lei, mas às avessas, isto é, em sentido emborcado, todo negatividade, não em

subida mas em descida.
Esta é o que podemos chamar a *posição c) do 3º caso.*
Se no 2º caso a anulação do afastamento da linha do erro da linha da Lei levou à anulação da linha da dor, e no fim ficou só o trabalho positivo realizado em sentido evolutivo, neste 3º caso a mesma anulação do referido afastamento leva à anulação da linha da dor em outro sentido. Não há outros meios de recuperação que não sejam aqueles de repetir, sozinho, o esforço de quem, involuindo, caiu no fundo de um abismo e tem de subir novamente, escalando à sua custa as íngremes paredes. Não se trata mais só de uma penitência que neutraliza o pecado. Pela sua descida o ser retrocedeu um mais baixo nível de vida, repetindo e confirmando com vontade de revolta um trecho do mesmo caminho da primeira grande queda.

Para o ser abismado nesta posição, ficou anulada até a linha vermelha da dor (+) com os seus poderes reconstrutores de positividade. Com isso desaparece a possibilidade do resgate pelo caminho do arrependimento e da dor, que representam o meio com que pode corrigir o erro quem ficou no mesmo nível de evolução. O ser desta vez se tornou fera, porque involuiu num trecho do caminho para o AS e com isso adquiriu mais qualidades deste ao mesmo tempo perdendo as do S; perdeu o que tinha conquistado em conhecimento, felicidade, vida, liberdade, proporcionalmente decaindo para a ignorância, o sofrimento, a morte, o determinismo e o caos do inferno. Este é o justo galardão que recebe, porque merecido, quem cumpre o crime da revolta absoluta contra Deus, não por erro mas, como mencionamos, por orgulho, por espírito de revolta, com conhecimento e vontade de praticar o mal. Este caso é mais raro que o do erro comum, porque requer um impulso muito mais decidido para a negatividade, impulso de revolta que tem de ser tanto mais poderoso quanto mais for inclinada a linha do erro, até ao caso limite em que ela não é mais lateral, mas só descida vertical, involução, posição de revolta absoluta para a vitória do AS, vontade do ser contra a da Lei. Não se trata mais do pecado do homem, mas, como dissemos, do de Lúcifer, que não se resolve só com o arrependimento percorrendo a linha da dor, mas de novo transformando-se e amadurecendo pela profunda e dura fadiga redentora da evolução.

Neste caso não se trata de uma negatividade acidental, de superfície, fácil de corrigir, porque o erro por si só não subverte fundamentalmente a natureza do ser. Mas se trata, pelo contrário, de uma negatividade central, profunda, e para endireitar é necessário um renovamento igualmente central e profundo no sentido da positividade, pelo fato de que neste caso, por causa do regresso, acordam e voltam a desencadear-se as forças obscuras do AS. Este é o caso oposto ao dos santos, acima mencionados, que erraram na procura da verdade e do bem, para acabar santificando-se. Neste 3º caso em descida se trata, pelo contrário, de seres que quiseram fazer o mal, pelo mal, em pleno conhecimento, não por erro, mas por vontade decisivamente resolvida a realizar o emborcamento do S no AS. Este não é só pecado secundário devido à ignorância e fraqueza do ser, erro que pode gerar somente um afastamento lateral, que a penitência da dor pode corrigir; mas é o pecado fundamental, o primeiro e maior, devido ao espírito de revolta, o que gerou o processo involutivo da queda e o desmoronamento de todo o nosso universo.

Eis o significado das duas posições limites c) do 2º e 3º caso. A primeira é toda em subida, fato que neutraliza o erro e acaba reabsorvendo a linha da dor. A segunda é toda em descida, fato que transforma o erro em crime, que não há arrependimento e sacrifício comum que possa facilmente apagar. A progressiva inclinação da linha do erro para o alto no 2º caso, até à referida posição limite, tende a transformar cada vez mais o erro (-) em trabalho da evolução (+); e esta transformação se realiza em cheio na posição limite c) do fenômeno, em que triunfa toda a positividade. Ao contrário, a progressiva inclinação da linha do erro para

baixo no 3º caso, até à sua posição limite, tende a transformar cada vez mais o erro (-) em trabalho de involução (-); e esta transformação se realiza em cheio na posição limite e) do fenômeno, em que triunfa toda a negatividade.

Na primeira destas duas posições limites venceu a Lei e, em obediência, o ser ganhou. Na segunda venceu o ser e, com a revolta, ele perdeu. Nestas duas posições limites todo o movimento se realiza não de lado, mas dentro da linha da Lei. Adquire por isso, seja no sentido da positividade como no da negatividade, sentido resolutivo de progresso que é vida, ou de regresso que é morte. Nestes casos o deslocamento não é só afastamento lateral, que deixa o ser no mesmo plano de vida, mas é deslocamento de nível biológico para o S, ou para o AS, com todas as suas conseqüências. No 3º caso se trata do emborcamento dos valores fundamentais do existir, de regresso, de gênese do mal, como no caso da primeira revolta. A inclinação da linha do erro para o alto expressa a boa vontade, que é tanto maior quanto maior for a inclinação, até ser toda completa, quando as duas linhas coincidem na posição limite A inclinação da linha do erro para baixo expressa a má vontade, que é tanto maior quanto maior for a inclinação, até se completar quando as duas linhas coincidem na posição limite.

Erro e boa ou má vontade são elementos que todos conhecemos pela nossa prática quotidiana, e que de fato vemos misturar-se em cada ato nosso, em proporções diferentes. Eis que este estudo geométrico de nossa figura, apesar de poder parecer trabalho abstrato afastado da realidade, nos leva a compreender o valor e as conseqüências de nossa conduta, e a formular racionalmente as normas dessa nova ética, cujos alicerces estamos aqui construindo, com a enunciação dos seus princípios.

VIII

EVOLUÍDO E INVOLUIDO

Agora que foi analisada e entendida a estrutura da nossa figura, podemos melhor compreender o significado exato do Conceito de evoluído e involuído, de que muitas vezes falamos neste livro, Como nos precedentes.

Explicamos no Cap. V que cada plano de evolução está regido por uma ética sua, relativa, a ele particular, que gradativamente se transforma da ética do nível inferior, na ética do nível mais adiantado que o ser vai atingindo com a sua evolução. Estamos no terreno do ser decaído, onde a perfeição do absoluto desmoronou no transformismo do relativo, sempre em marcha no caminho de regresso á perfeição. Eis que, ao longo da linha da evolução YX, ou linha da Lei de Deus, cada ponto e respectiva posição do ser representa um diverso tipo de ética relativa, ou regra que dirige a vida do ser conforme o seu grau de evolução. Chega-se assim da duríssima lei determinística da matéria e dos seres inferiores, a lei sempre mais livre e feliz do espírito e dos seres superiores Todos esses diferentes tipos de ética, cada um relativo ao nível particular de evolução onde o ser se encontra, estão contidas na Lei que é o pensamento de Deus, que abrange e dirige tudo o que existe.

Marcamos em nossa figura, ao longo da linha YX da evolução, os pontos A_1, A_2, A_3, A_4, A_5. Cada um expressa um nível evolutivo e plano de vida diferente e o respectivo tipo de

ética que o rege. Na realidade o número desses pontos é muito maior, preenchendo a contínua transformação de um para o outro no seu trajeto de subida todas as posições intermediárias. Este problema do evoluído e involuído representa um caso particular dessa transformação de um tipo de existência, e da sua correlativa ética para o outro.

Se imaginarmos o homem atual situado num grau de evolução que esteja mais ou menos na metade do caminho ascensional YX, poderíamos colocar o biótipo atual chamado normal, aquele que constitui hoje a maioria na Terra, no ponto A_3. Então o selvagem estaria situado no ponto A_2, e o mais evoluído no ponto A_4. Cada uma dessas posições relativas representa um dado nível de existência regido em função de sua posição, por sua ética, donde se conclui que o melhor para um dado biótipo não o é para o outro, e que é justo e bom para o primeiro não o é para o segundo.

Eis então o que significa evoluído e involuído. O ser de nível A (hoje normal) é um evoluído em relação ao ser do nível A_2 (selvagem); e ao contrário, o do nível A_2 é um involuído em relação ao nível A_3. E assim também o biótipo de nível A_4 (hoje super-homem) é um evoluído se comparado ao ser do nível A_3 (homem atual), e ao contrário, o do nível A_3, é um involuído em relação ao biótipo do nível A_4.

Temos assim três posições que reciprocamente se julgam de modo diferente, conforme o ponto de referência onde o ser esta situado. Elas são: A_2, nível do selvagem; A, nível do homem normal; A_4, nível do evoluído. Dentro de nossa sociedade o homem do tipo A existe, qual subdesenvolvido nas camadas inferiores, como primitivo ou como criminoso e rebelde à ordem constituída. O homem do tipo A_3 é o que domina pela força do número e estabelece tudo, leis e métodos de vida, tudo adaptando ao seu nível, entendimento e utilidade. O homem do tipo A_4 representa uma minoria sem direitos, que tem de adaptar-se às leis e hábitos, para ele selvagens, da maioria.

Cada um dos três tipos concebe o outro, sempre colocado em seu relativo e diverso ponto de vista, julgando-se a si mesmo o tipo perfeito, modelo para todos, aquele que mais tem direito à vida. Mas o que domina em nosso mundo é o tipo A_3, que por isso julga justo impor a sua ética a todos, inferiores como superiores. Observaremos agora os dois casos:

1) Quando a maioria, que faz as leis para si, se dirige aos inferiores involuídos.

2) Quando ela se dirige aos superiores evoluídos.

Escolhemos como ponto de referência o biótipo dominante porque é ele que, com a sua forma mental dada pelo seu plano de vida, estabelece as regras de conduta de nossa sociedade, as leis civis e religiosas, isto é, toda a ética, impondo-a aos outros.

❑ ❑ ❑

Como trata então esse biótipo hoje dominante os outros dois que, em relação a ele, se encontram na posição de involuído e evoluído? Observemos primeiro o caso do involuído Quando ele é representado por outros povos em terras coloniais, em geral as relações são as do homem chamado civilizado que, obedecendo à ética do seu plano, explora pelo direito da força, inteligência e recursos materiais, quem é menos provido desses meios, Neste nível pertence ao mais forte estabelecer as leis e a ele é devido todo o direito. Ética de luta, pela qual tudo acaba nas mãos de quem sabe agarrá-1o. Eis a conseqüência lógica dessa ética: os que não sabem defender-se e impor-se, são esmagados. Esta é a realidade que de lato existe além das teorias políticas ou religiosas pregadas. Neste plano vigora o método do vencedor e vencido, que vai das invasões bárbaras à exploração do trabalhador analfabeto. E por isso que no mundo de hoje: enquanto estão pregando a paz, se preparam para a guerra. Esta é a única ética neste nível

de vida. Este é o método e a base ela glória de todos os imperialismos. Método em que se concordam todas as raças e povos, de todos os tempos e países do mundo.

Mas em outra forma o involuído se encontra também dentro da sociedade dos povos que se chamam civilizados. Como trata aquela maioria dominante, esse biótipo subdesenvolvido? Refiro me aos que na ordem social não conseguiram encontrar o seu lugar para viver e o procuraram fora daquela ordem como rebeldes ou delinqüentes. Ficando fora da organização coletiva, e representando eles só uma minoria, pelo menos nos períodos normais não revolucionários, sobre eles gravita o peso da maioria com a sua ética de domínio, que estabelece com as leis o que é direito e justiça. Esta minoria tem de ficar sujeita, quando não consegue romper os diques com as revoluções, às leis civis e religiosas que constituem a ordem que representa a defesa dos interesses da classe dominante. Os fatos da realidade biológica nos mostram que neste nível a vida se baseia na luta de todos contra todos, vigorando o método do ataque e defesa para que sobreviva só o vencedor. Disto se segue que os conceitos de direito, de justiça, de punição em nome de princípios ideais, até em nome de Deus, são só aparências exteriores, enquanto a substância dos fatos é outra coisa. Não há ser humano que não deseje a ordem, assim como a unidade. Mas subentende-se que ele admite só a ordem onde é ele que manda, e a unidade onde são os outros que obedecem.

Estamos apenas observando o fenômeno imparcialmente. E claro que a coisa mais urgente para todos é antes de tudo defender-se e não há motivo para que a sociedade faça exceção a essa regra, tanto mais que os criminosos conhecem mais do que todos o método do ataque e defesa. Ninguém pode negar à sociedade esse direito à legítima defesa. Mas isto quer dizer que estamos no terreno da luta, onde a vitória pertence ao mais forte. O mal-entendido está no fato de que esta luta e defesa ficam escondidas sob o manto do direito e da justiça. Quando nas revoluções são os rebeldes que estabelecem uma nova ordem para si, eles armam tribunais para condenar, conforme a justiça, os seus inimigos em nome da lei, como fazia antes contra eles a sociedade regularmente constituída. O espírito de luta, de agressividade e defesa é legítimo neste plano de vida e faz parte da lógica de sua ética. Estamos ainda na fase caótica do egocentrismo separatista, em que a defesa para a sobrevivência não pode ser confiada senão ao indivíduo isolado ou, por instinto gregário, unido em grupo com alguns semelhantes seus. O Estado com a sua autoridade em nossa sociedade dita civilizada, apesar de democrático e representativo, é constituído por um desses grupos, formado pela classe dominante que defende, contra todos, os seus interesses e vida Tudo isto se pode considerar lógico e justo se colocarmos a nossa sociedade no nível biológico ao qual ela pertence o da luta e da força

O engano se revela quando neste mundo queremos falar de verdadeira justiça, coisa que só aparece num mais alto nível de existência, ao qual o homem ainda não chegou. Não há dúvida que todos têm o direito de viver, em todos os planos de vida e em todas as relativas formas de ética. Mas com a evolução se modifica o método para atingir essa finalidade. Então não é mais o indivíduo que se defende, mesmo usando as leis como arma na sua luta contra o próximo numa contínua peleja de ataque e defesa, onde só o mais astuto ou rico tem razão; mas é a coletividade para a qual o indivíduo faz tudo, aquela que faz tudo para ele e o defende no seio duma ordem não mais partidária, mas imparcial e universal. Mas isto poderá acontecer somente quando a humanidade houver atingido o estado orgânico e o indivíduo tiver adquirido a consciência necessária para saber viver nele.

Se a substância do método atualmente vigorante em nossa sociedade é a da defesa, pode-se dizer que esse objetivo foi atingido. Mas aqui o mal-entendido reaparece quando, com tal método, essa sociedade pretende tratar e curar a doença da criminalidade. Perante esta, que deveria ser a suprema finalidade do poder judiciário, na atual conjuntura social, é uma falência.

Mas para que isto não aconteça seria necessário usar a forma mental e a ética de um outro plano, onde a tarefa de quem domina não é a de defender contra todos a sua posição de domínio, mas a de levantar os inferiores, de educar e remir os criminosos, eliminando a semeadura de tanto mal, a qual diariamente se está realizando em nosso mundo na mais completa inconsciência das conseqüências. O atual método repressivo corresponde ao do cirurgião que procura curar cortando o tumor do câncer. Assim, com todas as providências da justiça humana, teoricamente perfeita, a doença da criminalidade, atravessando os séculos, ficou sempre de pé.

Infelizmente a realidade é que possuem todos a mesma forma mental, usam todos o mesmo método de luta, quem julga não está situado acima e fora da raça humana para que lhe seja possível julgar. Seguem todos o mesmo caminho, pelo qual à ordem não se pode chegar a não ser constrangido os rebeldes à obediência, porque o ponto de partida é o caos; não se pode chegar ao direito senão ordenando a força, e à justiça senão disciplinando a injustiça. E, seguindo este mesmo caminho, os diferentes grupos vencedores se alternam no palco da história, obedecendo aos mesmos instintos, os do seu nível biológico, usando as mesmas armas, para atingir as mesmas finalidades. Também na livre escolha democrática do pleito eleitoral, é sempre o poder da posição, da inteligência, dos recursos, o que permite que alguém vença os seus antagonistas políticos.

Eis qual é a luta entre o biótipo A_2 e o A_3, e ao contrário Ambos querem e têm o direito de viver. Mas o segundo não quer reconhecer esse direito ao primeiro, que então tem de conquistá-lo com a força. Para o tipo A_2 não há lugar no castelo dos vencedores Por isso ele tem de ficar fora como rebelde Claro que se os revoltosos encontrassem um abrigo dentro do castelo, eles acabariam tornando-se homens da ordem. Para acabar com os homens da desordem, seria necessário colocá-los dentro da organização da ordem, porque, se então se tornassem inimigos dela, se tornariam inimigos de si próprios. Que eles se tornem defensores da ordem é o que de fato acontece, logo que um deles enriquece e consegue ocupar posições elevadas na sociedade. O mundo atual deveria compreender que é seu interesse que não haja expulsos, que é absurdo um banquete a sós, sem que aqueles que estão olhando não acabem furtando alguma coisa. A nossa sociedade não chega a compreender isso, porque não possui mais do que a forma mental do seu nível biológico, com a qual não sabe conceber tudo senão em função do eu particular e sua vantagem imediata. E assim que a coletividade fica continuamente repleta de rebeldes criminosos. Por este caminho o problema não se resolve, até que sejam suprimidas as causas primeiras que estão dentro do próprio corpo social dos vencedores, que assim continua sempre levando consigo a sua doença crônica.

Eis então o que acontece em nosso mundo. Justificando-se com um castelo teórico de princípios e leis, a classe dirigente que tem em mãos o poder, com a sua forma mental, estabelece uma ética, cujos conceitos abstratos de bem e mal na realidade significam só o bem ou o mal daquela classe. Na substancia se trata só de justificar em nome de princípios superiores a necessidade de constranger à obediência os rebeldes. O restante é problema longínquo, que fica na sombra. Este constrangimento se baseia no princípio da satisfação ou do sofrimento, e atua por meio do prêmio ou da pena. Assim aparece nas religiões a idéia de paraíso e inferno que corresponde à das leis civis, das honras ou da cadeia. Mas isto nau educa, não melhora, somente estimula à luta egoísta para ganhar a própria vantagem ou evitar o próprio dano. Mas é lógico que a ética do egocentrismo não possa gerar a não ser frutos da mesma natureza. Acontece assim que o biótipo A_3 não levanta o A_2 para um mais alto nível evolutivo, mas fica abraçado com ele no mesmo pântano.

Se o criminoso furta ou mata, faz isso porque a experiência que adquiriu no ambiente em que nasceu e cresceu lhe ensinou que era mais provável conseguir vencer na vida pelos atalhos da desordem e revolta, do que pelo caminho direto e longo do trabalho e da ordem. E de fato a vitória no caminho da delinqüência depende da inteligência, poder e recursos, como deles tudo depende na Terra. E o criminoso funciona conforme a ética vigorante. De fato quem cai na rede das leis é o delinqüente simplório, desarmado, isolado, sem recursos e inteligência ou mentalmente doente. A rede em geral pega só os peixes fracos e pequenos. Os grandes tubarões me escapam. O lema é: "A lei é igual para todos", ao qual alguns acrescentam: "os simplórios".

E o que acontece, depois, com esse criminoso que a lei consegue agarrar? Com uma pública e solene demonstração de justiça nos tribunais, isolam-se esses sujeitos, por um período de tempo arbitrário nas cadeias. Que faz o preso? Ele continua reagindo ainda mais contra a sociedade que, depois de haver gerado os ambientes onde tudo isto pôde nascer, agora pune o fruto deles com a prisão. Ele vai morar num ambiente saturado de criminalidade, onde quem nunca houvesse sido delinqüente seria levado a tornar-se tal. Escola às avessas. E, quando ele terminar esse curso de mau exemplo e de revolta interior, a sociedade o considera curado e o aceita de novo, em seu seio, aquele indivíduo que se tornou pior, porque a pena atormenta, não convence, mas gera nova revolta. Isto, do ponto de vista educativo, revela uma grande ignorância. Explica-se, porém, enquanto é fruto do passado, quando os segredos da psicologia humana eram desconhecidos, e vigorava aquela ética, descontrolado fruto do subconsciente instintivo.

O resultado lógico de tudo isto é que a delinqüência continua como câncer social permanente, o que revela a impotência dos métodos atuais para a solução do problema. Quando uma doença não se cura, em geral isto se atribui à ignorância do médico. Medicina repressiva - Mas a doença é uma fera a domar com a força, é antes um processo lógico que se penetra com a inteligência. A substância da penalogia é constituída por uma luta armada entre ações e reações da mesma natureza. Não é que defendemos o criminoso. Queremos só reconhecer que, enquanto esse método vigorar, nunca poderá acabar a luta entre o biótipo A_3 e o A_2, e ao contrário. Seria necessário antes de tudo educar os educadores. O método da luta não pode gerar senão luta, da guerra só pode nascer guerra. Seria necessário acabar com esse método, procurando compreender e ajudar, em vez de condenar e reprimir, reconhecendo que não se pode eliminar o direito à vida, sem que esta ressurja torcida em outra forma. Em vez de se ocuparem a cobrir a realidade com um manto de hipocrisia falando de justiça, quando a realidade é apenas a da defesa própria na luta, seria necessário que mais honestamente se enfrentasse o problema, usando de sinceridade para resolvê-lo, eliminando os ambientes onde nasce o mal, cuidando dos criminosos através da educação, fazendo desaparecer assim as causas do fenômeno.

Dado o seu nível biológico, toda a nossa vida social se baseia não na compreensão e colaboração, mas na rivalidade e na luta. Todavia o problema das relações sociais não se pode resolver com tais métodos. O criminoso luta contra as leis, que são as armas dos seus naturais inimigos, com uma estratégia mais ou menos perfeita e poderosa, como qualquer guerreiro lutaria contra outros guerreiros. Assim se desenvolve a inteligência, mas no sentido das astúcias e enganos, por caminhos oblíquos. Explica-se assim a função biológica da mentira, até dessa hipocrisia de que agora falávamos, como meio de defesa da vida. Quem não desenvolveu esse ínfimo grau de inteligência, ou a desenvolveu demais para que lhe seja possível retrogradar até esse nível, será sempre julgado um deficiente que, por isso, merece e deve ser condenado.

A vida nos seus níveis mais evoluídos se baseia sobre princípios diferentes. Para quem vive neste plano não há gente fora do castelo dos vencedores, porque todos se ajudam fraternalmente e sabem que são elementos da mesma unidade orgânica. Só quando, superando o método atual de desconfiança, chegarmos à compreensão fraternal, os problemas que hoje nos atormentam poderão ser resolvidos. O sistema vigorante da luta é contraproducente. A severidade das penas demonstra a fraqueza dos dominantes, fruto do temor para que os rebeldes não permaneçam contra o poder. Até há poucos anos a justiça dava, como exemplo educador, público espetáculo, punindo ou matando os criminosos. E o povo corria para ver. Mas o que passava como um exemplo educador, na realidade era um escândalo, e por isso gostoso e procurado. E, quanto mais feroz o espetáculo, tanto mais gente corria para gozar de tão saboreado petisco. Claro que assim se realizava uma educação às avessas, porque o povo aprendia a arte do crime, acrescentando a lição que ele se torna legítimo quando o comete quem tem o poder nas mãos. Mas todos ficam satisfeitos: 1) os chefes, porque acreditavam dar um exemplo de sua força, confirmando o seu domínio; 2) os juizes, porque, agradando ao seu senhor e mostrando o seu poder, fortaleciam a sua posição, ao mesmo tempo que a pública encenação da justiça tranqüilizava a sua consciência, porque tudo se havia realizado com o consentimento de todos, endosso universal que, deixando as condenações dentro dos limites da lei e da ética, as legitimava; 3) o povo ficava satisfeito porque podia estudar a arte de matar e vingar-se do próximo, e ao mesmo tempo com tão gostoso espetáculo de ferocidade, seguindo a sua ét'.ca de luta, satisfazer o seu instinto de agressividade e destruição, que é qualidade do involuído. Deste modo, chefes, juizes e povo todos ficavam satisfeitos porque, cada um verificando a sua utilidade particular, todos juntos podiam, assim unidos, libertar-se de um inimigo comum e isso sem perigo, porque se tratava de um fraco vencido

Eis qual é, brevemente resumido, o jogo das ações e reações entre o tipo A_3 e o A_2, e ao contrário.

❑ ❑ ❑

Observemos agora o 2º caso, isto é, quando a maioria, que faz a lei para si, se dirige para os superiores evoluídos. Como o biótipo A_3, hoje dono do planeta, trata o biótipo A_4 que excepcionalmente aparece na Terra? Estudemos agora o recíproco jogo de ações e reações entre estes dois biótipos Se escolhermos como ponto de referência a posição A_3, a do homem comum, o ser do nível A_4 nos aparecerá um tipo de super-homem evolutivamente mais adiantado Mas, se escolhermos como ponto de referência a posição A_4, o homem comum situado no nível A_3, nos aparecerá um involuído, evolutivamente mais atrasado. Este é o sentido que demos, neste livro e nos precedentes, às palavras: evoluído e involuído, escolhendo como ponto de referência a posição ocupada pelo homem atual na escala da evolução.

Cada uma dessas duas posições traz consigo a sua forma mental e a sua correlativa ética e particular lei de conduta, bem diferentes, das quais já falamos bastante. O evoluído queria que neste mundo a vida fosse regida pela sua ética. Mas esta não é a do biótipo dominante. Daqui nasce o choque. Ao involuído não interessa nada se o outro é evolutivamente superior. Com a forma mental do seu plano e sua ética, ele sabe que o evoluído representa um caso isolado ou pequena minoria, e que por isso não tem direito algum; sabe que aquele tipo não está armado, não usa a força, e na prática é um fraco, um covarde, um vencido, com função somente de obedecer. Só a quem possui a força para dominar pertencem todos os direitos. Mas o evoluído não pode de maneira nenhuma viver conforme uma lei que para ele é de ferocidade. Nem pode ele, pela sua própria natureza, impor ao mundo com o método da força ou direito

armado a sua ética feita de compreensão e bondade. Ninguém quer nada dele; no mundo não há lugar para ele. Aqui pode ser apenas um expulso, posto fora da vida.

Os dois tipos de personalidade são tão diferentes, que uma parece o emborcamento da outra. Esclarecemos com um exemplo. O evoluído encontra-se completamente deslocado no ambiente humano, como um homem civilizado que tivesse de morar numa aldeia de antropófagos no centro da África. Ele teria muito que adaptar-se para sobreviver naquele ambiente. Tudo o que é natural e justo para os selvagens não o é para ele. Que faria um homem das nossas cidades se, saindo do seu apartamento, em vez de cumprimentar o seu vizinho, visse que era hábito normal o agredi-lo para matá-lo e cozinhá-lo, para devorá-lo no almoço? Da mesma forma o evoluído fica horrorizado quando vê que em nosso mundo é na prática lícito e comum, violando as leis penais e civis, religiosas e morais, enganando e esmagando, aproveitar o próximo mais fraco, só para a sua vantagem egoísta, semeando ruína ao seu redor.

O involuído faz isso não na forma, mas na substância, não por maldade, mas por sua natureza, porque esta é a lei do seu plano, a sua ética espontânea. Para ele as qualidades de bondade do evoluído são ingenuidade condenável e fraqueza inadmissível, porque vale a força e a astúcia, que no mundo levam à vitória. Quem não atinge essa finalidade não tem valor, é coisa negativa e contraproducente, o que se chama com muito respeito: a loucura dos santos. Assim o evoluído é julgado um grande menino inexperiente, um utopista que vive de sonhos fora da realidade A conclusão rápida à qual chega o involuído, é que o evoluído seja um simplório, cuja fraqueza é justo aproveitar e explorar. Assim é a ética do involuído, a sua forma mental e como ele concebe coisas, e delas não sabe fugir. Não o poderá, senão quando conseguir evoluir, subindo para um mais adiantado plano de vida.

O problema é o de subir, e não o de julgarem-se, por orgulho, mais adiantados, sem o serem de verdade. Quem em seu nível atual renuncia a sua própria supervalorização? Isto faz parte da forma mental do ser deste plano, corresponde ao seu impulso egocêntrico e instinto de luta. Pelo contrário, o ser verdadeiramente adiantado se reconhece pelo seu constante dinamismo construtor, pela ausência de negatividade, pela sua bondade e inteligência. A conseqüência lógica desta, como do valor real do evoluído, é a falta de orgulho. Quem é de fato superior não precisa de se inchar de vento para aparecer maior, porque já o é, e por isso fica espontaneamente humilde. O evoluído é fundamentalmente honesto. Não pode por isso aceitar os métodos da mentira e engano vigorantes no mundo. Tudo isto é lógico, porque ele se encontra mais próximo do S, e mais afastado do AS. O problema para o involuído não é o de sinceramente procurar não fazer o mal, mas o de conseguir escondê-lo com a astúcia, enquanto procura fazê-lo para atingir a sua própria vantagem. Ele usa o intelecto não no sentido de obedecer às leis para viver na ordem que representa vantagem de todos[3] mas o usa para evadir-se delas, escapando às suas sanções. Para quem está maduro para viver no estado orgânico de verdadeira sociedade humana, é duro ter de viver num estado caótico de egocentrismos desencadeados. Indivíduos desse tipo biológico, no plano de vida do evoluído, seriam isolados como criminosos, porque nesse nível é absurda e inadmissível a conduta descontro1ada da ética do subconsciente, vigente em nosso mundo.

De fato, pelo caminho percorrido, o evoluído chegou a criar instintos diferentes, de modo que para ele é natural e fácil (virtudes, altruísmo, inteligência, atividade etc.), tudo o que para o involuído é esforço difícil; e é difícil o que é fácil, instintivo, as vezes irresistível, para o involuído (ataque e defesa, egoísmo, ignorância, ócio etc.). Para um selvagem é facílimo escalar uma árvore, correr vários quilômetros, viver na mata entre as feras. Seria, porém, muito difícil proferir uma palestra, escrever um livro, trabalhar em escritórios, viver num apartamento. E ao contrário. Que problema sério, se um tivesse que mudar para o ambiente do

outro! Evoluído e involuído se repelem reciprocamente. Um não se adapta a viver a vida do outro.

O evoluído é evangélico, fraternal, compreensivo para cooperar Ele usa a sua forca e inteligência, não para lutar contra os seus semelhantes, mas contra a animalidade, para atingir a sua sublimação. Ele aparece no mundo como um anjo, cuja lei natural é o Evangelho. Mas a lei dos outros é diferente. Ele, que dá tudo, ama e perdoa, neste mundo não pode ser senão espoliado e desprezado. Tal mundo, depois de haver tirado dele toda a sua possível vantagem egoísta, o repete desdenhosamente, como se faz com um fruto espremido. O involuído interessa-se pelo próximo para tirar dele proveito; o evoluído para beneficiar, ajudando-o a subir. Entretanto, uma vez que ele caiu no plano inferior da animalidade humana, tem de suportar o choque com a lei deste plano. Parece. porém, que a vida queira expulsá-lo de tal mundo, que não é o seu. Esta é a história de Cristo e de todos os que o seguem. O encontro entre os dois planos de vida não pode acabar senão no martírio do evoluído. O involuído quer expelir do seu reino o estrangeiro. E é a este que está confiada a função de ajudar o mundo na sua evolução! Este explora e atormenta quem trabalha e sofre para salvá-lo. Custa caro ser evoluído de verdade e, quem segue esse caminho só por vaidade, não pode deixar de fracassar ao primeiro passo.

Para a ciência o evoluído é um anormal. E princípio aceito em psicopatología que é psiquicamente doente o indivíduo rebelde ao ambiente, provido de forma mental diferente da maioria, enquanto é psiquicamente são o indivíduo que se adapta ajustando-se ao ambiente, com forma mental que corresponda à vigorante na coletividade Então o ponto de referência de todo o julgamento, a unidade de medida para todos, é a massa da maioria, que representa o modelo do biótipo ideal. Essa igualdade entre os conceitos de ambiente, maioria e valor do indivíduo, nivela todos no mesmo plano, expelindo os que são de outra medida, seja maior ou menor. Eis como os biótipos A_4, ou seja, os mais adiantados, são repelidos, como o são os biótipos A_2, ou seja, os delinqüentes. E como se um sábio fosse morar num hospital de doenças mentais, onde a normalidade da maioria é a loucura, para não ser expulso como louco, tivesse que se tornar louco. Trata-se, porém, de um ser superior que compreende e julga a loucura de todos os outros, procurando, pelo contrário, ajudá-los a voltar à razão, e não pode de maneira nenhuma adaptar-se àquele ambiente de loucos. Esse é o choque e o jogo de ações e reações, entre esses biótipos que pertencem a níveis evolutivos diferentes.

IX

DETERMINISMO DA LEI

Continuemos desenvolvendo o nosso tema para cumprir a tarefa de demonstrar cada vez melhor o funcionamento da Lei aos que amadureceram a inteligência para compreender e aprender a arte da conduta certa, o único caminho que nos pode levar à felicidade.

Procuraremos agora expor um quadro mais completo do fenômeno da evolução, para melhor entendermos o segredo da sua técnica, estrutura e significação profunda. Na sua substância, a evolução é representada pelo caminho que vai do AS para o S, isto é, de um estado que tem todas as características do primeiro para um estado que possui as do segundo. Para o ser, a que mais interessa, porque mais de perto o toca, é a da dor, qualidade do AS, e a da felicidade, qualidade do S. Isto é importante pelo fato de que representa o impulso

fundamental que impele o ser, repelido pela dor e atraído pela felicidade, a cumprir o esforço que lhe é necessário para subir do AS para o S. De fato, o impulso que mais movimenta o ser neste seu duro caminho é a carência e, por isso, a desesperada procura da felicidade. Este seu anseio responde a um ímpeto instintivo e irrefreável, devido a um vazio, à falta de alguma coisa grande e indispensável, que por certo o ser possuía no S, mas que depois foi perdido. Este seu anseio prova que se trata de coisa que ele bem conhecia, mas que agora não possui mais, da qual, porém, se lembra e de que sente infinita saudade.

A involução, produto da queda, foi um movimento em direção errada, porque procurou a felicidade às avessas, isto é, não na obediência, mas na revolta. E lógico então que, com tal método, por esse caminho emborcado, o ser não pudesse chegar senão a um resultado emborcado: a dor, exatamente o contrário da felicidade. Ora, o endireitamento desse processo involutivo se faz através da evolução, que representa o caminho em direção certa, o único apto a recuperar a felicidade perdida.

Qual é então a posição do homem atual a este respeito? Todos lamentam que na Terra a felicidade é inatingível, que ela se resolva numa ilusão. Por que razão o prêmio, depois de tanta luta e corrida, deve ser só a amargura desse engano? Por que motivo o homem tem de ser traído no seu maior anseio? Somente com a teoria da queda isto se explica.

O ser, no S, era feliz. Com a revolta ele transformou a felicidade de que gozava no S, na sua infelicidade, no AS. Explica-se assim, e é lógico, o seu desejo de voltar à felicidade de origem, e de fugir da dor em que caiu, o que revelando a sua natureza de cidadão do S, agora desterrado no AS, do qual quer fugir para voltar à sua pátria, o S.

Há, porém, também o fato de que esse cidadão esta abismado no AS, possui, por isso, a respectiva forma mental da revolta que o leva, não para a almejada felicidade, mas para a dor. Eis então que o homem se encontra em contradição consigo mesmo: procura uma coisa que deseja desesperadamente, seguindo, no entanto o caminho que leva para o seu contrário: quer atingir o que ele, com os seus métodos, impede que seja atingido Ele quer chegar à felicidade, mas sem usar as qualidades construtivas do S, que são as de obediência na ordem, utilizando antes a revolta que é qualidade destrutiva, que pertence ao AS. E a mesma coisa que querer abrir uma porta, não empurrando-a no sentido em que ela se abre, mas no sentido em que se fecha. O mal está todo no princípio errado do emborcamento que o ser com a revolta, introduziu na sua existência. Foi assim que ao lado da perfeita lógica do S, pôde nascer este absurdo: para satisfazer o seu instinto certo de felicidade a qual se pode encontrar só no S, o homem usa a sua forma mental errada, própria do AS, aquela que o leva para o sofrimento Como pode então o seu esforço em procurar a felicidade atingir o seu objetivo? E lógico que conduza ao seu contrário, como de fato acontece. Eis por que o homem lamenta que a felicidade na Terra é inatingível, e sua busca é uma ilusão. Mas é lógico que, quando procuramos uma coisa em sentido emborcado, não seja possível encontrá-la senão em posição emborcada, isto é, no seu contrário. O erro não está na estrutura do sistema do universo, mas somente no homem, no seu espírito de revolta, no fato de ele querer usar a psicologia do AS. E lógico que um processo absurdo acabe no absurdo, isto é, que neste caso, procurar a felicidade se resolva num engano e, em vez de gerar felicidade, gere dor.

O que de fato vemos acontecer no mundo é que o homem quer substituir o seu eu a Deus, a sua lei à Dele, isto é, o princípio da usurpação à força, fora da ordem estabelecida, ao princípio justo do merecimento dentro daquela ordem. O pecado que leva para uma felicidade emborcada no engano, é o querer chegar a ela não legitimamente, merecendo-a, mas ilegitimamente, furtando-a. O que emborca todo o processo em prejuízo do homem em vez de um seu favor é apenas o seu método errado. O engano que ele lamenta está no escolhido por

ele. Quando um erro está nas premissas, não pode deixar de aparecer também nos resultados. Ninguém pode impedir que o efeito seja de natureza idêntica a da causa. O absurdo que o homem quer realizar, o qual na sua ignorância não compreende, está no fato de querer chegar a possuir uma qualidade que pertence ao S, usando os métodos que a negam, e não os do S. Os do AS, pela sua própria natureza, não podem levar senão ao objetivo oposto ao almejado. Claro que uma alegria arrancada à força ou com o engano, não pode produzir senão veneno. Se o homem fosse inteligente deveria compreender a simples lógica de tudo isto. Mas também a ignorância é qualidade do AS em que ele está situado. A sua astúcia é a do ignorante, que termina em loucura. Explica-se, assim, como ele prefira praticar o absurdo de procurar a felicidade, e somente encontrar o sofrimento.

O homem está livre de fazer o que quer; mas ninguém pode impedir que fique vigorando o inviolável princípio da Lei pelo qual, com a injusta usurpação, não se pode conquistar felicidade. Apesar de que na superfície domine e pareça vencer o princípio da força e da astúcia, o que de fato continua dominando e vencendo, contra toda a vontade humana, na substância, é a Lei de Deus, a do merecimento e da justiça. Quem se quer evadir, leva consigo a autopunição, porque acaba na ilusão. A Lei permanece sempre perfeitamente lógica, e o absurdo fica nas mãos do homem que o quis.

Mas a sabedoria da Lei não se esgota somente com a perfeição de sua lógica. Ela não deixa o ser abandonado em sua ignorância a perder-se, mas sabe, para o bem dele, tirar daquela ignorância toda a vantagem possível. O método das ilusões pode ser útil para impulsionar um ser ignorante - mergulhado no AS e seguindo os seus desastrosos métodos - a voltar. apesar de tudo, para o S, onde só é possível encontrar a almejada felicidade. O homem deseja a felicidade com todas as suas forças, mas quem não sabe que ela, pela nossa insaciabilidade, se afasta de nós, quanto mais julgamos tê-la atingido e possuí-la? Parece que ela queira fugir de nós, de propósito, como uma miragem, só para nos impulsionar para a corrida contínua de quem tem sempre que procurar, porque nunca consegue encontrar.

Eis então que a ilusão produz um resultado útil que é esta corrida, impelindo o ser insatisfeito sempre para a frente no caminho da tentativa, da experimentação, da aprendizagem e por fim da evolução. Então a sabedoria da Lei deixa funcionar o método da ignorância, que quer furtar à força a felicidade, não para chegar a esta, mas para atingir um objetivo muito mais útil, o de evoluir, o que quer dizer aproximar-se cada vez mais da felicidade verdadeira, que poderá ser encontrada somente no fim do caminho da evolução, com o regresso ao S. O resultado final é encontrar-se por detrás da ilusão o verdadeiro bem do ser, que assim realiza a atividade necessária para evoluir. O fato de o seu anseio para conquistar a felicidade não o levar a atingi-la, embora seja apenas um meio para impulsioná-lo a evoluir, pode parecer um amargo engano, enquanto na substância representa, não somente um engano justo, porque merecido, mas um saudável meio de redenção, pelo qual o ser, sofrendo as conseqüências do uso dos métodos do AS, passa da ignorância à sabedoria, o que significa conduta certa e, com isso, a sua salvação.

Assim o absurdo da conduta humana tão contraproducente, resolve-se, na estrutura da Lei, numa lógica perfeita. Como conseqüência da queda é inevitável a cegueira e ignorância do ser. Isto faz parte da lógica da Lei, porque estas são qualidades do ÀS em que o ser caiu. É lógico que quem vive nos níveis mais baixos da evolução fique mergulhado nas trevas e o caminho da verdadeira felicidade aí seja desconhecido, ainda a descobrir por tentativas, como tem de fazer quem está no escuro. O ser comete então muitos erros, tanto maiores em número e gravidade, quanto mais é involuído. A eles correspondem sofrimentos e choques proporcionados, que constituem experiências iluminadoras que ensinam cada vez mais a evitar

esses erros, como conseqüências as suas dores. Eis que automaticamente o ser é levado pelo sofrimento e pela miragem duma felicidade que está ainda bem longe, a aprender e evoluir, e com isso a eliminar a ignorância, o erro e sofrimento. O homem perseguirá em vão a miragem da felicidade, até compreender onde está o truque e não cair mais nele, porque entendeu que usar método errado, por sua própria natureza, é lógico que não possa gerar senão ilusão e sofrimento. O homem então compreenderá que o seu justo desejo de felicidade pode ser satisfeito sem enganos, somente na ordem da Lei, seguindo os métodos diretos do S, e não os emborcados do AS.

Eis que, afinal de contas, a cruel traição da ilusão representa apenas um saudável remédio; e a dor, que parece uma maldade de Deus, ou pelo menos, um erro no sistema da Lei, existe só para se destruir, automaticamente envolvida num processo de autodestruição. Na substância o engano e a dor não são senão uma escola para aprendermos a nos libertar desse mesmo engano e dessa mesma dor. A pior traição seria se o homem encontrasse, em vez de um engano, a verdadeira felicidade neste mundo, ficando satisfeito, porque isto significaria paralisar a sua evolução e ficar para sempre estacionário nos mais baixos níveis de vida, sem possibilidade de salvação. O homem rebela-se, porque o sofrimento e o esforço para sair dela têm de ser seus. Mas isto é lógico e justo, porque como a desobediência foi do ser, também dele têm de ser as conseqüências. Veremos a função do esforço do ser como elemento construtor de evolução. E isto não é somente lógico e justo, mas também é bondade e ajuda de Deus, porque, sem este indireto constrangimento a subir, não haveria capacidade de redenção. Assim por seguir demais os caminhos que levam para uma felicidade-engano, o ser termina por descobrir os que levam à verdadeira felicidade. Somente com uma reforma completa de sua forma mental atual, trabalho difícil, poderá ele subir para um nível de existência mais alto e feliz.

Eis então qual é a posição do homem atual. Apesar de que no seu mundo a felicidade seja um absurdo inatingível, guarda consigo esse desejo e permanece procurando-a. Então o homem. com a sua forma mental de revolta, própria do AS, arranca à força. ou a furta com a astúcia. Mas tal jogo errado em que ele acredita, não o leva para a felicidade almejada que o possa satisfazer, mas para a ilusão, que aumenta a sua fome. Com esta aumenta a procura, a luta se faz sempre mais dura e feroz, até que o homem consegue assim transformar a Terra num inferno de pelejas desapiedadas, que representam a sua autopunição e ao mesmo tempo o escola para ele aprender que o caminho da felicidade é outro, e assim fazer reforma na sua forma mental que o leva para aquele erro e respectivos sofrimentos. A sua posição atual é só essa corrida para aprender e evoluir. Ela é a única coisa que o homem de hoje, perseguindo as suas miragens, fruto da sua ignorância, sabe e pode fazer.

Tudo isto é efeito inevitável da psicologia dentro da qual o homem atual está preso, pela qual ele pensa errado, isto é, que seja possível resolver os seus problemas violentando ou enganando a Lei de Deus. Mas tudo isto o leva só para um resultado: o sofrimento que lhe é útil para evoluir. Seria necessário compreender que a felicidade atingida com tais métodos é um roubo á justiça da Lei, produto de uma violação, fruto não merecido que representa um desequilíbrio e que depois é necessário equilibrar de novo. Isso não é vantagem, porque não é prêmio de trabalho ganho, ao qual se tenha direito, mas é empréstimo usurpado - a devolver à justiça da Lei. E uma dívida a pagar, representa o resultado perigoso da ignorância e inconsciência humana. Compreender esse fato seria o remédio, atingindo o objetivo da evolução, que o homem ainda tem de realizar.

A posição é dura e difícil, porque o desejo do cidadão de S, agora decaído no AS, é grande, e não há meio para satisfazê-lo. Na Terra o homem, em vez de encontrar verdadeira

satisfação que o sacie, encontra apenas ilusões que aumentam a sua insatisfação. O homem é um viajante que está morrendo de sede num deserto. Aqui ou acolá aparece uma fonte que o convida a beber. Mas depois ele se apercebe que dela não jorra senão engano e veneno. Para acalmar a sua sede ele procura beber mais, mas quanto mais bebe. tanto mais se envenena. É o gozo dos entorpecentes, que levam à ruína, mas dos quais, apesar disso, se usa sempre mais. E nutrimento fingido, que não sacia a fome, é satisfação ilusória que não tira o desejo. E a embriaguez do bêbado, felicidade emborcada. em descida, que não pode acabar senão no sofrimento. Assim o homem, enquanto procura subir para a felicidade, desce para a dor; dura, mas santa dor, porque é o único meio com que se podem recuperar os valores imperecíveis do S.

❑ ❑ ❑

Procuremos agora, como há pouco mencionamos. expor um quadro mais completo do fenômeno da evolução. Sobretudo no que se refere ao caminho do ser movido pelo desejo de felicidade, ao seu esforço para subir, descrevendo as resistências e as ajudas que ele encontra neste seu caminho, os vários impulsos e forcas. em ação e reação, entre o ser e a lei, e ao contrário. nas diferentes alturas evolutivas atingidas. Observaremos tal processo no seu aspecto total, isto é, como destruição da negatividade, produto da queda, e como reconstrução da positividade, produto do esforço do ser no seu trabalho de redenção. Voltamos assim à nossa figura, para entender a substância do fenômeno evolutivo que, como conseqüência e compensação do processo involutivo devido à queda e representado pela gênese do triângulo verde, consiste no endireitamento deste processo com a gênese do triângulo vermelho. Nesta análise encontraremos também novas confirmações da teoria da queda, sustentada em nosso livro: *O Sistema*. A forma gráfica de nossa figura nos será útil, porque ela pode dar aos conceitos uma expressão mais concreta e evidente.

Observamos no cap. VII o caso em que o ser se lança por caminhos laterais à linha da Lei, e vimos as respectivas reações desta para endireitar tais desvios. Estudamos assim a técnica da correção do erro pela dor. Observemos agora como se realiza o mesmo princípio do regresso depois do afastamento, isto é, a técnica da retificação do emborcamento devido à revolta, mas no caso do desvio maior que foi o da queda do S para o AS, por outras palavras, a mecânica do processo da evolução ou reconstrução do S.

Veremos neste processo funcionar forcas favoráveis, de sinal positivo, descendo do S como ajuda de Deus, e forças contrárias, de sinal negativo, subindo do AS, resistindo para obstaculizar a evolução. Veremos o ser avançar com o seu esforço no caminho da evolução, no meio desta luta entre as forças do bem (S) e as do mal (AS), cada uma dificultando a outra e procurando prevalecer para paralisá-la. O valor desses impulsos será expresso na figura pela superfície dos respectivos campos de força que o ser conquista e domina à medida que vai subindo, em proporção ao nível evolutivo. Trata-se da subida para o S, o que quer dizer reconstrução dos seus valores paralelamente à destruição dos valores do AS.

Acontece assim que neste processo os campos de forças da positividade, que expressam os valores do S, têm cada vez mais que se dilatar, aumentando, enquanto os campos de forças da negatividade, que expressam os valores do AS, têm cada vez mais que se retrair, diminuindo. Isto conforme a maior ou menor proximidade do S, ou do AS Por sua vez esses campos de forças constituem também campos gravitacionais, que tanto mais atraem para o S, ou para o AS, e prendem no seu terreno o ser quanto mais destes ele está próximo. Isto pelo fato de que esses campos tanto mais são poderosos, quanto mais estão situados perto da sua ba-

se, S ou AS, onde se apoiam. Como, com a revolta, o ser caiu do campo gravitacional do S no do AS, agora com o seu esforço para evoluir ele tem que sair do campo gravitacional do AS e subir para voltar ao S. Trata-se de uma progressiva conquista de impulsos favoráveis à subida, cada vez mais poderosos, quanto mais o ser se aproxima do S, e de uma paralela libertação para fora do domínio dos impulsos contrários, que tanto mais se enfraquecem quanto mais o ser subiu para longe do AS. Para compreender melhor, observemos a figura.

Nesta vemos dois triângulos, um vermelho, positivo, o do S, WW_1Y, e outro verde, negativo, o do AS, ZZ_1X. Antes da queda o S (+) se encontra na sua plenitude, expressa pela linha vermelha WW_1. Na descida, ao longo da linha verde XY, da queda ou processo involutivo, esta plenitude do S vai-se contraindo e retraindo cada vez mais na forma do referido triângulo emborcado, vermelho, até se reduzir a um ponto, Y. Paralelamente, no mesmo processo de descida ao longo da linha XY, em que foi destruído o triângulo vermelho do S, foi construído o verde do AS, que do ponto X cada vez mais se foi dilatando e ampliando, até atingir a sua plenitude, expressa pela linha ZZ_1.

Contrariamente acontece no caminho da evolução, que é o nosso atual, o que agora estudamos. A função deste processo é a oposta da precedente, isto é, de tudo endireitar, destruindo o que foi construído e reconstruindo o que foi destruído. Aqui não se trata da descida, ao longo da linha verde XY, que representa a fase da queda, mas da subida, ao longo da linha vermelha YX, que representa a fase da salvação. Agora o fenômeno não se encontra mais na sua fase de ida, ou afastamento do S para o AS, mas na sua fase de volta, ou de aproximação ou regresso do AS para o S.

Neste segundo período, é destruído o triângulo verde AS, que foi construído no primeiro período, e é reconstruído o triângulo vermelho do S, que naquele período foi destruído. O processo se desenvolve às avessas, porque o ser, em vez de percorrer em descida, do S para o AS, a linha verde da involução XY, percorre em descida, do AS para o S, a linha vermelha da evolução YX. Ocorre agora que no início do processo evolutivo o AS (-) se encontra na sua plenitude, expressa pela linha verde ZZ_1. Ora, inversamente ao caso precedente, esta plenitude do AS vai-se contraindo cada vez mais até se reduzir a um ponto, X, que representa a sua anulação. Ao mesmo tempo acontece, porém, que o S, do ponto Y ao qual ele foi reduzido, vai-se dilatando cada vez mais, até voltar à sua plenitude, expressa pela linha vermelha WW_1.

Se no primeiro caso, o da queda ou involução, a espinha dorsal do fenômeno era a linha verde XY, agora neste segundo caso, a espinha dorsal do fenômeno é a linha vermelha YX. Os mencionados campos de força colocam-se aos lados dessas duas linhas cobrindo superfícies diferentes dos dois triângulos, seja vermelho do S no sentido da positividade, seja verde do AS no sentido da negatividade, conforme a fase da sua destruição ou reconstrução, e a posição atingida pelo ser no seu caminho. Como na primeira fase do fenômeno se tratou de um processo de emborcamento, onde o que antes era máximo (o S em WW_1) se tornou mínimo no ponto Y, e o que era mínimo (o AS no ponto X) se tornou máximo da linha ZZ_1, assim na segunda fase se trata de um processo de endireitamento, onde o que antes era mínimo (o S no ponto *Y)* se torna máximo da linha WW_1, e o que era máximo (o AS na linha ZZ_1) se torna mínimo no ponto X. Essa segunda fase, a do endireitamento, representa o que comumente se denomina: evolução, redenção, salvação. Ela consiste em reabsorver, neutralizar, aniquilar o AS, fruto da revolta e queda, fonte de todos os males e dores, e em devolver o ser, ao S, ser que se purificou superando o caminho do regresso onde ele pode encontrar o bem e a felicidade. O que mais nos interessa estudar neste volume é esta segunda parte do fenômeno, porque é a que vivemos, a que estabelece qual deve ser a nossa conduta e a ética que a dirige, da qual depende

a nossa salvação.

Em resumo, se olharmos para a figura, vemos que, como no movimento em descida o triângulo vermelho do S vai diminuindo, até que o campo de forças da positividade desaparece, e o triângulo verde do AS vai aumentando, até que o campo de forças da negatividade atinge a sua plenitude; assim no movimento em subida o triângulo vermelho do S vai aumentando, até que o campo de forças da positividade volta à sua plenitude, e o triângulo verde do AS vai diminuindo, até que o campo de forças da negatividade resulta aniquilado e desaparece. Então, como o processo da involução consistiu na transformação da positividade em negatividade, assim o processo da evolução consiste na transformação da negatividade em positividade. A superfície coberta pelos dois triângulos nos expressa o sinal e a extensão do campo de forças de cada um deles nos diferentes graus de desenvolvimento do fenômeno, como a progressiva transformação deste, pela qual vemos o terreno da negatividade se contrair, e o da positividade se dilatar.

Ora, que a amplitude dos dois campos de forças, do positivo do S, como do negativo do AS, seja diferente nos diversos níveis da escala evolutiva, quer dizer que, quanto mais o ser sobe para o alto, tanto mais poderoso se manifesta o impulso positivo do bem em seu favor, e mais fraco se torna o negativo do mal contra ele; e ao contrário, quanto mais o ser se encontra em baixo, tanto mais fraco se manifesta o impulso positivo do bem em seu favor. e mais poderoso se torna o negativo do mal contra ele. A figura, expressando-nos a diferente extensão dos dois campos de forças em cada ponto da escala, permite-nos medir o valor desses impulsos, ou seja, o poder das forças de atração ou repulsão que agem sobre o ser, seja para o bem como para o mal, conforme o seu nível na escala da evolução, que estabelece a sua posição pela proximidade do S, ou do AS.

Começa neste ponto a tornar-se possível focalizar o valor dos vários elementos que encontramos funcionando no fenômeno da evolução. Não há dúvida que ele é movido por forças suas, seja de atração como de repulsão, da parte do S, como do AS, cuja ação impulsiona o ser num sentido ou noutro, e é expressa na figura pela extensão dos campos de forças conforme a posição dele ao longo de sua escala evolutiva. Ora, esta é a parte determinística do fenômeno, representada pela sua própria estrutura, devida aos princípios e vontade da Lei que o rege. Esta é a parte que pertence a Deus, feita por Ele, fruto da Sua Sabedoria e bondade salvadora. E a parte em que o ser está preso, e à qual, para que tudo não seja destruído pelo uso louco que o ser fez da sua liberdade, ninguém pode fugir.

Além desta parte determinística do fenômeno, a qual pertence a Deus, onde o ser tem de obedecer, há outra parte livre, que pertence ao ser, onde este é dono dos seus movimentos. Como um peixe num rio, livre, mas sem poder sair das suas margens, o ser pode-se movimentar à vontade, mas enclausurado dentro dos princípios da Lei, sem poder sair deles. Assim a obra da salvação não está confiada apenas à sabedoria da Lei, que dirige o fenômeno no seu conjunto e o garante do fracasso, mas também ao ser que assim é convidado a tomar parte ativa na obra da sua salvação, que ele tem de conquistar com a sua boa vontade e esforço, ao qual se proporciona, como é justo, conforme o merecimento, a ajuda de Deus. À liberdade do ser rebelde e louco e a ignorância do decaído estão contidas dentro dos limites impostos pela sabedoria da Lei, para que ele não se perca. Mas o restante é confiado a ele, para que suba com as suas pernas.

O trabalho da evolução se efetiva então por intermédio de um a colaboração entre a determinística vontade da Lei e a vontade livre do ser, isto é, entre Deus e a criatura, e ao contrário. É a Lei que estabelece a regra do jogo, mas é o ser que, com seu risco e perigo, o joga. No caso do homem, este vai indo ao acaso experimentando por tentativas, batendo a

cabeça por todos os lados. não tendo outro recurso para se autodirigir senão a dor, e a Lei o avisa que ele errou, convidando-o a corrigir o seu próprio caminho. Assim ele somente acabará de se corrigir, com o seu sofrimento, quando houver aprendido toda a lição. Procuramos aqui observar e aprender as regras desse jogo, para jogá-lo, não com a estúpida inteligência dos astutos, mas com a inteligência honesta dos evoluídos, porque esta é a única que, não ofendendo a Lei, com o nosso erro não provoca a sua reação de dor.

Observemos mais ainda o fenômeno, para compreendê-lo melhor. Quando digo observemos, quero dizer que neste momento tenho perante os olhos bem focalizada a visão do processo que aqui estou explicando, para que o leitor veja comigo o que eu vejo em resposta às minhas dúvidas e perguntas. Como atuam então sobre o ser esses impulsos de atração e repulsão de que falamos? Até aonde chega o seu poder determinístico, e de outro lado a liberdade do ser?

O desenvolvimento dos diferentes campos de forcas, positivos ou negativos, que vimos realizarem-se na formação ou destruição dos dois triângulos, verde e vermelho, é devido: 1) no processo da involução se tornou eficiente e ativo o campo de forças negativas, representado pela superfície do triângulo verde do AS, e isto porque do outro lado, proporcionalmente, se tornou latente e potencial o campo de forças positivas representado pela superfície do triângulo vermelho do S; 2) no processo da evolução se torna latente e potencial o campo de forças negativas, representado pela superfície do triângulo verde do AS, e isto porque do outro lado, proporcionalmente, se tornou eficiente e ativo o campo de forças positivas, representado pela superfície do triângulo vermelho do S.

Vemos então que existe como uma automática compensação entre esses dois processos de emborcamento e endireitamento, de destruição e reconstrução, que são inversos e complementares porque constituídos por valores e momentos opostos e equivalentes, de modo que da morte de um nasce a vida do outro e ao contrário. Podemos ver então até onde domina o determinismo da Lei de um lado, e a liberdade do ser, do outro O ser com a sua liberdade não pode agir senão dentro dos limites estabelecidos pela Lei, desses emborcamentos e endireitamentos. Na sua liberdade o ser domina somente o terreno de sua existência, mas não pode sair dele Ele pode obedecer ou rebelar-se à Lei, semeando para si felicidade ou sofrimento, pode transformar o seu campo de forças do sinal positivo ao negativo com a revolta involuindo, ou do sinal negativo ao positivo com a obediência, evoluindo; pode mudar o seu paraíso num inferno, ou o seu inferno num paraíso; pode variar a sua posição dentro do que já existe, mas não pode sair do que já foi feito por Deus e dos princípios que tudo regem, estabelecidos por Ele; não pode criar de novo nem destruir coisa alguma, o que cabe somente a Deus; não pode agir e modificar além dos limites determinados pela Lei.

O ser está livre de realizar anarquia, mas só para si, sem por isso poder gerar caos na Lei, que fica inviolável e inatingível, acima de toda tentativa de desordem - O ser está inexoravelmente fechado dentro do esquema por Deus estabelecido em Sua Lei. O ser pode oscilar à vontade do positivo ao negativo e ao contrário, pode emborcar ou endireitar um campo de força no outro e os respectivos triângulos, mas não pode, porque este foi o caminho por ele próprio estabelecido como conseqüência da revolta, sair deste e criar campos de forças e triângulos novos. Agora que o ser se envolveu no ciclo queda-salvação, involução-evolução, ele não pode sair dos campos de forças destes dois triângulos, ligados entre eles pelo seu valor inverso e complementar, como dois momentos do mesmo processo, ou duas formas, positiva ou negativa, da mesma substância, o que estabelece entre eles como uma equivalência fundamental, da qual representam duas posições diferentes (a do S e a do AS), o que torna possível a transformação de uma na outra. Eis quais são os recíprocos limites do determinismo

da Lei e da liberdade do ser.

Resolvido este problema, continuemos observando a visão para ver de onde e como nascem esses impulsos de atração e repulsão, que agora observamos agir sobre o ser; para ver qual é a primeira origem dessas forças que, provindo do determinismo da Lei, quase amarram a liberdade do ser à necessidade da superação da crise da queda e, com isso, à necessidade da sua salvação.

A involução é um processo de transformação dos valores positivos do S nos negativos do AS. A evolução é o processo inverso, de transformação dos valores negativos do AS nos positivos do S. As duas posições limites do fenômeno são representadas de um lado pela linha (+) do S, WW_1, e pelo ponto (-) do AS, X; do outro lado pelo ponto (+) do S, Y, e pela linha (-) do AS, ZZ_1. Onde o + é máximo, o - tem de ser mínimo. E ao contrário, onde o + é mínimo, o - tem de ser máximo. O ser pode deslocar-se de um limite para o outro, mas não pode superá-los. Tal é a regra que rege o fenômeno, o determinismo encarregado de canalizar a liberdade do ser para o caminho da sua salvação.

Constatamos que, como no processo involutivo a construção do triângulo negativo do AS foi feita como que à custa da destruição do triângulo positivo do S, assim também no processo evolutivo da construção do triângulo positivo do S, correspondente à destruição do triângulo negativo do AS. O que aparece de um lado desaparece do outro, a construção é paralela e proporcionada à destruição, quase conseqüência dela Isso faz pensar, como há pouco dizíamos, em uma equivalência, podendo quase dizer-se que o material para a nova construção tenha sido fornecido pela destruição dos valores de sinal oposto. Trata-se de inversão e não de gênese, porque tudo o que se ganha de um lado, como positividade, tem de ser subtraído do outro, à negatividade e ao contrário.

Fica evidente que existe um princípio de complementariedade e compensação, com o qual podemos compreender, não somente a razão da proporcional diferença de extensão dos dois opostos campos de forças do S e AS, como podemos encontrar o que procurávamos, isto é, descobrir qual é a primeira origem dos referidos impulsos da atração e repulsão, que tão grande poder possuem na direção do fenômeno evolutivo.

Ora, é lógico que, por esse princípio de complementariedade e compensação, cada desenvolvimento e aumento de um lado gere uma carência, um vazio, no lado oposto, vazio que, pela comunicação existente entre os dois campos de forças dó sinais opostos, ou pela lei de equilíbrio vigorante entre dois vasos comunicantes, representa de um lado como um poder de aspiração, um impulso de regresso para encher tal vazio, e do outro, concomitantemente, funciona o princípio oposto da plenitude e sobrecarga, e procurando um desafogo, gera outro impulso que reforça o precedente.

Apliquemos agora esse princípio ao caso da evolução, para compreender a causa do seu iniciar-se. Se no fundo do processo involutivo (ZZ_1) temos a plenitude da negatividade do AS, e a máxima carência de positividade do S (ponto Y), temos também um estado de saturação e saciedade máxima de negatividade (isto é, de todas as suas qualidades), e um estado de falta e fome máxima de positividade (isto é, de todas as suas qualidades). É no fundo das trevas do inferno que é máximo o anseio da luz e do paraíso. Deus é vida, e esta tanto mais faz falta, quanto mais o ser se afastou Dele. O ser rebelde não se tornou outro ser pela queda. Ele é sempre o mesmo de quando morava no S. A diferença está somente no fato de que agora ele perdeu as qualidades que ali possuía, mas que continuam igualmente presentes, embora como carências, como vazio que no lugar delas ficou, isto é, na sua posição de negatividade.

Neste ponto o determinismo da Lei, automaticamente, impele o ser para inverter o caminho, no sentido da subida. Poder-se-ia observar que este é o ponto onde é menos ativa e menos funciona a força de atração do S, pelo fato de que o ser dele está mais afastado. Mas nem por isso desaparece a ação do S. Ele aqui funciona da mesma forma, mas em posição emborcada, isto é, não positivamente pela sua presença, e das suas qualidades, mas negativamente pela sua ausência, e respectivas qualidades.

Temos então duas forças convergentes no mesmo sentido:
1) a plenitude de negatividade do AS, com um correspondente estado de saturação e saciedade máxima das respectivas qualidades, que age como impulso de repulsão; 2) a máxima carência de positividade do S, com um correspondente estado de falta e fome máxima das respectivas qualidades, que age como impulso de atração. O primeiro, de repulsão, leva o ser a afastar-se para longe do AS; o segundo impulso, de atração, leva o ser a aproximar-se do S.

No próprio fundo da descida involutiva, onde o impulso da revolta atinge a sua plena realização, o impulso do S, isto é, a presença ativa de Deus, manifesta-se igualmente em todo o seu poder. No ponto em que o processo da involução atinge a plenitude da negação do S com o triunfo do AS, Deus opera, ainda mais presente pela sua ausência: o silêncio acusa a falta da Sua voz, as trevas invocam a Sua luz, o ódio e o desespero choram o Seu amor e felicidade. A revolta trouxe consigo automaticamente a sua condenação, com que o ser se puniu com as suas mãos. Isto porque renegar Deus e fugir do S, significa o ser negar a sua própria vida e fugir da sua felicidade, significa cair na morte e no sofrimento. A revolta foi um suicídio, uma tentativa de autodestruição. Mas é lógico, fatal, irresistível que o maior anseio de quem caiu no fundo da morte e tentou se destruir, seja o de recuperar a vida. reconstruindo tudo o que foi destruído e reconquistando tudo o que foi perdido. Eis o poder da própria negatividade do AS, o impulso que impele para a positividade do S.

Esta é a estrutura do fenômeno involução-evolução, queda-ressurreição, onde tudo se desenvolve como conseqüência necessária (que faz parte do determinismo da Lei) do esquema originário concebido por Deus na Sua criação. A sabedoria de Deus, que tinha previsto a possibilidade da revolta, havia colocado no seio do impulso da queda a semente da Salvação, de modo que, quando o processo do emborcamento houvesse atingido o seu desenvolvimento máximo proporcionalmente ao impulso recebido pela revolta, ele não pudesse deixar de continuar a emborcar-se, mas no sentido oposto, isto é, endireitar-se. O ser, na ignorância em que caiu, não se apercebe que, trata-se de revolta e queda, ou não, ele nunca pode fugir das mãos de Deus, nem do poder soberano do S.

A presença desse impulso automático para a subida, colocado neste ponto pelo determinismo da Lei, revela uma preconcebida e evidente vontade de salvação implícita, acontecesse o que tivesse de acontecer no plano geral da criação. Esta é a forma em que se manifesta a ajuda de Deus, que vai ao encontro da criatura perdida para salvá-la, em vez de se revoltar contra ela para puni-la. E manifesta-se em forma de absoluta fatalidade, com um jogo de forcas do qual o ser não pode fugir, porque, se pudesse, ele acabaria por se perder definitivamente e com isso estaria falida a obra de Deus.

Esta é uma ajuda que, respeitando a liberdade do ser, sabe bem impor-lhe a sua salvação, porque fala a linguagem do seu interesse, com as palavras convincentes, que todos entendem, da felicidade ou do sofrimento, meios persuasivos que irresistivelmente impelem para o endireitamento do processo da revolta. A plenitude de negatividade que encontramos neste ponto quer dizer plenitude de todas as tristes qualidades do AS, onde triunfa o sofrimento, que mais repele, do qual todos procuram fugir. Carência de positividade quer dizer falta de todas as preciosas qualidades do S, onde triunfa a felicidade, que mais atrai, da qual

todos procuram aproximar-se. Como pode o ser persistir numa revolta que sempre mais o afasta do que ele mais almeja? Como pode o ser não reagir de qualquer maneira à insatisfação do seu instinto fundamental que quer a felicidade? Ao longo do caminho em descida, da queda, este fato se torna cada vez mais duro e pesado. No fundo da queda é máximo o estado de envenenamento pelo AS, e de fome do S. Mas eis que neste ponto, o pior do processo, automaticamente chega a ajuda de Deus, da qual o ser mais precisa para a sua salvação, porque é neste momento que ele se encontra mais afastado de Deus. E assim que se realiza o milagre por si mesmo, no próprio ponto em que, com a revolta, o rebelde, conseguindo construir o seu AS, realizou a plenitude da sua vitória contra o S. Pela estrutura da Lei pela natureza negativa do caminho percorrido, mesmo rebelde se encontra como nunca impulsionado a contradizer-se, renegando a sua revolta, a fim de regressar ao S e a Deus.

Isto é possível pelo falo de que, as forças do S, com a revolta, como há pouco mencionamos, não foram destruídas, mas, deficientes em ação, se tornaram latentes e potenciais, isto é, como comprimidas, e por isso prontas a ricochetear para trás, tanto mais, foram comprimidas pela vitória do termo oposto, para devolverem os seus impulsos constrangidos e se reintegrarem em toda a sua potencialidade. Essas forças não São exteriores e não operam por constrangimento de fora para dentro, mas são interiores ao ser, representam impulsos seus que fazem parte da sua natureza. funcionam como instintos seus que ele não pode apagar, anseios indeléveis, um convite tão enérgico e persuasivo que a ele ninguém sabe fugir. E por ter observado e entendido tudo isto, que agora podemos compreender como se iniciou, depois da descida, o caminho da subida. isto é, quais são as causas determinantes do fenômeno da evolução.

X

DINÂMICA DO PROCESSO INVOLUTIVO

Observamos no capítulo precedente de onde e como nasceu a evolução, quais foram as causas que no fundo da descida involutiva determinaram o princípio desse novo processo. Continuaremos agora observando a mecânica da evolução, não mais no seu início, mas ao longo do seu desenvolvimento.

Vimos funcionar paralelamente, de um lado o determinismo da Lei, do outro, a liberdade do ser. E notamos que essa liberdade está contida e enclausurada dentro dos limites impostos pelos princípios da Lei. O problema, porem, foi então encarado na sua posição estática, para ver até onde se esconde o campo de ação de cada um dos dois termos. Observaremos agora o mesmo problema de outro ponto de vista, isto é, o fato que, com o desenvolvimento do processo evolutivo, se transforma a cada passo a posição desses dois termos, e, com isso muda a relação que vimos existir entre eles.

Já sabemos que o determinismo é qualidade do AS, enquanto a liberdade é qualidade do S. Disto decorre que, como com a queda o ser perdeu a liberdade e caiu no determinismo, contrariamente na subida, quanto mais ele evolui no AS para o S tanto mais terá de perder as

qualidades do primeiro, para assumir as do segundo. Assim com a evolução vai-se transformando cada vez mais a manifestação da Lei a respeito do ser, no sentido de que, quanto mais ele se afasta do AS, tanto mais se enfraquece para ele o princípio do determinismo; e ao contrário, quanto mais ele se aproxima do S, tanto mais se fortalece para ele o oposto princípio da liberdade. Por outras palavras, com a evolução, a liberdade do ser termina sempre menos enclausurada dentro dos limites impostos pelo princípio determinístico da Lei. Mas não é que a Lei seja uma coisa ou outra. Ela é ambas, porque é tudo. Ela é liberdade no momento em que ela é S; e é determinismo no momento em que ela é AS. Com a queda, não é a Lei que muda, mas é o ser que muda a sua posição dentro dela, e é conforme essa posição que a Lei se manifesta numa forma ou noutra.

Por que razão acontece isto? Há outro significado mais profundo? A visão nos mostra ainda mais. Continuemos observando. A evolução representa o regresso do ser ao seu estado de origem, que é a liberdade do S. E por isso que a evolução representa uma contínua conquista de liberdade e amplitude de movimento. A Lei está sempre pronta a retribuir tão logo o ser faça um esforço para subir, o que constitui ajuda de Deus, mostrando que Ele está sempre pronto a ir ao sou encontro. Deus o faz sem prejuízo do ser, deixando prevalecer o Seu impulso de bondade agora possível, enquanto não o era no momento em que o ser estava envolvido com a sua revolta e ignorância de cidadão do AS. Podemos assim ver qual é a maravilhosa sabedoria da Lei que, com tanta previdência e providência, sabe tornar-se determinística nos baixos níveis de existência, onde é necessário tirar a liberdade a um ser que dela não sabe fazer senão mau uso para perder-se, ao mesmo tempo que a Lei lha devolve logo passe o perigo de prejuízo do ser, porque, por haver voltado ao conhecimento e se ter tornado mais consciente, agora ele pode dar garantia de não se arruinar, se a liberdade lhe é concedida.

É neste ponto que se revela a bondade de Deus que construiu a Lei de modo tal que, em caso de revolta, o rebelde automaticamente tivesse que perder a sua liberdade, porque isto representa uma defesa necessária, pelo fato de que é perigoso, sobretudo para ele, que um louco inconsciente seja deixado livre Mas eis que, na Sua bondade, Deus construiu também a Lei de modo que assim evoluindo, o ser se torne consciente, e com isso readquira a capacidade de se dirigir por conta própria, por ter aprendido à sua custa, com a dor pagando o erro, a não violar mais a Lei, por isso merece e pode, sem perigo, tornar-se livre - eis que todas as qualidades perdidas que lhe pertenciam no S, voltam a pertencer-lhe e isto tanto mais quanto mais com o seu esforço evolutivo ele conseguiu aproximar-se da sua pátria de origem.

Ora, não foi Deus que tirou a liberdade ao ser decaído, mas foi o ser que com a revolta tudo quis emborcar, O S emborcou também, caindo no AS por si mesmo, escravizando-se no regime determinístico deste, no qual ficou sem a liberdade do S. Estava implícito no plano da criação, mesmo antes que a revolta se realizasse, o princípio de que, com ela, os valores do S tivessem de se emborcar nos opostos do AS, isto é, a liberdade no determinismo. Deus não fez nada no momento da queda. Tudo estava já preparado e previsto desde o primeiro momento da construção da Lei. A mudança foi livremente feita pelo ser, e não pôde ser realizada senão dentro da Lei, conforme os princípios pré-estabelecidos que ela continha desde o momento em que foi concebida por Deus. Da Lei, que representa o pensamento e a vontade Dele, ninguém pode sair. Foi o ser que ficou preso nas conseqüências fatais da sua própria revolta, para sanear o que está estabelecido e não há outro remédio senão outra tanta obediência.

Eis então que, seguindo o fenômeno da evolução, podemos observar a progressiva transformação de um universo de tipo AS, num outro de tipo S. Como com a revolta, a positividade do S, com todas as suas qualidades, se transformou em negatividade, com as qualidades respectivas, assim agora, com a evolução, a negatividade do AS, com todas as suas

qualidades, tem de transformar cm positividade, com as qualidades respectivas. Na subida. a natureza dos valores e o poder dos impulsos em ação vai se transformando: diminui cada vez mais o mal, o caos, a revolta, o ódio, a ignorância, o sofrimento, a morte, o determinismo, o inferno da matéria, até eles desaparecerem completamente e no seu lugar aparecerem: o bem, a harmonia, a obediência, o amor, o conhecimento, a felicidade. a vida eterna, a liberdade, o paraíso no espírito. Por isso a evolução significa desenvolvimento de inteligência, superação da dor, conquista de vida, liberdade e felicidade. Assim o ser se torna cada vez mais independente e autônomo, mas paralelamente responsável, como convém a quem compreende; sempre menos constrangido à obediência, e sempre mais convencido da sua utilidade, cada vez mais consciente e espontâneo colaborador de Deus na obra da salvação. A compreensão elimina cada vez mais a necessidade do constrangimento. O esforço do ser para evoluir é premiado a cada passo com a conquista de um correspondente adiantamento, o que quer dizer melhoria nas condições de vida, mais aberta, consciente, livre, poderosa, vantagens a que o ser é levado cada vez mais a compartilhar, participando como dono e não mais como escravo nas diretrizes da Lei.

Assim tudo se vai transformando. Mas, observando esse fenômeno da evolução, eis que aparece outra qualidade sua. A felicidade e a velocidade da subida não são sempre iguais, ao longo do caminho do seu desenvolvimento, mas diferentes nos diferentes níveis atingidos. Cada passo dado para a frente representa a conquista efetuada de uma posição mais adiantada, o que significa encontrar-se na possibilidade de encarar e resolver o problema da subida com recursos mais poderosos e maior facilidade de sucesso. O atual caminho percorrido representa um valor adquirido pelo ser em seu favor, constituindo um ponto de partida mais adiantado para iniciar o futuro caminho, com vantagem pela evolução que se torna sempre maior. Realizar em subida um deslocamento da mesma amplitude num plano baixo de vida, exige mais esforços e custa mais luta que executar o mesmo adiantamento num plano mais alto. Os resultados do trabalho por nós realizado no passado representam um capital nosso de resistência, experiência, conhecimento e merecimento, que automaticamente tendem a operar em nosso favor. Cada batalha vencida no passa o representa uma força que nos impulsiona para a frente, constituindo uma sempre maior velocidade por nós próprios adquirida, que automaticamente nos levanta para o Alto. Assim o passo do viajante torna-se cada vez mais leve e veloz, diminuem as asperezas do caminho que se abre sempre mais amplo e fácil, até que nos últimos degraus a ascensão se torna, como a de um projétil, rápida e irresistível, lançada para seu objetivo supremo: Deus.

No fenômeno da evolução movimenta-se um feixe de elementos. Acima de tudo está a Lei que, sempre justa, dirige e regula, retribuindo segundo o merecimento. E verdade que no início o caminho é mais duro, mas isto foi merecido. E é verdade também que cada esforço por nós realizado deixa em nossas mãos o seu fruto, enriquecendo-nos assim, em proporção ao trabalho efetuado, de um capital nosso, e que com a subida cada vez mais se vai acumulando, aumentado pelos juros, o que significa posse de valores sempre maiores, representados por qualidades úteis, poderes e recursos em nosso favor. O que conquistamos no sentido da positividade, neutralizando o seu contrário, alivia-nos cada vez mais do fardo que nos esmagava como negatividade. É necessário assim um esforço sempre menor para subir, porque se facilita o caminho; o que era inimigo se torna amigo, o que era pesado e difícil se torna mais leve e fácil; caem as resistências e transformam-se num convite. Como na queda, o emborcamento dos valores havia transformado o bem em mal, assim, com a evolução, o endireitamento deles transforma o mal em bem.

A cada degrau atingido na escala da ascese muda a posição do ser e mais adiantado é o ponto de partida onde apoia o pé para o novo passo. A justiça de Deus é exata como equilíbrio duma balança. Quanto mais peso de méritos o ser coloca e acumula de um lado, tanto mais em seu favor se levanta o outro prato. A recompensa é garantida na medida precisa do merecimento, em função do caminho percorrido, lutando e sofrendo. Quem cair no AS tem de pagar o resgate da escravidão; mas na medida em que for pago, a Lei garante a libertação. De fato existem inferno, purgatório e paraíso, que alguns negam porque não entenderam o verdadeiro sentido destas palavras. Inferno é o AS, paraíso é o S, purgatório é o caminho que vai do AS para o S, é a salvação representada pela evolução. À medida que o viajante, de forma em forma, vai subindo e ganhando altura, desaparece para ele o mundo baixo dos involuídos e entra em planos de vida mais adiantados e felizes. Embaixo a existência é bem dura, porque a luz da compreensão foi apagada nas trevas da ignorância, e tanto maior quanto mais baixo o ser desceu com a queda. Quanto maior a ignorância, tanto maior o erro; e quanto maior o erro, tanto maior a reação da Lei, isto é, o choque da dor, como é necessário e proporcionado à cegueira e insensibilidade do ser, para que ele decida-se a movimentar os primeiros passos no caminho da evolução. Mas eis que, conquistando-se através da evolução a dura experiência que leva à compreensão da Lei, diminui o erro, e com isso a reação da Lei, isto é, o choque da dor, que se torna sempre menos grosseiro e feroz, mais leve e refinado, como convém a um ser mais sensível e inteligente, para o qual bastam choques muito menos brutais para atingir o objetivo da Lei, que é o de impulsionar o ser para a frente - Os choques necessários para impelir uma pedra, uma árvore, uma fera, um selvagem, a evoluir, é lógico que devam ser de natureza e violência diferentes dos que são aptos para fazer avançar um evoluído, um gênio, um santo.

Assim a evolução vai cumprindo a sua função de endireitamento, em que se realiza uma verdadeira catarse do mal em bem - A queda e a involução mudaram tudo o que era positivo em negativo. A evolução realiza o processo oposto, endireitando na direção positiva tudo o que havia sido emborcado ao negativo. Neste processo o ser pode correr à vontade, mas só ao longo dos trilhos já marcados no esquema da obra de Deus. O ser pode subir ou descer, aproximar-se ou afastar-se do caminho certo da Lei, mas não pode sair das linhas daquele esquema - Ele pode abrir ou fechar as janelas do seu mundo para a luz de Deus. Lá fora, ela ficará sempre resplandecendo da mesma forma. Qualquer coisa que o ser queira fazer na sua liberdade, ele terá de aceitar as conseqüências das suas ações na moeda viva do seu sofrimento ou felicidade. Com esta recebemos o pagamento dos nossos créditos, enquanto que com a dor temos de pagar os nossos débitos. Quando gozamos, isto pode acontecer porque recebemos pelo direito que nos dá perante a Lei um crédito nosso que anteriormente havíamos ganho com o nosso esforço, ou, no caso contrário, porque estamos tomando um empréstimo que temos depois de devolver, ou furtando o que não nos pertence, e então amontoando dívidas, culpas e dano. Méritos e deméritos, tudo se capitaliza, construindo, se avançarmos para a positividade, uma preciosa fortuna nossa; se caminharmos para a negatividade, a nossa triste miséria - E tudo, créditos ou débitos, vão-se acumulando, aumentados pelos juros, em nosso favor, ou em nosso dano. Isto constitui a nossa bagagem, com que viajamos, o nosso patrimônio no banco de Deus, uma propriedade inalienável, que os ladrões não nos podem furtar, que pela justiça da Lei ninguém nos pode tirar. Se trabalharmos para o bem, enriqueceremos e seremos deslocados para planos de vida superiores, mais felizes. Se trabalharmos para o mal empobreceremos e cairemos em planos de vida inferiores, mais infelizes. Temos nas mãos a chave do nosso destino. Quando o ser com o seu esforço evolutivo tiver devolvido à justiça de Deus tudo o que lhe deve, então a mesma justiça devolverá ao ser toda a felicidade que lhe pertence.

❑ ❑ ❑.

A dinâmica do processo evolutivo vai se desenvolvendo através da grande batalha entre a negatividade do AS e a positividade do S. Este é o significado do conflito que todos conhecem e que em todo o momento está presente dentro de nós, a luta entre o bem e o mal. Temos então, neste sistema de forças, dois grandes impulsos: 1) Na plenitude do S, a revolta provocou o impulso para a negatividade, que vai se envolvendo, sempre mais, com a construção do triângulo verde do AS, até à sua plenitude em ZZ_1. *2)* Na plenitude do AS, completo o ciclo da queda, começa o impulso para a positividade, que vai se desenvolvendo, sempre mais com a construção do triângulo vermelho do S, até à sua plenitude em WW_1.

Vimos há pouco que as resistências, e por isso o esforço em sentido evolutivo, no momento do início do processo da subida, são máximas. Isto é devido também ao fato de que é neste ponto que o primeiro impulso para a positividade tem de vencer, no ponto Y, a maciça resistência que oferece a plenitude da negatividade, em ZZ_1. Mas eis que essa resistência não paralisa o fenômeno, pelo fato de que Y representa o momento de maior concentração das energias do S que estão comprimidas num ponto, prontas para entrar em ação, em busca da positividade. Acontece agora o oposto do que aconteceu no momento inicial da descida involutiva. É verdade que neste ponto, X, o primeiro impulso para a negatividade tem de vencer a resistência máxima, a que oferece a plenitude da positividade, em WW_1 Mas essa resistência não paralisa o fenômeno da queda, pelo fato de que X representa o momento da explosão da revolta, que foi o de maior concentração das energias do AS que, comprimidas naquele ponto para entrar em movimento, como nunca estavam prontas para estourar em ação. Afinal de contas, entre a base e o cume de cada um dos dois triângulos, há uma equivalência de potencial cinético, porque nada se cria e nada se destrói. Por outras palavras, o que no início do processo está concentrado num ponto, em substância equivale ao que no fim do processo se encontra espalhado na plenitude do fenômeno realizado.

Para compreender cada vez melhor o verdadeiro significado e natureza íntima do fenômeno, tão rico de aspectos diferentes, procuremos agora representá-lo com uma imagem mais tangível Quando o ser, com a revolta, procurou separar-se do S, nem por isso pôde destruir os liames que o uniam ao S. Poderíamos então figurar-nos esse processo de afastamento do ser rebelde do S, como um lançamento, do ponto X para o ponto Y, de uma pedra, amarrada a um elástico, que atinge sua tensão máxima neste ponto Y, com a tendência contínua de reconduzir a pedra ao ponto de partida X, fornecendo-lhe a energia para cobrir o percurso XY. Que acontece ao longo desse caminho? Quanto mais a pedra se afasta do ponto X, isto é, o ser rebelde se afasta do S, tanto mais se enfraquece o impulso de origem e se fortalece a ação contrária do elástico, até que no ponto Y aquele impulso se esgota e é máximo o poder de contração do elástico, isto é, de reabsorção do movimento para trás, até o ponto de partida. Ao longo do trajeto XY descarrega o impulso de origem (o do lançamento da pedra, ou o da revolta e afastamento do ser), e proporcionalmente carrega o poder reativo do elástico (atração de Deus), de modo que no ponto Y funciona ao mínimo a ação da revolta e ao máximo o poder de salvação. É assim, que no ponto onde se esgota a revolta, logo se inicia a contra-revolta.

Se a construção do triângulo verde representa o processo da expansão do primeiro impulso, a realização dos efeitos daquela primeira causa, paralelamente o fenômeno realizado representa também o enfraquecimento até à neutralização atual daquele impulso determinante. Do outro lado a construção do triângulo vermelho representa o oposto processo de contração,

realizado pelo elástico, até à reabsorção do precedente processo de expansão e o aniquilamento completo dos seus efeitos. O esquema universal estava construído de tal maneira que qualquer afastamento para longe do S gerasse uma correspondente atração para ele. Eis a razão profunda do fenômeno da reação da Lei, pelo qual, qualquer que seja a desobediência e o afastamento do ser, automaticamente tudo deve ser corrigido e voltar a Deus. O processo da evolução ou salvação representa um processo reativo, e o caso maior, da mesma natureza do menor, que já vimos, o da correção do erro pela dor. Por isso a evolução se poderia definir: "o maior processo reativo da Lei, para a salvação de nosso universo decaído". O princípio fundamental, pré-determinado na própria estrutura do fenômeno, é sempre e só um.

Eis os dois termos em função dos quais se desenvolve todo o processo da queda e salvação, descida e subida: Deus e o ser. Trata-se de dois egocentrismos que, antes da revolta, no S, concordavam, Deus sendo o centro em dependência do qual, fundido na mesma ordem, funcionava o ser. Com a revolta o segundo termo fugiu do primeiro, dele se afastando para construir às avessas, à volta do seu próprio egocentrismo, outro S, que se tornou um AS. Todavia o rebelde levou consigo apenas uma parte do S, que, do outro lado da cisão, ficou de pé e do qual o ser, apesar de estar longe dele, continuou fazendo parte. Isto quer dizer que o ser ficou dependente do S, e quanto maior o afastamento, tanto mais o atrai para o regresso a Deus.

Cada um dos dois termos tem a sua vontade e lança o respectivo impulso. Se no S concordavam, com a revolta surgiu a oposição entre as duas vontades e impulsos. O que antes constituía um só S, no qual, à volta do centro Deus, a criatura rodeava obediente, despedaçou-se em dois sistemas, um direito, o S, e um emborcado, o AS; o primeiro tendo por centro Deus, o segundo por anticentro a criatura rebelde. Eis que as duas vontades e impulsos permaneceram: a do ser para centralizar tudo em si no AS, e de Deus para atrair de novo o rebelde para dentro do S. Se no período da involução venceu o primeiro impulso e a revolta dividiu, no período da evolução vence o segundo impulso e a obediência tem de reunir. Com o primeiro movimento os dois egocentrismos se tornam rivais, com o segundo se tornam amigos. Na primeira metade do ciclo Deus deixa vencer a vontade separatista do ser, todavia na segunda metade deve prevalecer a vontade unificadora de Deus. O esquema do Todo foi construído de tal maneira, que não pode haver caminho de ida sem o correspondente caminho de regresso, em que todo mal tem de ser saneado pela correspondente penitência.

Somente assim, não como punição ou vingança de Deus, mas por razões mais profundas, se explica o duro trabalho da evolução. Trata-se de uma necessidade lógica de equilíbrio e de bondade, porque o impulso de atração de Deus à salvação, automaticamente se concentra e se manifesta no ponto Y, onde sendo máximo o sofrimento do ser e o seu esforço necessário para subir, é providencial que máxima seja a ajuda de Deus para salvá-lo. E por isso que, no ponto onde esta é mais urgente porque o perigo é maior, máxima é a tensão do elástico, que representa a força gravitacional é a tensão do S, ou de atração para Deus.

Às vezes voltamos aos mesmos problemas, em que já tocamos, e o leitor superficial pode julgar que estamos repetindo. Assim vamos observando um nível sempre mais profundo. Agora que melhor ainda entendemos qual é a íntima estrutura do fenômeno involutivo-evolutivo, podemos compreender como ele se desenvolve no seu caminho de regresso, no qual nos encontramos. Neste período duas forças funcionam: 1) da parte do ser através do seu esforço e sofrimento para vencer as resistências e dificuldades do caminho; 2) da parte de Deus através da Sua vontade salvadora, que se manifesta na forma de ajuda para a redenção, de modo que o ser não perca. O que significam esses dois impulsos, por que surgiram. funcionam, qual é a sua razão de ser e finalidade?

Voltemos a observar sempre mais atentamente No processo involutivo-evolutivo os dois

termos, o ser e Deus, e os impulsos que eles geram, são opostos. Se no caminho da descida XY, é o ser quem vence e neste percurso, de momento, Deus perde, no caminho da subida YX, é o ser quem perde e Deus vence definitivamente. No início desse segundo período, que é o do regresso, a posição dos dois impulsos é a seguinte: esgotaram-se a afirmação de revolta por parte do ser, de um lado, e do outro a tolerância por parte de Deus, que tudo isto permitiu. A realização do AS em toda a sua plenitude havia sido atingida à custa da paciência de Deus. Mas eis que no segundo período os dois impulsos se emborcam na seguinte posição: em lugar da afirmação da sua revolta, o ser fica com a paciência da obediência e com o dever da disciplina, de um lado, enquanto do outro lado, Deus triunfa com a afirmação da Lei vencedora.

É lógico que, se para o ser o caminho da descida foi a realização da sua vontade de desobediência e a vitória da sua revolta, pelo fato de que a subida representa o emborcamento da descida, a evolução deve ser um caminho de disciplina, esforço, sofrimento. E é lógico também que por outro lado, se a descida representa uma momentânea derrota de Deus, a subida constitua a Sua vitória, E assim que neste período, por sua vez, é Deus quem prevalece e leva vantagem sobre a vontade rebelde do ser. Deus que se havia afastado, voltando a aproximar-se, a Sua ausência tornando-se presença com a manifestação da Sua maior qualidade, que é bondade e o amor, que agora tomam a forma de ajuda em benefício do ser. O amor de Deus, no segundo período, para salvar a criatura na união consigo, representa a Sua resposta à revolta com que no primeiro período o ser havia manifestado a sua má vontade afastando-se para longe Dele. Tal ajuda é constituída por esse impulso da parte de Deus para a salvação, como o vemos na descida dos profetas, e do próprio Cristo, para salvar remindo. Eis como é no período evolutivo a posição dos dois termos: o ser luta e sofre, e Deus ajuda.

Se no primeiro período se realiza a expansão do egocentrismo do ser contra o egocentrismo de Deus, e a que poderíamos chamar a paixão de Deus, no segundo período triunfa o egocentrismo de Deus contra a vontade rebelde do ser e realiza-se a paixão deste. Como no primeiro período o ser, com a revolta, saiu da ordem do S, assim neste segundo período, com a obediência, ele tem de regressar àquela ordem. Eis porque à revolta teve de suceder a disciplina.

Neste caso vigora o mesmo princípio que observados nos capítulos precedentes a respeito do afastamento lateral para longe da linha da Lei. A linha em descida XY , que se afasta do S, equivale à linha lateral NN_1, que se afasta da linha da Lei. Ambas representam para o ser o afastamento e realizam a trajetória do erro, produto da desobediência. A linha em subida YX, que volta ao S, equivale à linha lateral N_1N, que volta à linha da Lei. Ambas representam para o ser o fatigante trabalho do regresso, a penitência de recuperação, a correção do erro pela dor. Eis a razão pela qual a evolução é luta, dura conquista, exige esforço e sofrimento.

Que acontece então com o desenvolvimento do processo evolutivo ao longo do caminho da evolução? Neste percurso os dois impulsos transformam-se: 1) Como no primeiro período o ser realizou a culpa da revolta, no segundo, reabsorvendo aquele impulso na obediência, com a dor paga o pecado e se redime. Assim pelo seu esforço o ser vai subindo, conquistando qualidades positivas, do S, e aliviando-se do fardo das negativas do AS, abrindo sempre mais as portas para onde pode entrar a ajuda de Deus. 2) Por outro lado, como no primeiro período dominava o silêncio de Deus que se havia retraído da criatura rebelde, e com isso o amor e a ajuda Dele, no segundo período, a presença de Deus torna-se sempre mais viva e atual, ajuda sempre mais poderosa, porque quanto mais o ser se torna apto para receber, tanto mais o amor de Deus, indo ao seu encontro, por ele pode ser recebido.

O resultado destas duas transformações, paralelas e proporcionadas, é outra transformação pela qual os sofrimentos vão desaparecendo sempre mais e no seu lugar aparece a felicidade, até que no fim ela se torna completa quando a ação salvadora de Deus atinge o seu resultado, que é o regresso do ser ao S. Já mencionamos alguns pontos mais importantes dessa transformação que abrange todas as qualidades do ser> como determinismo em li herdade, ignorância em compreensão etc. Este é o resultado final Mas, seguindo o caminho da evolução, é possível observar as fases progressistas dessa transformação. Se o processo evolutivo é luta e sofrimento, é também conquista de felicidade. Como há pouco dissemos: o ser luta e sofre, e Deus ajuda. À medida que o ser, com a dor, paga o pecado, Deus recompensa e premia com a felicidade.

Ora, se dividirmos a linha *YX* da evolução nos vários trechos, em cada nível atingidos no caminho da ascese, será possível calcular, em proporção ao trajeto percorrido, qual é o peso do esforço e sofrimento que o ser já pagou pelo seu resgate, e o peso do que ele ainda tem de pagar; e ao mesmo tempo o peso correspondente da felicidade conquistada e o da felicidade que ainda lhe falta conquistar. Assim, a cada passo, conforme a altura atingida, é possível controlar a posição do ser, estabelecendo a correspondente medida da transformação realizada num sentido ou noutro, da prevalência da positividade sobre a negatividade e ao contrário, até atingir a completa renovação do ser.

O resultado do deslocamento de baixo para cima é um progressivo aniquilamento das qualidades, que conhecemos do AS, de maneira a que sejam substituídas pelas do S. Isto quer dizer que, com a evolução, o empecilho das dificuldades, o esforço da luta, o peso do sofrimento, se tornam cada vez mais leves, o caminho menos áspero, o progresso mais fácil, o passo mais rápido. O trecho, que com tanto esforço foi percorrido, facilita o novo caminho para a frente, a velocidade adquirida representa um impulso de progresso em nosso poder, para atingir velocidade maior. O ser vai assim cada vez mais acordando na luz que, indo ao seu encontro, desce do Alto. O convite do amor de Deus para o supremo amplexo torna-se cada vez mais vivo e sensível. A distância entre o ser e o S decresce a cada passo, a atração de Deus se faz cada vez mais poderosa e irresistível, até que o ser cai reabsorvido na ordem do S de Deus, desaparece a cisão dualista do universo, o egocentrismo da criatura rebelde volta a girar em redor do seu verdadeiro centro, que é o egocentrismo de Deus, se une assim e se funde novamente, em obediência, na ordem do S, no organismo universal que essa ordem rege.

❑ ❑ ❑

Continuemos observando a dinâmica do processo evolutivo. Eis, em síntese, a posição do ser no ponto onde tal processo se inicia.

Na linha base da figura, isto é, no nível zero da subida, temos, nas duas posições do (-) e (+) os seguintes elementos:

1) Máximo poder das forças negativas, pela extensão máxima *(ZZ_1)*, do seu campo verde, na plenitude do AS.

2) Mínimo poder das forças positivas, pela extensão mínima (ponto Y) do seu campo vermelho, na anulação do S.

3) Realização máxima de todas as qualidades negativas do AS.

4) Carência máxima de todas as qualidades positivas do S.

5) Máximo poder de resistência do AS contra o regresso evolutivo.

6) Máxima dificuldade a vencer contra o AS e por isso necessidade do esforço máximo da parte do ser.

7) Estado de máximo sofrimento do ser na plenitude do mal, e no máximo vazio e falta de bem.

8) Estado de máxima reação instintiva e luta do ser contra a dor, para fugir da negatividade do AS, e estado de máximo desejo insatisfeito de felicidade, isto é, de máximo impulso para a recuperar com a evolução, voltando à positividade do S.

9) Mínimo poder atual da ajuda de Deus, devido ao estado de máximo silêncio ou de ausência da atividade Dele, como direto impulso evolutivo.

10) Máximo poder potencial da ajuda de Deus, a qual se manifesta na forma emborcada do AS, a forma indireta e negativa do sofrimento, devido à carência Dele, significando falta de felicidade, vazio duro que acaba funcionando positivamente por reação, como estimulante, no ser, do impulso evolutivo para o regresso salvador.

Esta é a posição do ser ao nível zero, ou ponto básico inicial do processo evolutivo. Neste ponto a ajuda de Deus, a atração para o S, estão neutralizados pela plenitude da negatividade do AS, aqui dominante, que paralisa todo o funcionamento da positividade por intervenção direta da parte do S- A presença deste e de Deus não é mais atual, como ação direta, mas é só potencial, emborcada na sua posição oposta: uma ação negativa, operante por reação, por caminhos indiretos, como estimulante do esforço do ser, para que dele saia o primeiro impulso para a subida, o qual tem de ser seu. Eis em que sentido há pouco dissemos que "onde é máximo o estado de perdição, funciona ao máximo poder da salvação" . O resultado é que Deus ajuda, neste ponto também. Mas se Ele, na posição normal de S, ajuda usando o Seu método de Amor, é lógico que, quando Ele tem de revelar a Sua presença na posição emborcada do AS, Ele ajude, sempre para o bem, mas na forma oposta, aquela que o ambiente exige, a do chicote.

Disto decorre que neste ponto o esforço que o ser tem de cumprir é máximo. Explica-se assim como aqui as condições de sua existência sejam as mais duras como é necessário para excitar a sua reação salvadora, constrangendo-o à força a cumprir tal esforço. Há pouco dissemos também que "o ser luta e Deus ajuda". Mas o ponto onde o ser tem de lutar mais e Deus diretamente menos ajuda, é este do início do processo evolutivo, onde a ausência da ação direta de Deus deixa o ser como se estivesse abandonado, para que, como é justo, no começo, quando ainda não mereceu nada com o seu resgate, o esforço da construção seja todo dele.

Essa posição, porém, no dinamismo do processo evolutivo, não é posição estacionária e definitiva. Ela muda com o deslocar-se do ser ao longo do caminho da evolução: muda a proporção entre aqueles dois termos, isto é, quanto mais o ser, com o seu esforço, progride, tanto menos ele tem de lutar, porque cada vez mais Deus o pode ajudar. E lógico que assim aconteça, pelo fato de que a posição emborcada do ponto inicial do processo evolutivo, como o realizar-se deste, vai-se endireitando cada vez mais, até os dois termos atingirem uma situação reciprocamente oposta à que tinham naquele ponto de partida - Acontecerá então que, ao acabar o processo evolutivo, no momento do regresso ao S, a ajuda de Deus será completa, totalmente em ação, enquanto a luta e o esforço do ser desaparecerão. Por isso pudemos dizer, que com a evolução, o determinismo (chicote) se torna liberdade (amor), e que a subida se torna cada vez mais fácil, ao mesmo tempo ganhando em velocidade.

Estabelecido esse princípio, é lógico chegar à conclusão que é possível, na dinâmica do processo evolutivo, calcular qual é, em cada nível da escala evolutiva, o valor quantitativo das resistências das forças negativas do AS, contrárias à evolução, e o do esforço que proporcionalmente o ser terá de cumprir para superá-las e subir; e do outro lado calcular em cada nível, o valor quantitativo das forças positivas do S, favoráveis à evolução, e o da ajuda que o ser receberá de Deus, para facilitar a subida. Ao mesmo tempo será possível calcular

também o grau de felicidade atingida (cada vez maior), e o da dor ainda a suportar (cada vez menor). Veremos assim que, por esse processo de inversão ou endireitamento dos valores emborcados, diminui cada vez mais o fardo que o ser tem de carregar, da negatividade e da luta necessária para vencê-la; e do outro lado veremos aumentar cada vez mais em proporção inversa o alívio que o ser, no seu fardo de negatividade, recebe pelo progressivo potencializar-se da positividade, que representa a ajuda e facilita a subida. Quanto mais o ser consegue subir para Deus com o seu esforço, tanto mais Deus pode descer, para ele, com o Seu amor.

Este cálculo de valores favoráveis ou contrários nos permitirá medir, para cada nível de evolução, até que ponto as forças do S dirigidas para o alto conseguiram prevalecer acima das do AS dirigidas para baixo, neutralizando-as; isto é, medir qual foi, com a realização da evolução, a vitória das primeiras e a derrota das segundas - Assim será possível conhecer em cada ponto o valor quantitativo ou peso das forças positivas, como das opostas negativas, que se encontram em ação, seja em favor do ser ou contra ele. Tal é o dinamismo, sempre em movimento, desse processo. E agora podemos conhecer o que mais nos interessa, isto é, a cada passo, qual é a posição do ser dentro desse dinamismo, que tem o poder de realizar a sua salvação, transformando-o de perdido cidadão do AS, em feliz filho de Deus, no S. O cálculo desses valores e a correspondente posição do ser a respeito deles poderão, como veremos, ser expressos graficamente pela extensão dos diferentes campos de forças, que constituem os dois triângulos verde e vermelho da nossa figura.

A essa altura podemos chegar a ver todo o conteúdo do fenômeno da evolução. Antes de tudo ele está ligado a uma necessidade lógica de endireitamento do que foi emborcado, e isto por um princípio de equilíbrio e justiça que está implícito no de ordem e harmonia, no qual se fundamenta a Lei. A este princípio, que funciona automático e invencível, é devido o fato de que o ser não pode fugir à necessidade de percorrer a segunda parte do ciclo, uma vez que ele percorreu a primeira, e ter dessa maneira de realizar, com o seu esforço, o trabalho de neutralizar o mal que produziu, gerando outro tanto bem. Está contido na própria estrutura orgânica da Lei o princípio pelo qual não é possível realizar um percurso de afastamento ou trabalho de emborcamento, sem ficar amarrado à fatalidade, e ter de percorrer o mesmo caminho e realizar o mesmo trabalho no sentido oposto, isto é, ter de cumprir o caminho do regresso e o trabalho do endireitamento.

Estabelecido este outro princípio, é possível então não somente, como agora dizíamos, medir o valor quantitativo ou peso da forças em ação nos diversos níveis de evolução, mas também conhecer a natureza delas, a qualidade dos impulsos vigorantes fio transformismo realizado no processo evolutivo.

Eis então, resumindo o que há pouco explicamos e encontramos ao nível zero daquele processo.

Na plenitude do AS, temos máximo poder atual das forças negativas e mínimo das positivas; isto é, plenitude das qualidades de caos, matéria, determinismo, mal, ignorância, imperfeição, revolta, inferno, ódio, sofrimento, morte etc., e carência enorme das qualidades opostas. Resistência máxima ao regresso evolutivo. Maior dificuldade a vencer e por isso grande necessidade de esforço do ser. Sofrimento máximo na plenitude do mal com a falta do bem, a mais dura luta para fugir do primeiro e satisfazer o anseio de recuperar-se no segundo. Falta de ajuda direta de Deus e peso do trabalho evolutivo, totalmente a cargo do ser.

Eis pelo contrário o que se encontra no ponto final do processo evolutivo.

Na plenitude do S, há mínimo poder atual das forças negativas e máximo das positivas; isto é, plenitude das qualidades de ordem, espírito, liberdade, bem, sabedoria, perfeição, obediência, paraíso, amor, felicidade, vida etc., e carência enorme das qualidades

opostas. Resistência mínima ao regresso evolutivo, com menos dificuldade a vencer, e por isso não há mais necessidade de esforço do ser. Seu sofrimento é menor pela plenitude do bem e falta do mal, porque foi satisfeito o anseio de recuperar a felicidade perdida. Máxima presença da ajuda direta de Deus, sem menor trabalho evolutivo a cumprir, a cargo do ser.

Estas são as duas posições, uma nos antípodas da outra, dos dois extremos, o ponto de partida e o ponto final do processo evolutivo. Quando este estiver todo realizado, no momento do regresso do ser ao S, todas as qualidades da primeira posição têm de desaparecer, reabsorvidas e aniquiladas nas qualidades opostas da segunda posição. Ora, dissemos tudo isto não somente para conhecer qual é o conteúdo do fenômeno evolutivo nestes seus dois pontos extremos, mas também para explicar o que tal processo de transformação abrange e realiza, e isto nos diversos níveis que o ser vai ocupando e percorrendo, mudando com isso a sua estrutura e a natureza das suas qualidades.

Agora alcançamos três resultados

1) Sabemos que o fenômeno evolutivo consiste na transformação do ser, isto é, das suas qualidades do primeiro grupo agora mencionadas, nas do segundo.

2) Entre os dois extremos da completa negatividade do AS e da completa positividade do S e respectivas qualidades, é possível, para cada nível de evolução (o que quer dizer do transformismo das qualidades negativas do tipo AS nas positivas do tipo S), estabelecer o grau de transformação realizada pelo trabalho evolutivo do ser, e por conseguinte conhecer a sua natureza e o tipo de qualidades que, no nível onde se encontra, ele possui.

3) Além da qualidade, é possível medir o valor quantitativa, dinâmico dos impulsos que estas qualidades representam; e isto, seja no sentido da positividade como no da negatividade, em cada nível de evolução atingido pelo ser. Por outras palavras, além de se estabelecer qual é a natureza das novas qualidades que tomam o lugar das velhas, é possível, para cada plano de existência, calcular também até que ponto a transformação se realizou e medir os respectivos impulsos em ação nos diferentes campos de forças.

Poderemos assim dizer que conhecemos o fenômeno evolutivo, porque conhecemos o valor qualitativo e quantitativo dos seus elementos constitutivos. Essa transformação do estado de plenitude da negatividade do AS no estado de anulação da mesma, e a paralela e inversa transformação do estado de nulidade da positividade do S no da plenitude da mesma, constitui o conteúdo do fenômeno evolutivo, como se encontra expresso graficamente em nossa figura. Nela vemos que o processo evolutivo, no seu percurso YX, leva à anulação do triângulo verde da negatividade, desde a sua amplitude máxima ZZ_1, até à mínima no ponto X; e ao mesmo tempo leva também à construção do triângulo vermelho da positividade, desde a sua amplitude mínima no ponto Y, até à sua amplitude máxima WW_1. Esse fenômeno evolutivo é o resultado do processo de emborcamento por compensação entre contrários, pelo qual se esvazia o que estava cheio (AS), e se enche o que estava vazio (S)

Vamos assim, observando cada vez mais de perto, a que leis a dinâmica do processo evolutivo tem de obedecer, com exatidão topo-cronométrica e com as características da fatalidade. Com a revolta o ser, julgando renegar a Deus, renegou a si próprio e, para ganhar uma vida maior, perdeu a sua própria, pelo fato de que ele, filho da feliz positividade do S, feito para viver na sua plenitude, não pode viver sem ela, numa oposta e emborcada plenitude, a dolorosa negatividade do AS. Se o ser, com a revolta, conseguiu só destruir a sua felicidade, cuja falta representa para ele sofrimento mortal, é lógico que automaticamente, pelo seu próprio impulso, ele esteja constrangido a fazer todo o esforço para recuperar felicidade. São os próprios resultados às avessas que o ser alcançou e o constrangem a voltar para trás, regressando ao ponto de partida. isto é, a voltar a Deus. E tudo foi tão bem predisposto que,

quanto mais o ser insiste na sua posição errada, procurando a felicidade às avessas, tanto mais a dor aumenta, a mordedura da infelicidade o aperta, e com isto o constrange a endireitar o seu caminho. O percurso do processo evolutivo está todo marcado como um curso escolar, no desenvolvimento de cujo programa o ser tem de aprender sobretudo a não errar mais. O triunfo do Deus é fatal e absoluto e a maravilhosa perfeição do processo está no fato de que o ser está por ele próprio constrangido a realizar a sua salvação com o seu esforço, porque ele não terá paz até regressar ao S.

Como pode o ser fugir da Lei, que estabelece a sua natureza? E de fato, para fugir da Lei, o ser conseguiu apenas colocar-se a si próprio dentro dela, mas em posição emborcada, de sofrimento, em vez de felicidade. Ninguém pode sair da Lei, nem do poder de Deus, como o ser pensava ser possível com a revolta, nem pode continuar para sempre no caminho do seu emborcamento, que o leva contra a sua própria vida. A criatura que deseja apagar Deus dentro de si, faz como o filho que, querendo apagar a natureza do pai dentro de si, outra coisa não consegue senão destruir-se a si próprio. Com a involução o universo decaiu na matéria e, afastando-se de Deus, esvaziou-se das qualidades do S. Com a evolução o universo tem de reconquistar tudo, reconstruindo-se no espírito, aproximando-se de novo de Deus, enchendo-se das qualidades do S, que havia perdido. E cada ser, dentro da regra geral da Lei, que é igual para todos, obedece-lhe seguindo o seu caminho particular, especializado, como vemos fia vida o caminho que corresponde à sua natureza e tipo, como o ser possuía no organismo do S, e no qual ele deve ser reintegrado, retomando a posição que naquele organismo ele ocupava antes da queda.

Cumpre-se assim o ciclo completo que, saindo da plenitude na positividade no S, chegou, no fim do processo involutivo, à anulação daquela na plenitude da negatividade do AS; ciclo que, ressurgindo desta plenitude às avessas, tem de chegar a anulá-la, para regressar à originária plenitude de positividade do S.

XI

IMPULSOS DA EVOLUÇÃO

Procuremos agora observar mais pormenorizadamente, nas suas diversas fases de desenvolvimento, a dinâmica do fenômeno evolutivo, confirmando e exemplificando melhor o que acima foi exposto, mas agora com uma expressão gráfica mais evidente, como se encontra em nosso diagrama. Já vimos qual é a posição das forças positivas e negativas em ação no processo evolutivo no seu ponto inicial, e que é possível conhecer o valor qualitativo e medir o seu quantitativo. Estudaremos agora as mudanças às quais aquelas forças estão sujeitas no seu desenvolvimento ao longo do caminho da evolução. Poderemos assim ver como, na dinâmica do fenômeno evolutivo, se realiza o processo da transformação do campo de forças da negatividade, representado pelo triângulo verde ZXZ_1 do AS, no campo de forças da positividade, representado pelo triângulo vermelho WYW_1 do S, porque esse é o conteúdo do fenômeno evolutivo.

Para simplificar, nos referiremos sobretudo à qualidade fundamental de cada campo, isto é, a negatividade e a positividade. Já vimos no fim do capítulo precedente qual é o seu conteúdo, e que outras qualidades cada uma contém. Mas o que agora mais nos interessa é conhecer quais são as forças positivas, isto é, favoráveis ao ser, que o ajudam a subir, e quais

as negativas, isto é, a ele contrárias, que o dificultam; é saber por que razão, com que meio e em que forma e medida as primeiras se vão transformando com a evolução nas segundas. Isto interessa-nos saber, porque é em função da natureza dessas forças em relação ao ser que, conforme a posição ocupada por ele, varia o esforço a realizar para vencer as resistências dos impulsos negativos do AS, e varia também a ajuda que ele recebe da parte dos impulsos positivos do S, para progredir ao longo do caminho da evolução. Poderemos assim conhecer, em cada nível de existência e em relação ao trabalho até ai realizado pelo ser, qual o esforço necessário que lhe cabe executar para resistir ao impulso do AS que procura freiá-lo a fim de o fazer recuar, e a ajuda que, no sentido oposto (S), o sustenta, impulsionando-o para a frente, para ele subir até à sua salvação.

Olhemos então para a figura e vamos dividir a linha da evolução YX em graus ou etapas sucessivas, que vão da linha do AS: ZYZ_1, à do S: WXW_1. Veremos assim graficamente representado a cada passo como paulatinamente se realiza o fenômeno da evolução isto é, da transformação: AS-S, ou destruição do triângulo verde da negatividade, ZXZ_1; e correspondente construção do triângulo vermelho da positividade, WYW_1. Para simplificar dividimos o percurso *YX* somente em 5 pontos: A_1, A_2, A_3, A_4, A_5. Mas é claro que ele pode ser dividido em muitos mais, quanto mais quisermos observar o fenômeno nos seus pormenores. Estes 5 pontos que escolhemos bastam para nos dar uma idéia geral do fenômeno e orientar a pesquisa que cada um poderá depois continuar para estabelecer, em qualquer ponto do caminho YX que ele queira, o cálculo do valor das forças contrárias ou favoráveis em ação ao longo daquele caminho. Isto no sentido da negatividade ou resistência das forças do AS contra a evolução, como no sentido da positividade ou ajuda da parte das forças do S em favor da evolução. O ser vai lutando entre esses dois impulsos que o impelem em dois sentidos opostos, e cabe a ele, que está sempre livre, escolher e dirigir-se para um ou outro. Com esta pesquisa será possível calcular qual é, entre esses dois impulsos, o esforço que o ser tem de cumprir para evoluir, e isto em relação a qualquer nível ou posição atingida, em função do caminho percorrido e do caminho ainda a percorrer.

Sempre para simplificar e com isso ganhar em evidência, o fenômeno será graficamente expresso só no lado esquerdo da figura, isto é, da linha da evolução YX, porque no outro lado foi representado não este problema da subida, mas o dos desvios laterais. Estes são os dois problemas fundamentais que até agora focalizamos e que a nossa figura expressa, um de cada lado. É lógico porém que a representação completa de cada um desses fenômenos deveria graficamente estender-se de ambos os lados da linha YX, no caso observado, cobrindo a superfície toda dos dois triângulos, o verde e o vermelho.

Observemos agora as mudanças que se verificam com o desenvolvimento do processo evolutivo. O poder das forças negativas em ação está expresso, na figura, pela extensão das linhas verdes no ponto considerado; o poder das forças positivas em ação está expresso pela extensão das linhas vermelhas no ponto considerado.

A primeira posição do fenômeno é representada pelo ponto de partida do processo evolutivo, isto é, pela linha verde *ZY*, onde o AS se encontra em sua plena eficiência, e máximo é o valor das forças negativas em ação; com uma positividade representada somente pelo ponto Y, onde o S se encontra reduzido ao estado latente, e mínimo é o valor das forças positivas em ação.

O primeiro grau ou etapa atingida na evolução, é representado pelo ponto A_1. Nesta altura, ao longo do caminho da evolução mudou a posição do ser. O seu esforço para percorrer em subida o trajeto YA_1 transformou o valor das forças contrárias da negatividade, da sua extensão expressa pela linha verde ZY, no valor menor expresso pela linha GB; e ao

mesmo tempo, paralelamente, transformou o valor das forças favoráveis da positividade, da sua extensão mínima expressa pelo ponto Y, no valor expresso pela linha A_1G. O trecho vermelho coberto por ela representa o que foi ganho em todas as qualidades próprias da positividade favoráveis ao ser, que com o seu esforço as mereceu e agora as possui. O trecho verde GB representa, com o encurtamento da linha ZY até ao comprimento BG, o alívio pela diminuição do fardo dos impulsos contrários, a parte menor que deles na nova posição fica contra o ser, a libertação de uma parte das qualidades negativas do AS que ele atingiu com o seu esforço.

Aqui, desde o seu próprio início, podemos já observar como o processo evolutivo progride em virtude de dois movimentos opostos, mas convergentes para a mesma finalidade, isto é, aumento de positividade de um lado e proporcionada diminuição de negatividade do outro. Podemos observar, na figura, o aumento cada vez maior do comprimento da linha vermelha da positividade, que expressa o grau de endireitamento atingido do emborcamento da queda, e o encurtamento do comprimento da linha verde da negatividade, que representa a parte ainda não corrigida, o que sobra do estado involuído, e que vai cada vez mais diminuindo. Assim ao desenvolver-se o processo evolutivo vemos realizar-se o fenômeno do progressivo aumento da parte nova que representa o S, e a diminuição do que sobra do AS. Isto irá assim continuando até que o negativo se haja tornado positivo. Vemos de fato neste primeiro degrau o valor negativo da linha verde, A_1B, neutralizado até ao ponto G pelo valor positivo da linha vermelha A_1G.

É no seio deste processo evolutivo que vemos desenvolver-se a luta apocalíptica entre as forças negativas do AS e as positivas do S. O ser se encontra no meio desta tempestade, livre para escolher e dirigir-se num sentido ou noutro. Com isso, Deus deixou ao ser um poder imenso: o de construir à vontade o seu próprio destino. Mas como isto pode acontecer?

No desenvolvimento do processo evolutivo encontramos até agora três linhas de forças em ação para salvação do ser:

1) A linha YA_1, das forças movimentadas pelo esforço, para evoluir;
2) a linha A_1G, das forças positivas do S, de ajuda, favoráveis à evolução;
3) A linha GB, das forças negativas do AS, de resistência, contrárias à evolução.

A posição inicial ZY (-) como a de Y (+) se movimenta graças ao impulso evolutivo que sai do ser, e em virtude dele se desloca para uma posição diferente, a do nível A_1, que é: G B (-) e A_1G (+). Aconteceu então que, com o seu esforço em subida YA_1, o ser mudou as suas condições de existência, e com isso ganhou em positividade (a qual representa um estado favorável em seu proveito), na medida do valor representado pelo comprimento da linha A_1G; e ao mesmo tempo o ser mudou as suas condições porque se libertou do fardo da negatividade (a qual representa um estado desfavorável em seu prejuízo), e isto na medida do valor representado pelo comprimento da linha ZY, menos o da linha GB, ao qual a negatividade e a correspondente desvantagem foram agora reduzidos Então com o seu trabalho evolutivo o ser ganhou em vantagem (+) o trecho A_1G, e se aliviou do peso (-) do trecho ZY, que foi diminuído até ao comprimento GB, isto é: (ZY-GB) Este melhoramento de posição, expresso pela linha A_1G, esta subtração de impulsos desfavoráveis de *ZY* até GB, são devidos ao esforço do ser, YA_1. Eis o resultado útil do seu trabalho evolutivo

Cabe ao ser a tarefa de realizar com o seu esforço a transformação das suas condições de existência, movimentando-se em subida e executando o processo evolutivo Mas ao lado desse livre poder do ser, há outra parte do fenômeno, representada pela luta entre negatividade e positividade, parte determinística, estabelecida pela Lei de Deus, à qual o ser não pode fugir,

contraste entre os dois impulsos opostos, o impulso para baixo (AS), e o impulso para cima (S). O primeiro é representado pelas forças do mal, o segundo pelas forças do bem, que vemos sempre em ação. Mas, apesar de situado entre elas, sem possibilidade de saída, com o ser ficou a liberdade da escolha, pela qual ele pode seguir uma ou outra; Deus deixou-lhe o poder de se dirigir à vontade na viagem através do oceano que vai do AS para o S, deixou-lhe o leme nas mãos, e isto tanto menos quanto mais ele é involuído e inconsciente no início, mas tanto mais quanto mais ele, evoluindo, se torna ciente do seu trabalho e posição. E claro que assim o progresso não é fruto que cai graciosamente do céu, mas deve ser conquistado como resultado de uma dura luta. Temos, porém, que reconhecer quanto seja justo que todo melhoramento seja atingível só como merecido resultado de um correlativo trabalho. Ora, tudo isto nos diz que o ator principal do processo evolutivo é o próprio ser, que está encarregado de o realizar em seu benefício.

No fenômeno da evolução funcionam então três impulsos fundamentais, os que vemos aqui em ação:

1) o impulso do S; 2) o do AS; 3) o do ser.

O jogo de todo esse fenômeno executa-se entre estes três elementos. O que realiza a salvação do ser é o deslocamento evolutivo devido ao seu impulso que livremente se movimenta entre os outros dois impulsos, o do S e o do AS, que são determinísticos. E justo que caiba ao esforço do ser, que com a revolta quis transformar a sua posição favorável no S, na desfavorável no AS, a tarefa de transformar agora a sua posição desfavorável no AS, na favorável no S.

❑ ❑ ❑

Tudo isto nos permite aprofundar mais o nosso olhar na visão que nos mostra a estrutura do fenômeno da queda, ou involução-evolução, em relação à criação. A Lei permanece sempre o que ela é, como também a estrutura do S, que representa a obra originária de Deus. A involução não foi senão uma reação da Lei contra a revolta, ou ação do ser rebelde: ação e reação das quais nasceu aquela obra, a anti-criação, que se chama AS, contrária, situada nos antípodas da criação de Deus perfeita e inatingível, acima de qualquer tentativa de alteração. Por isso a revolta que o ser dirigiu contra Deus, ricocheteando, atingiu o próprio ser, tornando-se um revoltado, e não Deus. Esta é a razão pela qual o AS representa um impulso desfavorável, contrário, que agride o ser, pelo fato de que o AS está constituído pelo próprio impulso, igual da mesma natureza que o do ser. A revolta lançada contra Deus, volta para trás, contra o próprio ser. E necessário compreender que o AS não é senão o fruto da rebeldia contra o S; fruto que, amadurecido no período involutivo, se tornou um impulso de agressão contra o ser, impulso que agora lhe pertence todo, e que ele tem de receber em cheio. O ser está agora mergulhado no AS gerado por ele, e não pode fugir do choque ricocheteado pelo seu próprio impulso rebelde. Por este, o ser será perseguido e não terá paz até que ele, com o seu trabalho em sentido oposto o houver neutralizado, subindo de novo o caminho que percorreu em descida.

Então é verdade que o ser tem nas mãos o poder de construir à vontade o seu próprio destino. Mas é verdade também que não pode realizar isto senão à sua custa, com o seu duro esforço escalando novamente o monte que ele desceu, vencendo a resistência das forças contrárias do AS (as do mal), agora que por ele próprio foi movimentando o jogo fatal das reações punitivas da Lei contra si mesmo.

Observando atentamente a natureza do processo involutivo-evolutivo, revelam-se cada vez mais as qualidades de automatismo e fatalidade do seu funcionamento, que vemos desenvolverem-se deterministicamente como conseqüência necessária das premissas já contidas na Lei e constituídas pelos princípios nos quais ela se fundamenta estabelecidos por Deus quando Ele nesta forma construiu aquela grande máquina de pensamento, da qual depois tudo derivou A vontade de Deus já foi, desde o primeiro inicio da criação, escrita por Ele na sua Lei, que não necessita de retoques, nem que Ele intervenha para a modificar, Lei auto-suficiente que Deus só deixa funcionar como ela foi feita

Mais exatamente, por outras palavras: Deus, na Sua criação, construiu u'a máquina perfeita, que,. sendo perfeita, não pode ser senão determinística, cujos princípios de funcionamento Ele estabeleceu no momento da criação. Nessa máquina ou organismo conceptual, Deus está presente ou imanente, como o nosso eu está em nossa personalidade que constitui nós mesmos, de modo que tal máquina parece automática porque Deus com ela deterministicamente, obedece a Si próprio, isto é, à Sua vontade, que esta escrita nos princípios que constituem a Lei, nos quais o próprio Deus fixou a Sua vontade.

Então, se Deus e a Lei ficam imóveis na sua perfeição, o único impulso novo que pode modificar e sanear a situação do ser decaído, não pode ser senão o dele, não pode sair senão dele próprio. O restante poderá responder a este impulso, e isto conforme as regras preestabelecidas, mas não iniciará um movimento novo por si próprio. E por isso que qualquer variante na posição do ser deve ser produzida por ele, pela iniciativa dele, a cuja livre vontade está confiado o poder de gerar deslocamentos com a sua ação provocando correspondentes automáticos movimentos de resposta, seja da parte do S, seja da parte do AS. Os impulsos que atingem o ser da parte destes, S ou AS, não são gerados por eles, mas pelo ser, de cuja ação representam o reflexo. Trata-se do retorno do mesmo impulso que saiu do ser e que agora volta para ele, em favor ou contra si próprio, conforme a sua natureza por ele escolhido. Não se trata de um impulso novo, gerado pelo S ou ÀS, e devido a um novo movimento na vontade de Deus e do Sua Lei. A queda foi efeito da liberdade do ser, e não da vontade de Deus.

Novos movimentos na vontade de Deus significariam introduzir elementos estranhos na obra acabada da criação deslocando as linhas estabelecidas do seu plano e alterando o seu perfeito funcionamento orgânico. Os movimentos gerados pelo ser são de outra natureza, porque representam simples oscilações dentro dos limites fixados por aquelas linhas no plano da Lei e imposto pelos seus princípios. A ação do ser não desloca nada na Lei e na obra de Deus. Só se desloca a si próprio dentro da Lei e dentro desta obra. O seu poder não alcança nada além de seu terreno, poder que se traduz em semear para si as causas com efeitos inevitáveis. O ser pode emborcar ou endireitar a sua posição, pode avançar ou retroceder, afastar-se ou aproximar-se de Deus. Mas os caminhos dessas oscilações já estão marcados, e o ser não pode sair deles. Muito menos ele pode alterar a sua estrutura. O ser está preso dentro do funcionamento do grande organismo do todo, regido por princípios absolutamente determinísticos. A inviolável liberdade do ser consiste no fato de que ele pode funcionar também de modo diferente. Mas ele não pode fazer isto senão com seu risco e perigo, com o seu próprio dano, tendo depois de pagar, com o seu sofrimento as conseqüências do seu erro. Porque Deus assim quis, todos os seres existem, e ninguém pode nem quer deixar de existir. Mas ninguém lhes proíbe de viverem errados, se assim quiserem, no nível, posição e condições de vida da fera, da árvore, até da pedra.

Foi assim que o ser pôde revoltar-se e involuir à vontade. Tudo o que Deus podia fazer para salvar o ser rebelde, já foi previsto e estabelecido antes da queda pelos princípios da Lei, na sua construção. Ela garante a ajuda em proporção ao esforço realizado pelo próprio ser

para se remir evoluindo. A Lei é benigna, porque se baseia no princípio da bondade e justiça. Por isso premia a boa vontade, mas não funciona se, com o seu esforço, o ser não a põe em movimento. Se o ser não faz nada para subir[3] a Lei fica esperando, impassível. E se o ser quer ficar no inferno do AS, a Lei respeita a sua livre vontade.

A conclusão prática destas considerações é que a recuperação de tudo o que foi perdido, é possível e está garantida, mas sob a condição de que o ser a queira e de fato a execute com o seu trabalho. A Lei está pronta e, pela sua própria natureza, não pode deixar de responder à ação do ser no sentido de que ele a quis movimentar. Se sua ação é em sentido evolutivo, a Lei replica com a sua ajuda salvadora, sustentando o ser na sua fadiga ascensional para o S. Mas a Lei está pronta também a deixar o ser na sua perdição, se assim o quiser. Na Lei está implícito o princípio da salvação, que desde o primeiro momento do seu nascimento nela foi colocado por Deus. Mas está estabelecido também que esse principio não pode funcionar se não for movimentado pelo próprio ser.

Tal é a técnica da dinâmica do processo evolutivo, que nos propusemos a observar. O que é necessário entender é que não adianta iludir-se, procurando escapatórias em vítimas divinas que façam o trabalho que deve ser nosso, e paguem por nossa conta. O fato é que, se o ser que se encontrava no estado de positividade no S quis emborcar no estado de negatividade do AS, não há como fugir, é necessário que seja do ser e saia dele também outro impulso, O do endireitamento, como dele saiu o do emborcamento. Em resumo, o fenômeno involutivo-evolutivo, ou da queda e salvação, representa um caso particular que pertence só ao ser que quis provocá-lo, caso seu que ele tem de resolver. As causas do desastre não estiveram nem em Deus nem na Lei, mas no ser. É fatal que os efeitos não estejam em Deus nem na Lei, mas somente no ser. Deus o deixou livre de se perder, como depois de se remir. Deixou-lhe o poder de se emborcar, como o de se endireitar à vontade. Mas, se agora o ser quer voltar ao S, tem de cumprir o seu dever de realizar-se, conquistando com o seu próprio esforço a sua salvação. O caminho da evolução já está todo marcado dentro da Lei e ninguém pode mudá-lo. Ele é uma obra da sabedoria divina e o ser não pode senão segui-lo.

❑ ❑ ❑

Continuemos observando no seu funcionamento a técnica do processo evolutivo.

O percurso desse processo já foi aqui apresentado dividido em 5 pontos: A_1, A_2, A_3, A_4, A_5. Estudamos o seu desenvolvimento só até ao ponto A_1, que representa o lº degrau da subida. Chegou agora o momento de observar o que se verifica nos outros degraus do processo evolutivo, até à sua conclusão. Teremos assim analisado todo o seu caminho, do seu ponto de partida no AS, ao seu ponto de chegada no S.

Já vimos que os impulsos que movimentam a evolução, são três: 1) O impulso das forças favoráveis da positividade do S; 2) O impulso das forças contrárias da negatividade do AS; 3) O impulso ascensional devido ao esforço do ser, que tem o poder de transformar os resultados do 2º impulso, nos do 1º. Mas observemos o fenômeno mais pormenorizadamente.

Quando o ser, executado o 1º degrau da subida, atinge o ponto A_1, conquistou uma nova posição, representada pelos seguintes valores:

O esforço do ser, YA_1, gerou a linha das forças positivas, de ajuda, a ele favoráveis, A_1G, e reduziu a linha das forças negativas, ZY, de resistência, contrárias ao ser, ao comprimento GB. Em resumo, o ser, subindo este 1º degrau, alcançou os seguintes resultados:
Com o seu esforço, YA_1, o ser realizou a conquista da vantagem A_1G, e uma diminuição de desvantagem, ZY reduzida até GB. Tal é o balanço final dos impulsos e movimentos que se

realizaram no deslocamento evolutivo do ser, no seu 1º degrau ou passo para cima, que vai de Y até A_1.

O mesmo princípio, método e resultados se repetem nos degraus sucessivos. Os impulsos que aqui continuam movimentando o processo evolutivo, são os três expostos acima.

Quando o ser, vencendo o 2º degrau da subida, atinge o ponto A_2, ele conquistou uma nova posição, que é representada pelos seguintes valores:

O novo esforço do ser, A_1A_2, gerou uma nova linha de forças positivas, de ajuda, a ele favoráveis, A_2H, e reduziu a linha das forças negativas, GB, de resistência, contrárias ao ser, ao comprimento ainda menor, HC. Em resumo neste seu 2º passo em subida, o seu alcançou os seguintes resultados:

Com o seu esforço, A_1A_2 o ser realizou a conquista da nova vantagem, A_2H, maior do que a precedente A_1G, e uma noa diminuição de desvantagem, GB, reduzida até HC. Tais são as condições atingidas pelo ser em sua nova posição A_2, no fim do seu 2º degrau ou passo para cima, como resultado do seu esforço e deslocação evolutiva: $YA_1 + A_1A_2 = YA_2$.

Vemos assim, desde agora, delinear-se a lei que rege o desenvolvimento do processo evolutivo: pelo contínuo esforço do ser, um trecho sobre o outro, vai cada vez mais aumentando o poder das forças positivas, favoráveis, do S, e retraindo-se o das forças negativas, contrárias, do AS. Eis então, o princípio que rege o fenômeno da evolução: pelo esforço do ser, que representa o motor que movimenta todo o processo, este vai se desenvolvendo em sentido tal que o S vai sempre mais ganhando e aumentando, enquanto proporcionalmente o AS vai recuando e reduzindo-se cada vez mais.

Quando o ser subindo ainda um degrau a mais, vence o 3º e atinge o ponto A_3, conquistou uma nova posição> ainda mais adiantada, representada pelos seguintes valores:

O novo esforço do ser A_2A_3, gerou uma linha de forças positivas favoráveis, ainda maior, A_3D, e reduziu a linha das forças negativas, HC, de resistências contrárias ao ser, a zero no ponto D. Em resumo, neste seu 3º passo em subida, o ser alcançou os seguintes resultados:

Com o seu esforço, A_2A_3, o ser realizou a conquista da nova vantagem A_3D, maior do que a precedente A_2H, e a redução da desvantagem HC até ao ponto D.

Então, como resultado do esforço do ser, temos: $YA_1 + A_1A_2 + A_2A_3 = YA_3$, desenvolvimento do processo evolutivo em A_3, com a linha da positividade do S, se tornando igual à da negatividade do AS. Isto significa que neste ponto os dois impulsos se equivalem, isto é, têm o mesmo poder, existem ambos com medidas iguais, vantagem e desvantagem se equilibram. De agora em diante o processo evolutivo continuará, não com a prevalência das forças negativas sobre as positivas, apesar de as primeiras sempre diminuindo e recuando, mas com a prevalência oposta, das forças positivas sobre as negativas, as primeiras sempre aumentando e avançando. Tal é a lei do processo evolutivo, cuja finalidade é a destruição do triângulo verde e a construção do vermelho. Vemos assim como esse fenômeno se vai realizando.

O que encontramos então quando o ser subindo mais um degrau alcança o 4º, e atinge o ponto A_4? Ai o ser conquista uma nova posição, mais adiantada, representada pelos seguintes valores:

O novo esforço do ser, A_3A_4, gera uma linha de forças positivas, favoráveis, ainda maior, a A_4I; superando a linha em resíduo das forças negativas (redução de A_3D, A_4E) com o trecho positivo, EI. Em resumo, neste seu 4º passo em subida, o ser alcança os seguintes resultados:

Com o seu esforço: A_3A_4. o ser realizou a conquista da nova vantagem A_4I, maior do que a precedente, A_3D, e a diminuição da desvantagem A_3D, até A_4E. Tais são as condições

atingidas pelo ser na sua posição A_4, no fim do seu 4º degrau ou passo para cima, como resultado do seu esforço e deslocação evolutiva: $YA_1 + A_1A_2 + A_2A_3 + A_3A_4 = YA_4$

O processo continua sempre com o mesmo método. Quando o ser subindo mais um degrau, alcança o 5º e atinge o ponto A_5, conquista uma nova posição, ainda mais adiantada, representada pelos seguintes valores:

O novo esforço do ser: A_4A_5, gera uma linha de forças positivas, favoráveis, ainda maior, A_5L; superando a linha em resíduo das forças negativas (redução de A_4E até A_5F), com o trecho positivo, FL. Em resumo, neste seu 5º passo em subida, o ser alcança os seguintes resultados:

Com o seu esforço, A_4A_5, o ser realiza a conquista da nova vantagem A_5L, maior do que a precedente A_4I, e a diminuição da desvantagem, A_4E até A_5F. Tais são as condições atingidas pelo ser na sua nova posição A_5, no fim do seu 5º degrau ou passo para cima, como resultado do seu esforço e deslocação evolutiva:

$$YA_1 + A_1A2 + AA_3 + A_3A_4 + A_4A5 = YA_5.$$

Deste modo, seguindo sempre o mesmo método, chegamos a conclusão do processo. Quando o ser, subindo mais um degrau, atinge o 6º e último, alcança o ponto X, posição final do fenômeno evolutivo, representada pelos seguintes valores:

O novo esforço do ser, A_5X gera uma linha de forças positivas, favoráveis, ainda maior, XW; superando completamente e assim aniquilando a linha em resíduo das forças negativas (redução de A_5F até zero no ponto X), com o trecho XW, que expressa a plenitude da positividade e a destruição da negatividade, atingidas no ponto final do processo evolutivo. Em resumo, neste seu 6º e último passo em subida, o ser alcança os seguintes resultados:

Com o seu esforço, A_5X, o ser realiza a conquista da nova vantagem XW, maior do que a precedente, A_5L, e a diminuição da desvantagem, A_5F até zero - Tais condições atingidas pelo ser na sua nova posição X, no fim do seu 6º degrau e de todo o processo da evolução, como resultado do seu esforço e deslocamento evolutivo:

$$YA_1 + A_1A_2 + A_2A_3 + A_3A_4 + A_4A_5 + A_5X = YX.$$

Assim o caminho evolutivo *YX* está todo percorrido e, pelo esforço do ser para percorrê-lo, foi gradativamente eliminada toda a negatividade do AS, fruto da queda, e substituída pela positividade do S, que com a ascese foi recuperada Este é o conteúdo e o resultado do processo evolutivo, que se desenvolveu pelos três impulsos: 1) positivo do S, 2) negativo do AS, 3) processo evolutivo do ser. Dessa forma o processo acaba reconstruindo tudo o que havia sido destruído. Como nos propusemos, ternos assim visto em seu funcionamento a técnica do processo evolutivo. Realizamos o que prometemos no início deste capítulo, isto é, representar graficamente como se realiza a cada passo a transformação: AS - S, o que quer dizer destruição dos valores representados pelo triângulo verde da negatividade ZXZ_1, e a correspondente construção do triângulo vermelho da positividade WYW_1

Para simplificar usamos as palavras positividade e negatividade. Sabemos, porém, o que elas significam, de quantas qualidades o seu conteúdo é constituído, e que transformação profunda se realiza para o ser com a passagem de um estado para o outro. Foi para nos apercebermos melhor desta transformação que falamos de forças favoráveis ou contrárias, de vantagem e desvantagem do ser; escolhendo-o como ponto de referência, para conhecermos a cada passo o valor da sua conquista no sentido do bem, e o da sua libertação no sentido do mal, como também o grau de transformação evolutiva por ele realizada, da qual depende a sua salvação. Isto corresponde em perfeita justiça à regra do merecimento, que constitui um dos princípios fundamentais da Lei. É com o seu esforço que o ser realiza o seu progresso, esforço que representa o impulso que muda um nível de existência para outro, a posição do ser e as

condições de vida em seu favor. A fadiga da evolução é compensada a cada passo, na subida, com um melhoramento em vantagem, porque neutraliza as forças contrárias e aumenta as favoráveis. Vemos assim como o ser pode gradativamente reconstruir-se íntegro na perfeição do S libertando-se de todos os efeitos da queda representados pelo AS. Depois do período involutivo ressurge o evolutivo, até à sua salvação. Nisto consiste a redenção, que significa destruição de sofrimento e conquista de felicidade.

❑ ❑ ❑

Observemos agora o fenômeno sobre outro ponto de vista e o seu funcionamento; a técnica do processo evolutivo, na sua forma mais completa; a representação por superfície de campos de forças. Repetiremos o que acabamos de explicar, seguindo o mesmo desenvolvimento e com o mesmo conteúdo e finalidade, mas de modo diferente. As etapas da subida ficam sempre as mesmas: A_1, A_2, A_3, A_4, A_5.

Quando o ser, vencendo o 1º degrau da subida, atinge o ponto A_1, como já vimos, temos os seguintes elementos.

O esforço do ser, YA_1, deu como resultado a posição expressa pela linha positiva, A_1G, e outra pela linha negativa GB. Ora, tudo isto pode ser expresso na figura também com os seguintes termos espaciais, não mais lineares, mas de superfície.

No ponto em que, subindo o trecho YA_1, o ser atinge o nível de existência A_1, o trabalho por ele realizado com o seu esforço, YA_1, ao chegar a essa sua nova posição, é expresso, em sentido favorável, pelo espaço que ele conquistou do terreno da negatividade, YA_1BZ, agora representado pela superfície do campo de forcas positivas coberto pelo triângulo vermelho, YA_1G; e conseqüente diminuição da superfície do campo de forças negativas, YGBZ, com a redução de ZY até GB.

Esse deslocamento representa o primeiro passo do processo evolutivo, do endireitamento da negatividade do AS na positividade do S, processo pelo qual se vai cada vez mais retraindo e apertando o campo de forças negativas, para a destruição do triângulo verde do AS, e à custa dele se vai cada vez mais estendendo e abrindo o campo oposto, de forças positivas, para a reconstrução do triângulo vermelho do S. Observemos agora como tudo isto se repete nos degraus sucessivos, nos quais o mesmo processo continua desenvolvendo-se sempre mais.

Quando o ser, vencendo o 2º degrau da subida, atinge o ponto A_2, temos os seguintes elementos:

O novo esforço do ser, A_1A_2, gerou a linha positiva, A_2H, e reduziu a linha negativa, GB, até HC. Ora, tudo isto pode ser traduzido nos seguintes termos espaciais, de superfície:

No ponto em que, com a sua evolução, A_1A_2, o ser atinge o nível A_2, o trabalho por ele realizado, chegando a essa nova posição e expresso, em sentido favorável, pelo espaço que ele ganhou, representado pela superfície do campo de forças positivas coberto pelo quadrilátero vermelho, A_1A2GH; e conseqüente diminuição da superfície do campo de forças negativas, com redução do quadrilátero verde, YGBZ, até GHCB, sendo HC menor do que GB.

Então essa nova conquista, A_1A_2, somando-se à precedente YA_1, resulta a posição final do ser em A_2, que é a seguinte:

1) Esforço total até aqui realizado, YA_2; 2) campo total favorável, conquistado pela positividade, aniquilando com o endireitamento a negatividade, em proveito do ser, YA_2H; 3) campo contrário aniquilado no terreno de negatividade, ou desvantagem do ser, YHCZ, com o valor reduzido de ZY até HC. Então o resultado final do esforço Y A é representado pela

superfície positiva YA_2H, e constitui a parte que com o seu esforço o ser endireitou em positividade, c que em seu favor foi extraída o campo da negatividade, YA_2CZ, enquanto a superfície YHCZ, foi percorrida, vencida e aniquilada no campo contrário da negatividade. Observemos agora o mesmo processo que continua no degrau sucessivo.

Quando o ser, vencendo o 3º degrau da subida, atinge o ponto A_3, temos os seguintes elementos:

O novo esforço do ser, A_2A_3, gerou a linha positiva, e 'eduziu a linha negativa, HC, até zero, no ponto D. Tudo isto pode ser traduzido nos seguintes termos espaciais, de superfície:

1) No ponto em que, com a sua evolução, A_2A_3, o ser atinge o nível A:}, o trabalho por ele realizado chegando nesta sua nova posição, é expresso, em sentido favorável, pelo espaço que ele ganhou, representado pela superfície do campo de forças positivas coberto pelo quadrilátero vermelho, A_2A_3DH; e conseqüente diminuição da superfície do campo de forças negativas, agora reduzido da extensão dos dois quadriláteros, YGBZ e GHCB, até ao ponto D, vértice do triângulo verde: HDC.

Então esta nova conquista, A_2A_3 somando-se às precedentes, $YA_1 + A_1A = YA_2$, resulta a posição final do ser em A_3, que é a seguinte:

1) Esforço total até aqui realizado, YA_3; 2) campo total favorável, conquistado pela positividade, aniquilando com o endireitamento a negatividade, em vantagem do ser, YA_3D; 3) campo contrário aniquilado no terreno da negatividade, ou desvantagem do ser, YDZ, com o valor reduzido de ZY até ao ponto D. Então o resultado final do esforço, YA_3, é representado pela superfície positiva, YA_3D, que constitui a parte que com o seu esforço o ser endireitou em positividade, e que em favor dele foi extraída do campo da negatividade, YA_3DZ; enquanto a superfície, YDZ, foi percorrida, vencida e aniquilada no campo contrário da negatividade.

Observemos agora o mesmo processo que continua no degrau sucessivo. Já vimos que no ponto A_3, pelo esforço redentor do ser, o poder da positividade tanto aumentou e ela tanto avançou, ao mesmo tempo que o poder da negatividade tanto diminuiu e ela tanto se retraiu, que os dois valores opostos acabam igualando-se (linha: A_3D). Então, traduzindo o processo em termos de superfície, se até agora foi o campo da positividade invadindo o maior da negatividade, do ponto A_3 em diante, é o primeiro que vai cada vez mais superando e aniquilando o que sobra do menor da negatividade até destruí-lo completamente em X. Isto quer dizer que, de agora em diante, o processo evolutivo continuará, não como até agora, com a prevalência do campo de torças negativas sobre o das positivas, mas com a prevalência oposta, a do campo de forças positivas sobre o das negativas.

Que encontramos então quando o ser, vencendo o 4º degrau da subida, atinge o ponto A_4? Aqui temos os seguintes elementos:

O novo esforço do ser, A_3A_4, gera a linha positiva, A_4I, superando a linha em resíduo das forças negativas, A_4E, com o trecho positivo, EI. Tudo isto pode ser traduzido nos seguintes termos espaciais, de superfície:

No ponto em que, com a sua evolução, A_3A_4, o ser atinge o nível A_4, o trabalho por ele realizado chegando a esta sua nova posição, é expresso, em sentido favorável, pelo espaço que ele ganhou, representado pela superfície do campo do forças positivas coberto pelo quadrilátero vermelho: A_3A_4ID; campos sempre aumentado, que supera o espaço da negatividade, este vai diminuindo sempre, agora reduzido até A_3A_4ED, contido e reabsorvido dentro do campo maior, que agora o supera na medida do triângulo positivo, DEI. Neste caso o que sobra e prevalece não é uma (sempre menor) superfície de negatividade ainda a conquistar, mas é uma (sempre maior) superfície de positividade conquistada.

Então esta nova conquista: A_3A_4, somando-se às precedentes

$$YA_1 + A_1A + A_2A_3 = YA3,$$

resulta na posição final do ser em A_4, que é a seguinte:

1) Esforço total até aqui realizado, YA_4 2) campo total favorável, conquistado pela positividade, em vantagem do ser, YA_4I; 3) campo contrário aniquilado no terreno da negatividade, ou desvantagem do ser, YA_4EZ, com o seu valor mais reduzido que o da positividade, que tem de vencer aquela negatividade, que vai diminuindo sempre mais, até desaparecer. Então o resultado final do esforço, YA_4, é representado pela superfície positiva, YA_4I, parte que com o seu esforço o ser conquistou em positividade, neste ponto superando a superfície vencida da negatividade, YA_4EZ, com o triângulo DEI, da positividade, que irá sempre mais aumentando, até atingir o degrau sucessivo.

Quando o ser, vencendo o 5º degrau da subida, atinge o ponto A_5, temos, como acima, os seguintes elementos.

O novo esforço do ser, A_4A_5, gera a linha positiva A_5L, superando a linha em resíduo das forças negativas A_5F, com o trecho positivo FL. Tudo isto pode ser traduzido nos seguintes termos espaciais, de superfície:

No ponto em que, com a sua evolução A_4A_5, o ser atinge o nível A_5, o trabalho por ele realizado chegando a esta sua nova posição, é expresso, em sentido favorável, pelo espaço que ele ganhou, representado pela superfície do campo de forças positivas coberto pelo quadrilátero vermelho, A_4A_5LI; campo, sempre aumentado, que supera o espaço da negatividade, este vai diminuindo sempre mais, agora reduzido até A_4A_5FE, contido e reabsorvido dentro do campo maior, que agora o supera na medida do quadrilátero positivo, EFLI. Neste caso o que sobra e prevalece não é uma (sempre menor) superfície de negatividade ainda a conquistar, mas é uma (sempre maior) superfície de positividade conquistada.

Então esta nova conquista: A_4A_5, somando-se às precedentes,

$$YA_1 + A_1A_2 + A_2A_3 + À_3A_4 = YA_4.$$

resulta na posição final do ser em A_5, que é a seguinte:

1)Esforço total até aqui realizado: YA_5; 2) campo total favorável, conquistado pela positividade, em vantagem do ser, YA_5L; 3) campo contrário aniquilado no terreno da negatividade, ou desvantagem do ser, YA_5FZ; com o valor mais reduzido do que o da positividade, que tem de vencer aquela negatividade, que vai diminuindo sempre mais, até desaparecer. Então o resultado final do esforço, YA_5, é representado pela superfície positiva, YA_5L, parte que com o seu esforço o ser conquistou em positividade, neste ponto superando a superfície vencida da negatividade, YA_5FZ com a superfície EFLI da positividade, que irá aumentando ainda mais, até atingir a sua plenitude no S.

Quando finalmente o ser, vencendo o último degrau da subida, atinge o ponto X, temos, como acima, os seguintes elementos:

O novo esforço do ser, A_5X, gera a linha positiva, XW substituindo-a completamente à linha das forças negativas, que desaparece, aniquilada no ponto X. Tudo isto pode ser traduzido nos seguintes termos espaciais, de superfície:

No ponto em que, com a sua evolução, A_5X, o ser atinge o nível X, o trabalho por ele realizado chegando a esta sua nova posição, é expresso, em sentido favorável, pelo espaço que ele ganhou, representado pela superfície do campo de forças positivas coberto pelo quadrilátero vermelho, A_5XWL, campo ainda maio", que desta vez chegou a superar o espaço da negatividade sempre menor, agora reduzido até A_5XF, contido e reabsorvido dentro do campo maior, que agora o supera na medida do quadrilátero positivo, FXWL. Neste caso o que sobra e

prevalece não é uma (sempre menor) superfície de negatividade ainda a conquistar, mas é uma (sempre maior) superfície de positividade conquistada; isto até que, chegando o ser ao ponto X do processo evolutivo, a superfície do campo de forças da negatividade desaparece, completamente coberta pela superfície do campo de forças da positividade, que conquistou o terreno todo da negatividade, a ela se substituindo.

Então esta nova conquista, A_5X, somando-se às precedentes,

$$YA_1 + A_1A_2 + A_2A_3 + À_3A_4 + A_4A_5 = YA_5,$$

O resultado final, na posição do ser em X, é o seguinte:

1) Esforço total até aqui realizado, YX; 2) campo total favorável, conquistado pela positividade, em vantagem do ser, YXW; 3) campo contrário aniquilado no terreno da negatividade, ou desvantagem do ser, YXZ, com o valor mais reduzido do que o da positividade, que ainda mais venceu a negatividade, e continuou diminuindo, até desaparecer no ponto X, completamente substituída pela positividade. Então o resultado final do esforço. YX, é representado pela superfície positiva, YXW, superfície total, que com o seu esforço o ser conquistou em positividade, superando a superfície vencida da negatividade, YXZ. *Com* a superfície, FXWL mais as superfícies precedentes da positividade, o ser conquistou todo o espaço da negatividade, eliminando-a definitivamente com o processo evolutivo, e assim atingindo a plenitude do S.

❑ ❑ ❑

Eis então o movimento geral do desenvolvimento do fenômeno da evolução em termos de superfície. A linha $À_3D$ divide o processo em duas partes. Na primeira parte são os campos de positividade menores, que vão aumentando de YA_1G, A_1A_2HG até $A_2Ã_3DH$; endireitando, positivamente e neutralizando com $YÂ_3D$, os campos da negatividade em YA_3DZ, campos que por sua vez paralelamente vão diminuindo e reduzindo-se de YGBZ, GHCB, HDC, até ao ponto D. Na segunda parte é a positividade, que agora se tornou maior, e continua aumentando, superando cada vez mais, com seus campos DEI, EFLI até FXWL, os campos da negatividade, que endireitados e neutralizados, paralelamente continuam diminuindo e reduzindo-se de A_3A_4ED, A_4A_5FE, A_5XF, até ao ponto X. Esta, em termos de superfície, é a expressão gráfica do processo evolutivo, cuja tarefa é a transformação do triângulo verde da negatividade, ZXZ_1, no vermelho da positividade, WYW_1.

Na primeira parte do processo ate ao ponto A_3, o que predomina é o impulso negativo do AS. Então o caminho aprofundado na matéria é o mais duro. Tal predomínio do poder do AS vai, porém, diminuindo, cada vez mais, e com isso a ascese se torna sempre menos difícil, à medida que o ser sobe; até que, na segunda parte, depois do ponto A_3, inicia-se outra fase do processo, na qual é o impulso positivo do S que prevalece, predomínio que vai aumentando cada vez mais, e com isso o trabalho da evolução se torna mais leve, tanto mais quanto o ser se levanta na direção do espírito. O que no diagrama representa o fardo que o ser tem de carregar (resistência do impulso contrário do AS), é a extensão do campo de forças da negatividade. O que representa o alívio que o ser recebe (ajuda do impulso favorável do S), é a extensão do campo de forças da positividade A conclusão a respeito do ser é que a evolução se torna cada vez mais fácil, quanto mais ele com o seu esforço progrediu, o que corresponde à justiça, porque se mais o ser progrediu é porque mais trabalhou para isso. Acontece como se o fruto duramente ganho se acumulasse em seu favor. Com mais exatidão temos, de fato, os seguintes movimentos dos elementos do fenômeno evolutivo:

Nos Pontos	*NEGATIVIDADE (AS) (retrocedendo em diminuição)*	*POSITIVIDADE (S) (conquistando em aumento)*
Y	YZ	S = zero
A_1	A_1B	A_1G
A_2	A_2C	A_2H
A_3	A_3D	A_3D
A_4	A_4E	A_4I
A_5	A_5F	A_5L
X	AS = zero	XW

Com estes deslocamentos progressivos, o que desaparece como AS, ressurge como S. É deste modo que se realiza a destruição do AS e a reconstrução do S. Tal é o conteúdo do fenômeno evolutivo

O mesmo processo, como já vimos, se pode repetir na sua forma mais completa, não mais de expressão linear, mas de apresentação por superfície de campos de força. Nestes, teremos então os seguintes deslocamentos:

Nos Pontos	*NEGATIVIDADE (AS) (em diminuição)*	*POSITIVIDADE (S) (em aumento)*
Y	Plenitude do AS	S = zero
A_1	YA_1BZ	YA_1G
A_2	A_1A_2CB	A_1A_2HG
A_3	A_2A_3DC	A_2A_3DH
A_4	A_3A_4ED	A_3A_4ID
A_5	A_4A_5FE	A_4A_5LI
X	A_5XF	A_5XWL
	AS = zero	Plenitude do S

Para mostrar de que elementos resulta composto o primeiro destes dois quadros (expressão linear), podemos repeti-lo na seguinte forma:

Nos Pontos	*NEGATIVIDADE (AS) (em diminuição)*	*POSITIVIDADE (S) (em aumento)*
Y	YZ	S = zero
A_1	$A_1G+GB=A_1B$	A_1G

A_2	$A_2H+HC=A_2C$	A_2H
A_3	A_3D	A_3D
A_4	A_4E	$A_4E+EI=A_4I$
A_5	A_5F	$A_5F+FL=A_5L$
X	AS = zero	XW

Observando este processo de transformação, vemos que ao longo dele há sempre uma parte em que positividade e negatividade estão sobrepostas, A_1G, A_2H, A_3D, A_4E, A_5F.

Este fato, que esclarecemos agora com uma interpretação mais exata do diagrama, significa que nestes trechos, onde se verifica a sobreposição, funcionam a negatividade como resistência e a positividade como ajuda, equilibrando-se assim naquele trecho no mesmo tempo e na mesma medida. Vemos, porém, que, antes de chegar ao nível A_3D, na primeira parte do processo evolutivo, existe uma superabundância de negatividade, pelo qual o que prevalece é a resistência contrária ao ser, e isto na medida sempre em diminuição, YZ, GB, HC. E vemos também que, acima daquele nível A_3D, na segunda parte do processo evolutivo, existe uma progressiva superabundância oposta, de positividade, pela qual o que prevalece é a aluda favorável ao ser, e isto na medida, sempre em aumento, EI, FL, XW.

Os mesmos conceitos podem ser repetidos como acima na sua forma mais completa, não mais de expressão linear, mas de representação por superfície de campos de forças. Nestes, temos então os seguintes deslocamentos:

Pontos	*Nos*	*NEGATIVIDADE (AS) (em diminuição)*	*POSITIVIDADE (S) (em aumento)*
	Y	Plenitude do AS	S = zero
	A_1	$YA_1G+YGBZ=YA_1BZ$	YA_1G
	A_2	$A_1A_2HG+GHCB=A_1A_2CB$	A_1A_2HG
	A_3	$A_2A_3DH+HDC=A_2A_3DC$	A_2A_3DH
	A_4	A_3A_4ED	$A_3A_4ED+DEI=A_3A_4ID$
	A_5	A_4A_5FE	$A_4A_5FE+EFLI=A_4A_5LI$
	X	A_5XF	$A_5XF+FXWL=A_5XWL$
		AS = zero	Plenitude do S

Neste caso também vemos que há sempre uma parte constituída por superfícies de campos de força, de positividade e negatividade sobrepostas, isto é, YA_1G, A_1A_2HG, A_2A_3DH, A_3A_4ED, A_4A_5FE, A_5XF. Isto, em outra forma, significa como acima, que nestes trechos onde se verifica tal sobreposição, funcionam a negatividade como resistência e a positividade como ajuda ao mesmo tempo, assim se equilibrando. Além disso vemos aqui expressa na primeira parte, como no caso precedente, mas agora na forma de superfície de campos de forças, a mesma superabundância de negatividade, pela qual o que prevalece é a resistência contrária ao

ser, e isto na medida sempre em diminuição, YGBZ, GHCB, HDC. E vemos expressa também na segunda parte, sempre em forma de superfície, a mesma superabundância oposta, de positividade, pela qual o que prevalece é a ajuda favorável ao ser, e isto na medida cada vez mais em aumento, DEI, EFLI, FXWL.

Este fato é o resultado do trabalho de endireitamento realizado pela evolução, cuja tarefa é a de destruir a negatividade para reconstruir no seu lugar a positividade. O diagrama nos dá assim a representação gráfica do conceito há pouco acima mencionado, isto é, que a evolução se torna cada vez mais fácil, quanto mais o ser com o seu esforço progride. Isto é devido ao fato de que, na primeira parte do percurso até ao ponto A_3, o que prevalece é o impulso involutivo do AS, pelo fato de que o ser se encontra ainda próximo do ponto de partida da evolução, que está situada na plenitude do AS. Neste trecho dominam então as forças do AS, de resistência contra a evolução do ser, e por isso a subida é mais difícil e requer um esforço maior. Mas na segunda parte do processo evolutivo, acima de A_3, a posição se emborca e o que prevalece é o impulso evolutivo do S, do qual o ser cada vez mais se vai encontrando próximo. Neste segundo trecho dominam então as forças do S, de ajuda em favor da evolução do ser, e por isso a subida é mais fácil e requer um esforço sempre menor.

Explica-se assim também um fato que vemos existir em nosso mundo. Nos níveis medianos, perto de A_3, aos quais pertence o homem atual, não há, como vemos no diagrama, grande prevalência de um sobre o outro impulso, de modo que não domina a lei do S (o bem), sobre a do AS (o mal), ou ao contrário, mas se verifica um contraste entre bem e mal em luta, sem que um deles se consiga impor decisivamente superando o outro. Assim, enquanto, com a ética e as religiões, chega ao homem do Alto, como um convite da parte do S, a ajuda favorável à ascensão, ao mesmo tempo contra ele sobem de baixo, como resíduo e retorno do passado no subconsciente animal, os impulsos de resistência contrários à ascensão. Não é isto o que todos os dias vemos acontecer em nossa consciência?

Cumpriu-se assim o caminho todo da subida. Observamo-lo em nosso diagrama e eis o que ele nos mostra. Quando o processo evolutivo atinge o ponto X, o campo de forças da negatividade (expresso pelo triângulo verde, YXZ). encontra-se aniquilado pelo esforço evolutivo: YX, do ser, e a ele foi substituído o campo de forças da positividade, expresso pelo triângulo vermelho, YXW. Mas já dissemos no início deste capítulo que, para simplificar, o fenômeno foi estudado só na sua metade, representada pelo lado esquerdo do diagrama; mas o fenômeno inteiro agora pode ser resumido nos termos seguintes: o campo de forças da negatividade, ou AS, fruto da queda, (expresso pelo triângulo verde, ZXZ_1), foi gradativamente aniquilado pelo esforço evolutivo, YX do ser, até que a ele foi substituído o campo de forças da positividade, ou S, fruto da redenção, expresso pelo triângulo vermelho, WYW_1. Vimos assim, neste capítulo, qual é no seu funcionamento a técnica do processo evolutivo, isto é, do fenômeno da destruição do AS, e da reconstrução do S.

Se agora substituirmos às simples palavras: negatividade e positividade, que por brevidade acima usamos, o significado muito mais vasto que já vimos que elas representam, então este árido cálculo de campos de forças adquire um conteúdo vivo e atual, compreensível também em termos bem avaliáveis na prática de nossa vida comum. Isto pelo fato de que, como já dissemos, negatividade significa caos, matéria, determinismo, mal, ignorância, imperfeição, revolta, inferno, ódio, sofrimento, morte etc.; e positividade significa ordem, espírito, liberdade, bem, sabedoria, perfeição, obediência, paraíso, amor, felicidade, vida etc. Então quando acima falávamos de campos de forças de negatividade ou positividade, vemos agora qual o significado contido nestas palavras.

Podemos aperceber-nos agora que profunda transformação o esforço evolutivo do ser

opera nas condições de vida. A superfície, que a positividade vai conquistando sempre mais no terreno da negatividade, nos dá a expressão gráfica desse fenômeno progressivo de endireitamento que, pela ascese do ser, tudo muda e renova nele e no seu ambiente, substituindo a posição errada do AS, pela posição certa do S. Endireitamento de todas as qualidades possíveis da existência; isto é, as do mundo físico, no nível matéria; as do mundo dinâmico, no nível energia; as do mundo moral e mental, no nível espírito. Lembremos que o percurso YX abrange o total caminho evolutivo do ser, em toda a sua amplitude de fenômeno físico-dinâmico-psíquico como foi explicado em *A Grande Síntese.*

Este é o conteúdo do imenso trabalho da redenção cósmica, que tem de levar à salvação, não só o homem, mas todos os seres e tudo o que existe, porque tudo o que constitui o nosso universo físico-dinâmico-espiritual é o resultado da queda e deve ser remido, com o regresso ao seu estado originário de S. Tudo isto implica como explicamos no livro *Deus e Universo*, um trabalho de evolução de dimensões, que representam os diferentes planos ao longo dos quais tudo o que existe se ajusta ao seu nível de existência.

A obra de transformação ética, mental e espiritual, que o homem concebe como conteúdo da evolução, começa a aparecer com a consciência no nível humano, da qual encontramos as primeiras tentativas nos exemplares de vida mais atrasados. nos animais. e mais atrás, nas plantas Mas este plano humano é apenas um dos tantos planos de existência, e o trabalho evolutivo do homem é só uma forma dos tantos trabalhos evolutivos que têm de cumprir todos os tipos de existência. Relativamente ao ponto onde o homem está situado ao longo do imenso caminho, há infinitas outras posições, mais ou menos adiantadas. O percurso todo vai do pólo extremo representado pelo AS, ao outro extremo representado pelo S.

Realiza-se assim a maravilha do endireitamento, pelo qual o processo evolutivo transforma o caos em ordem, a matéria em espírito, o determinismo em liberdade, o mal em bem, a ignorância em sabedoria, a imperfeição em perfeição, a revolta em obediência. o inferno em paraíso, o ódio em amor, o sofrimento em felicidade, a morte em vida etc. Não se trata de uma absurda derivação nova, do mais em relação ao menos, mas de uma restituição ao estado de origem daquilo que antes já existia; é um endireitamento na positividade, de um universo emborcado na negatividade. Então, além da pequena redenção do homem pela ética das religiões, há esta muito maior redenção cósmica, que leva à salvação tudo o que existe, individuado em todas as formas do físio-dínamo-psiquismo que constitui o nosso universo. Este é o fenômeno que aqui quisemos observar, numa visão sintética, representado na expressão gráfica de nossa figura.

XII

O FENÔMENO QUEDA-SALVACÃO

Com o trabalho que vamos desenvolvendo neste livro completando os outros: *Deus e Universo, O Sistema* e A *Lei de Deus,* cumprimos a promessa que foi anunciada desde as primeiras palavras do volume inicial da primeira Obra, *A Grande Síntese,* que no começo do primeiro capítulo afirma: "Existe uma Lei, imperceptível para vós, mais potente do que o furacão, que atua inexorável, tudo movimentando, tudo animando. Essa Lei é Deus. Ela está dentro de vós Vossa vida é uma sua exteriorização e espargirá sobre vós alegrias ou dores, conforme a justiça, de acordo com os vossos merecimentos. Eis a síntese que a vossa ciência, perdida no

dédalo da análise, nunca poderá reconstruir. Eis a visão unitária, a concepção apocalíptica, a que vos quero levar".

Através de um longo caminho chegamos agora a ver como essa lei funciona, o que ela quer realizar e como o realiza. É de suma importância saber tudo isto, porque desse conhecimento depende o caminho de nossa vida e o nosso destino de felicidade ou de dor. Não se trata de teorias longínquas. Este é problema que nos toca de perto, a todos, porque só assim, conhecendo qual é a causa de nossas dores, poderemos evitá-las.

Todos estamos presos dentro dessa Lei e temos de lhe obedecer, inclusive os ignorantes que não a conhecem, os ateus que a negam, os rebeldes que quereriam destruí-la Em todo lugar e momento ela está sempre funcionando para todos. Ela faz parte da natureza do ser a tal ponto que, quanto mais ele julga fazer a sua vontade. tanto mais lhe está obedecendo.

Quando a primeira vez expusemos em nosso livro *Deus* c *Universo* a teoria do S e AS, e da queda do ser do primeiro no segundo, muitos leitores não entenderam nada e exigiam que o universo funcionasse de outra maneira porque tinha de concordar com as teorias da sua filosofia ou religião. Para satisfazê-los não podíamos mudar o funcionamento do universo. Então continuamos observando os fatos e vimos que eles confirmavam cada vez mais a teoria da queda, como explicamos no volume: *O Sistema,* e estamos explicando neste aqui. Não foi de nenhuma forma possível torcer ou destruir os fatos, que nos falavam sempre mais claro, cujas conseqüências aquela teoria nos explicava, assim nos constrangendo a aceitá-la. Não se pode negar uma verdade, quando ela foi observada sob tantos aspectos, demonstrada nos seus pormenores, controlada nos seus eleitos, submetida a cálculos e medidas que a comprovam a cada passo.

A presença do S e a necessidade de evoluir para voltar a ele está expressa pelo nosso natural e irrefreável desejo de felicidade. A presença do AS e a necessidade de fugir para longe dele, está expressa pelo nosso instintivo e invencível terror do sofrimento. Pelo fato de que de um lado o ser é atraído pelo S, e do outro é repelido pelo AS, ele não pode deixar de percorrer o caminho da evolução, que é o da sua salvação. Há no mundo quem queira não obedecei' a esses impulsos e que por isso possa não ter que estar sujeito à Lei que o impele para o S? Tal obediência é o que nos fatos todos estão praticando, inclusive os que não quereriam e negam esses princípios que os dirigem. Há alguém que possa resistir ao seu anseio de melhoramento e não queira fugir do azorrague da dor, dois estímulos instintivos que o incitam para a subida? O que tem importância como prova de verdade, mais que as palavras, são os fatos, isto é, não o que os homens dizem, mas o que eles fazem; e uma teoria tem valor quando ela explica o que eles fazem, apesar de não concordar com o que eles dizem. E de fato, embora falando de uma maneira diferente, dissemos o que todos estão fazendo, obedecendo espontaneamente a Lei para atingir os seus objetivos, enquanto acreditam realizar somente a sua própria vontade para atingir as suas próprias finalidades.

Expliquemos agora, observando mais de perto o fenômeno, como na realidade ele se verifica, para ver como tudo isso acontece. Quando o indivíduo luta para satisfazer a *fome,* enquanto ele julga cumprir a sua vontade, de fato ele obedece à vontade da Lei. que quer a *conservação do indivíduo.* Quando a Lei não quer mais, porque não serve mais às suas finalidades, ela o deixa envelhecer e morrer sem remédio, e o ser obedece. A vontade dele, que quereria o contrário, não tem valor algum. Quem manda nos momentos básicos da vida é a vontade da Lei, e não a do ser, que pode fazer somente o que a outra quer. Isto se chama obediência.

Quando o indivíduo luta para satisfazer o seu *impulso sexual,* enquanto ele julga cumprir a sua vontade, de fato ele obedece à Lei, que quer a *conservação da raça.* Que faz o homem deixado aos seus impulsos naturais? Ele agarra o mais que pode, seja com o roubo, seja

com o trabalho, para gozar do banquete da vida, que consiste em engordar no bem-estar, e na fecundação da mulher. O grande sonho é comer bem sem trabalhar, dispondo de todas as mulheres do mundo. Nisto está a satisfação, e também a obediência à lei dos instintos, em seu nível animal-humano, em que a maioria dos homens se encontra hoje.

Quando o indivíduo luta para satisfazer o seu *orgulho, a sua cobiça* de honras, de poder político, de domínio, de riqueza etc., enquanto ele julga cumprir a sua vontade, de fato ele obedece à Lei, que quer que o indivíduo cumpra o *esforço para evoluir.* A esse trabalho incessante estão sujeitos indivíduos e povos, movidos pelas suas insaciabilidades e rivalidades, para contínuas guerras, pequenas entre particulares[3] como grandes entre nações. Eles julgam seguir impulsos seus, mas de fato obedecem aos impulsos da Lei que, por meio dos instintos, impele todos para onde ela quer, deslocando-os para fora das suas posições de repouso logo que eles procuram realizar a sua vontade de descansar no gozo. Assim o homem tem de atuar sempre de novo, destruindo para reconstruir melhor. A vontade dele, que quereria engordar na preguiça, não tem valor. Neste caso também quem manda é a vontade da Lei, à qual o homem. sempre levado pelo seu insaciável desejo de crescimento, para novas guerras e revoluções, sem querer tem de obedecer, para que antes de tudo se realize o objetivo da vida: evoluir.

A razão que explica e justifica a existência em nosso mundo da dura lei da luta pela vida e da seleção do mais forte, é que essa lei é um meio para desenvolver a inteligência e assim, impondo ao ser o esforço da subida, realiza a evolução. Lei feroz, porque estamos ainda no nível animal, mas em relação a este, em proporção ao seu baixo grau de desenvolvimento e ao trabalho a cumprir, tudo isto representa o meio de evolução e o método mais adaptado. Lei enérgica, que se deixa bem entender, porque elimina os ineptos e preguiçosos, não lhes deixando o direito de sobreviver. Todas as vantagens para os vencedores, todas as renúncias para os vencidos. Quem não faz esforços para subir, é condenado. Assim a Lei impõe o trabalho da superação contínua. Ela exige que o ser suba e sempre lute para isso. E o homem, julgando satisfazer-se a si próprio, corre para satisfazer a vontade da Lei que o movimento por dentro, por meio dos instintos. É lógico que a Lei opere por dentro, porque ela é a alma das coisas, que rege o universo.

A ilusão do ser, que nele esteja atuando apenas a sua própria vontade, é engano necessário para movimentar quem concebe a existência como revolta, engano que o próprio rebelde gerou, e que é o efeito da posição emborcada em que o ser, com a revolta. se quis colocar. Acontece assim que a Lei premia por momento o ser que lutou, com a alegria do sucesso imediato, que o faz vitorioso, a Lei assim pagando em proporção, conforme a justiça, e o esforço realizado para a conquista. Mas eis que a Lei não deixa que o ser fique satisfeito com qualquer que seja a sua conquista, o que quereria dizer parar na subida e apodrecer na imobilidade, paralisando a vida no caminho da evolução, que representa o único meio de salvação. Então, logo que o ser tiver realizado uma conquista e com isso atingido um grau mais adiantado na subida, a Lei deixa o ser como antes no mesmo vazio, que nada pode encher, para que a corrida para o alto e o respectivo esforço sejam contínuos, como é necessário para que o caminho todo da evolução seja percorrido e seja assim atingido o seu objetivo que é de levar o ser até Deus, com o regresso ao S. Explica-se assim por que razão em nosso mundo existe esse jogo estranho da insaciabilidade sem limites, pelo qual, logo que o homem tiver alcançado um resultado, é levado a desejar atingir outro maior.

Isto que parece uma armadilha, do ponto de vista do homem, não o é do ponto de vista da Lei, que quer que ele deseje coisas sempre mais adiantadas e cumpra por isso sempre novos esforços, porque isto é necessário para experimentar, aprender, adquirir novas qualidades, desenvolver a inteligência e a consciência, e assim subir evoluindo. Tudo fica perfeitamente

lógico e justo, por que o que é atingido não é o objetivo aparente, o que o homem quer e imagina seja o verdadeiro, enquanto apenas é uma ilusão, mas é atingido o objetivo real e substancial, o que a Lei quer, o que representa a evolução do ser, o seu bem com a sua salvação final. Assim, enquanto o homem corre atrás dos seus sonhos, a Lei sábia faz o que ele na sua ignorância não sabe, o dirige para onde ele, errando, quereria ir, mas para onde convém que ele progrida.

Eis a realidade que está atrás dos bastidores das aparências. Quando o homem luta para satisfazer a sua fome, o seu instinto sexual, o seu orgulho e cobiça de posse e domínio, de fato ele luta para a conservação do indivíduo e da raça para evoluir. t o que a Lei quer, e se impõe ao ser, agindo nele por meio dos seus próprios instintos Antes de tudo quer que ele sobreviva como indivíduo. Mas, logo que ele dispõe de energia de sobra, no bem-estar, sente-se impulsionado a gozar, gerando, providenciando assim à conservação da raça. Mas isto não pode bastar. Se a Lei faz tanta questão de continuar a vida, isto não pode ser para nada, o que seria um absurdo sem sentido, dentro duma lógica perfeita. E de fato, o que faz o homem logo que tiver satisfeito a fome e o sexo, senão procurar enriquecer e dominar? Isto no seu nível significa crescer, evoluir, a Lei assim quer, a qual ele obedece. Se a Lei impõe a continuação da vida, isto acontece porque a vida é um meio para realizar a evolução. E, se a continuação da vida, seja do indivíduo como da raça, custa tanta luta, isto se verifica porque a luta constrange o ser ao esforço e se resolve toda em evolução que representa o seu fruto substancial.

Lutar para progredir! Eis o significado desta luta contínua de todos contra todos, de que o mundo está cheio. Mas se perguntarmos aos que executam tão duro trabalho, porque eles o fazem, não saberiam explicar, mas só que querem satisfazer algum seu desejo e atingir algum seu particular objetivo, para além do qual, o que haja depois, nada conhecem. Entretanto fazem tudo isto, não importa se por um impulso inconsciente . À Lei não interessa que o homem saiba, mas que ele obedeça como de fato acontece. Nem se pode exigir que o homem, no seu atual nível de ignorância, saiba. O conhecimento não pode chegar senão a níveis de vida mais adiantados; para alcançá-los é necessário ter realizado o trabalho indispensável e com isso ter conquistado inteligência e consciência, ter merecido aquele conhecimento.

Mas é lógico também que os mais evoluídos. que excepcionalmente se encontram na Terra, e que entenderam o jogo. não caem mais nele. O desapego das coisas materiais, a falta de orgulho e de cobiça de domínio e de posse, o espírito de altruísmo e de obediência à Lei de Deus, tudo isto não é problema de virtude ou santidade, mas de inteligência, que vê onde está a verdadeira vantagem. O evoluído hão se enreda e embaraça mais nas ilusões que são necessárias para movimentar o involuído, ainda tão ingênuo que acredita sejam verdadeiras as coisas mais enganadoras do mundo. Ele se apercebe disto tarde demais, só quando chega a morte, e com esta a necessidade de abandonar tudo, porque nada se pode levar das coisas do mundo. Então ele chora desiludido, dizendo que tudo foi vaidade, porque tudo desmoronou no vazio e nada fica consigo senão vento e saudade . E neste choro está a saudável lição que o involuído tem de aprender.

A sua natureza de cidadão decaído do S o leva a desejar a vida perpétua, fugindo aterrorizado da morte. Mas ele tem de aceitar o ciclo interrupto vida-morte, porque necessário para a renovação, que é indispensável para promover a evolução. A necessidade de evoluir é tão urgente como a da fome e do sexo. E por isso que sempre ocorrem guerras e revoluções, porque o ser está sujeito sem repouso a essa necessidade da renovação para subir e recuperar o perdido com o seu esforço contínuo. Assim a inteligência vai-se desenvolvendo, para cada vez melhor compreender a vaidade do orgulho e da cobiça, quando o valor do indivíduo não está

no que ele possui, mas no que ele é; compreender a inutilidade das guerras e revoluções, quando tudo se pode resolver sem destruição, que é prejuízo para todos, com a boa vontade e a sinceridade. O que há de substancial nesse jogo, o resultado que vale e fica, é que o homem lutou, cumpriu o esforço necessário para evoluir, e com isso realizou a sua evolução. O homem do futuro não será mais tão simplório que continue a correr atrás de tantas ilusões, cujo engodo terá compreendido.

Assim orientados podemos agora encontrar uma explicação melhor do que vemos acontecer em nosso mundo atual. Aqui o homem permanece ainda em nível da animalidade. onde a lição de que agora falávamos é apreendida em forma concreta, não por meio de uma inteligência que ainda tem de se desenvolver, mas por meio de experiências vividas e percebidas pelo caminho dos sentidos. A demonstração por meios racionais e a compreensão completa da lógica da Lei e das últimas finalidades da vida, ainda ia-o foi atingida. Com a razão e a ciência o homem resolveu muitos problemas particulares, práticos, mas não possui uma visão de conjunto que o oriente em forma positiva no terreno espiritual, dando uma resposta aos grandes porquês, a qual ficou abandonada a filosofias empíricas e discordantes, e a religiões rivais, baseadas não na demonstração, mas na fé cega e no mistério. Acontece, então, que o homem para atingir um conhecimento positivo, que ninguém lhe oferece, vai na prática experimentando por sua conta, o único método ao seu alcance: a tentativa, o que dizer errar e pagar; aprender pela dor, e com ela pagar o erro.

O que de fato dirige a psicologia das massas é o subconsciente, com os seus impulsos atávicos, que chamamos de instintos, filhos de experiências primitivas. A civilização pintou o animal por fora, a sua técnica aperfeiçoou a forma e ficou na superfície enquanto no fundo permanecia a velha substância. Quais são as idéias que mais interessam a alma popular, às quais ela responde porque melhor as compreende? A imprensa miúda que mais atrai o público nos jornais revela qual é a forma mental da maioria. O que prevalece é a luta pelo dinheiro (negócios e roubos), o sexo (amores), o espírito de domínio (política). Para isto existe a grande peleja da vida entre indivíduos e povos, até furtarem-se, esmagarem-se e matarem-se para conquistar riqueza, mulher, comando civil ou poder das armas. E para isso, cometem crimes particulares apesar de condenados pelas leis, e crimes coletivos de guerra glorificados pelos povos. Esta é a conversa que todos compreendem: lutar, ganhar, gerar, dominar, e, se necessário para isso, matar, num ritmo de recambio biológico vida-morte tanto mais rápido, quanto mais o ser é primitivo. Se falarmos de coisas acima deste nível, então a massa pouco percebe ou entende de outra maneira. Uma espiritualidade tomada a sério, e não pregada para cobrir outras finalidades desse tipo, interessa só a uma minoria. Para o homem comum a vida real é a terrena. A do além-túmulo é coisa longínqua, sem certeza. A morte é morte, e não ressurreição. Ela é o ponto final onde a viagem acaba. O que interessa está antes e não depois.

Estamos no nível das experiências materiais, ligadas à vida física, confiadas ao subconsciente animal, e só excepcionalmente no plano das experiências espirituais conscientes. Neste nível o ser não pode aprender senão por meio da dor, porque outra escola ele não entende. Não se pode contar com uma inteligência que ele ainda não possui. Já explicamos a técnica automática do método da dor, com a qual a Lei ensina na classe dos primitivos. A ignorância, qualidade dos próximos do AS, leva ao erro. O erro leva á dor. Então o destino natural é o sofrimento, pelo fato de que o ser deve evoluir, custe o que custar, porque sem evolução não se pode atingir a salvação, e porque não há outra lição que um ser ainda inconsciente possa entender. Eis a função benéfica da dor, que na perfeita organização da obra de Deus não existe para nada. e muito menos para finalidades de mal. A dor sabe ensinar a

todos, inclusive aos rebeldes e aos descrentes, como aos ignorantes. Se a Lei, porém, tem de usar esses duros métodos nos níveis mais baixos, ela os abandona logo que o ser os tiver superado.

Eis então como a escola funciona. Quando o caminho não está certo, logo aparece a dor que avisa. Quem bateu com a cabeça. volta para trás e outra vez procura não repetir o erro que acarreta sofrimento. Não é necessário muita inteligência para isso. A dor, ensinando a evitar o erro, o elimina, destruindo a ignorância, atingindo, assim, o seu objetivo que é o de fazer evoluir os involuídos. Podemos ver agora o ciclo de ida e volta desse processo: a ignorância gera o erro, que gera a dor, que destrói o erro, que destrói a ignorância. E destruir a ignorância significa subir os primeiros degraus da inteligência e encaminhar-se para a compreensão da Lei e para a espiritualidade. Esse é o conteúdo do fenômeno pelo qual o triângulo vermelho da positividade vai pouco a pouco, e progressivamente, destruindo o triângulo verde da negatividade Com estes exemplos práticos podemos melhor entender a teoria.

A lei, que conhece o grau de inteligência dos seus alunos sabe que no seu plano seria inútil para a maioria usar o método de mostrar por meios racionais as maravilhas da lógica de Deus. É necessário, então, para ser entendido, ficar, como há pouco dizíamos, no nível dos sentidos Assim o homem recebe o que lhe é mais útil: sofrimentos bem sensíveis, como doenças, miséria, morte de pessoas queridas, perseguições, fracassos, desilusões, amarguras, perda do que ele mais faz questão de possuir, perda tanto maior e dolorosa quanto maior for o apego. A prova, porém, como é lógico acaba logo que for aprendida a lição, de modo que, assim que desaparecer o apego, o ser pode receber em abundância, porque esta não representa mais um perigo, pelo fato de que ele aprendeu a fazer dela bom uso.

Mas a Lei usa esse método da dor também por outra razão, isto é, por um princípio de justiça. Se o ser se encontra num estado de ignorância, da qual deriva o erro e a dor, foi por vontade e culpa dele, que se quis rebelar. Por isso é justo que ele sofra as conseqüências da sua revolta, que são ignorância erro e dor. É lógico e justo, está implícito no princípio de ordem e equilíbrio da Lei, que o ser tenha de endireitar o que ele emborcou, que o pagamento das suas culpas tenha de sair dos seus esforços e sofrimentos. É justo que o ser experimente todas as conseqüências da revolta. Se elas se desenvolveram em cadeia, às avessas: revolta, ignorância, erro, dor, o ser tem de percorrer com a sua fadiga e dor o caminho em sentido oposto, dos mesmos termos endireitados em cadeia: dor, lição, conhecimento, obediência. Eis por que a redenção se realiza através da dor, porque ela representa a escola que ensina o ser, e o tratamento que saneia a queda, levando à salvação. Por isso mesmo nas religiões o conceito de redenção está ligado ao de sofrimento (paixão e Cristo). Se o ponto de partida foi a culpa da revolta é justo que só o resgate realizado pelo trabalho do ser, possa reconstruir o equilíbrio quebrado. Por essa razão é que no capitulo precedente falamos da necessidade do esforço do ser para realizar a evolução: porque não há outro caminho para vencer a ignorância e voltar ao conhecimento, senão o da experiência da dor. É lógico que o impulso para um exagero de poder, que se atingiu transbordando para além dos limites da ordem de Deus, e a ilícita expansão que se seguiu, tinham de ser contrabalançados por uma correspondente contração oposta que levou à ignorância e à dor, em vez de a uma maior sabedoria e felicidade que o ser, com revolta. lei procurar fora da ordem de Deus.

Com a revolta o ser ficou preso no ciclo por ele gerado Integrando os conceitos precedentes, podemos agora ver este ciclo completo: felicidade (S), revolta, queda involutiva, ignorância, erro, dor (AS), experiência, conhecimento, subida evolutiva, obediência, felicidade (S). O processo sai do S e leva para o ser de volta para o S. ponto de

partida. Cada termo está ligado ao outro por geração. O precedente é pai do seguinte, que é filho do precedente. Assim o ciclo está fechado em si mesmo e dele, que na sua primeira parte é emborcamento e em descida, não há outra saída e solução que não seja a sua continuação em direção oposta, isto é, no endireitamento e subida, como encontramos na sua segunda parte. A dor (AS) está no fundo do ciclo, como a felicidade (S) está no cume dele. A experiência, filha da dor, corrige o erro, pai da dor. O conhecimento, filho da experiência, corrige a ignorância, mãe do erro. A subida evolutiva, filha do conhecimento e da experiência, corrige a queda involutiva, mãe da ignorância e do erro. A obediência, filha da subida, do conhecimento e da experiência, corrige a revolta, mãe da queda, ignorância e erro. Assim a obediência, mãe da felicidade, acaba corrigindo a dor, filha da revolta. O processo se fecha com a anulação da dor (AS), à qual se substitui a felicidade (S).

A Lei tudo rege e regula com inteligência e justiça. A cada degrau de emborcamento em descida, corresponde um degrau oposto de endireitamento a realizar em subida O ser está fechado entre estes dois períodos opostos do ciclo. Cada passo, seja em descida, seja em subida, é a conseqüência do outro. O ser sofre porque erra. Ele erra porque é ignorante. É ignorante porque caiu. Caiu porque se revoltou. A segunda parte do ciclo está implicitamente contida na primeira. E a dor, que o ser experimenta, que lhe dá o conhecimento, pelo qual ele sobe evolutivamente, o que significa voltar à obediência da Lei e, na ordem assim reconstituída, por fim reencontrar a felicidade.

Tudo isto explica, conforme lógica e justiça, o estado atual do ser humano, a sua posição de erros e sofrimentos. Isto concorda com os ensinamentos das religiões, que fazem da dor um meio de redenção e um caminho para a felicidade. A Lei está lá. escrita por Deus na alma das coisas, indelével e imutável. O ser, com a revolta, arrancou os seus olhos e não vê mais. Não adianta se lha mostrarmos, porque ele se tornou cego. Para que ele a veja, é necessário reconstruir os seus olhos, e isto não pode ser feito senão por ele mesmo, com o seu esforço e sacrifício. Não há outro caminho. Cristo só nos quis dar o exemplo da crucificação, que depois pertence a cada um de nós, porque a revolta não pode ser curada e a salvação atingida sem crucificação. Todos os destino humanos não podem deixar de obedecer à Lei e tem de se desenvolver dentro dos princípios estabelecidos por ela.

Tudo isto explica também outro fato, isto é. como aconteceu que, apesar de Cristo nos ter ensinado a receita que resolve tratando a doença, poucos a usaram para se curar, mas estudaram, pelo contrário, a arte das escapatórias para se evadir do tratamento. Seria fácil demais e assim não seria justo atingir a salvação de graça, sem ter de ganhá-la com o seu próprio esforço, por ter encontrado o remédio pronto. Isto quereria dizer evadir-se do dever de pagar. É por isso que o ser não chega a compreender e viver o Evangelho, que tudo resolveria, senão depois de ter sofrido os efeitos dos seus erros e assim, com os seus sofrimentos, ter pago todas as suas dívidas. Não é justo levar vantagem sem ter merecido, melhorar senão depois de ter aprendido à sua custa a lição que nos ensina a não cometer mais erros contra a Lei. E por isso que o homem poderá chegar à compreensão do Evangelho e com isso à salvação, só depois de se haver crucificado por si mesmo, pelos efeitos dos seus próprios erros. É lógico e justo que não seja possível aprender sem experimentar, receber sem pagar, evitar a dor sem acabar cometendo erros, escapar aos efeitos, quando foram semeadas as suas causas. Quem destrói a casa com suas mãos, com suas mãos tem de reconstruí-la, se não quer ficar sem casa. Se o ser gostar mais de ficar na dor do AS, Deus respeita a sua vontade. O prejuízo é só de quem o quer. Cristo avisou com palavras e mostrou com o exemplo, mas deixou o mundo livre de escolher, que assim ficou na dor como escolheu.

Esta nossa observação da Lei e da posição do ser dentro dela, nos mostra também outros fatos e qualidades do fenômeno queda-salvação. Vemos assim não somente que a evolução é um processo telefinalístico, previsto, pré-ordenado e por fim dirigido pela Lei, mas também que nele está contida unia vontade de salvação em favor do ser, que ela orienta, impelindo-o para a solução com o seu regresso a Deus no S. Podemos assim compreender a lógica que rege o fenômeno da evolução, que não nos aparece mais como um caso avulso, isolado, sem razão, mas como um processo logicamente inserto e implantado no funcionamento orgânico do todo. Vemos assim que a evolução se baseia sobre um princípio de equilíbrio e justiça, que é fundamental na Lei. Explica-se deste modo e justifica-se a resistência que o ser encontra na subida para vencer a negatividade do AS, e a ajuda de Deus que ele recebe para cada conquista realizada de positividade do S. Explica-se também a necessidade de esforço do ser para subir, e a da obediência à Lei, porque, como foi a vontade de revolta do ser que emborcou o S no AS, assim tem de ser a vontade e obediência que promovem a evolução e endireita o AS no S.

Podemos agora compreender qual é o verdadeiro conteúdo e a substância do fenômeno evolutivo. Nele vemos que a negatividade vai-se retraindo cada vez mais, enquanto a positividade vai-se dilatando sempre mais à sua custa, em dois movimentos compensados, inversos e complementares. Quanto mais o segundo conquista, tanto mais o primeiro recua. Isto nos mostra que a evolução não é só produto de um processo de construção, mas ao mesmo tempo também de um paralelo processo de destruição, que condiciona o primeiro: destruição da obra mal feita pelo ser com a sua revolta, e reconstrução no que ela continha de bem saído de Deus, antes da queda. Então a evolução não representa uma consunção inédita, de coisa nova, mas a reconstrução do que já existia e foi destruído. E por isso que a evolução, nas suas diretrizes, não se realiza ao acaso, ou por tentativas cegas, mas seguindo um trilho pré-estabelecido, bem definido em função da estrutura do objetivo final, representado pelo organismo que já existia, e que foi destruído e que agora tem de ser reconstruído. No caminho do ser que sobe, apesar de erros e incertezas da parte do ser, há da parte da Lei a certeza do plano já estabelecido por Deus, desde o primeiro momento na criação do S. No telefinalismo do processo evolutivo a Lei sabe com absoluta segurança, em cada momento, para onde ela quer levar o ser, e para os seus objetivos precisos o impulsiona apesar de, pela ignorância em que ele quis cair, o deixe nas trevas da inconsciência errar à vontade. E é lógico e justo que a falta de conhecimento com as suas conseqüências fique só com o rebelde que a mereceu e não na Lei, que ninguém pode alterar. O S ficou de pé, uma vez ponto de partida, para se tornar no fim o ponto de chegada. Nada se pode destruir ou criar em sentido absoluto, nem o ser podia ter tal poder; mas só era possível transformar do + no - na involução, e do - no + na evolução. Este era todo o espaço que a Lei deixava à liberdade do ser; mas apenas respeito de si próprio, isto é, da sua posição, que ele quisesse escolher dentro da estrutura, criada por Deus, do organismo do todo.

No que diz respeito ao ser na fase atual de volta, esta transformação significa que o conteúdo do processo evolutivo, para ele agora, consiste no fato de que os impulsos negativos de resistência. inimigos dele, a vencer para voltar ao S, se transformam, pelo seu esforço, em impulsos favoráveis, amigos dele, que o ajudam, levantando-o para o alto. E como esses impulsos de resistência contra o ser foram gerados pela sua resistência contra a Lei, assim os impulsos de ajuda em favor do ser são gerados pela sua obediência à Lei. Eis por que razão na fase da queda pela revolta nasceram os impulsos inimigos contra o ser; porque na fase da

subida pela obediência podem nascer os impulsos amigos favoráveis. Pertence ao ser, com a sua obediência voltando a funcionar na ordem da Lei, a tarefa de transformar as resistências em ajudas, o impulso negativo no positivo. Ao ser foi deixado o poder de se remir com a sua obediência, como lhe havia sido deixado o poder de se arruinar com a sua revolta. Esta constitui toda a amplitude de oscilação de ida e volta, que a Lei permite ao ser percorrer. Nada mais. Ele está fechado dentro desses limites estabelecidos pela Lei e deles não pode sair.

Ao mesmo tempo, porém, a Lei está construída de modo que o ser só pode receber dela as reações e assim atingir os resultados que ele quer, se souber movimentar-se com inteligência conforme os princípios dela. E pela sua própria estrutura que a Lei se rebela contra o rebelde, enquanto obedece ao obediente, vai contra quem vai contra ela, e colabora com quem quer colaborar com ela, seguindo os planos de Deus. É assim que a Lei automaticamente se torna amiga de quem escolhe tornar-se seu amigo. Tudo depende da vontade do ser, ao qual a Lei bondosamente tudo oferece, desde que ele saiba procurar, seguindo as normas preestabelecidas. Tudo depende da livre conduta do ser, seja quando a revolta o leva para as suas conseqüências seja quando a boa vontade de recuperação o leva para as conseqüências opostas. Seja na queda como na salvação, no mal como no bem, tudo o que cai em cima do ser, é sempre o fruto da sua obra. A Lei é boa com os bons, e má com os maus, porque devolve ao ser o que dele recebeu, responde com a mesma linguagem que o ser usa falando com ela. Em si mesma a Lei não e nem boa, nem má. porque ela está acima de tudo, além do bem e do mal, cisão dualista que nela não existe, obra do ser, devida á sua revolta. Na lei não existem os conceitos de mal, erro, culpa, dor, que se encontram fora dela, na fase de emborcamento e desaparecem com o regresso à ela.

Então é pela própria lógica da Lei que, como a revolta contra ela gerou a dor, assim a obediência a ela tem de gerar a felicidade; que. quem sai da ordem de Deus cai em todos os males, e quem volta àquela ordem atinge todos os bens. O ser é livre e pode criar para si, como quiser, o inferno ou o paraíso. A Lei o deixa construir para si o mundo que ele prefere e ai se colocar. para nele viver. Mas o ser tem de aprender à sua custa a fazer bom uso da sua liberdade, devendo suportar as tristes conseqüências do mau uso. O ser foi uma vez dono, e continua sendo-o sempre, de escrever com suas mãos o seu destino, e Deus o deixa livre de escrevê-lo como quiser. Mas se o ser o escrever errado, terá de endireitá-lo, não porque alguém o vá constranger a isso, mas porque ele não ficará satisfeito e não terá paz até que esse endireitamento seja realizado.

É assim que o fenômeno involução-evolução, apesar de deixado em pleno poder do ser e à sua livre escolha, é fenômeno completamente contido dentro do absoluto determinismo da Lei, que estabeleceu os limites somente dentro dos quais podiam-se deslocar os movimentos do ser. E de fato nunca ele ficou tanto preso dentro da lei e do seu determinismo, como quando o ser, rebelando-se, dela tentou sair. Como aqui fomos observando nos fatos, nunca a Lei se revelou tão poderosa e dona de tudo, como quando o ser procurou destruí-la, para substitui-la por outra. Todo o processo da involução, o emborcamento da posição do ser, do S para o AS, o fato de ter atingido tal derrota e esse resultado em descida, quando a vontade do ser se havia dirigido em sentido oposto, para vencer subindo, são o produto da mais enérgica reação da Lei e nos provam quanto ela é poderosa e dona absoluta de tudo.

O nosso mundo continua sendo tão simplório, que acredita mais no poder do "eu", do que no de Deus, mais no da revolta que no da obediência. Não estará claro, agora, que fomos explicando tantos aspectos desse problema, que o homem atual concebe a vida às avessas? A sua forma mental não será a forma mental do rebelde? E como é possível que um ser, que assim se coloca vivendo em posição emborcada não tenha de sofrer

Mas como se pode atingir a felicidade nestas condições? Na lógica do Todo, obra de Deus, como e possível que haja lugar para tal absurdo? Ora, querer realizá-lo, à força, como acontece no mundo, não é loucura? Á dura conclusão é que vivemos presos dentro dos tristes resultados duma contínua revolta, os quais não podem trazer senão sofrimento; ao invés de se procurar seguir o caminho da obediência que leva para a salvação, procura-se uma saída às avessas, numa revolta e descida sempre maiores, o que não pode gerar se não sempre maiores dores.

XIII

UMA ETICA PROGRESSIVA

Para melhor compreender as teorias que vamos desenvolvendo e o significado da figura que as expressa, procuremos agora encontrar uma confirmação delas nos fatos de nossa vida, o que nos permitirá averiguar se elas correspondem à verdade. Continuemos assim executando o controle do fenômeno da subida YX, ou do AS ao S, e isto no trecho humano, que temos sob os olhos, para ver o que esse fenômeno representa para nós e a correspondência entre teoria e prática. Será assim possível explicar-nos a razão de alguns fatos que vemos acontecer em nosso mundo, sobretudo a respeito do caso mais imediato, o de nossa conduta.

Já falamos que a ética é fenômeno estático, mas relativo, em evolução. Cada plano de vida tem a sua ética particular, proporcionada ao grau de conhecimento, naquele plano, atingido pelo ser. Então há uma ética progressiva, cujas formas sucessivas, que a ética universal da Lei, a única completa, abrange. A ética, no plano do homem, significa o grau por ele atingido no conhecimento da Lei, em proporção ao desenvolvimento da sua inteligência, e por conseguinte o grau de perfeição e a natureza das normas que dirigem o ser humano no momento atual. Expliquemo-nos com um exemplo.

Se supusermos o ser humano situado no ponto A_3 da escala YX da evolução, e que a forma dos seus vários biótipos possa oscilar abrangendo uma amplitude que vai ao nível limítrofe inferior A_2 ao superior A_4, isto é, da besta ao super-homem, teremos as três posições ou degraus evolutivos A_2, A_3, A_4, e em cada um destes três pontos um grau diferente de menor ignorância e maior inteligência, de proporcionada compreensão e relativo tipo de ética. Para atingir uma maior clareza, simplificamos, apertando o nosso campo de observação, focalizando-a sob um aspecto básico da ética, isto é, o conceito da justiça. Veremos assim que, como nos três pontos A_2, A_3, A_4, se encontram três diferentes tipos de ética, e a eles correspondem três diferentes maneiras de conceber a justiça, isto é: 1) no nível evolutivo da fera, 2) no nível animal-humano, 3) no nível super-humano.

1) No plano biológico da fera tudo pertence, em pleno direito, ao mais forte que sabe vencer. O fraco vencido não tem direito algum, nem ao menos a vida. Esta é a ética que vigora neste plano, proporcionada a capacidade de entender do ser que nele vive. É a lei da luta pela vida para a seleção do mais forte, lei pela qual a justiça consiste no seu triunfo absoluto e na destruição do mais fraco. Esta é a lei da fera, a sua justiça, porque este é o método com que ela realiza a sua evolução. Outro método a fera não poderia entender, nem melhor saberia fazer. Neste nível, onde o objetivo da vida é o de selecionar o mais forte, este é o conceito certo de justiça. Também o homem, quando usa o método da guerra, retrocede ao nível biológico da fera. Por isso, quando com a guerra vence, ele julga ser seu pleno direito,

conforme o conceito de justiça desse plano, matar, destruir, escravizar, praticando métodos que na sua vida social normal ele próprio julga crime. É lógico, porém, que, quando o homem desce a esse nível da fera, fique sujeito à lei respectiva, que ao mesmo tempo autoriza qualquer outro ser mais forte a fazer contra ele, em plena justiça, o que ele fez contra os outros quando foi vencedor. Disto resulta uma peleja contínua, como a vemos em nosso mundo de luta e insegurança geral, o que representa a punição automática que, para todos os que o seguem, este método consagra.

2) No plano biológico animal-humano aparecem as leis civis, penais, religiosas, morais, que estabelecem o lícito e o ilícito. A vida não está mais no poder do arbítrio do indivíduo, mas está sujeita a uma norma que pretende regular o uso indisciplinado da força. No seio da sociedade desponta uma ordem superior para refrear o individualismo e regular o caos da liberdade ilimitada. À força se substitui a lei que estabelece quais são os direitos e os deveres de cada um. Uma regra coletiva disciplina o arbítrio. O homem fica preso à força dentro desta regra, força representada pela sanção punitiva que lhe inflige dano material, econômico, espiritual etc., e assim se deixa obedecer. Mas nem por isso acaba a luta, o que seria parar o esforço evolutivo e com isso a ascensão do ser. A força ficou, mas nas mãos dos dirigentes, e antes de tudo para defender os seus interesses: ficou, mas teve de se cobrir com a roupagem da lei, do direito, da justiça. Assim a luta tomou outra forma e a vida se dirigiu para outro tipo de seleção, mais refinada: não mais a do mais forte, mas a do mais inteligente. Eis que desponta o primeiro grau de inteligência, o mais baixo, que já se encontra nos animais, o da astúcia. Aparecem a mentira, o fingimento, o engano, como arma de luta pela vida e meio de seleção, para a conquista de qualidades não mais físicas, mas mentais. Para sobreviver, o ser está constrangido a pensar, o que leva a vida a realizar conquistas novas num nível mais alto de evolução. Mas estamos ainda no inicio e desses meios detestáveis o nosso mundo está cheio. Agora, porém, podemos compreender por que razão e qual é a sua função.

Qual é então a conduta do homem deste plano, preso no torno da Lei, sem que por isso ele possa deixar de lutar para vencer o seu inimigo? Então ele não luta fisicamente, mas o faz numa nova forma, com um advogado, um juiz de direito, um tribunal etc. A arma que usa desta vez é a lei e, no uso desta arma, ele não desenvolve mais as suas qualidades físicas, mas as suas qualidades mentais. Eis a diferença. Trata-se de unia violência diferente, mais requintada e sutil, de uma outra estratégia de guerra e método para vencer, mas sempre por meio de uma arma e da luta. Quem sabe praticar esse método conforme as normas estabelecidas pela lei e dar prova de ser tão inteligente de saber vencer com ele, pode, em plena justiça humana, impor o seu direito contra O vencido, e a lei o garante, mesmo que essa vitória tenha sido fruto de engano, na condição em que o vencedor tenha sabido ficar formalmente, dentro das normas estabelecidas pela lei.

O resultado desse método é que hoje um homem hábil pode cometer roubos e crimes desde que saiba ficar dentro dos limites da lei, sem cair na sua condenação. Esta é a forma em que às vezes o homem vai hoje desenvolvendo a sua inteligência. E na psicologia das massas há até uma secreta admiração, até inveja, para esse tipo de vencedor que corresponde a instintos ainda vigentes. A sociedade o condena se ele é perigoso para ela, mas admira a sua habilidade se é vencedor, nele respeitando a astúcia, que para o involuído é prova de inteligência, enquanto para o evoluído é prova de ignorância. Se, porém, tal indivíduo der prova de não possui esta habilidade, é condenado e punido, porque neste caso é culpado. Mas, culpado de quê? Culpado de não ter sabido vencer usando o método humano da astúcia, porque este é o que a maioria aceita e exige, para que substitua o outro mais atrasado da violência física. O método atual é diferente, mas a forma mental ficou o mesma do nível precedente. Ai

de quem se mostra fraco! Eis o conceito de justiça nesse plano.

Existem as leis e as suas normas, dentro das quais tem de ficar preso um ser com instintos às vezes ainda selvagens, que aguçando o engenho, vai procurando todas as escapatórias para se evadir da ordem, para vencer e dominar. Existem as leis, mas quem as movimenta é o interessado que obedece ao impulso interior dos seus instintos. Ao interessado pertence a tarefa de excitar a ação da justiça, que, se não provocada, fica quieta e não defende quem não sabe defender-se. Ela não vai contra a lei da luta e da evolução que exige que o indivíduo saiba vencer, se não quer sofrer o dano da derrota. Então muito depende da inteligência do queixoso, dos recursos que ele possui para que lhe seja possível escolher o advogado melhor, depende das provas que a habilidade deste saberá encontrar e da defesa que com elas saberá construir, para que o juiz se convença de uma dada maneira, favorável e não de outra desfavorável. há todos os elementos de um duelo entre armados, só disfarçado em outra forma, mas igual na substância, e dirigido pela mesma psicologia do lutador. Quem perdeu é condenado porque perdeu, quem venceu tem razão porque venceu. Então a culpa maior, como em todos os duelos, é de se haver deixado vencer.

São as regras do duelo que estabelecem onde está a justiça. Se um indivíduo não soube, se culpado, escapar a acusação de culpa. e, se inocente, demonstrar a sua inocência, então é de justiça que ele seja punido. Tal conceito autoriza como legítimo o desabafo dos instintos de agressividade que ainda sobrevivem, filhos da desordem do passado em que cada indivíduo era natural inimigo do outro. A função da lei seria a de regular tal desafogo. Ele fica, porém, praticamente lícito quando se realiza dentro dos limites daquela lei. isto é, na forma que se chama de justiça. Então basta encontrar o homem fraco, simplório, sem recursos nem inteligência para se defender, para que todos possam aproveitá-lo à vontade, ficando nos limites da justiça. Esta é a fase bíblica do homem antes de aparecer o Evangelho: "Quem foi visto culpado contra a lei, seja apedrejado".

3) No plano biológico super-humano vigora um conceito de justiça completamente diferente. Aqui foi superado e desaparece completamente o principio animal da luta pela seleção do mais forte, mesmo que realizado por meio da lei usada como arma, como uma espada na mão de um guerreiro, espada inerte, cujo poder depende da força do lutador. Neste plano superior o mais forte é o mais justo, a justiça é justiça, e não o resultado de uma luta, apesar de legitimada pela lei, que estabelece as regras do jogo. mas que permanece sempre num plano inferior. Se no nível humano o que tem peso não é tanto o ser inocente, quanto o saber demonstrar ser inocente, como num duelo, mais que a justiça, o que tem peso é a habilidade do duelista, pelo contrário no plano super-humano a balança da justiça é balança, isto é, corresponde ao mérito, e não se pode colocar num prato a espada para que substitua o peso do mérito. O princípio da força, o desafogo de instintos do luta, neste nível não existem mais. Não basta obedecer às normas estabelecidas pela lei, para que a força se torne justiça, direito quo autoriza, e o uso do poder do mais forte se torne legítimo.

Neste plano super-humano a lei do mundo tem um valor muito relativo e a ela se substitui outra lei muito mais valiosa e perfeita: a Lei de Deus, que raciocina, calcula e atua de maneira completamente diferente. Com isto não queremos dizer que o método humano hoje vigente não esteja certo. O princípio é que "tudo está certo, quando está colocado no seu devido lugar". Assim tal método humano atual está certo, mas só se o colocarmos no nível biológico que lhe pertence, reconhecendo que o seu devido lugar é na 2ª e não na 3ª das três posições que estamos aqui observando, isto é, não no plano da verdadeira justiça que é o 3º, mas no 2º que é o da força disciplinada em forma de direito e legitimada pela Lei. Não há dúvida que tal método representa uma necessidade em nosso mundo atual. Mas, por quê?

Porque ele pertence àquele nível evolutivo. E de fato, logo que subirmos a um plano mais adiantado, aquele método se torna absurdo, injusto e inaceitável.

No plano biológico super-humano vigora outro princípio que exige outra forma mental, e que não é possível realizar com a forma mental do comum biótipo humano atual. Quando um homem é condenado pela lei humana, com isso não adquirimos o pleno direito de persegui-lo, contra ele desafogando os nossos instintos do agressividade em nome da lei e da justiça. Pelo contrário, neste nível superior ele é julgado um ignorante que, por não saber o que faz, fere-se a si próprio com suas mãos, e que como tal precisa ser ajudado a compreender que, pelo mal que faz, se está arruinando. Preocupamo-nos muito com a sanção punitiva, porque contamos só com as nossas forças para a sua atuação, e não com a Lei de Deus, e o próprio culpado acredita que baste escapar às leis humanas para estar quite e livre. Mas num plano superior o conceito de sanção é completamente diverso, porque depende de outros elementos. Quem conhece a Lei, sabe, como explicamos bastante, que a reação punitiva é automática, sabe funcionar por si mesma, sem a intervenção de ninguém, porque está contida no próprio erro e em quem o praticou; a pena não chega de fora, mas está dentro do culpado que a movimentou e que contra ela não possui defesa nem possibilidade de saída. É lógico que, para o homem míope que ainda não entendeu tudo isto, seja necessário o código penal, armado de sanções imediatas, concretas, que fazem dono sensível ao culpado. Mas este é método primitivo e falaz, por que o juiz pode errar, a lei ser enganada, o condenado fugir e evadir-se das sanções. Num plano superior esse método de justiça assim tão imperfeita não é mais aceitável.

Naquele plano não há mais lugar para este tipo de punição que tem sabor de vingança, apesar de coberta com a roupagem da justiça legítima. Vigora, pelo contrário, o princípio do perdão, que ainda não pode ser praticado no atual nível humano, porque, dominando neste plano o método da luta e os instintos respectivos, logo que não encontrar mais resistência de força armada no lado oposto, o criminoso aproveitaria esse fato e não teria freio, porque ele enxerga só a punição próxima e tangível, e, na sua ignorância não vê a outra, muito mais justa e temível, justa porque saiu das mãos de Deus, temível porque a ela ninguém pode escapar. Quem não sabe disto, acredita que perdoar signifique deixar o inimigo vencer, o que no plano da luta é perda e culpa. Mas quem conhece a Lei sabe que perdoar significa entregar o ofensor nas mãos de um juiz muito mais exato e poderoso, à justiça do qual não há que fugir.

Nessa justiça, a punição não é desafogo de instintos de agressividade, o que excita a reação do lado oposto no duelista que recebe o choque que ele por sua vez procura devolver, nunca cessando o atrito, como acontece em nosso mundo na luta entre os criminosos e a lei. No conceito de justiça desse nível superior é admitido só o direito, justificado pela necessidade imediata, de afastar o culpado que ainda não foi educado. Direito de isolá-lo, se necessário, porque a sociedade deve se defender do indivíduo que por inconsciência se torna perigoso. Mas nunca o direito de fazer o mal. A verdadeira justiça não pertence ao homem, mas a Deus, que é o único a possuir o conhecimento necessário para poder praticá-la. Neste plano vigora a lei do Evangelho que diz: "não julgueis" o que tira ao homem o direito de condenar e de punir. Não há lei que possa autorizar a fazer o mal contra ninguém, mesmo contra quem, porque não soube defender-se dos seus erros ou não foi educado para não cometê-los, foi julgado culpado. No nível biológico atual se trata de luta, apesar de ser conduzida com as armas civilizadas da legalidade, luta que não é justiça; trata-se de um combate em que culpado é quem não sabe vencer com tais armas. Quem pune em nome de tal justiça, julgando ser seu direito, se for observado conforme os princípios desse outro plano superior, seria condenado, porque nunca se pode fazer o mal, e quem o faz tem de pagar por isto, apesar de ser autorizado por todas as

leis civis, penais e religiosas. E de fato o nosso mundo continua sempre pagando. O erro está no fato de que leis, juizes e tribunais estão situados no mesmo nível biológico do condenado, que é assim porque representa uma minoria desorganizada contra uma maioria organizada e mais poderosa. Trata-se de um conflito entre dois duelistas, no qual a vitória pertence ao mais forte, enquanto a verdadeira justiça não pode descer, senão de um plano superior da parte de seres que a ele pertencem, e que podem julgar porque não estão dentro, mas fora e acima do conflito.

Este é o conceito de justiça no nível super-humano, onde não se realiza a seleção do mais forte, nem do mais hábil e astuto, mas do mais honesto e bom. Então esse conceito, visto com a forma mental do atual plano biológico humano, porque pertence a outro mais evoluído, é julgado utopia, sonho irrealizável porque situado fora da realidade da vida. Ele permanece assim, como fizeram com o Evangelho, no terreno da pregação teórica. Ninguém pode, porém, impedir que quem não sabe evoluir tenha de suportar as conseqüências da sua posição, estabelecidas pela lei do seu plano atrasado. O método do código penal e do inferno nada resolve e, pela sua impotência, tudo ficou no nível da luta. Esta gera inimigos, não soluciona o contraste. O método do Evangelho resolveria, mas com o seu cérebro atual o homem não sabe compreendê-lo e realizá-lo. Assim o mundo ficará fechado na sua ignorância e nos seus sofrimentos, até que com o seu esforço consiga quebrar esse circulo vicioso, em que hoje se encontra preso.

Cabe ao homem o trabalho de desenvolver a sua inteligência acima da sua fase elementar de astúcia, para compreender como é pueril acreditar que, possuindo recursos, habilidades e enganos, seja possível impor-se à Lei de Deus, e com tal método escapar às suas sanções. Enquanto o homem permanecer nessa sua ignorância, terá de arcar também com os seus sofrimentos. Ele não terá paz até que se coloque em obediência na ordem, não por uma virtude imposta à força com a ameaça do dano, mas pelo espontâneo convencimento de quem entendeu que essa é a posição mais vantajosa e a única solução. Só neste nível, onde, ao egoísmo, separatismo e agressividade, se substituem o amor, a colaboração e o perdão, não são mais necessárias as leis coativas humanas, filhas do método da luta. Se, a precedente era a fase bíblica do homem primitivo, esta é a futura fase do Evangelho, que o super-homem praticará: "Quem está sem pecado atire a primeira pedra".

O objetivo das nossas explicações e demonstrações é o de oferecer os meios para compreender esse mundo novo que terá de surgir no futuro. Este trabalho é interessante também porque nos oferece a possibilidade de ver, olhando a substância que está atrás das aparências, como de fato funciona o nosso mundo e as ações pelas quais ele funciona desse modo. É lógico que haja verdades bem escondidas, quando elas representam uma arma na luta, que por isso ninguém quer que o inimigo conheça. Do ponto de vista da moral pregada em teoria, há coisas que parecem horríveis, mas que se justificam quando chegamos a compreender a sua função na economia geral da vida e sua evolução. Tudo que existe, por feio ou mau que seja, é útil, porque se existe, não é senão pelo fato de que, num sentido ou noutro, cumpre uma função. No fundo da desordem aparece uma ordem maravilhosa. Além da imperfeição do particular esta a universal perfeição da Lei de Deus. É lógico que, nos baixos níveis da evolução, perto do AS, tenha de dominar o mal. Mas tudo é destinado a subir, e vai-se limpando sempre mais, esclarecendo, melhorando, aperfeiçoando, até se tornar belo e bom ao atingir o S. Então, essa sucessão de éticas relativas em evolução tem a sua razão de ser,

representa a ascensão do mal para o bem, e se justifica como transformação necessária para chegar à salvação.

Observemos agora o mecanismo dessa transformação de um tipo de ética em outro. Aparecerá assim a realidade que está atrás das teorias, e poderemos ver o que elas na prática de nossa vida significam, quais são as verdades concretas, para nós mais tangíveis, que se escondem atrás da expressão gráfica de nossa figura. Veremos assim que a cada nível de vida corresponde uma sua ética relativa, que vai evolvendo para a do plano superior. Veremos que cada uma dessas éticas tem a sua lógica, que é assim em face do seu nível ou posição ao longo da escala evolutiva, lógica que não é mais aceitável, e se torna erro e absurdo em função do outro trabalho evolutivo a realizar-se num nível de existência superior. Isto se verifica não somente, como vimos, a respeito da idéia de justiça mas também para todos os conceitos que constituem a ética, e sujeitos ao processo evolutivo. Então, se neste caminho tomarmos em exame os pontos A_2, A_3, A_4, será possível a respeito do homem, que supomos oscilar entre estas três posições, estabelecer três éticas relativas em evolução, às quais ele pode pertencer: ética A_2, ética A_3, ética A_4.

Cada uma delas contém os germes que se desenvolverão na seguinte superior. Nessa transformação íntima, e por lentos e sucessivos deslocamentos e contínua eliminação de erros e defeitos, se desenvolve o processo evolutivo, cujas fases de amadurecimento são expressas por essas diferentes éticas, até que seja atingida a perfeição no S. Eis então como é no nível A_2, onde reina a desordem, o caos, a regra justa relativamente àquela posição: "a vida do outro é a minha morte, e por isso, para eu viver, tenho que destruí-lo". Tal é o método da luta, agressão, guerra, da ética A_2. No nível A_4, onde a evolução atingiu um estado de ordem, a regra justa relativamente àquela posição, é: a vida do outro é a minha vida, a morte do outro a minha morte, e para eu viver, tenho de protegê-lo". Tal é o método evangélico da colaboração, amor, paz, da ética A_4 O princípio fundamental da Lei é que ninguém pode, e por isso não quer. renunciar à vida. Evolui, porém, o método do defender essa necessidade de viver, para atingir os supremos objetivos da evolução, voltando ao S. É por isso que o método é diferente conforme o nível em que o ser se encontra, e a respectiva ética que estabelece qual tem de ser esse método. Em nossos livros estamos explicando o valor e as vantagens da ética A_4, para que o homem compreenda o absurdo e o dano de praticar a ética A_3, e faça o esforço de subir até àquela ética superior.

A ética A_2 é a ética da fera, que não pode entender mais do que a lei da *força.* A ética A_3 é a ética do ser animal-humano, que inicia o desenvolvimento da inteligência na sua forma mais baixa: a *astúcia.* A ética A_4 é a ética do super-homem do futuro que desenvolveu a sua inteligência até compreender a vantagem de viver na *ordem com honestidade.* O 1º degrau é o da besta, do selvagem, do involuído delinqüente O 2º degrau é o da maioria do homem atual. O 3º degrau é o do biótipo hoje excepcional cm nosso mundo, o super-homem. Assim temos três níveis com três éticas relativas: a da força, a da astúcia, a da honestidade. Elas estão ligadas como momentos sucessivos do desenvolvimento do mesmo processo, da expansão do mesmo impulso, que vai da luta à colaboração, da agressão ao amor, da guerra à paz. A evolução vai assim reordenando a desordem do AS, na ordem do S.

Em relação ao objetivo fundamental que é a defesa da vida, isto representa um rendimento sempre maior, atingido com um esforço sempre menor. Este fato prova o que dissemos no fim do Cap. XI, isto é, que a evolução se torna cada vez mais fácil, tanto mais o ser com o seu esforço progride.

A ética inferior contém os germes da superior., na qual eles desabrocham e se fixam, e assim por diante, desenvolvendo o plano todo da evolução, até que sejam atingidos os seus

objetivos. É o método da semente, na qual tudo está contido em estado potencial, o que depois se tornará realidade. Também as feras no nível A_2 conhecem os primeiros elementos da astúcia, como a presença em nosso mundo de leis civis, penais e religiosas revela os primeiros elementos do princípio de ordem e honestidade. E assim que o Evangelho hoje se encontra na terra somente como "boa nova", como germe ou elemento preparatório, como esperança e programa a realizar no futuro, só como fase inicial do seu desenvolvimento. Explica-se assim porque, depois de dois mil anos, o Evangelho é apenas um ideal pregado, e ainda não praticado em nossa vida.

Observemos a evolução da ética nestes seus três pontos sucessivos. Cada um deles é superior ao precedente. A astúcia da ética A_3 é qualidade mais sutil e refinada do que a força da ética À$_{2.}$ A honestidade da ética A_4 é mais adiantada e inteligente do que a astúcia. A cada um desses passos para o alto diminui o esforço da luta e do sofrimento, e mais se abre a compreensão da mente que representa o poder maior. Com a evolução o ser vai cada vez mais entendendo que é vantagem viver na ordem, que representa o estado perfeito, onde acabarão luta e sofrimento. Tudo isto o ser vai aprendendo por sofrer as conseqüências dolorosas da desordem, até se aperceber que esta é a causa, e assim eliminá-la. O ser sobe a níveis superiores, quando tiver aprendido que o método do nível inferior lhe produz sofrimento, e que não convém mais segui-lo, mas, pelo contrário, fazer o esforço necessário para atingir, um plano de existência mais adiantado. O ser não pode sair da necessidade de cumprir esse esforço, porque ele é automaticamente repelido pela dor do AS e atraído pela felicidade do S. Assim a evolução se torna irresistível, quase fatal, como é necessário, porque. se não for atingido o objetivo supremo da Lei, que é o de levar o ser para a salvação, a vitória seria da revolta e não de Deus, cuja obra (S) fracassaria no AS pela vontade do rebelde que, conseguindo substituir o S pelo AS, seria mais poderoso do que Deus.

Muitos se queixam em nosso mundo de que a vida é dura, e o anseio de sair do sofrimento é grande. Isto acorda a mente do homem para evadir-se dessa situação indo ele estudar outros métodos. O da força é áspero e perigoso, e levando a conseqüências dolorosas. Então se procura usar o método da astúcia. Mas também este é difícil, podo levar a erros, derrotas e sofrimentos. Então, em busca desesperada de uma solução, o homem elabora as leis, estudando outro caminho, o da organização, da regulamentação dos direitos e deveres, da colaboração, para chegar á convivência pacífica, estado que atrai, porque representa um bem-estar maior, luta e sofrimento menor. Nessa procura se desenvolve a inteligência, que assim chega a compreender a vantagem de saber viver com honestidade na ordem. Paralelamente este trabalho destrói a ignorância, à qual são devidos os erros e sofrimentos.

Se o ser não fosse constrangido pela dor a procurar numa lei superior um sistema de vida melhor, ficaria para sempre estagnado no seu nível inferior, pelo fato de que, quem nele está situado, até que se desenvolva, não pode compreender a lei mais vantajosa do plano superior, e assim a repele, como fez o homem até hoje com o Evangelho. Então é providencial que ele sofra todas as conseqüências da atual incompreensão das vantagens de praticar esse novo método de vida, porque só o sofrimento nos poderá abrir os olhos para ver, o que significa, para o bem-estar individual ou social, a ordem estabelecida pela lei moral do Evangelho. Quando um evoluído do plano A_4 aparece na Terra abrindo os braços ao homem do plano A_3, como Cristo fez, o involuído o agride, praticando esse seu método, acreditando, na sua ignorância, com isso vencer. Mas de fato ele agride-se a si próprio. Quem teve e tem de suportar as conseqüências dolorosas de não ter compreendido o praticado o Evangelho, é o mundo, que terá de continuar a sofrer até acabar por entender a Mensagem de Cristo. Cada ser está apegado à lei do seu nível, que é a que modela a sua forma mental. Com esta cada um

julga, e nada há mais difícil a vencer que a ignorância de quem se julga sabedor.

É lógico, quem se emborcou com a revolta, tem de ficar nessa cegueira; somente podendo sair dela e voltando ao conhecimento, conquistando-o de novo à sua custa, com o seu sofrimento e esforço. Enquanto o homem não sofrer bastante, não entenderá e não quererá praticar outro método senão o da força e da astúcia e outra defesa, senão a dos seus pobres braços e cérebro, ficando assim abandonado a si próprio, porque na sua ignorância negando a Lei, ele não sabe movimentar as alavancas do merecimento e da justiça, para ele, obedece a polícia organizada e bem mais poderosa, que Deus. Assim, pelo sofrimento, tudo se vai desenvolvendo em plena lógica.

Tal é a posição de nosso mundo atual. A cegueira foi o merecido fruto da revolta. Por isso, até que o homem tenha pago com o seu sofrimento o resgate, não poderá entender o Evangelho e ele mesmo repelirá a solução dos seus males e o remédio para as suas dores. Até esse momento, em que ele terá merecido pelo seu esforço subir ao nível A_4, o homem julgará o Evangelho uma utopia irrealizável que, como tal, não pode ser tomada a sério. Continuará assim errando e com isso ofendendo a Lei e, por lógica conseqüência, pagando, até compreender.

❑ ❑ ❑

A tarefa de desenvolver a compreensão é uma das mais importantes do processo evolutivo. O homem pode fazer o bem ou o mal, mas não pode parar no seu caminho evolutivo. Por isso o mundo não tem paz e, qualquer coisa que faça, tudo se resolve em aprender uma lição. Se ele agride, em substância, é para aprender, pela reação dolorosa que se segue, a estrutura da Lei, que com a dor corrige o erro. Que se possa vencer de verdade é coisa que só os simplórios podem acreditar. O que fica de todas as vitórias humanas é só o que foi aprendido na luta com o nosso esforço. Só isto tem valor, porque representa um meio para evoluir. Em si mesmas as vitórias são miragens, cuja tarefa é a de atrair, para que o esforço seja feito. Mas, movido pelos seus instintos insaciáveis. ninguém pode parar. E, cometendo erros, não pode deixar de provocar a reação da Lei a cada passo, o que representa uma escola contínua o automática, na qual o mestre, que é a Lei. age por dentro do aluno, que por isso não pode fugir e tem de escutar e aprender. A vida é uma escola para aprender lições. Cada indivíduo ou povo conhece as que a sua história lhe ensinou. E um conhecimento duramente conquistado, o patrimônio adquirido com lutas sangrentas, que deixaram vivo só quem venceu, patrimônio que representa o capital que cada um possui e que pode utilizar como instrumento para cada vez mais se adiantar na sua evolução.

Já dissemos que tudo está certo, se colocado no seu devido lugar, tudo o que existe é útil, num sentido ou noutro cumpre uma função. Ora, quando o biótipo comum, seguindo a forma mental do seu plano. agride o homem evangélico, que excepcionalmente dos planos superiores desce à Terra, com isso usa a sua linguagem de biótipo A_3 e inicia a sua conversa com aquele homem que tão estranho lhe parece. Agride-o e, se pode, o mata, seguindo a lei da seleção que vigora no seu nível. Esta é a sua vitória, em que ele, com a sua forma mental, coloca todo o seu valor. Agiu nele o ser inferior, executando num primeiro momento a parte que lhe pertence. Mas nessa forma inferior, que é a única linguagem que ele conhece, sem querer estabeleceu um contato com o ser superior sacrificado por ele, contato que vai acordando os primeiros sintomas do pressentimento da existência de um plano do vida mais alto. Eis então que, num segundo momento o biótipo A_3 coloca o mártir, que ele em nome de uma lei inferior agrediu e matou, nos monumentos e nos altares e, em nome de uma lei superior

que começa a aparecer, o elogia e venera. Desponta uma vaga intuição do mundo que está acima do nosso, mundo por palavras respeitado, adorado e pregado, mas não realizado e vivido; não obstante, este é o primeiro passo para a compreensão e depois para a sua realização. E a vítima? Ela, do seu lado, cumpriu a sua função, não somente para o progresso dos inferiores que a sacrificaram, ensinando-lhes com o seu exemplo uma lei diferente da sua lei feroz, mas com o sou sacrifício a vítima confirmou a sua natureza de ser superior e a sua posição no seu plano, fortaleceu-se e preparou-se a subir ainda mais. Eis então que, neste contraste entre o princípio da agressão e o do sacrifício, tudo foi útil para realizar uma função de desenvolvimento. É que, atrás de cada fenômeno, há a sabedoria da Lei que tudo dirige com lógica e bondade, de modo que nada pode acontecer que não seja inteligentemente orientado para o bem.

Pelo mesmo princípio se justifica a presença de muitas coisas feias, que vemos em nosso mundo. Antes de tudo elas são transitórias e destinadas a serem corrigidas; e, no entanto, elas cumprem a função de ensinar ao ser, porque permitem que ele possa experimentar e, assim, aprender, embora seja por meio da dor. O próprio método da astúcia e do engano, que por palavras o mundo condena, cumpre a tarefa de permitir que seja superado o método inferior da força, ao qual ele se substitui, começando assim a levantar o ser do plano da luta física ao plano superior da inteligência e da bondade. Podem assim surgir as leis, com a tarefa de educar o homem no sistema da honestidade, o que significa entrar no plano biológico A_4. Não se pode subir senão por degraus sucessivos, não se pode escalar o degrau seguinte senão depois do ter galgado o precedente, do qual o novo deriva por continuação do processo evolutivo. O aperfeiçoamento não pode ser descontínuo nem de improviso, sem as passagens intermediárias. Assim não seria possível destruir o método da força, sem possuir um método afim para o substituir, que neste caso é o da astúcia e do engano. No caminho da evolução não é possível saltar do plano A_2 ao plano A_4, sem ter que atravessar o plano A_3.

Então, também quando por astúcia entendemos a arte do intrujar o próximo, temos que admitir que a vida cumpre uma função útil. Não estamos defendendo a baixeza do homem, mas a sabedoria da Lei. Sem estas atividades bem desprezíveis, como poderia o homem começar a afastar-se da lei da força e do estado da fera, ao qual elo primeiro pertenceu? Temos, então, de reconhecer, apesar de situada num nível bem atrasado, a função biológica da mentira. Além disso, ninguém podo renunciar essa arma, porque é necessária para defender-se num regime do luta. Logo, não foi possível tirar de uma só vez das mãos do indivíduo a arma da força, a única que ele possuía, sem lhe deixar outra arma para se defender. Tudo o que se pode exigir é que ela seja mais refinada e inteligente, o que significa evolução.

Foi assim que o ser pôde passar do nível da fera, que conhece apenas a forca ao do homem, que para viver é constrangido não mais a desenvolver os seus músculos, dentes e garras, mas a mente e o sistema nervoso, porque a inteligência se tornou a qualidade mais útil para vencer. O fato de que, para triunfar na luta pela vida o sobreviver, o ser não tem mais que matar e devorar o próximo, mas pode alcançar aquela vitória, sabendo se movimentar com astúcia no labirinto complexo da organização moderna, esse fato prova que a inteligência pode substituir a força, dirigindo a para um caminho novo, até agora inexplorado, o que nos mais adiantados, com o desenvolvimento da consciência, poderá orientar o ser na direção da espiritualidade. O mundo está se encaminhando para o estado orgânico, nível A_4, que garante a vida o representa a defesa do super-homem, renunciando ao método da força o da astúcia.

Eis o nosso passado, presente e futuro, e para onde caminha a evolução. As leis civis, penais o religiosas que nós possuímos representam um meio para educar o indivíduo do plano humano A_3, apoiando-se no método da força do plano A_2, a se tornar cidadão do plano A_4,

aprendendo a viver na ordem. A força não desapareceu por isso, porém é chamada a sustentar a ordem, conformo regras estabelecidas. Há, no entanto, os períodos do guerra, nos quais o indivíduo do plano A_3 volta a funcionar no sou estado anterior, de fera, do plano mais baixo A_2, o da forca. E nos períodos que seguem, as guerras continuam a vir à superfície no plano $À_3$, o da vida social civilizada, os retornos daquele nível inferior que a guerra acordou e que constitui o fundo animal da natureza humana. Pelo contrário, os períodos de paz, em que reina a ordem das leis, são aqueles em que se executam passos para a frente na obra da construção da ordem do nível A_4. Infelizmente porém o caminho é lento e cheio de contrastes, porque o homem ainda não está maduro para viver na ordem e, continuando com o método da luta, é levado a tudo transformar em meio de ataque o defesa. Mas apesar do tudo, neste plano A_3, com a lei existe o germe da ordem. o embrião que se desenvolverá até à sua plenitude no plano A_4, em que a lei funcionará sem mais forca nem astúcia, mas por livre adesão de homem convencido e consciente. Este será o maior progresso. Existem ainda muitos que acreditam no método da violência e a sua maior glória é, com ele, ser vencedores. E assim podem vencer. Mas desta maneira o seu reino se torna um inferno, no qual o ser civilizado não aceita mais viver. Mas quem pode convencer um escorpião ou uma cobra, que a sua função é horrível? Para eles aquela é a sua vida, toda a vida, porque é a única duo eles conhecem. A verdade é relativa o em evolução. O ser está imerso nessa relatividade e não pode compreender senão o que está debaixo, que representa o caminho percorrido por ele, a sua experiência vivida. Cada ser não pode entender mais do que aquilo que ganhou subindo com o sou esforço. A verdade absoluta, imóvel, que abrange todas as verdades relativas atravessadas no caminho, a visão completa não poderá ser atingida senão ao chegar ao S, no ponto final da viagem.

Eis como tudo está funcionando, o vimos do que maneira o por que razão. Falamos da mentira, porque o fingimento representa a forma, diríamos subterrânea, que a luta pela vida tomou em nosso mundo atual. A força hoje, pelo menos na forma e entre particulares, é condenada, teoricamente substituída pelo direito. No terreno internacional este ainda não existe, senão na fase embrionária do tentativa, enquanto as brigas se resolverem com as armas e as guerras. A astúcia é método na prática normalmente aceito. As nações pregando paz e sustentando o direito, aprontam guerras. Às leis os astutos e poderosos sabem escapar. E nas religiões, quem acredita de verdade? Atrás do tão bonitas aparências que estão na vitrina para a gente em boa fé acreditar, a realidade escondida é outra, pois enquanto houver os simples ignorantes, haverá também quem os explore. Como no nível da força a lei de evolução impunha a seleção do mais forte com a destruição do mais fraco, assim hoje no nível da astúcia a mesma lei impõe a seleção do mais inteligente com a eliminação do mais simplório. Ninguém pode parar no caminho da evolução, mesmo agora que se subiu para um nível mais alto. Como um dia foi necessário ser forte para sobreviver, agora é necessário ser inteligente. Claro que se trata ainda de inteligência caótica, mal dirigida, e que pelos erros que ela implica, o mundo tem de pagar, como do fato a cada passo está pagando. Assistimos assim ao desmoronamento contínuo do tantas construções suas, porque tudo o que é edificado pela inteligência sem o cimento da bondade, mais cedo ou mais tardo está destinado ao fracasso.

Assim, com a luta recíproca do um contra o outro, todos juntos cumprem o mesmo trabalho de se impulsionar para a frente. Quem ficou enganado sofre, o que constitui o mais enérgico convite para pensar, aguçando a sua inteligência para não cair mais no engano. Na luta se afiam as armas, o que estimula o desenvolvimento. Cada um ao mesmo tempo é mestre e aluno do vizinho, cada um ensina e aprendo, todos carregando as suas experiências e lições recebidas, com elas construindo o seu patrimônio de conhecimento. Mas acontece também que, continuando assim neste duelo, os dois lutadores do método da astúcia, acabem entendendo

que convém mais para todos pôr termo a este duro e perigoso estado do guerra e insegurança, no qual sempre há quem perde e sofre. Começa assim a despontar a compreensão da vantagem de diminui enganos e enganadores, tormento universal, e de impor o método da sinceridade e honestidade. Cada um se lembra do mal recebido pela traição do mentiroso, e o instinto da autoconservação leva todos a procurar e cercar tal tipo maléfico, para o isolar e eliminar. Ele venceu, mas acumulou ódio e terror ao seu derredor. Também os escorpiões e as cobras venenosas possuem uma arma terrível para vencer. Mas quem não odeia e procura destruir esses bichos maléficos? O homem acabará destruindo-os, enquanto cria, como seus companheiros, os bichos mansos, que se deixam domesticar.

Isto prova que a vida se pode ser defendida também com as armas da mansidão. Os enganadores podem prosperar numa sociedade primitiva, que se encontra apenas no início do desenvolvimento da inteligência. Mas quanto mais aquela sociedade evolui do nível A_3 ao A_4, tanto menos nela haverá lugar para tal biótipo involuído que usa a inteligência só para sua vantagem e dano do próximo. Não é o que a civilização e o progresso estão sempre procurando fazer? Tudo isto é automático e fatal, porque contido nos princípios da Lei. O leitor não se admire se para tais transformações estamos procurando apoio nos recursos da Lei, e não nos da boa vontade e inteligência do homem. Chegar a possuir tais qualidades será o resultado da luta e não o meio para a dirigir e resolver. Se a direção do processo evolutivo tivesse ficado nas mãos do homem, tudo teria fracassado há muito tempo. A sua conduta é um efeito, e não uma causa. Esta, do que o restante depende, não pode estar senão no único lugar onde há conhecimento, honestidade, justiça, poder etc., isto é, em Deus. Quem quer um apoio firme, não sujeito a lutas, enganos e mudanças, não o pode encontrar algures.

Assim se vai verificando em nosso mundo este dúplice jogo: tudo liso e lindo na superfície, mas uma tremenda realidade do luta feroz no fundo. O homem nasce inexperiente, acreditando nas aparências, morre astucioso conhecedor de todas as sagacidade aprendidas à sua custa, sabido de todos os artifícios da vida, mas toma cuidado para que não seja conhecida aquela arma secreta Na prática o honesto é julgado um simplório que não sabe fazer os seus negócios. Como no nível da força a honra maior é a de ser vencedor com a força, assim no nível da astúcia o maior valor do homem está em saber enganar o próximo para tirar dele a maior vantagem. Como cada bicho conhece a sua defesa, assim cada plano possui a sua sabedoria e o seu conceito relativo de respeitabilidade. Este é o verdadeiro jogo da vida, e é interesse do quem o pratica escondê-lo, para que mais gente possível caia na rede. Por isso são os que mais procuram aproveitar da ingenuidade alheia, os que têm mais interesse em ganhar a sua confiança, mostrando-se honestos, religiosos, cheios de virtude. Serão eles os que mais sustentarão os ideais que exigem fé e sacrifício, para tirar vantagem do rebanho dos que neles acreditam. Foi sempre a tarefa do vencedor a de ensinar a verdade que mais lhe convêm, escondendo e apagando as outras.

Vemos assim, de acordo com a posição de quem comanda, mudar o conceito de honra e dever dominando verdades diferentes. Nem faltam teorias bonitas para justificar tudo isto em nome das coisas mais altas: a justiça, a religião, o próprio Deus. Assim. pensar no bem dos povos é trabalho que pertence a estes, que têm de realizá-lo com o seu esforço, apesar de que, em teoria pertença aos governantes. A verdade real, que ninguém ensina por que é interessante ficar escondida, cada um tem de descobrir por si mesmo com a sua mente, deste modo desenvolvendo a inteligência. É natural que num regime de luta, cada um procure disfarçar as suas armas e estratégia. Cabe à parte oposta chegar a descobri-las. Eis por que a mentira não deixa de existir no mundo, porque ela faz parte integrante do sistema de luta no nível humano. Cada um tem de estudar e aprender o jogo, descobrir o engano, para não cair nas ciladas. Mas

enquanto houver ovelhas, haverá também lobos, enquanto houver vítimas, haverá carrascos, enquanto houver quem acredita em boa fé, haverá quem procure enganar.

Quem em nosso mundo se apresenta como é, com toda a sinceridade? Se o fizesse estaria perdido, porque quem não é levado a aproveitar os pontos fracos do próximo, quando consegue descobri-los? Tudo isto no nível A_3 é natural, corresponde aos instintos, fruto das duras experiências passadas, verdade axiomática com que a maioria concorda espontaneamente. Assim é a ética desse plano, porque do tal método a vida precisa para alcançar o seu objetivo, que é o desenvolvimento da inteligência. E de fato os astutos para chegar a dominar já a desenvolveram, e agora, o esmagamento que eles praticam vai desenvolvendo a inteligência dos ingênuos. Os que sabem fazem o trabalho do ensinar aos que ainda não sabem, os mais inteligentes automaticamente se encarregam de desenvolver a inteligência dos ignorantes.

Assim as classes sociais ou povos inferiores aprendem e sobem, imitam e amadurecem, até que um dia se revoltam e chegam a ocupar o lugar dos dominadores. Como a história da revolução francesa, da russa, do império colonial romano, do inglês Afinal de contas, na sabedoria da vida, os dominadores trabalham a serviço dos dominados. Enquanto mandam, na verdade, ensinam aos seus subordinados como dominar. Há complementariedade ente os dois grupos. Se a vida permite a maldade do engano, isto se verifica porque é útil para acordar a mente do ingênuo. Quanto mais os enganadores praticam o seu jogo, tanto mais rapidamente e melhor os enganados o aprendem em seu proveito. Deverá assim, por este caminho, chegar-se ao ponto em que tal jogo não será mais possível, pelo fato do que os simplórios desaparecerão, porque vencidos e eliminados não existirão mais, e se tornarão astutos. Tanto no nível A_3 da astúcia, como no A_2 da força, a vida cumpre o seu trabalho de seleção e de limpeza, libertando-se dos ineptos. O caso triste é quando na Terra desce um biótipo do nível A_4, e tende a ficar sujeito a uma luta continua que atrapalha o seu trabalho, tão mais útil e alto, luta estúpida para ele, que não precisa dela para desenvolver uma inteligência que já possui. Pode assim acontecer que um gênio especulativo seja constrangido a usar a sua inteligência para defender-se dos ladrões que lhe furtam tudo, em vez de a usar para as suas descobertas.

Uma das conclusões práticas que deriva do tais observações é que a solução do problema da justiça social, dos desníveis econômicos, da independência das classes ou povos submetidos, depende do fato de que eles aprendam a lição com o exemplo dos seres dominadores. Para subir, têm do fazer o esforço que os dominadores fizeram para conquistar a sua posição do domínio. Para vencer o gozar do fruto da vitória, é necessário trabalhar, valer, merecer. Neste nível também há lugar apenas para os vencedores. Para os vencidos o azorrague da dor, para que eles se tornem vencedores. Tal é a justiça deste plano, pela qual se legitima a presença dos astutos para ensinar aos ingênuos, e a presença destes para serem educados. É natural: como nas doenças os micróbios acorrem ao ponto fraco do organismo doente, convidados pela sua debilidade; também os astutos acorrem onde há os simples, que com a sua ignorância os convidam, para que estes possam cumprir a função pertencente aos mais adiantados, estimulando a evolução dos mais atrasados.

Pelo mesmo princípio o super-homem do nível A_4 procura levantar os homens do plano A_3, ensinando aos astutos a superar o sou método, para substitui-lo pelo da honestidade. E a estes, que procuram escapatórias para se evadir, há o azorrague da dor. Sempre há evolução, seja com o engano dos astutos acordando a mente dos ingênuos, seja o evoluído iluminando os astutos, deixando-lhes entender quanto seja contraproducente o seu método de intrujar a todos.

Se mostramos as chagas do nosso mundo, não é para agredir ou destruir, mas para subir; se indicamos o erro, não é para condenar, mas para não cometê-lo mais. Que grande utilidade representaria substituir às dolorosas conseqüências da atual comédia humana, filha da inconsciência, pela vantagem de praticar, com inteligência, outro método de vida, o de quem conhece e segue a Lei de Deus!

Assim tudo vai evoluindo e tudo concorre para promover a evolução. Todos os seres, em todos os níveis, estão presos na engrenagem do processo evolutivo. Eis qual é, a respeito do nosso nível, a realidade contida no esquema gráfico de nossa figura. O nosso século está fazendo esforços evolutivos em todas as direções. A evolução vai do método da luta ao do amor, do esmagamento à colaboração, do sistema do direito do mais forte ao da defesa dos bons e honestos. A tendência universal, igual nas duas partes opostas do mundo, é a de proteger e instruir os meninos, dar abrigo aos velhos e desamparados, emancipar a mulher, sustentar os pobres. reconhecer o direito do todos à vida. Assim, ás vezes sem saber, nem querer, pelo universal impulso do evolução, todos são levados, mesmo os que o negam, a realizar o Evangelho, que representa a lei social do porvir. Descendo da visão geral do fenômeno evolutivo, chegamos cada vez mais perto dos pormenores, observando as condições de nosso mundo atual o as razões que as explicam e justificam.

XIV

NÍVEIS EVOLUTIVOS E TIPOS BIOLÓGICOS

Continuemos observando, na prática, o conteúdo e o significado de nosso diagrama; a realidade que lhe corresponde os fatos, nos trechos mais interessantes, porque mais próximos do homem, que são os níveis evolutivos A_2, A_3, A_4. Depois das teorias gerais, procuramos com exemplos, descer à realidade da vida. onde é possível realizar um controle da verdade teórica, levando-a em contato com os fatos para sua confirmação. Esse é o nosso método.

Observemos, então a conduta do ser conforme a sua diferente forma mental, relativa ao seu plano de vida A_2, A_3, A_4. Como vimos, cada um tem o seu tipo de ética, do qual depende a sua particular maneira de conceber as coisas. Estudamos esse fenômeno a respeito do conceito de justiça. Examinemo-lo agora no que respeita á maneira de conceber dois fatos fundamentais de nossa vida: o *problema econômico e o problema religioso.* É lógico que. com a evolução de um nível biológico a outro superior, mude a ética a eles relativa, a forma mental, e, com isso, a visão das coisas e o seu comportamento. Só assim nos será possível compreender a razão pela qual este na prática toma a forma que observamos, e ver o que está atrás das aparências feitas mais para enganar do que para iluminar. Veremos os conceitos de S e AS, que parecem tão longínquos de nosso mundo, nele reaparecer a cada passo como realidade de fundo, que sustenta e explica a de superfície que se encontra perante nós. Procuramos assim possibilitar a teologia, a filosofia e a ética a tornarem-se ciências positivas, de observação e experimentação, e não somente de abstração teórica.

Vejamos o problema econômico. Assim como, em cada um dos níveis A_2, A_3, A_4, se encontra uma ética diferente, também existe uma correspondente maneira de encarar o problema econômico dos recursos necessários à vida e do esforço necessário para procurá-los. Todos os seres necessitam do que lhes é indispensável e têm por isso de lutar para o procurar. Eis que também nos planos biológicos mais baixos existem em estado de germe os primeiros

elementos do mundo econômico.

No plano A_2 há a procura e o trabalho, mas só em forma individualista e caótica. Ainda não existe nenhuma disciplina e organização, nem leis econômicas, oferta, troca, capital. previdência etc. A evolução avança da desordem para a ordem. A economia do animal é da máxima simplicidade. A fera obedece ao estimulo da fome quando ela surge, momento por momento e. assim impulsionado, automaticamente se movimenta para agredir outros animais e procurar o alimento. A fera não conhece outro trabalho Saciado o estômago, ela não faz mais nada e fica no ócio Ela esbanja tudo o que não serve no momento, não economiza. não prevê o amanhã. Além do esforço necessário para agarrar a presa, a fera não faz nada mais. No seu estado primitivo de fera na floresta, tudo depende do impulso fundamental, o da vida que quer continuar e, por isso, impele o ser a movimentar-se para procurar o que lhe é necessário para esse objetivo. De todo o restante o ser nem sequer torna conhecimento, porque está fora do alcance da sua forma mental.

No plano A_3, que e o do homem atual. vigora uma ética e estrutura econômica em evolução, em fase de transformação do nível A_3 ao A_4, o que explica o fato de que nela se encontram elementos em contraste. Nos degraus inferiores inicia-se a técnica da oferta e da procura e aparece o método da troca, limitada ao momento, sem se ter atingido os conceitos de previdência, capital e propriedade. Esta encontra-se na sua fase elementar, em que é *meu* o que agarrei com a minha força ou astúcia, isto é, a propriedade se identifica com a sua mais baixa fase de origem, que é a posse. Aqui o ser está ainda no nível do roubo. É a ética dos indivíduos e povos primitivos. A sua economia é escravagista. A idéia de deveres e direitos, de colaboração social com uma justa distribuição do esforço e proporcionada compensação, está ainda longínqua em estado de germe que ainda tem de nascer. E, quando a idéia aparece escrita nas leis, apesar destas, muitas vezes continua vigorando na forma mental dominante a ética econômica da fase de origem que diz: "porque eu sou o mais forte ou astuto, e por isso o vencedor, meu é todo o direito de mandar assim como o de possuir á vontade. Quem deve trabalhar não sou eu, o Senhor, mas o fraco que tem de ser meu escravo, porque foi vencido e por isso tenho o direito de explorar à vontade. O trabalho é coisa desprezível que pertence só aos servos. Quem vale é somente o senhor e todos os direitos são dele. Os outros não valem nada, não tem direitos, apenas têm o dever de servir".

Observemos quais são os resultados de tal tipo de ética.

1) Nos países deste nível, onde vigora essa forma mental, todo movimento econômico, político, financeiro, revindicatório de salário público e particular - praticado com a psicologia de senhor e escravo - não é um esforço dirigido para produzir, mas para vencer na luta desapiedada. Então o atrito absorve todo o esforço e os resultados úteis deste são mínimos. Não há atividade improdutiva que o regime de guerra, que é regime de destruição.

2) O método de aquisição não é o trabalho, mas o roubo. Por isso todas as energias se concentram na arte do roubar e não na de trabalhar. Somente o trabalho enriquece porque produz, enquanto o roubo empobrece porque representa apenas uma espoliação e transferência de um para o outro, e nada produz. Do roubo deriva um grande gasto de energias, que se desperdiçam apenas para que alguns poucos possam explorar os outros. Não há geração de valores, mas deslocamento, em favor dos que menos merecem possui-los porque o fazem apenas para sua egoística vantagem, como um câncer que vive à custa do trabalho das células sadias. Os países que praticam esse método, trabalham em perda, a sua atividade é contraproducente e por isso são destinados à falência.

3) Nessa economia o trabalho é explorado no máximo, o trabalhador espremido e esmagado. Capital e trabalho não são amigos para colaborar, em beneficio de ambos, mas

inimigos em luta, com prejuízo próprio. Aquilo de que mais cuidará o operário será o de combater o patrão, essa será a sua atividade mais urgente em que ele concentrará o seu esforço em vez de o concentrar no serviço. Neste regime é impossível organizar um trabalho sério, produzir unia obra bem feita. Que fruto pode dar uma má vontade recíproca, uma ação realizada à força, pela fome, pela necessidade de arrancar dinheiro? É lógico que do lado do operário corresponda a má qualidade do produto, na qual se descarrega a sua angústia; e que por seu lado o patrão queira pagar sempre menos um trabalho que dá um rendimento sempre menor. Assim tudo vai piorando para todos. O resultado é a desvalorização da produção, uma indústria desacreditada, cujo fruto cai em pedaços e termina num engano, porque vive somente de aparência. O trabalho baseado em salários de fome produz artigos construídos para ficarem de pé, até o momento da entrega ao comprador.

4) O princípio egoísta da exploração de tudo para a vantagem pessoal acaba roendo por dentro qualquer tentativa de organização. A economia tem assim que permanecer na sua fase primordial de caos onde tudo fica subjugado à força e ao interesse de alguns exploradores, a cujos pés todos os outros têm de estar amarrados e inutilizados, porque paralisados na posição de servos.

5) Tudo vai assim desmoronando, por lhe ter faltado na sua construção a fundamental força coesiva da honestidade e boa vontade. O resultado não pode ser senão um geral abaixamento do nível de vida, até a miséria geral ao redor do jardim de poucos privilegiados, que não podem deixar de acabar, eles também, arruinados na ruína geral. Num tal regime tudo tem de cair, não somente porque foi mal feito, mas também porque, quem pratica e método do egoísmo, não toma cuidado senão daquilo que faz parte do seu egoísmo. Todo o restante fica abandonado, quando não existe um interesse para destruí-lo, o que às vezes é só desabafo do instinto de destruição, comum nos primitivos, cuja passada experiência animal lhes ensinou: tudo o que não constitui o próprio eu é inimigo, é perigoso, e por isso é bom que seja destruído. Para quem possui tal forma mental as coisas dos outros interessam apenas enquanto podem ser furtadas ou desfrutadas para si. Neste nível, como na floresta, não existe manutenção, espírito de conservação cuidado das coisas. Assim tudo se estraga rapidamente e tem de ser feito de novo, com novo trabalho, que por sua vez produz outro fruto mal feito, que será de novo abandonado, até que o último resultado estável de tanto esforço será a instabilidade dos resultados do um trabalho contínuo e inútil.

Há, porém, um trabalho útil que o ser faz neste plano, mas não é o de receber o fruto do esforço, atingindo como resultado a elevação do nível de vida, o que aquele biótipo não merece. O trabalho útil que o ser executa é outro, é o trabalho do progresso, que a sabedoria da vida exige para todos em todos os níveis. E de fato o ser vai assim aprendendo à sua custa, e com muitos sofrimentos, a superar tal método e sair da inconsciência do primitivo, até aprender a lição que lhe ensina a conduzir-se com mais inteligência e, por conseguinte, com melhores resultados. E quando tais povos não quiserem aprender, a vida deixa que eles caiam dominados por outros que lá entenderam, para que estes, dominando-os, lhes ensinem a lição não aprendida sozinhos.

Este caso, que agora observamos, representa o pólo inferior do nível humano A_3. Na história, na política, na indústria não faltam exemplos de organizações de trabalho baseadas numa ética econômica mais inteligente e adiantada. Ela é tanto mais evoluída, e por isso vantajosa, quanto mais foi eliminado o atrito da luta e o respectivo desperdício de energias, passando da fase do caos á da ordem e colaboração. Isto é o que a vida quer atingir e nesta direção que avança a evolução. Esta impulsiona sempre todos os seres a alcançar, relativamente ao seu nível, um resultado útil. E assim que o ser do plano A_3, vai-se

encaminhando para o plano A_4.

O processo é automático. Ninguém gosta de desvantagens e sofrimentos, e está pronto a evitá-los logo que chegue a compreender onde está e defeito a ser evitado, do qual deriva o dano. Muitos hoje não o percebem, porque está longínquo e escondido atrás da vantagem imediata. Já vimos que a função da dor é a de acordar a inteligência destruindo a ignorância que é a causa do erro. que por sua vez é causa da dor. Assim na sabedoria da Lei, a função da dor é a de destruir a dor. O trabalho útil que pertence ao homem de nível A_3 é exatamente o de aprender pelo seu próprio sofrimento a conduzir-se melhor para evitá-lo. Como já referimos, o homem atual encontra-se numa fase de transição, na qual tem de ser feito o trabalho de transformação do biótipo selvagem A_2 no superior A4. É assim que o estado orgânico completo de uma ordem mundial ainda não existe, mas só algumas tentativas parciais e instáveis, acima das grandes massas imaturas. Existe, porém, o conceito dessa ordem a atingir, mas, como todas as coisas ainda a serem realizadas no futuro, existe em forma de princípio ideal, que a realidade da vida nos fatos hoje repele, e continuará repelindo até que o homem esteja maduro. Cabe ao seu esforço e sofrimento a tarefa de construir a nova ordem, na qual a vida poderá finalmente ser aceitável por um ser civilizado.

❑ ❑ ❑

No plano A_4 a selvagem economia de luta do plano A_3 desaparece completamente. Neste nível será eliminado o desperdício de energia motivado pelo atrito entre os elementos componentes o que significa muito esforço e rendimento mínimo. O homem terá finalmente compreendido a imensa vantagem da colaboração pacífica numa organização de especializados. Isto não é contra as leis da vida, porque satisfaz o seu princípio de utilitarismo e representa um estado que, de fato, já existe e foi alcançado por alguns insetos, como as abelhas e as formigas, que atingiram esse estágio mais adiantado de evolução, em que o trabalho é pacificamente distribuído entre os indivíduos em formas diferentes, constituindo assim um conjunto orgânico de atividades com rendimento máximo. Nenhum desses pequenos seres pensa em explorar o outro, como faria o homem. Se a natureza neste caso chegou a eliminar a perda pelo atrito, e se depois na sua sábia economia continuou praticando esse método até fixá-lo como instinto numa raça, isto sem dúvida quer dizer que tal comportamento representa uma vantagem e um progresso, porque de outro modo a vida teria abandonado esse caminho e eliminado os seus resultados. Se a humanidade se atrasa em atingir o seu estado orgânico, porque neste caso se trata de ama organicidade muito mais complexa, que requer muito mais inteligência e uma luta proporcionada para construí-las é porque se torna mais difícil atingi-la. Mas não há dúvida de que a evolução avança para o estado orgânico, que representa a ordem do S, que é o ponto final da grande caminhada, para o qual todos os seres se estão cada vez mais aproximando. Tudo isto de acordo com um dos princípios fundamentais da Lei, o das unidades coletivas, como foi explicado em *A Grande Síntese*.

Na ética do plano A_4 a luta e a exploração se tornarão um absurdo inadmissível, que pela ignorância e inconsciência do ser pode existir somente no nível A_3. Patrão e dependentes, pelo contato tão prolongado e por sofrerem os duros efeitos do atrito recíproco, aprenderão a eliminá-lo, de inimigos tornando-se colaboradores. Neste nível o primeiro paga o que deve e o segundo recebo o que merece. Assim, quem dá um salário honesto recebe um trabalho bem feito, e quem oferece um trabalho bem feito recebe um salário honesto. Neste regime, explorar o próximo não é prova de inteligência com direito à respectiva recompensa, mas é crime, e os desonestos são banidos da sociedade, que não suporta mais o câncer do roubo que paralisa

tudo. Então a moeda tem valor porque é um meio que tem o poder de adquirir alguma coisa que verdadeiramente vale e fica, e não é para receber em troca só enganos. As construções realizadas com o método destrutivo do plano A_3, são produto de um esforço ao negativo, que não pode acabar senão desmoronando para todos, inclusive em cima da cabeça dos que acreditam ser vencedores. Só as construções realizadas com o método do plano A_4 podem ficar em pé, porque são produto de um esforço ao positivo e não roídas por dentro pela negatividade do método do plano A_3. Este não é problema de moral e virtude, mas é o resultado de um cálculo, pelas leis da vida implícito e automático, no rendimento do esforço. Quem errar esse cálculo tem de pagar as conseqüências.

É lógico que no fundo, nas camadas mais baixas do subconsciente, subsista o instinto atávico do rapinante e egoísta. Mas é lógico também que ele tenha de ficar abandonado, com o poder de defesa dos seus recursos pessoais, sem possuir o poder de defesa maior, que só uma sociedade bem organizada pode oferecer aos seus componentes. Com isto queremos dizer organizada em substância, como tantas rodas que ordenadamente trabalham juntas num relógio, e não organizada só na forma, em aparência, numa complexidade que é perigosa complicação, porque não sustentada por dentro pela honestidade, de modo que tudo termina por gerar confusão, que é exatamente o que os pescadores de águas turvas mais procuram para prosperar. Se tal método pode representar a vantagem momentânea de alguns indivíduos, os piores, ele é aquele que mais cedo ou mais tarde leva todos para a ruína geral.

Vimos os resultados do método de vida do plano A_3. Correspondentemente, eis os resultados bem diferentes do método do plano A_4 e do seu tipo de ética.

1) O esforço não se desperdiça na luta. O rendimento dele, que no plano A_3 é mínimo, neste plano A_4 é máximo. Isto corresponde ao que já dissemos, isto é, que o caminho da evolução se torna sempre mais fácil quanto mais o ser subiu, o que quer dizer lutou para isso.

2) Se o método que vigora neste plano A_4 é o do trabalho (+) e não o de roubo (-), os resultados desta vez serão opostos aos precedentes, isto é, positivos e estáveis. A economia geral, enquanto baseada numa atividade sadia e produtora, não é destinada a falências, mas à prosperidade. Tudo isto está escrito na própria natureza das leis econômicas, das quais, apesar dos economistas não o levarem em conta, faz parte também este fundamental princípio de honestidade. Para tal método automaticamente já se encaminharam os povos mais civilizados e têm de se encaminhar os que se queiram civilizar.

3) Abandonado o método da luta, torna-se possível passar ao outro muito mais vantajoso da colaboração e à fase mais evoluída, a orgânica, o que significa chegar a produzir e construir a sério, porque se pratica um trabalho sério.

4) A economia pode passar do nível primordial de caos, onde há lugar apenas para o lucro de poucos indivíduos exploradores, a uma economia adiantada, de ordem, onde há lugar para o lucro de todos.

5) Sustentado pela força fundamental da honestidade e boa vontade na ordem, o resultado final não pode ser senão uma geral elevação do nível de vida, para todos, e não só em favor de alguns isolados, perseguidos pela inveja e ódio dos desamparados constrangidos a uma luta contínua para defender a sua fortuna. Na ilusão de resistirem para sempre, eles legitimam a sua posição com leis, a escoram com a força armada, com alianças, e com todas as sagacidades humanas. Não pode. porém, deixar de chegar o dia em que o peso de tal negatividade biológica, antivital para a maioria, que é a que a natureza exige que sobreviva, é grande demais, é o castelo, como aconteceu na revolução francesa, desmorona e fica destruído, pelas próprias leis da vida, que são justas e dinâmicas, inimigas de toda passividade antievolucionista.

No nível A_4 tudo não somente é bem feito, e por isso resiste e dura, assim como cada um é um natural conservador do que foi feito, e não um destruidor dele. Isto evita o estrago e a perda do que custou muito trabalho, o que significa desperdício de energia e aumento do esforço necessário para se manter no mesmo nível de vida. Pode significar, porém, pelo fato de que poucos gostam de trabalhar mais, um abaixamento daquele nível para todos, menos para alguns vencedores, reduzidos a viver isolados nos seus ricos castelos, porque fora há só o deserto da fome e a vergonha da miséria.

No nível A_4 desaparece também o método da recíproca desconfiança, produto do regime de luta, método que pesa sobre todos, porque implica um sistema custoso de controles contínuos de todos contra todos, um nunca acabar O que tal sociedade produz custa um trabalho enorme, feito à força, que é necessário manter em pé com outro trabalho, para cada movimento. Não é determinado positivamente por um espontâneo impulso e vontade de realização, mas às avessas, negativamente, só pelo medo de um dano de que se procura fugir, o que implica a cada passo tudo sei. escorado por uma pesada organização de controles.

O problema atual é o de evoluir do nível A_3 ao A_4. Mas para compreender o novo método é necessário desenvolver a inteligência, o que já sabemos que não pode ser realizado senão pela dor. E, providencialmente, porque o santo objetivo da vida é o de tudo melhorar evoluindo, o método vigente produz bastantes sofrimentos. Para entender é necessário que todos sofram os duros efeitos, sobretudo os que acreditam ter vencido. É indispensável um amadurecimento de inteligência geral, seja dos ricos para entender as necessidades dos polares, seja dos pobres, prontos a imitá-los, repetindo, de modo pior, as culpas dos ricos. E de fato o que vemos funcionar a toda a hora é a dor, que com a sua pressão constante vai ensinando sem parar, interrompida só para os que se chamam afortunados, por alguns ilusórios momentos.

Mas é necessária toda a ignorância do primitivo para nau chegar a compreender que a riqueza conquistada com os métodos do nível A_3, não pode representar senão um fruto envenenado, que pelas leis da vida tem de acabar envenenando quem o possui, pela lei do retorno à fonte, a tal indivíduo devolvendo, como é justo, os seus próprios enganos, e deste modo reduzindo-se a uma traição. Está na lógica da vida que satisfações não merecidas, ganhas às avessas, não possam gerar senão ilusões e dores. Este também como já mencionamos, não é problema de moral e virtude mas é o resultado automático da própria estrutura das leis da vida que os atrasados não compreendem. Praticar o método do nível A_3 de explorar o próximo não é prova de inteligência, mas de ignorância, representa para quem o pratica não o caminho da vitória, mas da ruína. E quando tal método é usado pela classe dirigente, muitos são levados a imitá-lo e ele pode trazer à ruína uma nação inteira. Mas, que pode fazer a sabedoria da vida se o homem tem de permanecer livre, e na sua forma mental não existe outra maneira senão a do seu próprio dano, a única forma possível de o ensinar, quando se trata de povos primitivos? Há de um lado a necessidade absoluta que a evolução se efetive, porque ela é o único meio de salvação. Mas do outro lado há o ser que, na sua inconsciência, se rebela a essa sua salvação, que assim, para que ele não se perca, tem de ser realizada à forca. Então não há outro meio para atingir essa finalidade, senão a dor. Como é lógico, é o que a vida de fato está praticando. Seria loucura pensarmos poder intervir no amadurecimento de fenômenos de tanta envergadura, contra resistências tão poderosas. Então a última palavra resolutiva pertence ao azorrague da dor, pois ela representa o mais enérgico e abençoado propulsor do fenômeno da evolução.

❑ ❑ ❑

Observemos agora qual é, conforme as diferentes éticas dos planos A_2 A_3 A_4, a correspondente maneira de encarar o problema religioso. Ele também corresponde a uma necessidade fundamental do ser que é a de ele se dirigir na sua conduta, orientando-se de qualquer maneira no oceano do desconhecido e procurando ver no mistério que o cerca de todos os lados. É lógico que o ser em cada plano de vida faça isto de uma maneira diferente, proporcionadamente ao nível de evolução atingida.

No *plano A_2* a fera não conhece religião nem regra moral. Nesse nível tais problemas ainda não existem. Vigora a ética da força, a conduta é dirigida pelos instintos, sabedoria elementar, fruto das lutas passadas, pelas quais sobreviveu só quem aprendeu a vencer. Nesse nível tudo é lícito, numa liberdade sem limites, que permite a cada um fazer seja o que for contra o outro, que por sua vez pode fazer seja o que for contra terceiro, numa luta contínua de todos contra todos.

No plano A_3 o problema complica-se, porque aparecem novos elementos. Pelo fato de que o nível A_3, como já vimos, representa uma fase de transição entre o nível A_2 e o nível A_4, nele se encontram ainda vigorando, no fundo, os princípios do plano A_2 em luta com os do plano A_4, que flutuam na superfície e quereriam destruir os outros para se lhes substituírem .A luta do nível A_2 se juntou outra luta, em forma diferente, entre a luz e as trevas. A luz que desce dos planos superiores com a revelação, ditando normas de conduta, no terreno ético representa o bem, impulso positivo que deriva do S. As trevas que sobem dos planos inferiores com os instintos da fera, que ditam outras normas de conduta, no terreno ético representam o mal, impulso negativo que deriva do AS. O ser é ainda ignorante, mas acordou um desejo de saber, antes desconhecido, o que quer dizer desejo de ser iluminado. Começam assim a aparecer no caos da liberdade absoluta os primeiros elementos de uma norma diretriz. Eis as leis religiosas e civis. desponta, assim, no mundo o conceito, antes desconhecido, de lei, qual regra de vida, em que se manifesta a primeira concretização do princípio da ordem que pertence ao plano A_4, e que assim começa a descer à Terra. É neste sentido que os homens puderam afirmar que essas leis superiores tinham origem divina, enquanto desciam do alto, ou seja de planos de vida mais próximos do S Mas donde descem elas? No mundo da fera, plano inferior ao seu, elas são recebidas, na prática, como um absurdo.

Explica-se assim a contínua contradição que de fato se encontra entre os ideais e a realidade da vida, entre os bonitos princípios teóricos e a péssima conduta humana, entre o que nas. religiões é pregado e o que nos fatos é praticado. Quando a luz tem de penetrar nas trevas, não pode deixar de ficar de qualquer maneira torcida. Como pode o princípio da justiça do plano A_4, quando desce no plano A_3, não se chocar com o princípio da força vigorante nesse nível? E como pode deixar de se adaptar aos instintos da fera, aceitando os seus métodos de força, sem a qual a fera não presta ouvidos, não toma conhecimento, porque a força é o único argumento que ela entende? Se o anjo não se torna fera. não pode sobreviver na Terra. Ele só pode sacrificar-se como mártir e com a morte libertar-se fugindo para o seu mundo.

Eis como vemos na Terra aparecer um produto que parece híbrido, enquanto é uma mistura de céu e inferno, de espírito e matéria. E por isso que temos leis que teoricamente sustentam princípios de justiça e bondade, de uma ordem superior que somente pode ser o resultado da compreensão e colaboração; temos leis que tudo isso sustentam e, ao mesmo tempo, estão armadas de sua sanção punitiva, seguindo o método da força que representa a negação da justiça e da bondade, o princípio da desordem. Se o esforço do Céu que desce à Terra é de endireitar o que aqui se encontra, o contínuo esforço do mundo (A_3) é o de emborcar

tudo o que desce do céu (A_4), que assim, pregado de maneira correta, acaba sendo praticado às avessas, gerando na realidade um estado de luta e contradição, que só deste modo se explica.

De tudo isto vemos assim aparecer resultados estranhos porque a lógica do mundo tem de obedecer ao mesmo tempo a dois princípios opostos, o do nível A_4, e do nível A_2. E assim que vemos o direito do mais forte tornar-se justiça e esta ter valor porque apoiada na força. Todos sabem que a lei sem a força é vã, mas ninguém se pergunta por quê. Aparece, então, a lei armada de cadeias, e a bondade do Evangelho armada de inferno.

Isto se poderia justificar a reação da Lei, como já vimos. Mas a Lei só reage quando o ser comete erros, e tanto mais o ser os comete, o que sempre se verifica, quanto mais é ignorante e situado nos planos inferiores da vida. Então a reação punitiva é qualidade que pertence sobretudo a esses planos, e o porque das leis penais, civis e religiosas da Terra não podem dispensar o uso de tais métodos reativos, prova a inferioridade deste mundo. Nos níveis superiores, e tanto mais quanto eles são superiores e o ser se eleva até eles, a reação da Lei diminui, porque com o desenvolvimento da consciência e com o conhecimento diminuem os erros, que representam a causa da reação, até que no S acabem os erros e a respectiva reação da Lei, extinguindo-se a dor, elementos esses que no fim da grande caminhada da evolução têm de desaparecer ao atingir o S, porque eles foram fruto da queda e por isso se encontram só no AS, ou até que resíduos dele (revolta) fiquem no ser ainda não completamente purificado.

É deste modo que se explica como no terreno religioso se encontra a mais estranha associação entre nobres ideais e desabafo de instintos, de sublimes intuições de superconsciente com retornos de animalidade surgindo do subconsciente, da sabedoria com a ignorância, do amor com a vingança, da perfeita justiça e bondade, qualidades de Deus, com o constrangimento á força, qualidade da fera. Mas a natureza do homem se encontra nessa fase de transição, inevitável contraste entre os elementos opostos que nela se encontram. É natural que na parte superior do ser funcione a parte mais nobre, e que ao mesmo tempo na parte inferior continue funcionando a pior. Explica-se assim a presença da contínua ação subterrânea dos impulsos mais baixos, disfarçados na roupagem dos mais altos princípios. Que pode então tornar-se religião na terra? Ai de quem ousa desvelar a realidade que está atrás das aparências! É escândalo dizer que o homem faz o contrário do que prega, exigindo dos outros a crença em sua mensagem e que assim viva. Ente todos os mistérios, não se deveria revelar este que, pelo seu absurdo, parece um dos maiores mistérios das religiões.

Tomamos por exemplo os três votos franciscanos: pobreza, castidade e obediência, que poderiam representar uma síntese das virtudes cristãs. Ora, pelo fato de que na Terra funcionam o mesmo tempo leis de planos diferentes, A_3 e A_4, não há coisa que não possa ser emborcada. Com o plano de vida muda a forma mental e, com ela, a maneira de conceber as coisas. Então as sublimes virtudes com que o homem A_4 procura o desapego de um mundo para ele inferior, em busca de uma vida superior, na forma mental do homem A_3 se tornam uma negação inaceitável porque destruidora da vida no plano material, que para tal biótipo representa toda a vida, a única que ele conhece.

Assim acontece quando um involuído tem de aceitar tais virtudes, ele não as pode conceber senão na forma de fingimento e busca de escapatórias e, para os outros que ele julga simplórios, como ótima coisa a praticar, pelas razões seguintes: 1) Á pobreza nos outros significa mais espaço livre e menos rivais para a sua própria riqueza. Quanto mais os outros renunciam, tanto mais ele poderá enriquecer. 2) A castidade dos outros significa muitos competidores a menos na luta sexual. Quanto mais os outros são virtuosos, tanto melhor ele poderá satisfazer-se. 3) A obediência dos outros significa o próprio domínio sobre eles. Quanto mais os outros estão dominados, tanto melhor ele poderá mandar.

Esse raciocínio feito, sem querer, é o produto de um íntimo trabalho do subconsciente, é o resultado inevitável da regime de luta vigente. Assim a vida atinge uma conciliação e um acorde entre apostos, isto é, entre o homem A_4 e o A_3. Esse acordo é atingível pela fato de que a mesma coisa é vista de dois pontos de vista diferentes. Podemos, dessa forma compreender a contradição, de outro modo inexplicável. A vida resolveu o caso com a método do recíproco mal-entendido.

O que na realidade continua sempre vigorando no fundo da vida humana é a lei da luta pela vida. Então, logo que uma religião toma forma concreta na Terra, ela não pode deixar de cair sob essa lei, porque entrou na domínio da matéria e agora representa posições conquistadas de ataque e defesa nessa luta, posições que em tal mundo para o indivíduo é fundamental manter. Em cima das religiões se construíram imensas edifícios de interesses, que representam o que vale mais conforme a forma mental do homem $Á_3$, que constitui a maioria, enquanto os princípios ideais, tão importantes para o homem A_4, são coisa longínqua, que se deve pregar, mas que está fora da vida real, e que par isso não merece ser tomado a sério. A realidade é a matéria. O espírito é sonho. O homem espiritual é um utopista que se perde no imponderável. Essa é a forma mental do biótipo terrestre, com a qual ele vê e julga. Quem pode pensar com um cérebro diferente daquele que possui? Para realizar mudanças na natureza da personalidade são necessários centenas de séculos de experimentação e assimilação.

Então tudo o que pode fazer o homem é, coma acontece quando se domesticam os animais, permanecer na sua própria substância, repetindo mecanicamente a lição dos ideais aprendida de cor, até mesmo para a seu indispensável ganha-pão. Ensinaram-lhe que a sua forma mental está errada e tem de ser destruída. Mas se não pode, porque ela representa a sua própria natureza, e não possuí outra para substitui-la, que pode ele fazer senão permanecer como é? isso nos mostra que, 'às vezes, na prática. a ideal termina em ilusão.

Tudo isto leva a uma triste conseqüência: o ideal é condenado por aqueles que tinham o dever de sustentá-lo, tomá-lo a sério, sendo lamentável que não o faça, buscando-o somente por curiosidade de quem quer saber, apenas por saber. Quem faz assim é julgado perigoso, porque rói as raízes das árvores e representa uma ameaça, exatamente das posições terrenas que mais interessam. Quem procura a verdade de verdade deve ser afastado, porque acaba descobrindo os pontos fracos, que ninguém deve conhecer, porque lançam o descrédito sobre a organização daqueles cuja vida material se baseia na pregação daquela verdade.

Entre as forcas do plano A_4, e as do plano A_3, há uma luta terrível. Trata-se de um momento da grande luta entre o S e o AS. Ela aqui aparece viva e toma a forma de conflito entre o anjo e a fera. Pelo dualismo dos dois termos opostos em que pela queda se despedaçou o universo, bem e mal se chocam, o primeiro no anseio de realizar a evolução para o S, o segundo no de paralisá-la para ficar no AS. Todo isto agora não é mais teoria, porque não podemos deixar de o ver funcionando em nosso mundo e de o viver, porque todos estamos mergulhados nesta luta e sofremos pelo atrito que deriva do choque entre estes dois termos apostos: o novo (S) que quer destruir o velho para substitui-lo, e o velho que resiste porque não quer morrer.

Eis as profundas raízes dessas lutas humanas, que vemos aparecer na superfície como um absurdo inexplicável, em contradirão consigo mesmo, mas cuja razão lógica está na profundeza e aparece quando o fenômeno é observado em função da primeira origem das coisas. Então é lógico que na Terra, que representa o nível A_3, verdadeira pedra de toque da importância dos ideais sejam os interesses materiais que neles se alicerçam, assim se justificando. Por isso surgiu a Santa Inquisição, porque a heresia ameaçava uma organização terrena, conseqüência de princípios teóricos que por si só não interessariam senão a poucos

pensadores. A forma mental do biótipo A_3, não e sensível àqueles problemas superiores, enquanto o é muita aos outros inferiores do seu mundo terreno.

Assistimos assim a esse estranho abraço entre Céu e Terra. O primeiro, para realizar o seu programa, tem de descer tomando forma material na Terra. Tal forma deveria ser apenas uma veste do espírito e existir só em posição subordinada, a ele sujeita. Mas a matéria representa também uma força e uma vontade, que se quer realizar. Eis então que por sua vez a matéria tenta prevalecer sobre o espírito, impondo-lhe as suas exigências. É lógico que na luta o mais forte vença. Ora, podemos observar em cada momento da história quem é o mais forte. Se é o espírito, isto quer dizer que a humanidade está evoluindo; mas se é mais farte a matéria, os interesses prevalecem, então isto quer dizer falência do céu e triunfo da inferioridade animal, ou seja, que a humanidade está involuindo. Pode-se chegar assim até ao ponto dos interesses materiais constituírem o único objetivo das religiões. Neste caso se realizou, como já falamos, aquele emborcamento dos ideais, que representa a vitória do AS. Isto se explica com o fato de que o seu impulso não está apagado, mas continua vigorando, pronto a repetir a revolta contra o S e voltar a descer, retrocedendo para o AS, em vez de avançar para o S.

Perante tais fatos, o inexperiente que não consegue analisá-los para descobrir a sua razão profunda. fica desnorteado. Mas a maioria resolve de maneira mais fácil. Para se lhe dirigir bastam os seus instintos. Ela não se deixa envolver em tais problemas, não se preocupa com eles, vive levianamente na superfície sem pensar eles não existem na sua mente. Assim muitos vão mentindo, sem saber nem querer, solucionando o caso pelo caminho que dá menor trabalho, o da convivência contraditória entre os princípios A_4 proclamados e os A_3 praticados. Solução, porém, aceitável só para os que, pela sua inconsciência, conseguem não se aperceber da grande desonestidade que tais métodos representam. Quem pode entender se rebela e não aceita tal método. Como se pode, porém, culpar alguém, por não possuir no seu cérebro a inteligência necessária para entender?

O fato é que a maioria é constituída de ovelhas que podem para ser dirigidas, porque sozinhas não sabem andar. Havendo do procura de pastores, eles aparecem e ficam. Teoricamente eles deveriam sei. biótipos do nível A_4, incumbidos de trazer à Terra as coisas dos planos superiores. Mas o nosso mundo pertence ao nível A_3, e aqui os tipos A_4 representam uma minoria insignificante. Acontece que os pastares acabam sendo da mesma raça das ovelhas, com elas concordando pelos mesmos instintos e forma mental. de modo que parece utópico tudo o que pertence a planos superiores, acima do A_3. O acordo depende do fato de todos pertencerem ao mesmo nível de vida. O instinto deles é o do crescimento do plano material, não no espiritual. Assim, em vez de procurarem a evolução interior, em profundidade, procuram o triunfo exterior em superfície. Desta atitude nasce não um aperfeiçoamento do indivíduo para subir, mas em lugar deste, que deveria ser o conteúdo fundamental da religião, prevalece o proselitismo expansionista, concebido como a coisa mais importante a realizar. Assim também as religiões acabam caindo no nível inferior do biótipo A_3, que é o da luta, porque naquele nível, pelo instinto de crescimento, cada homem ou grupo humano é imperialista, o que significa rivalidade para se sobrepujarem uns aos outros. Assim cada agregado se regozija quando uma ovelha se converteu, de outra religião para a sua, onde encontrou a verdade, e condena quando uma ovelha se converte da sua para outra religião, onde encontrou o erro.

Se tudo isto é absurdo pela forma mental da plano A_4, é lógico na do plano A_3. E explica-se por quê. Quanto mais o ser se encontra situado perto do AS, tanto mais a sua psicologia não pode deixar de revelar o princípio divisionista da revolta, que procurou estabelecer o princípio oposto ao da unidade de tudo em Deus, isto é, o do egoísmo separatista,

que é o instinto que prevalece no nível inferior A_3. Contrariamente, quanto mais o ser se encontra situado perto do S, tanto mais a sua psicologia não pode deixar de revelar o princípio unitário da obediência à ordem, isto é, do altruísmo unificador. E a posição do ser na escala evolutiva que estabelece qual é a sua forma mental, da qual ele não sabe sair.

Aconteceu também no terreno religioso, que deveria estar acima de nosso mundo, onde acabou vigorando a lei de todas as coisas humanas, a do plano A_3. Como se pode exigir, nesse nível, que os fortes, neste caso os mais astutos, sustentem de graça e não aproveitem os mais fracos, neste caso os mais simplórios? Estamos na Terra e não no céu, e como podem os seres da Terra usar outra lei que não seja a escrita com os instintos na sua forma mental? A prova está no fato de que, se excepcionalmente aparecer na Terra o biótipo A_4, ele acaba sendo liquidado. Aqui a maior parte do material de construção é de tipo A_3, e não se pode construir senão com este material. E o tipo A_3 mais próximo do AS, representa o rebelde que quer estabelecer na Terra um reino oposto àquele que o tipo A_4 quereria, mais próximo do S. Por isso Cristo falou da irredutível inimizade entre Ele e o mundo. Por isso o inferior quer destruir o superior, porque sabe que é este que, para evoluir, procura aniquilá-lo, substituindo-lhe uma mais alta forma de vida. Pelo fato de que o ser superior é naturalmente um destruidor de valores inferiores. os que o inferior mais ama, este é um destruidor de valores superiores, os que no alto mais valem. Há rivalidade e luta para a sobrevivência entre os diferentes planos de existência, porque cada um quereria tomar o lugar do outro no mesmo campo da vida. As forcas do AS não querem morrer e lutam desesperadamente contra as do S, para que estas não vençam, o que significa a morte para as do AS.

É inevitável que qualquer coisa que se queira realizar na Terra tenha por isso que se abaixar até ao nível humano. Mas é evidente que a finalidade deste abaixamento é a elevação, acima daquele nível. O divino aceita tornar-se humano. para que o humano se torne divino. Mas infelizmente o resultado foi mais o de um abaixamento do espírito na matéria, do que um levantamento da matéria para o espírito. Maquiavel dizia que a religião e as virtudes são úteis somente quando usadas como encenação para mostrar aos outros mas que são perigosas se vividas de verdade. Assim, aparecer bom pode ser útil para tirar das mãos do próximo a sua arma de defesa que é a desconfiança, para que ele deste modo se entregue desarmado e seja mais fácil vencê-lo. Podem assim os lobos disfarçar-se de cordeiros, para se misturarem com eles, despercebidos.

❑ ❑ ❑

No plano A4 tudo é concebido e realizado de uma forma diferente. Começam a desaparecer as misérias do nível A_3, próximo do AS, e a aparecer as harmonias do nível A_4, próximo do S. Então, que faz o ser desse plano? Porque ele é verdadeiramente religioso, procura a substância e não a forma, a esta dando o valor que merece. Pelo seu instinto de honestidade, ele não pode aceitar viver de adaptações, que para a sua sensibilidade moral significam insuportável insinceridade, não admissível em absoluto nas religiões, perante Deus; adaptações nas quais na sua sensibilidade intelectual ele percebe a contradição e o absurdo. Pelo fato de que ele quer levar a religião a sério para vivê-la, o que pode significar um duro trabalho, precisa conhecer as razões que o justificam, os princípios dos quais a sua conduta tem de ser a conseqüência. Por isso ele não pode aceitar tudo só por fé cega, enquanto isto pode ser fácil quando não leva às mesmas conclusões, porque as mencionadas adaptações já providenciam as necessárias escapatórias.

O biótipo A_4 não pode ficar cristalizado em forma alguma que, com a repetição

consuetudinária oferece ao tipo A_3, a vantagem de poupar todo o trabalho espiritual, adormecendo-lhe a alma numa estéril prática mecânica. O tipo A_3 pode desejar e procurar trabalhar o menos possível para ganhar o céu, mas não o tipo A_4. Lá onde o outro não percebe nada e se cansa, ele vibra e, faminto e insaciável, procura a verdade, sempre mais verdade. Ele faz pesquisas para conhecer o que as religiões não conhecem e não lhe sabem explicar: coisas que ele tem necessidade de compreender, porque são a base da vida, mas que as religiões não querem que sejam compreendidas, problemas fundamentais não resolvidos, mas eliminados com o método do mistério. O tipo A_4 quer viver os princípios e, para vivê-los, é necessário tê-los compreendido. Ora, isso não interessa a quem não se preocupa em viver aqueles princípios, por ser outro o objetivo que ele pretende realizar. O método da fé cega está feito de medida para o homem A_3, que fica satisfeito da sua ignorância, não possui inteligência para compreender, nem vontade para fazer esforços ascensionais.

Trata-se de duas formas mentais diferentes, das quais tudo depende. O homem A_3 concebe em função do seu mundo terreno, este é o seu ponto de referência, para o qual ele vive. O homem A_4 concebe em função do seu mundo super-terreno, este é o seu ponto de referência, para o qual ele vive. Para o primeiro, é coisa de muita importância quando ele assim escolher, a de se converter de uma religião em outra, isto é, de mudar de forma que para ele é a verdade, sem se preocupar com a substância, da qual se procura evadir. O fato de se converter não pode mudar o tipo de personalidade, continuando como anteriormente. Para o segundo pouco adianta mudar de forma, quando em qualquer forma igualmente falta a coisa mais importante que é a substância, que consiste em querer viver os princípios. Que pode então fazer o homem A_4? Aceitar os métodos do mundo é para ele impossível, os métodos que o homem A_3 construiu para si e que quereria fossem válidos para todos Então, expelido do mundo, o homem A_4 não pode encontrar outra solução senão a de ficar sozinho com Deus que o pode entender. Eis então que, ao lado das religiões oficiais, feitas de práticas mecânicas, adaptadas ao gosto das multidões e esvaziadas de espiritualidade, ficam acesas só algumas fagulhas isoladas, refúgio do espírito.

Pelo fato de que essa chama espiritual representa uma atitude interior, que por fora não aparece, enquanto é a substância que anima todas as formas, o homem A_3 não a percebe, porque ele enxerga só o que existe no seu plano, que é material. Só este para ele é real, enquanto o mundo espiritual para ele é irreal.

Ora, seria absurdo perseguir um ser inferior só porque ele não alcança compreender o que não está nas suas possibilidades. As condenações não educam, a perseguição desenvolve a inteligência da reação ou a sabedoria das escapatórias e da mentira. Para que condenar quem não sabe entender? Dessa forma pode proceder ilógica e inutilmente o homem A_3, para desafogar o seu instinto de luta e agressividade. Mas o homem A_4 não pode descer ao nível do A_3, usando métodos que nada solucionam. Então que faz ele? Não impõe a solução à força, porque ao espirito não se pode chegar senão por íntima convicção e por amadurecimento. Não lhe resta senão entregar o caso a quem sabe melhor e pode muito mais do que ele. Assim respeita tudo: a ignorância ("Perdoa-lhes. porque não sabem o que fazem") da qual deriva o erro, do qual deriva o sofrimento, que representa o mestre, pela Lei encarregado da grande função do ensino. A escolha de Deus sabe funcionar por si mesma, automática e perfeita. Ela está feita sob medida, para ser entendida também pelos surdos. com a dor, sem entrar no método perigoso da luta, que só pode gerar ações e reações em cadeia, sem nunca acabar. Para que um homem sozinho, ou uma pequena minoria deles, deveria intervir contra a imensa maioria das massas humanas, quando isto não resolveria? Deus já providenciou e opera em todo o momento por intermédio da dor, que assim sabe ensinar, tudo resolvendo dessa maneira.

Intervir seria atrapalhar a ação de um tratamento perfeito, que pertence só ao médico dar, porque ele é quem mais conhece, sendo o mais hábil e sabedor. O homem A_4 só poderá explicar, se for solicitado, como automaticamente tudo isto funcione. É absurdo pensar que a Lei de Deus, para atingir os seus objetivos, tivesse de esperar a intervenção do homem e se colocasse ao seu dispor, sem possuir meios de realização próprios e independentes.

O homem A_4 nunca agride ou polemiza. Ele deixa o método das condenações ao homem A_3. Ninguém pode sair da lei do seu plano, que representa a sua natureza e da qual depende a sua forma mental. O que está embaixo está pronto a reagir contra qualquer intervenção do alto, o qual, por seu lado, com o método do Evangelho, sem fazer guerra, fica esperando que tudo amadureça, porque. pela presença ativa da Lei, não pode deixar fatalmente de amadurecer. As trevas do AS não querem ser incomodadas pela luz do S. A ignorância e a mentira do nível A_3 resistem para não ser destruídas pela inteligência e sinceridade do nível A_4. A culpa não é desta ou daquela religião, mas é do homem que permanece o mesmo e faz as mesmas coisas em todas as religiões. O homem A_4 progride então por sua conta, protegido pela lei de evolução que o ajuda a subir. As religiões preferem a condição estática, de estabilidade das posições nas quais se baseiam, condição que requer menos esforço e representa menos perigos, que cumpre a função útil da conservação, mas que é antievolucionista, de modo que a lei do progresso de vez em quando é constrangida a sacudir aquelas posições estáticas, intervindo para que se realize a renovação da vida, que não pode ficar paralisada no seu caminho ascensional.

Neste caso as massas têm de se apoiar no homem da vanguarda A_4, que com seu risco e perigo foi avançando sozinho no caminho do conhecimento e da espiritualidade. O homem A_4 é dinâmico, criador, não pode ficar imóvel, apegado ao passado, para não arriscar mas trabalhar, arrastado pela paixão da espiritualidade, avançando pela ousadia da ascensão com a coragem do pioneiro. Enquanto o impulso da conservação é negativo e vai para a cristalização a velhice e a morte, o impulso da renovação é positivo e vai para o progresso, a juventude e a vida. Pela estrutura de todo o processo involutivo-evolutivo sabemos que as forças da Lei impulsionam neste segundo sentido, o que garante o sucesso dos que trabalham deste lado a falência dos que trabalham do lado oposto. Se na Terra domina o tipo A_3, mais próximo do AS. o tipo A_4 mais próximo do S, apesar de minoria, acaba prevalecendo, porque o favorecem as leis da vida, que querem a evolução do ser. Pela mesma lei que estabelece que o S tenha de acabar vencendo o AS, assim está estabelecido que o homem A_4 tenha de acabar vencendo o homem A_3. É pela própria lei de evolução que ao homem A_4 pertence o futuro, porque ele está mais adiantado e avança na direção do S. As condenações do mundo não têm o poder de parar as forças da vida, que continua irremovível seguindo o seu caminho ascensional, marcado pela Lei.

XV

TÉCNICA DO FENÔMENO DA REDENCÃO

Observemos agora o nosso diagrama em outros dos seus aspectos, para ver o que nos diz mais. Na sua expressão gráfica ele nos mostra o conteúdo e o funcionamento da Lei O homem não está sozinho, abandonado no caos, entregue a si próprio, como pode parecer ao involuído situado no AS. Mesmo nessa posição de desordem, o ser não escapa à Lei, que continua

vigorando sempre na profundeza, tudo dirigindo no sentido da ordem. Também neste estado que parece de ilimitado arbítrio, porque não há consciência alguma de uma regra, o ser está indissoluvelmente amarrado á fatalidade das reações da Lei, que aparecem logo que ele se movimenta contra ela, cometendo um erro. Como já dissemos, a Lei de Deus não pode ser destruída, porque seria destruição de Deus, o que é absurdo que à criatura seja permitido. Com a revolta o ser pôde emborcar apenas a sua posição dentro da Lei, de modo que o AS não significa uma criação nova, mas apenas a posição emborcada do rebelde no seio do S.

O ser pode negar a existência e presença da Lei. está livre de acreditar que ele é o dono absoluto de tudo, mas isto não impede que fique preso no torno de ferro da Lei, que o aperta de todos os lados. Insistimos no estudo dessa Lei porque o conhecimento é fundamental para construir o nosso destino e, com a evolução, libertar-nos da dor e atingir a felicidade, o que representa a solução do maior problema da existência. Por isso neste volume quisemos estudar: 1) em que forma e medida a Lei, com a dor, reage contra o erro para o corrigir; 2) como, com a evolução, o ser realiza a conquista dos campos de forças positivas do S, e a destruição dos campos de forças negativas do AS.

No processo evolutivo, que por um longo caminho de transformação leva o ser, da sua posição de AS, à de S, os dois impulsos fundamentais, o destruidor da parte do rebelde e o salvador da parte de Deus, se encontram em todo o momento, contrapostos em luta, enquanto a evolução opera o processo de transformação da negatividade em positividade, que retifica o precedente processo involutivo, de transformação da positividade em negatividade. Nos diferentes níveis de existência, conforme a posição do ser ao longo do caminho da evolução, prevalece um ou outro destes dois sinais, em que se manifesta sempre presente o universal dualismo. devido à cisão da revolta, até que a evolução o tenha saneado, reabsorvendo-o na unidade de origem.

Dualismo quer dizer, não somente que há dois sinais diferentes, + e -, mas que cada um deles pode assumir um valor diferente conforme o ponto de referência em função do qual ele é observado e avaliado. Em outros termos, o que é + a respeito do S, é - a respeito do AS e ao contrário. Isto pelo fato de que o movimento do processo evolutivo se realiza por oscilações entre dois pólos opostos, como resultados de uma luta entre dois impulsos contrários, cada um dos quais é o inverso do outro, até ao ponto que, para se substituir a ele, quereria anulá-lo. O que é construção do S não pode ser senão destruição do AS, e ao contrário. O mesmo acontece com o trabalho de se reconstruir no S: para quem está situado no AS, de sinal -, ele representa uma perda e um peso para o involuído, de sinal -, que vê nisso uma conquista e uma vantagem, para quem quer se salvar, voltando ao S. Então o mesmo processo evolutivo pode ser encarado de dois pontos de vista opostos: o do involuído, cuja vontade e triunfo, sendo de filho da revolta, está na descida e que por isso se rebela à evolução; e o do evoluído, cuja vontade e triunfo, porque ele quer endireitar-se obedecendo, está na subida e que por isso favorece a evolução.

Se esta representa um processo de transformação de negatividade em positividade, para o ser ela significa uma mudança da posição de sofrimento na de felicidade. Mas essa transformação da posição de desvantagem do ser no AS, na de vantagem no S, não pode ser realizada senão com o esforço e o sofrimento do ser, isto é, com a sua desvantagem - Assim é que a vitória do S. é derrota para o AS; que a felicidade do involuído, porque ele se colocou não na posição de obediência, mas na de desobediência, está emborcada, isto é, não está na subida, mas na descida, e é uma felicidade só aparente e de fato traidora. que acaba no sofrimento. A realidade é esta: para que o cidadão do AS possa chegar à sua verdadeira felicidade, tem de endireitar o seu conceito errado, que para ele consiste na revolta. Cabe à dor

a tarefa de lhe ensinar que o conceito certo de felicidade é outro, oposto, e consiste na obediência. É lógico, na estrutura da obra da criação de Deus, que o mais almejado objetivo que o ser quer atingir seja a felicidade. Mas há o fato de que, rebelando-se, ele se coloca em posição emborcada, de modo que a revolta o levou para uma forma de felicidade ás avessas, que parece alegria, mas é sofrimento. Cabe agora ao ser, com o seu esforço, endireitar essa posição emborcada, cabe ao ser absorver e assim neutralizar o sofrimento, para que a falsa alegria se torne verdadeira.

Só com tais conceitos se pode explicar o conteúdo e a técnica do fenômeno da redenção e como tudo neste mundo obedece a uma lógica perfeita, enquanto na superfície aparece uma contradição, quando à felicidade não se possa chegar senão através da dor. Por que para atingir a felicidade o ser deve atravessar o sofrimento? Por que essa dura condição, essa barreira contra a realização do maior impulso instintivo do ser, impulso que o quer levar para o seu bem? Sem aqueles conceitos não se pode chegar a compreender o absurdo desse caminho às avessas, isto é para realizar uma obra de sinal positivo, seja necessário percorrer um caminho e executar um trabalho de sinal negativo. Sem esta chave, que aqui estamos oferecendo para resolver o mistério, o fenômeno da redenção pela dor permanece um absurdo inexplicável, uma contradição que nada justifica.

Eis então como o ser se pode remir, isto é, ressuscitar reconstruindo-se na positividade: só indo contra si mesmo, renegando-se como cidadão do AS e destruindo-se como tal, isto é, destruindo a sua negatividade. Eis como se explica o fato de que uma dor funcionando se autodestrói, e realizando o seu objetivo, desapareça. É assim que ela se pode tomar um meio de redenção e de conquista de felicidade. É assim que um caminho percorrido negativamente pode desembocar num resultado positivo, e que do -, enquanto ele exerce uma função de endireitamento, pode nascer o +. É lógico então que a destruição da dor para atingir a felicidade não se possa realizar, senão pela própria dor. Cai assim o absurdo e vemos que tudo corresponde a um perfeito equilíbrio e justiça.

Vemos então, como o ser não pode chegar á sua satisfação, senão pelo caminho da sua insatisfação. A existência de tal contradição se justifica pelo fato de que ela não é senão a conseqüência da primeira contradição que o ser estabeleceu com a sua revolta. No S não existe oposição de contrários, a cisão do dualismo, o contraste entre dois sinais que lutam para se eliminar um ou outro. No S tudo é positivo e só positivo A felicidade não está condicionada, dependente do seu contrário: a dor. Não existem os caminhos torcidos, fruto do emborcamento da revolta. Pelo contrário, para o rebelde decaído não pode existir senão a felicidade enganadora do AS, ou a dor e o esforço da evolução para reconquistar a perdida felicidade verdadeira do S. Não podia acontecer de um modo diferente num mundo emborcado pela revolta.

É lógico que nessa sua posição emborcada a felicidade ficasse amarrada aos pés do seu oposto, a dor. No AS não há saída: ou a felicidade enganadora do mal. que leva para o sofrimento, ou o sofrimento para se remir, porque, na sua posição emborcada, a felicidade não pode ser senão sofrimento. O mundo na sua ignorância não sabe enfrentar o problema para resolvê-lo, procura escapar-lhe no gozo, mas só para aí encontrar ilusões e insatisfação, seguindo o caminho da descida, que é o mais fácil e assim desmoronando sempre mais para baixo, o que quer dizer aumentar e não diminuir o fardo da dor. O ser está preso dentro de uma lei de Ferro, da qual não pode fugir. Essa é a técnica do fenômeno e ninguém tem o poder de modificar o seu funcionamento.

É lógico que, para o ser do AS, a conquista de unia felicidade verdadeira e estável, a do S não possa ser senão o fruto do sofrimento que retifica a sua posição emborcada. No AS o

natural direito à felicidade se tornou uma dívida, um dever de pagamento; ao invés de uma plenitude de satisfação, se tornou um vazio e uma fome insaciável. Da felicidade ficou só a sua carência e a desesperada procura dela. De tanta riqueza ficou só a pobreza, de tanta alegria só o choro do condenado. E agora, no fundo da sua pobreza a criatura tem de pagar com o seu próprio sangue a riqueza que tentou furtar. É lógico que quem desceu tenha depois de fazer o esforço para subir, que quem destruiu a sua casa tenha de a construir de novo, se não quiser ficar sem ela. É lógico e justo que quem, com a revolta, gerou as forças da resistência contra o S, par-a voltar a ele tenha de vencê-las. Lembremo-nos de que a dor. com a qual o ser tem de se remir, não foi obra de Deus, porque ela não existe no S, mas foi obra da cri atura rebelde. É lógico e justo que o ser somente possa libertar-se dela reabsorvendo-a toda. já que, sem essa reabsorção não é possível a salvação, voltando ao S.

Este princípio de reabsorção é universal e funciona todas as vezes que o ser se afasta da Lei, cometendo um erro.. O ser deve então equilibrá-lo como numa balança, deve neutralizá-lo com a dor correspondente, em quantidade e qualidade. O princípio da dor, que antes não existia, foi introduzido na obra de Deus pela criatura rebelde, sendo a reação da Lei ao maior erro do ser, que foi a revolta. É lógico, então, que a dor seja tanto maior quanto mais o ser é involuído e se encontra perto do AS, e tanto menor quanto mais o ser é evoluído e se aproximou do S. O mesmo princípio se aplica a qualquer tipo de erro, do menor ao maior, porque qualquer erro representa uma revolta à ordem estabelecida pela Lei. Então. se nos níveis inferiores o ser se encontra como perseguido pela dor, de fato ele está perseguido apenas pela sua própria revolta. O ser obediente à Lei no S, porque procurou obedecer-lhe ao longo do caminho da evolução, subiu, não ficando sujeito a essa perseguição. A dor que bate no ser não é senão o conjunto das forças positivas da felicidade, que no S favoreciam a criatura, e que por ela agora emborcadas ao negativo a mordem por isso mesmo. Assim, as forças que ela pretendia lançar contra Deus em seu proveito, acabaram sendo lançadas contra a própria criatura, para seu próprio dano. É lógico assim que, quem mais sofre e progride, mais se liberte do sofrimento e quem mais goza e menos progride menos se liberte e afunde no sofrimento Por outras palavras, quanto mais o ser, sofrendo, renega a si próprio como cidadão do AS, tanto mais ele se aproxima da felicidade do S, e ao contrário.

Mas há outro fato: o transformismo. Ele é o estado de quem não pode existir senão percorrendo de contínuo o caminho do relativo, em busca da perdida perfeição. Foi nessa posição que. pela revolta, se emborcou a oposta posição representada pelo absoluto, imóvel na sua perfeição. Ora, para o ser decaído no relativo, o transformismo representa a sua necessária forma de existência, da qual ele não pode sair. Da necessidade de tal transformismo derivam algumas conseqüências. Ele, pela irresistível vontade da Lei, é dirigido para o S. Então pela necessidade de atingir tal objetivo superior. esse transformismo representa uma vontade de ascensão, uma força que impulsiona fatalmente para a evolução. Tudo isto coloca o ser, quer queira quer não, dentro de unia corrente na qual ele não pode existir senão numa posição de esforço para subir, de sofrimento e luta, sem o que a evolução não se pode realizar. Eis que necessidade de evoluir significa necessidade de trabalhar e sofrer, impossibilidade de ficar parado destino fatal de ter de realizar o esforço da ascensão Assim vemos o destino do mundo que não consegue encontrar paz seja porque, perseguido pela dor, corre fugindo dela, seja porque atraído pelas suas miragens, corre atrás delas em busca de uma felicidade que termina num engano. Destino duro, mas justo, cuja lógica vemos agora, porque foi o ser que. com a revolta a ele se condenou semeando as suas causas com as suas próprias mãos.

O que dissemos corresponde mais à forma mental comum; porque a do evoluído, um deslocado na Terra, aqui se encontra como desterrado, ele pertence a outros níveis de

existência Há, porem, na Terra quem concebe e julga tudo isto com outra forma mental, pela qual o valor está na revolta egocêntrica. Assim é a psicologia de quem está mais próximo do AS do que do S. Para esse biótipo a concepção acima representa um absurdo inaceitável, como absurdo inaceitável são es conceitos e os julgamentos que saem da forma mental do biótipo involuído. Isso é lógico, porque as posições e os pontos de referência desses dois seres são opostos.

Essa oscilação da liberdade individual, porém, não pode impedir que cada um permaneça bem preso no próprio destino, conforme seja a sua posição dentro da Lei. Não há ser que não esteja preso dentro dela e da sua vontade de se realizar. Inexorável, o tempo bate o ritmo dessa realização. Não há fenômeno que possa ficar parado. sem ter de chegar à sua madureza. O AS faz esforços desesperados para resistir a evolução, mas acaba sendo vencido, porque o impulso do Sistema, que é o mais poderoso, acaba arrastando tudo. Quem se quer poupar à fadiga da evolução, fica como um destroço abandonado que pode só apodrecer, é perseguido pelo enjôo dos ricos ociosos, enjôo que os desentoca dos seus esconderijos. Esse é o fruto podre do seu vazio interior, que os envenena. O processo do transformismo não pode parar Com a revolta o ser se condenou a uma corrida contínua, que não terá paz enquanto não tenha voltado ao S, encontrando novamente Deus. Assim caminha a fatal evolução. Como todo fenômeno, ela tem o seu tempo, que mede o seu amadurecimento, tempo que como um pêndulo inexorável, medindo por dentro o transformismo de todos os fenômenos, marca o passo do desenvolvimento da evolução até à sua solução.

❑ ❑ ❑

Continuemos observando outros aspectos do fenômeno evolutivo. Amadurecidos pelo caminho percorrido até aqui, é possível esclarecer novas dúvidas, focalizando com mais exatidão alguns problemas e aperfeiçoando alguns conceitos que já mencionamos. Procuremos então responder mais exaustivamente a estas duas perguntas:

1) A evolução no seu conjunto é finita ou infinita?

2) Cada elemento individual pode progredir sem fim, ou existe um ponto final em que a sua evolução se completa e chega a um estado em que tem de parar?

Eis, então, o que procuramos saber:

1) Se há ou não um limite ao processo evolutivo universal.

2) Se há ou não um limite ao processo evolutivo no caso particular do indivíduo.

Comecemos com o 1º caso. Logo surge a idéia de que. se o ponto final da evolução é Deus, que é um infinito inatingível, então a evolução deveria ser infinita, porque o seu ponto final é um infinito ou, melhor, porque no infinito não se pode encontrar ponto final. Em nosso diagrama, porém, vemos que o caminho da evolução é limitado e que ele tem o seu ponto de chegada marcado pela linha WXW_1. Como se resolve, então, essa contradição?

Observemos o fenômeno mais de perto. Perguntamos: é possível um caminho que nunca atinja o seu ponto final, uma obra de construção que nunca termine, um processo de transformação que nunca chega a uma conclusão? Então, a evolução não e mais um caminho, uma construção, um processo de transformação Ela se torna um fenômeno sem objetivo e solução (ponto de chegada) o que implica que do lado oposto ele seja sem origem e sem causa (ponto de partida).- Permanecendo assim para sempre em suspenso, a evolução perderia todo o sentido. Não é concebível um movimento sem pontos de referência, fora de um mundo relativo e finito. Um movimento a qualquer velocidade se torna igual à imobilidade, se ele se verifica no vazio ilimitado onde não existe ponto algum de referência, em função do qual seja possível

avaliá-lo. O transformismo evolutivo presume uma resposta à pergunta: de onde e para onde? Não conseguimos conceber um fenômeno de tal envergadura, sem uma causa determinante uma corrida sem uma realização final que a conclua e a justifique. A idéia de caminho implica a de direção, que implica a de finalidade a atingir, na qual o fenômeno tem de se resolver.

Poder-se-ia responder que tal impossibilidade de conceber uma evolução sem limite dependa do fato de que ela existe no relativo. Mas é exatamente pelo fato de que ela existe no relativo que a evolução tem de ficar sujeita às leis deste, o que implica um início, um desenvolvimento e um ponto final. É exatamente pelo fato de que o relativo é relativo que ela tem de possuir um termo.

Mas, por que a evolução tem de existir no relativo? Antes da revolta só existia o absoluto e foi deste que saiu o relativo, que tomou essa forma oposta, porque foi o fruto de um revolta. A criatura nada podia criar de novo, não podia gerar um outro S, mas só podia nele produzir deslocamentos. É lógico que, tratando-se de um movimento de revolta, desta não pudesse nascer senão o contrário do que já existia, que era o absoluto, contrário ao relativo. Era na própria natureza do absoluto que estava implícito a única forma que o seu contrário podia assumir, o relativo, exatamente pelo fato de que se trata de emborcamento, o resultado lógico da revolta. Por outras palavras: existia o absoluto. Chegou a revolta. O emborcamento representa a sua inevitável conseqüência. Ele significa atingir aposição oposta. Ora, a forma oposta do absoluto é o relativo. Eis por que razão o ciclo involutivo-evolutivo da queda-salvação, não podia existir senão no relativo. Eis porque a evolução existe no relativo.

Ora, relativo quer dizer limite, o que significa fim do processo. E pelo fato de que a evolução se realiza no relativo, ela não pode ficar sem solução. O relativo é o terreno natural da evolução, no qual ela ficou fechada, como resultado da revolta, que outra forma não podia gerar. E relativo implica todas as suas conseqüências, entre as quais está a de ficar sujeito a um termo final. E se de fato vemos que a evolução existe em função de um telefinalismo seu, isto é, o processo terá de se resolver quando atingir o seu objetivo, para o qual existe Pela posição da própria evolução dentro do terreno do relativo, que lhe pertence, porque ela faz parte da queda que o gerou, o processo evolutivo tem de ficar sujeito a todas as qualidades do relativo. E pelo fato de que tal fenômeno se realiza no relativo, que é possível medir os seus movimentos e avaliar os seus produtos, o que não seria possível se não houvesse outros termos com os quais compará-los.

Então é pela própria natureza do fenômeno evolutivo, que nele está implícito o conceito de limite. Quando, pela revolta e queda, o imóvel decaiu no movimento, foi a própria natureza do fenômeno da queda que marcou o seu ponto inicial, o que implica que no lado oposto exista o correspondente ponto final. Foi o próprio fenômeno da queda que gerou o conceito de início e fim, de tempo, movimento, mudança, vir-a-ser ou transformismo involutivo-evolutivo. Foi a queda que, só pelo fato de constituir uma descida do ser, o lançava neste mundo relativo, nos antípodas daquele no qual existia no S. Tudo isto foi obra do ser rebelde e pôde durar no transformismo, que é a dimensão desse fenômeno, até que o parêntese do AS dentro da vida infinita do S, pela própria natureza do fenômeno e da Lei que o dirige, tenha automaticamente de se fechar.

E por tudo isto que não é possível conceber uma evolução sem fim. Ela faz parte de uma ordem de idéias lógica na qual não há lugar para o infinito. E isto é coerente, porque cada um dos dois universos tem a sua própria dimensão, inversa à do outro: o S tem o infinito, dimensão de Deus; o AS tem o finito, dimensão do ser rebelde, oposta à de Deus, como a revolta exige, a única dimensão no qual pode existir esta posição. Esta significa também dualismo, bipolaridade, contraste, mas equilíbrio entre opostos pelo qual equilíbrio no conceito de

início está implícito o de fim e ao contrário. O que há de um lado tem de existir do outro, em paralela posição emborcada, como seu oposto. Por isso o limite não pode ser unilateral, mas só bilateral, sem o que o circuito não se poderia fechar, o que é exatamente o que neste caso se realiza, de modo que tudo volta á origem (S) e o ponto de chegada coincide com o de partida. Acontece assim que, se o conceito de limite existe no período involutivo-evolutivo, para marcar o início e o fim deste período, o conceito desaparece a respeito do absoluto, porque neste os dois limites, ponto de partida e de chegada, constituem um só e mesmo ponto, em que os dois opostos limites se fundem e reciprocamente se anulam, eliminando o conceito de limite. Assim na lógica do plano universal, o fenômeno involutivo-evolutivo acaba não sendo concebível senão como uma aventura que se realiza na particular dimensão do vir-a-ser, num ciclo fechado sobre si mesmo, como um episódio que não podia deixar de ficar preso dentro dos seus próprios limites, um incidente transitório realizado dentro da dimensão do absoluto, na oposta posição de relativo.

Para melhor responder à primeira pergunta, ainda não esgotada, temos de esclarecer um outro ponto. Se estamos no relativo, que é o reino dos limites e das medidas, temos o direito de saber onde está situado esse limite.

O reino que está acima de tudo o que foi gerado pela revolta e existe fora do tempo que desta nasceu, independente antes e depois da queda, é o absoluto. Ora, se a queda foi uma descida involutiva do absoluto no relativo, isto é, foi constituída por um emborcamento na posição contrária, é lógico que a evolução, isto é, a segunda parte inversa do mesmo ciclo, não possa ser constituída senão por um endireitamento daquele emborcamento, para voltar ao seu posto, que é o ponto de partida. Isto quer dizer que a evolução não pode consistir senão num caminho de volta que leva o relativo ao absoluto. Eis então que, se o termo final da evolução é o absoluto, ela o encontra, isto é, o limite dela está no ponto em que ela o atinge. E neste ponto que a evolução chega ao seu termo, aqui está o seu limite. Podemos assim responder à nossa pergunta: o limite do processo evolutivo está situado no ponto em que o relativo desemboca no absoluto.

Mas, por que o relativo acaba desembocando no absoluto? Isto não é devido somente à necessidade de cumprir a segunda metade do ciclo, em posição inversa, para voltar ao ponto de onde o processo involutivo-evolutivo saiu; não é devido somente à própria estrutura deste processo, mas também ao fato de que este representa o efeito de um impulso da criatura, que por isso não pode ser senão limitado nas suas conseqüências, e possuir na sua própria natureza implícito o princípio de limite. De tal impulso não podia nascer senão o relativo, que não pode deixar de se esgotar. O que existe de verdade é só o absoluto, o que é positivo. O relativo não é senão uma temporária negação dele, um seu aspecto emborcado, em substância, somente uma fictícia existência ao negativo, isto é, uma não-existência, só aparência do real, só forma transitória e inconsistente da única entidade que existe de verdade, o absoluto, isto é, Deus. Esta posição no relativo é contrária a realidade, é falsa e enganadora, e pode ficar existindo somente pelo fato de que é dependente da verdadeira, que representa a única força positiva que pode sustentá-la. É só em função do absoluto que o relativo pode subsistir e manter-se, mas só como um seu disfarce. Por isso não pode durar e tem de recair no absoluto.

Há então um ponto em que, por ter a evolução reconstituído com o seu transformismo o que a involução tinha destruído, por ter neutralizado com o caminho da volta o da ida ou afastamento, por ter tudo realizado, isto é, cumprida a realização em função da qual a evolução existia, há um ponto em que os impulsos que geraram o fenômeno se esgotam e ele desaparece, porque o emborcamento involutivo que o gerou é reabsorvido e neutralizado pelo endireitamento devido à evolução, pela qual tudo o que era negatividade do AS voltou a ser

positividade do S. Nada se cria e nada se destrói. Mas tudo, através do processo evolutivo, foi devolvido ao estado de origem, de modo que a evolução chega ao seu termo, porque o AS, o relativo, como tudo o que deste se segue, neste ponto não existe mais. Estamos aqui nos referindo ao fenômeno da evolução como coisa passada, já que o estamos observando, colocando-nos no seu ponto final, para nós, hoje, bem longe. Dentro do relativo o que agora dissemos constitui limite, mas em face do relativo. Dentro do absoluto tudo isto não é limite, porque tudo acaba nele, ficando imóvel, acima do transformismo, fora do tempo, o que está antes da queda, como o que está depois. O que existe no tempo como produto transitório, tem de acabar existindo, quando não há mais tempo. Tudo o que é filho do relativo tem de terminar com ele. Neste ponto desaparece o transformismo, o tempo, o limite, a medida, tudo o que foi fruto da queda se extingue, porque foi transformado pela evolução numa existência de tipo diferente, que toma o lugar da precedente.

Eis onde está situado o limite. Ele se encontra onde se completa o amadurecimento do fenômeno evolutivo, no momento em que este chega a realizar o objetivo para atingir o qual existe, a destruir todas as conseqüências da revolta e queda e a reconstruir o que foi destruído. Tal fim no transformismo na imobilidade da perfeição, finalmente atingida depois de tão longa corrida e tão dura procura, para nós acostumados a conceber no relativo, poderá parecer cristalização e morte, como é de fato a estagnação inerte de quem pára no caminho evolutivo. Mas imobilidade no absoluto quer dizer superação da fase de transformismo, mas não fim do funcionamento ativo, que continua em cheio no organismo do S. Aqui o movimento é imóvel, no sentido que é de outro tipo, não é mais transformismo, um vir-a-ser em involução-evolução, mas é imóvel porque deterministicamente perfeito, conforme a Lei, e não uma tentativa contínua em busca da perfeição e uma corrida de amadurecimento evolutivo para a atingir. Movimento estabilizado na posição certa e definitiva da obra realizada e não movimento instável na posição incerta e variável da obra em construção e em evolução. Isto porque no S, com a completa obediência à Lei, foi atingida a perfeição.

Vemos o nosso diagrama limitado pelas linhas ZYZ_1, WXW_1. Esta segunda linha localiza o ponto e representa o momento em que a evolução acaba. Neste ponto e momento desaparece a série de todas as dimensões do relativo e o transformismo de uma na outra. No absoluto apaga-se e desvanece a idéia de limite, qualidade do relativo, fora do qual ela não existe. Respondemos assim à nossa pergunta: a evolução é finita, apesar do seu ponto final ser o infinito. É finita porque esta é a qualidade do relativo, que é a dimensão na qual a evolução existe. Por isso nela está implícita a idéia de limite. Mas esta idéia implica também a da superação daquele limite, no mundo sem limites, o do infinito. A idéia de relativo é finita. Ela implica a de limite, e de ultimo limite numa série limitada de limites relativos, além do qual não existe mais o conceito de limite. Neste ponto acaba o finito; ele, que teve o seu início, encontra o seu termo final, perdendo-se no infinito que, fora de todos os limites, o esperava invariável, sem início nem fim.

❑ ❑ ❑

Procuremos agora responder à outra pergunta, resolvendo o segundo caso acima mencionado: se a evolução é finita, se a própria natureza desse fenômeno o leva para um termo que o extingue, há limites também e quais são eles no caso da evolução individual? Colocamo-nos sempre perante novos problemas, porque estamos no terreno da pesquisa e temos de atingir o nosso objetivo. o mais possível, de conhecimento. Podemos fazer isto sem risco nem medo, porque estamos cumprindo um dever e sabemos, pela nossa experiência, que não há pergunta á

qual a inspiração até agora não tenha respondido, não há problema que lhe propomos sem que ela nos deixe sem solução.

A primeira coisa a fazer é sempre a de nos orientarmos a respeito do assunto que enfrentamos. Lembremo-nos que o S é um organismo de elementos, cada um deles cumprindo a sua função. no seu devido lugar e posição. Ao fim da evolução o ser volta a possuir de novo esta capacidade, com as qualidades para funcionar desse modo, em perfeita obediência à Lei, o que constitui a perfeição relativa do ser, reconquistada com a evolução. Ora, quando o ser atinge a perfeição relativa, ele se encontra reintegrado na posição de origem, perfeição relativamente à sua função a cumprir no S, posição da qual, com a revolta e queda, o ser se tinha afastado. Então, se todo o processo evolutivo pára, porque se encerra e se extingue ao atingir o S, perguntamos se a evolução pára, também no indivíduo. quando ele alcançar o estado originário de perfeição que ele possuía antes da queda. A relativa perfeição de origem é atingida quando a imperfeição devida à queda é corrigida, por ter sido percorrido o caminho da volta, que neutraliza o caminho do afastamento longe do S. Mas qual é esse estado de perfeição? Como podemos defini-lo e localizá-lo, para saber qual é o ponto onde termina a evolução de um dado ser?

Como já foi explicado, trata-se de perfeição relativa à posição do ser no sistema orgânico do Todo. Perfeição que é atingida quando o ser chega a ter aprendido, pela escola da sua existência, a cumprir a sua função específica no funcionamento do Todo de maneira perfeita; relativamente ao seu conhecimento, capacidade, estrutura e posição no organismo do Todo. Maneira perfeita quer dizer executando perfeitamente o comando da Lei, que expressa o pensamento perfeito de Deus. Quando o ser chega a executar o trabalho que lhe cabe e, por ter aprendido toda a lição, destrói com o seu esforço e experiência a parte negativa, transformando-a em positiva, então ele atinge o conhecimento total da Lei até ao nível de vida ao qual pertence e realiza a sua evolução. E neste ponto que ela tem de parar, porque o ser voltou ao ponto de partida e a viagem de volta (evolução) está completa, na qual o ser neutralizou a viagem de ida (involução), reintegrando no que lhe diz respeito o que ele havia destruído e tornando-se o que ele era antes. Já falamos no livro *O Sistema* dessa posição e perfeição relativa de cada elemento no seio do organismo do S.

Então, terminar o caminho da evolução, isto é, voltar a Deus no seio do S, não significa ter percorrido o mesmo percurso evolutivo, igual para todos os seres. Que faz então um elemento quando tiver atingido o estado de sua perfeição relativa? Ele não pode mais evoluir? Fica assim paralisado? Que impede a sua. ulterior evolução?

Para compreender, temos de levar em conta outro princípio: o das unidades coletivas (v. A *Grande Síntese).* Por esse princípio o indivíduo se agrega aos seus semelhantes, mas sem perder a sua individualidade, que permanece como elemento do novo conjunto coletivo. Ora, quando um determinado elemento atingiu o estado da sua perfeição relativa, cumpriu espontânea e conscientemente, em perfeita e convencida obediência, o que a Lei quer, então ele pára com a evolução individual porque para esse elemento que já voltou ao seu plano de vida, não há mais caminho a percorrer. Mas nem por isso ele fica paralisado na sua volta para Deus.

O ser continua evoluindo, mas de uma forma diferente: não como elemento singular separado, mas como elemento constituinte de uma unidade coletiva da qual agora faz parte. Aqui começa a funcionar o princípio das unidades coletivas. Lembremo-nos que o objetivo da evolução é a reconstrução do organismo do S, voltando do estado caótico ao estado orgânico de ordem, destituído pela revolta. Vimos também que o separatismo egocêntrico é qualidade do AS, enquanto a fusão num estado unitário é qualidade do S. É lógico então que a evolução leve o ser da primeira à segunda forma de vida. Então, chegado a esse ponto, o ser não trabalha

mais só para a sua evolução como elemento separado, não progride só para si, como indivíduo, mas avança como elemento fundido com os seus semelhantes na unidade coletiva maior, da qual agora faz parte.

Essa nova forma de evolução é possível, devido também a outro fato: quando o funcionamento de um elemento, por ter realizado a sua evolução até à sua perfeição relativa, se torna completo, automático e determinístico (sem as tentativas e os erros da fase experimental construtora), se pode, com certeza absoluta, contar com o seu trabalho; e neste momento é possível iniciar a obra de uma construção superior, com esse elemento. Seria absurdo querer iniciar um trabalho evolutivo sem ter antes acabado o precedente, sobre o qual o novo se levanta, seria perigoso para construir usar elementos não estáveis que não constituem um apoio certo, um problema já resolvido, uma certeza de conduta com a qual a unidade superior possa contar. A construção da nova unidade-grupo pode ser iniciada somente quando as experiências, vividas pelos seus elementos já constituídos, foram definitivamente assimiladas em forma de instinto, de modo que não há mais a incerteza da livre escolha na conduta de cada indivíduo. A fase da incerteza e da tentativa pertencem a da construção e já houve. Somente é possível aceitá-la apenas para a unidade nova que se está construindo, mas não para os seus elementos constitutivos. Os tijolos devem ser bem feitos, quando são usados para levantar um edifício. Para que haja garantia de estabilidade é necessário que, enquanto esteja concluído o andar inferior, não se possa subir ao superior.

Então a evolução prossegue igualmente para cada elemento individual que continua progredindo, mas não mais isolado no separatismo de uma sua particular- evolução egocêntrica, que já está realizada, mas na única forma agora possível, como elemento da unidade maior, da qual faz parte. Não se trata mais de construir um indivíduo, mas uma sociedade de indivíduos, na qual cada um tem de aprender a arte nova, por ele desconhecida, de se fundir organicamente com todos os outros numa posição diferente do passado, na compreensão e concórdia necessárias para colaborar, e não mais na precedente de luta e atritos entre egocentrismos rivais. Então as leis biológicas do nosso atual plano de existência terão de desaparecer, e ser substituídas por outras, como é lógico num universo onde tudo é relativo e em evolução. E só por esse caminho que o ser, após haver realizado a sua máxima evolução possível, relativa como indivíduo, pode continuar aprendendo e evoluindo, e como ser isolado não poderia ser feito. Ele pode continuar evoluindo, também como indivíduo, porque fica reabsorvido na unidade coletiva da qual faz parte, e nela permanece com as suas qualidades individuais, que conquistou com a sua evolução passada e que agora utiliza para cumprir a sua função específica no seio do novo conjunto de unidades, do qual agora constitui um elemento.

Vai-se. desse modo, iniciando o trabalho da reconstrução da organicidade até ao S, onde ele se realizará. Na sua nova posição o ser, não mais isolado, mas ligado por muitas relações com os seus semelhantes, pode enfrentar e assimilar experiências antes desconhecidas, pode aprender coisas novas, vivendo uma forma de vida mais aperfeiçoada. Então o ser não evolui mais sozinho, limitado ao seu pequeno mundo particular, mas este se amplia. abrangendo horizontes sempre mais vastos, porque o ser agora progride como membro do seu grupo, numa posição diferente, em função de outros elementos e atividades, realizando um trabalho não mais isolado, muito embora desconhecido dele e que sozinho não poderia executar.

No nível humano o ser inicia esse novo trabalho como membro da família e como tal continua a sua evolução, até constituir uma unidade em forma estável, que se torna elemento constitutivo de outra maior: grupo, aldeia, cidade, etc.; quando essas unidades constituídas atingirem sua forma estável, elas se fundirão para construir outra ainda maior: nação, povo, raça etc. Assim continua o processo evolutivo, com a formação de novas unidades coletivas,

até formarem uma só humanidade. Desse modo o indivíduo entra a fazer parte de entidades cada vez maiores, na posição de seu componente, o que significa uma maior amplitude das suas experiências e qualidades a adquirir, uma dilatação dos limites da sua vida, que se espalha, se multiplica e potencializa na dos outros. Assim, tornando-se elemento de agrupamentos sempre maiores, o ser pode subir até planos de vida mais adiantados, que não poderia alcançar sozinho.

Com este método, é interessante ver como o universo orgânico do S se vai reconstruindo. O homem se encontra ao longo desse caminho restaurador da organicidade. Olhando para baixo isto é, para seu passado, ele pode, decompondo-se nos seus elementos, analisar a sua estrutura. Olhando para o futuro ele pode antecipar a visão das sempre mais vastas sociedades humanas, unidades coletivas do porvir cada vez maiores, em que os seres se fundem numa organicidade sempre mais completa, até atingir o S.

Até ao homem esse trabalho já foi realizado. Acima desse nível para nós, tal obra está ainda para ser feita. O passado nos mostra como funciona nos graus inferiores esse princípio das unidades coletivas. No caos, nas origens da evolução os elétrons não tinham ainda disciplinado a sua corrida ao redor dos núcleos. O átomo das mais simples organizações de elementos constitutivos da matéria. Mas os átomos, com a sua fusão em unidades químicas, começaram a construir as moléculas. Depois, sociedades de moléculas construíram a célula, sociedades de células constituíram os tecidos orgânicos. Apareceram assim órgãos e organismos sempre mais complexos: antes os do mundo vegetal, depois os do animal inferior, superior, até ao homem. Neste ponto a organização celular atinge a sua perfeição relativa, isto é, a sabedoria necessária poro cumprir a sua função, e como tal não pode mais progredir. Então ela continuará o seu caminho em outra forma. Vai sempre se impondo o mesmo princípio das unidades coletivas, pelo qual os indivíduos se juntam em sociedade familiar, e assim por diante, como vimos. É nesta sua nova posição que o indivíduo, agora que a sua evolução celular orgânica está mais ou menos completa, pode progredir como elemento psíquico e espiritual, atingindo superiores planos de existência.

Esse é o caminho percorrido pela evolução para reconstruir o grande organismo do S. Trata-se de edifícios sempre maiores, cada um levantado em cima de outro, baseando-se nos resultados atingidos pelo precedente. Assim não há individuação que não seja uma unidade coletiva E logo que uma é construída, atingindo a sua perfeição relativa, porque a obra que nela se realizou está completa, eis que ela se aproxima das suas unidades semelhantes e com elas, atraindo-as ou repelindo-as, acaba-se fundindo para formar uma unidade coletiva maior, e assim por diante. E deste modo que o universo passa do seu estado de AS, ou separatismo egocêntrico e máxima pulverização da unidade no caos, ao seu es todo de S, ou unificação orgânica na ordem. Eis como a evolução, com o método das unidades coletivas[5] de novo constrói a organicidade do S, destruída no AS. Os elementos que, seguindo o princípio egocêntrico, se rebelaram contra Deus e caíram na desorganização e confusão do caos, não podem voltar a Deus senão altruisticamente irmanados em obediência à Lei e reorganizados no estado de ordem. A vida no S não existe em forma de luta, como em nossos planos inferiores, mas de disciplina e harmonia. Como o trabalho da involução foi o de desorganizar no AS a organização do S, assim o trabalho da evolução é o de organizar de novo no S a desorganização do AS.

A obra de evolução que cabe ao ser em nosso nível humano é a fusão de todas as raças numa só humanidade. Como as células de nosso corpo continuaram o seu caminho evolutivo não como células isoladas, mas como elementos de nosso organismo, assim o sei-humano continuará o seu caminho evolutivo não como indivíduo isolado, mas como elemento

constitutivo de nossa humanidade. E de fato o biótipo A_4 é colaboracionista e orgânico, enquanto o biótipo A_3, é o contrário. É assim que o processo da evolução constituído. sobretudo, por um trabalho de reorganização.

Ora, organicidade implica uma complexidade de estrutura e de funcionamento, que requer uma inteligência cada vez maior para ser dirigida; significa divisão de trabalho, especialização, colaboração dos especializados numa obra de conjunto, conhecimento necessário para realizar tudo isso. Eis que surgem experiências diferentes, e com elas se constróem qualidades novas. Abre-se um mundo inexplorado, em que se encontram planos de vida superiores, através dos quais o indivíduo continua se desenvolvendo. Tudo isto significa destruição das qualidades do AS e conquista das qualidades do S, isto é, conhecimento, inteligência, bondade, ordem etc., que representa desenvolvimento do espírito. Ele se revela cada vez mais com a evolução, em função do plano de existência que o seu atingiu.

Tal princípio espiritual já existe na sua forma mais simples, no átomo, dirigindo e regulando os movimentos dos seus elementos componentes. Desta sua forma mínima esse princípio se vai cada vez mais revelando e manifestando com a evolução, por um processo de substituição ao oposto princípio material, do qual toma o lugar. O espírito é o resultado dessa transformação e nisto consiste o processo evolutivo. Trata-se somente de um retorno ao que era antes, volta ao original estado de S, do qual o ser, pela queda tinha decaído no AS, isto é, na matéria.

É lógico que cada ser possua tanto mais as qualidades do espírito, produto dessa transformação, quanto mais ele se adiantou na evolução. Assim, a cada nível desta, corresponde um proporcionado grau de espiritualização. Mas a cada nível corresponde também um proporcionado grau de unificação na forma de entidade coletiva, como vimos. Eis então que essas duas diferentes maneiras de conquista evolutiva se movimentam paralelos de modo que, ao aumento de complexidade orgânica da unidade construída corresponde um aumento na inteligência e qualidades espirituais necessárias para atingir e manter essa complexidade.

Assim, na molécula há mais inteligência do que no átomo; nas células, mais do que na molécula; num tecido orgânico, mais do que numa célula; no organismo de uma planta, mais do que num simples tecido; num animal, mais do que numa planta; no homem, mais do que num animal. Todavia, para dirigir uma família ou grupo humano, é necessário mais inteligência do que para dirigir um só indivíduo. E assim por diante... Essas unidades coletivas maiores necessitam ser governadas por um centro e grau de espiritualidade cada vez mais adiantado, poderoso e completo. Vemos, dessa forma, quantos aspectos tem o processo evolutivo, e como ele é complexo. Em cada nível de vida as qualidades do AS e do S aparecem em doses diferentes, conforme a vastidão da unidade coletiva reconstruída e a medida da sua evolução e espiritualização. Os valores da ascensão são avaliáveis em termos de unificação e de espiritualidade, que constitui a substância da existência, enquanto a matéria representa apenas a sua aparência.

XVI

MISSÃO E AJUDA DE DEUS

Estamos chegando ao fim deste novo volume. Já sinto aproximar-se ainda mais da prática, aproximando cada vez mais as teorias dos fatos, para controlar a sua verdade. Elas terão assim provas concretas e o edifício será sempre mais sólido.

Por isso queremos aqui colocar um pequeno intervalo, baseado em fatos vividos, que todos podem entender. Veremos como funcionam as nossas teorias na realidade da vida. Para bem entender um livro o leitor deveria conhecer também o reverso da medalha, isto é, as condições em que se encontrava o autor no período em que o escreveu. A vida é para todos uma viagem, e cada trajeto dela representa um trecho percorrido pelo homem no caminho da sua evolução. Se falamos agora em sentido específico, particular, é porque em cada caso vemos sempre vigorar as mesmas leis gerais que explicamos bastante, e cada caso somente pode ser entendido em função delas.

O leitor pode imaginar que quem aqui escreve esteja tranqüilamente mergulhado nos seus pensamentos, ou que em estado inspirativo os receba em transe no seu escritório, tudo caindo de graça do céu. Ele não sabe que muitas destas paginas foram escritas com lágrimas e sangue, no meio da luta infernal da vida. Já explicamos como é o mundo em que vivemos, o qual não poupa ninguém, nem menos quem pede só um pouco de paz para cumprir uma missão de bem e progresso, para a Terra se tornar um ambiente mais civilizado. O leitor pode acreditar que estes livros sejam fruto apenas de abstrações teóricas. Mas, pelo contrário, eles foram escritos em contato contínuo com a realidade de nossa vida, representada pela ininterrupta necessidade da legítima defesa, num mundo onde a mais urgente verdade é a guerra, não importa se muitas vezes disfarçada de aparências.

O impulso de agressividade das forças do mal que sobem do AS, personificadas em indivíduos que agem em forma concreta contra as do bem, é fenômeno que encontramos em ação contínua. Ele exige que o indivíduo fique em estado de constante defesa. Foi assim que o choque entre AS e S foi pelo autor vivido a toda a hora, de modo que as teorias nasceram da própria prática. Para conseguir sobreviver em tal mundo, o autor por seguir o Evangelho, não quis aceitar as armas do mundo, isto é, força e astúcia; então, teve de chamar e receber a ajuda do Alto, indispensável, por ser seu único meio de defesa. Assim este choque apocalíptico entre bem e mal, entre céu e Terra, foi aqui vivido na forma de um pequeno caso particular, não impedindo que nele se verifique a aplicação das leis gerais que aqui estamos estudando.

Este livro representa o trecho da minha vida e respectivo trabalho de evolução, que abrange o período dos meus 74 e 75 anos. Antes e depois há outros trechos, outro trabalho evolutivo, outros livros. Entro neste ano na última década da minha vida. Chamo-lhe de década da libertação, porque este é o último período em que finalmente se esgota o meu duro dever de viver no infernal ambiente terrestre. Poderia ter usado a inteligência para mergulhar e vencer na suja peleja humana, perseguindo as costumeiras ilusões. Mas há estômagos que não conseguem de maneira alguma engolir tal alimento, para eles venenoso.

Trata-se, agora, de conduzir a minha luta, e nas seguintes condições:

1) Idade de 75 anos, na qual todos descansam, e aumentando cada dia. que torna sempre mais urgente descansar. 2) Trabalho intelectual contínuo e intenso, como o prova a produção literária - cerca de 10.000 páginas. 3) Trabalho não retribuído, porque os escritores não têm ordenado, mas que absorve todos os suas energias, não as deixando à própria defesa e conquistas dos recursos materiais. 4) Nenhuma fonte de renda, e a incerteza de quem tem de se humilhar todos os dias pedindo esmola. 5) Preocupação contínua para providenciar as necessidades da família. (Resolver o caso de um homem sozinho, como se encontrava S. Francisco, é muito mais fácil). 6) Voto de pobreza pessoal, mas não dos outros, aos quais não

se pode impor. (As ordens franciscanas resolveram o caso da mesma forma: pobreza individual, enquanto a Ordem poderia possuir). 7) Apesar de tudo, ter que dispor de uma casa e de um mínimo indispensável para sustentar a vida do corpo, sem o que nenhum trabalho é possível. (Alguns exigiam pobreza absoluta, o que significava destruir o indivíduo e com ele a missão e a Obra). 8) Ter a responsabilidade de toda a família nestas condições: a mulher idosa, há quase dois anos paralítica, precisando de médico e remédios caríssimos. e de assistência 24 horas por dia; a filha que faz o trabalho doméstico, cuida das roupas etc.; duas netinhas para criar. 9) Não há, na família, alguém que possa trabalhar remunerado; alguns amigos colaboram com a Obra gratuita. mente. 10) E isto num momento em que, pelo contínua desvalorização da moeda, tudo se torna mais caro.

Quem foi chamado a cumprir u'a missão de. espiritualidade em nosso mundo, não pode possuir as qualidades necessárias para triunfar neste, porque tem de dar o exemplo, vivendo os seus ensinos, e possuir as qualidades opostas, não apropriadas para serem vividas no ambiente terrestre. Quem, por evolução, conquistou o instinto da honestidade, pensa que os outros sejam iguais a ele, isto é, honestos, e por isso é naturalmente levado à confiança, que ou invés de armar as garras para lutar, abre os braços para colaborar, o que é perigoso em nosso mundo, onde na rivalidade é mais necessário possuir o instinto do egoísmo e da desconfiança. E, de fato, tais qualidades parece não fazerem falta, e poucos são os que sofrem por ela. Como dizia Maquiavel: útil não é procurar ser honesto, mas aparecer por fora como sendo, de modo que, quando é possível ser desonesto sem que por fora apareça (isto por uma sabedoria especializada neste sentido), então são julgados ineptos os que não sabem aproveitar, fazendo os seus negócios.

Quem cumpre u’a missão tem que ser de verdade evangélica, o que quer dizer: não pode pactuar com o mundo e aceitar os seus métodos. Cristo falou claro a este respeito. Há guerra entre os dois, fundamental porque deriva da inimizade entre S e AS. Eis então que este homem tem de ser verdadeiro não só em teoria e por palavras como é comum, mas vivendo com a pobreza e sofrendo os seus sofrimentos. E necessário neste caso viver com métodos opostos aos do mundo, isto é, trabalhando de graça e vivendo de esmola, ou seja do que Deus envia com a Sua Providência, porque as teorias sustentadas têm de ser vividas para que a experimentação as confirme constituindo um exemplo e uma prova positiva do sua verdade para todos. O exemplo é demonstrativo, pois um homem desprovido de tudo, com os únicos meios fornecidos pela ajuda de Deus, não somente conseguiu sobreviver na Terra, mas nela escrever uma Obra. Esta deve ser realizada com métodos opostos aos do mundo, devida só a Deus, que a sustenta com um milagre contínuo, provando a Sua presença. Uma obra se revela, também, pelo seu método e se justifica pela sua lógica. Trata-se de um jogo em que estão envolvidos. Deus e a Sua Lei. Por isso quem tem u’a missão a cumprir deve ficar do lado Dele e não do lado do mundo, da riqueza, do ócio, do luxo. Quem está com Cristo tem de ser um dos bem-aventurados do Sermão da Montanha e não pode gozar a vida. Mas em nosso mundo é perfeitamente lícito: quem tem recursos de sobra, possa gastá-los loucamente sem se interessar por quem luta para finalidades superiores. A história está cheia desses casos que constituem uma glória às avessas (ou vergonha) de nossa assim chamada civilização. Mas, por outro lado tais obras não podem ser ajudadas senão por recursos que não sejam envenenados pelos cálculos do interesse, pela cobiça do mercador, pela voracidade do egoísmo, mas que sejam sadios, filhos da honestidade e usados com sinceridade e amor.

Por tudo isto o leitor pode julgar o que quer dizer cumprir u’a missão, e quão dura seja a posição humana de quem tem de cumpri-la. Se, porém, houvesse tudo isso, mas num ambiente social de paz e amor recíproco, haveria o mínimo de tranqüilidade que é

indispensável para trabalhar. Mas estamos na Terra, onde o regime normal é o do luta de todos contra todos. Antes de tudo há as grandes guerras mundiais. Hoje, a Rússia comunista parece constrangida a aliar-se ao capitalismo para a defesa contra o maior perigo para todos, que é a China comunista que está surgindo. Hoje, chegou-se a construir a bomba atômica barata, de modo que ela acabará sendo acessível a todos, inclusive aos novos Estados selvagens. Por cima do mundo está suspensa, por um cabelo, uma terrível ameaça de destruição. Eis o que sabem fazer os grandes astutos do mundo. Nestas condições, que vale ser rico, e quem pode gozar das suas riquezas. senão num estado de contínuo temor? Se estes são os resultados, está provado que nos métodos do mundo tem de haver algum elemento fundamental que está errado. Ao lado destas grandes guerras, há as pequenas, particulares. Elas exigem um gasto continuo de energia na tensão do estado de defesa, na possibilidade do assalto de qualquer pessoa em qualquer momento. E se ela está bem organizada na luta e armada de recursos e astúcias, pude facilmente vencer e impor a sua vontade, contra quem aparece mais fraco, por não querer usar os armas do mundo e por estar tudo absorvido em outro trabalho.

Estudando o problema friamente, a conclusão é a seguinte: no estado atual de nossa civilização é bem difícil sobreviver um homem honesto que se entrega todo a um trabalho intelectual independente, não filiado a um grupo que o sustente pela sua servidão. Tal mundo, julgando esse homem um ser inútil, porque dele não se pode tirar proveito individual ou de grupo, seguindo os leis do seu plano de vida, procuro destruí-lo. Se ele não pode nem lutar nem vencer, porque está preso num outro trabalho mais importante, isto ninguém vê e a ninguém interessa. O trabalho mais importante é julgado pelo mundo de hoje, perante a realidade da vida, uma coisa sem sentido. Os leitores que admiram estão longe, e a sua admiração é teórica. Trata-se dos melhores, da elite, dos poucos que entendem. Muitos não lêem e, se lêem, não entendem. A glória é um peso, não uma ajuda, porque ela depende das exigências da maioria, que a tributa só quando quem a recebe satisfaça os gostos dominantes dos glorificadores.

Então, se aquele homem não pode encontrar compreensão e ajuda em nosso mundo, para ele não há outra escolha, senão a de pedir apoio do céu. Se para o mundo esta pude parecer palavra vazia, ela não o é para quem vive no plano espiritual. Para ele, Deus está presente, a Lei está sempre viva e funcionando. Nestes casos como responde esse outro mundo$_3$ no qual o nosso não acredita? Da vítima saem gritos que furam os céus e encontram ouvidos que os escutam. Qual é a razão pela qual Deus permite que os seus servos sejam atormentados? E para a vítima o problema é de vida ou de morte, não lhe faltando inteligência, com a qual, se aceitasse os métodos do mundo, poderia sair vencedora também na Terra. Mas, pela sua própria natureza, ela não pode aceitar e usar uma tão grande dádiva de Deus, para triunfar na feia luta do mundo. Mas nem por isso o ataque pára e deixa de exigir para a defesa - todas as energias, assim como todo o tempo do indivíduo.

Qualquer inconsciente pode lançar um golpe a toda a hora e, se o sujeito que o recebe estiver desprevenido porque aprofundado no seu trabalho de pensamento, o recebe em cheio e fica como que paralisado. Então para satisfazer o engenho de um irresponsável e os instintos de um primitivo, o trabalho útil para o bem deve ser substituído pelo sofrimento, desperdício inútil de energia, e a Obra tem de ficar em suspenso para que o autor se possa recuperar. Mas o desabafo dos instintos inferiores parece ser a coisa que mais interessa em nosso mundo, de modo que uma profunda atividade intelectual tem de ficar ao dispor desses choques e só pode funcionar quando esta expressão de inferioridade o permita. E tais indivíduos, filhos do engano, para melhor disfarçar a sua verdadeira cara, se apresentam até pintados por fora de espiritualidade! Num mundo civilizado isto não deveria ser possível. Mas o nosso mundo é todo civilizado? Eis o reverso da medalha, isto é, as condições, que nestes livros não aparecem,

nas quais às vezes eles têm de ser escritos.

Que pena! Esta S. Vicente que eu amo, que quando desembarquei da Europa me apareceu como uma terra de sonho[5] este maravilhoso lugar que poderia ser um canto do paraíso! Aqui estou morando há oito anos e aqui espero encerrar a minha vida. Deus aqui espalhou em abundância a beleza do verde dos bosques e do azul do mar, das ilhas e das praias, num clima doce, que não conhece tempestades ou frio. Isto neste grande Brasil, que amo ainda mais, aonde cheguei de braços abertos, cheio de entusiasmo para cumprir a minha missão, deixando a minha terra, para onde talvez não voltarei mais! Nesta nova pátria me radiquei, para que dela seja todo o fruto do meu trabalho, a fim de que, para a sua grandeza, se realizem os desígnios de Deus. Aprendi a nova língua e nela agora escrevo os livros, trabalhando dia e noite. Que posso fazer mais?

Fui uma vez visitar uma cachoeira, dividida em muitas quedas de água menores. Observei os peixes que lutavam para subir, pulando de um nível para outro mais alto, com o objetivo de chegar à parte superior do rio e aí continuarem a sua viagem a fim de irem colocar os seus ovos mais perto da nascente. Alguns estavam sangrentos e mortos por terem batido na pedra. Mas, o que mais me impressionou foi a recepção aos peixes vencedores, depois de tanta luta, ao atingirem, esgotados, o espelho de água superior: um cardume de outros peixes, prontos para devorá-los, aproveitando o estado de esgotamento em que se encontravam os recém-chegados. Assim é o método dos tubarões que devoram os mais fracos. E há países cuja economia se baseia neste princípio. Este é o nosso mundo.

Parece que nele não seja possível, sem um contínuo milagre de Deus, realizar um trabalho intelectual e espiritual profundo, usando todas as energias, que, por outro lado, são exigidas na luta pela vida. Ora, às vezes são realizados trabalhos semelhantes, mas apenas aparentes, substancialmente dirigidos para outras finalidades, de vantagem prática imediata, representando o fruto que a forma mental humana entende bem. Assim o trabalho recebe logo a sua recompenso. Mas, como se pode exigir que todos entendam a utilidade de uma atividade tão fora do comum, quando há ainda quem atingiu apenas uma genética sensibilização nervosa, pela qual só sabe vibrar, e ainda não desenvolveu as células cerebrais do pensamento, que são indispensáveis para compreender?

Então, se para ajudar quem cumpre u'a missão não há senão o céu, que faz ele? Por que Deus permite tudo isto? Faz parte das normas da Lei? Ou desejar fazer alguma coisa para a salvação do mundo é um erro? Por que a humanidade merece ser destruída? E, na verdade, uma loucura querer fazer o bem ao próximo? O mundo ri desses problemas, mas eles são fundamentais para quem cumpre u' a missão. Para quem, com todas as suas forças, enfrentando com risco e perigo todas as reações de um ambiente hostil, quis, custe o que custar, seguir a Lei, há momentos em que esta tem de intervir e de manifestar-se. Ela, pela sua própria lógica, está empenhada na defesa do seu instrumento e não pode deixar de ajudá-lo, se não quiser que a missão fracasse por sua culpa. Que um patrão, essencialmente justo, abandone o seu empregado, cumpridor do seu dever, é um absurdo inadmissível. Se o mundo não entende essa conversa, porque para ele a Lei não se pode manifestar senão como reação punitiva, que ele fique dentro dela, posição emborcada que escolheu. Mas para os decepcionados do mundo será de grande consolo ver que há justiça, ver onde ela está e como, para a realizar, a Lei de fato "funciona", como aqui estamos observando, e o resultado positivo de nossa experimentação. Estamos agora no terreno, não das teorias, mas dos fatos. Eles se realizam quando o homem trabalha com meios e métodos que estão acima do mundo.

Então, não há dúvida, a Lei funciona e o bem acaba vencendo. Mas, por que, como há pouco perguntamos, Deus permite que tudo isto se realize nesta forma? Isto é, por que permite

que o mal agrida o bem, atormentando quem o represente e o cumpre? Por que Deus deixa ao mal o poder de embaraçá-Lo, constrangendo-O, no fim, a intervir com milagres para a defesa do bem? Por que, para atingir os seus objetivos, Deus escolheu um caminho tão longo, e torcido, que implica tal desperdício de forças do bem na luta contra as do mal?

A razão é que Deus não quer amarrar a liberdade do ser, que sem ela se tornaria um autônomo irresponsável, nem poderia experimentar para aprender e assim evolver e se salvar. Então os maus podem fazer o mal desejado, mas ajustarão um dia, contas com a Lei, pagando com a sua dor, que representa a saudável lição, para eles necessária, porque outra não entendem, como tratamento indispensável, porque outro não os curaria. De outro lado Deus ajuda os bons, defendendo-os, fortalecendo-os por meio da luta, recompensando o seu esforço, premiando por fim a sua virtude. E desse modo que. num regime de liberdade, pode ser efetivada a perfeita justiça. Eis por que Deus permite que tudo isto se realize desta forma. No fim, cada um, ficando livre, recebe e fica pago conforme o seu merecimento.

Esta rápida digressão, compreensível porque ela nos levou ao terreno prático, será no meio de um volume de teorias um descanso para o leitor. Para quem escreve será um desabafo, um controle, um exame de consciência, uma confissão a Deus e uma tomada de contato com o Alto, numa hora dura, de maior sofrimento. Estamos no início do ano de 1961 e, após longa e oblíqua perseguição, um golpe maior chegou nestes dias, absorvendo toda a minha energia, procurando destruir o meu pensamento, trabalho e obra. O agressor, porque organizou a sua estratégia, pôde rir-se do justiça humana, não sabendo, porém, que a justiça de Deus está acima dele. Esta o pode triturar de um momento para outro, principalmente porque o agredido, com o seu perdão, saiu da peleja, que agora não é mais entre dois homens, mas entre um homem e a Lei, e o coloca na luta em posição de absoluta inferioridade, como aconteceria com uma formiga contra um gigante. O agressor não pode deixar de ficar vencido porque se colocou contra uma Lei todo-poderosa; e não do lado da justiça como fez o agredido inocente, que se colocou do lado oposto, dentro da Lei, e com ela se defende. Agora, como se desenvolve, na prática, a estratégia da Lei?

Nos momentos tranqüilos a voz interior e a figura do Cristo ficam quietas, como adormecidas. Quando chega o sucesso do mundo, elas se afastam; nas vitórias no plano humano elas desaparecem. Mas eis que logo se desencadeia um ataque, o espírito da vítima se lança desesperadamente em busca do Alto, único lugar de onde ele sabe que pode chegar a ajuda. O apelo é tanto mais poderoso, quanto mais feroz for o ataque recebido. No estado de tranqüilidade tais apelos não podem nascer. É um apelo de tal natureza, vivo e escaldante, que provoca a resposta. Isto quer dizer que o primeiro resultado da agressão da maldade humana é o de acordar a voz interior, o de aproximar a figura de Cristo e de tornar mais sensível a Sua presença. Quem está do lado de Cristo não pode deixar de seguir o exemplo que Ele nos deu no hora do Getsêmani.

Então, o que chama e movimenta o céu é o apelo da vítima, torturada, porque ela quer viver o Evangelho num mundo de lobos. E a resposta chega tanto mais poderosa quanto maior é o sofrimento do ser e a injustiça que ele sofre. Tal resposta não está feita de palavras vazias, mas significa luz e orientação, e contém o tratamento que cura as chagas e o remédio que gera novos forças Acontece assim que, no fim, é o próprio ataque não merecido, o que provoca a descida da ajuda. Movimentam-se, então, em defesa da vítima, forças sutis, que o mundo não vê, que atuam não como este na superfície, mas nos profundezas, de dentro para fora como faz

a vida quando reconstrói os tecidos estragados Estas forças são de duas naturezas, conforme o que cada um dos dois indivíduos quis gerar para si com a sua conduta. Para o agressor elas são negativas e operam como um câncer que o quer destruir. Para a vítima elas são positivas e operam como fazem os impulsos sadios da vida que ajudam a recuperar. Eis a técnica do fenômeno. É por isso perigoso agredir os servidores de Deus, que praticam o Evangelho, principalmente quando eles são inocentes, não reagem e perdoam. Trata-se de uma técnica difícil de entender para o mundo, porque ele está nos antípodas, do lado oposto, o do AS, fora da Lei, enquanto a defesa do inocente se processa através de forcas não de origem periférica, mas central, não exteriores, mas interiores, as do S, de natureza oposta.

Assim a presença de Deus, para quem entende, se torna uma coisa real, tangível nos seus efeitos. O homem do mundo fica enganado, porque ele nada vê chegar de fora. Não corre ninguém, não há barulho, nem pressa, nem ânsia, nem a incerteza da tentativa O homem comum fica enganado por essa falta das qualidades que fazem parte do seu método de luta. Então, ele acredita que a vítima esteja abandonada, sem defesa em poder do agressor, e que seja fácil vencê-la, pelo fato de que tudo fica na mesma, quieto por fora. O movimento, porém é grande, mas todo íntimo, não perceptível para as sentidos comuns. Ele é visível somente à vista interior dos mais adiantados. Os efeitos não são imediatos, apressados, provisórios, mas amadurecidos a longo prazo, duradouros e em saída. A Lei funciona além do tempo, que em nosso mundo cansa, esgota, apaga tudo. As forças do mal têm pressa de realizar, porque elas estão fechadas no tempo, que em cada momento está correndo e consumindo os resultados daquelas forças. É lógico que as forças do bem trabalhem em harmonia e com métodos opostos.

Vi muitos vezes, com os meus olhos, os agressores abandonados por Deus á terrível reação da Lei. O perdão da vítima trabalha em favor desta e não do seu agressor. O perdão não pode alterar a Lei e parar a justiça de Deus. Ninguém pode. Ela tem de se executar fatalmente. E de fato vimos que, por um natural desenvolvimento de forças, a agressão da parte do homem injusto acaba automaticamente provocando a intervenção da Lei e, para o justo inocente a defesa por porte dela. Por ter eu entendido isto e o perigo que o agressor por motu próprio se havia lançado, que podia eu fazer, senão procurar avisá-lo para ele se salvar? Mas ele, com a sua forma mental de emborcado no AS, não podia compreender, pelo contrário interpretava essa ajuda como uma ameaça, uma reação de vingança, que ainda mais excitava a sua agressividade. É lógico que, julgando com a forma mental oposta, tudo pareça ser o contrário do que de fato é.

Procurei então orar a Deus que afaste dele a fatal reação da Sua justiça. Eis o que sempre foi a resposta: "Se tu, impulsionado pela voz interior, previste e falaste avisando, isso só foi uma previsão para que o perigo fosse evitado, e não uma maldição ou vingança. Deixa o agressor acreditar no que ele quiser. Ele não entende a Lei. Continua perdoando. A justiça pertence só a Deus. Quem reage, odeia e se vinga, passa com isso do lado da razão ao do erro, e sabes que cada erro tem de ser pago. Perdoa e esquece Afasta-te do agressor que está preparando para si mesmo a sua punição, não cometas o erro e não te exponhas ao perigo ligando-te a ele, com a tua reação. A luta dele agora não é mais contra ti, mas contra a Lei, que está encarregada da defesa dos que perdoam: uma defesa muito mais poderosa da que tu poderias realizar, que não falha, contra a qual a força e a astúcia dos homens nada podem".

Esta é a resposta. Então percebi um movimento subterrâneo, secreto e profundo, interior às coisas, como os que sobem das entranhas da terra para estourar depois na superfície em formas de cataclismos. E um fato que assusta pelo seu poder imenso e silencioso. Percebi-o outra vez a respeito de outro senhor, que aproveitou da minha bondade, desapiedado na sua

voracidade. Um ano depois ele estava paralítico, e eu fui um dos poucos que o visitou, agora que se encontrava em sofrimento. Orei para ele ficar bom, mas não pude parar a mão de Deus. E terrível, quando a reação da Lei acorda. Mas ela não pode deixar de se levantar uma vez que foi excitada pelas forças negativas do mal, que então têm de receber sobre elas o choque das forças reativas da Lei. O mal acaba tornando-se o câncer que se desenvolve para sua própria destruição. Pude assim experimentalmente observar como se desenvolve a luta entre o bem e o mal, e as suas estratégias opostas. Tudo o que pertence ao bem é sustentado pela sua força interior. Tudo o que pertence ao mal é sustentado por uma enganadora força de superfície, que não basta para suprir a fraqueza interior. Pude averiguar nos fatos que a Lei existe, funciona e reage contra quem a ofende.

Fomos assim explicando paro o mundo como o absurdo evangélico do perdão é perfeitamente lógico. O Evangelho não pode ser entendido, senão penetrando-o em toda a sua profundeza. E vimos em termos de razão como se desenvolve a luta entre Cristo e o mundo. Estamos aqui demonstrando a coisa mais difícil a admitir pelo mundo, isto é, que o homem evangélico que perdoa, seja de fato o mais forte. Onde está e como se explica essa sua força? Quem está do lado do bem tem a vantagem de a sua natureza estar constituída pelas forças positivas do S. Quem está do lado do mal tem a desvantagem de a sua natureza estar constituída pelas forças negativas do AS. O fato de pertencer ao AS e à sua negatividade representa o ponto fraco da força do mundo. E esta sua fraqueza interior e fundamental que vence aquela força. Ninguém poderá mudar o ponto de referência em função do qual tudo existe: a Lei. Ora, o poder das forças do bem está no fato de que elas são alimentadas pela Lei, e a fraqueza das forças do mal está no fato de que elas são roídas pela Lei. Em termos práticos o ponto fraco da força é que ela pode ser injustiça; e o ponto fraco da astúcia é que ela pode ser mentira. A prova que o bem é o mais forte está no fato de que ele, reconstruindo sempre tudo, sabe vencer as forças destruidora do mal, sem o que tudo teria fracassado há muito tempo.

E assim que em substância o nosso mundo é um gigante com pés de barro. Ele sente a fraqueza da sua força e, para sustentá-la, procura acrescentar-lhe sempre nova força, sem entender que, somando negatividade a negatividade, não se pode atingir senão u'a maior, isto é, aumentar a própria fraqueza. É como querer aumentar a força bebendo álcool. Aumentar para cada país o poder e o número das bombas atômicas, não significa engrandecer a sua potência mas cada vez mais se aproximar da destruição geral, porque essas forças são produto da negatividade, separatismo, destrucionismo, que são qualidades de nosso mundo que pertence ao AS. Por isso as modernas descobertas científicas, apesar de maravilhoso fruto da inteligência, acabam realizando-se na prática e funcionando em posição emborcada, isto é, a do mal e não a do bem. Pelo baixo nível evolutivo do biótipo dominante, esta que poderia ser uma poderosa arma de defesa e segurança para a civilização, apesar de ter o aspecto de vantagem porque parece uma força de natureza positiva, representa na realidade, porque é dirigida pelos impulsos de negatividade do AS, o maior perigo para a vida de toda a humanidade.

Mas dado o princípio separatista do AS, vigorante em nosso mundo, tudo isto é lógico É por ele que, logo que em nosso mundo se manifesta uma força, ela gera a sua fraqueza, produzindo o seu natural elemento oposto, o seu antagonista, encarregado de neutralizar aquela força Assim a força não gera vitória definitiva, mas permanente luta e destruição. Outro resultado não pode produzir uma força que, logo ao nascer, produz a sua contra-força, paralela e oposta Da luta entre_ Alemanha e Inglaterra na última guerra não surgiu nenhuma solução definitiva, porque nasceu outra luta entre a Rússia e os Estados Unidos luta que para resolver o problema, ameaça a destruição do mundo. Então tal poderio não é senão uma pseudo-forca, um engano para chegar às habituais ilusões humanas. Esta e a lei do fenômeno e ninguém pode sair

da sua lógica. Quanto mais aumenta o poder num mundo situado na negatividade, tanto mais ele se aproxima da sua destruição. Tanto aumentou hoje o seu poder, mas emborcado no negativo, e a fraqueza é tão grande, que a humanidade vive aterrorizada sob uma contínua ameaça de morte. Mas a negatividade dos mundos inferiores, próximos do AS, não pode produzir outros frutos.

❑ ❑ ❑

Continuamos observando sob outros aspectos como funciona e se desenvolve esse jogo complexo da luta entre o bem e o mal. Por isso quis reler o segundo livro de Moisés: Êxodo, da Bíblia. E quis estudar como Moisés viveu e como nas suas mãos funcionou esse fenômeno da luta entre as forças da matéria e o poder do espírito, e como ele a final venceu. A lei é uma só e tem de ser igual para todos esses casos, do maior ao menor. Podemos então descobrir quais são os princípios que os regem, também estudando a Bíblia. Neste caso vemos que Deus deixa atuar livremente as forcas do seu inimigo, o mal. Por que isso, se Deus é o todo-poderoso? Por que deixa Ele que o mal atrapalhe o trabalho de bem dos seus operários?

Na Terra as forcas do bem como as do mal tomam forma concreta e se manifestam personificadas em indivíduos particulares que pelas suas qualidades são aptos a incorporá-las e que assim as representam. No Êxodo vemos as forças do bem e as do mal em ação, personificadas em dois indivíduos, claramente colocados em posição contraposta, um em frente do outro: Moisés, de um lado, e o Faraó do outro. O primeiro possui a orientação que recebe da voz de Deus e o poder dos Seus Milagres. O segundo possui a arma das suas astúcias mentirosas e dos seus exércitos. Quem é o mais forte? Deus deixa o Faraó livre de fazer o que quiser com os recursos terrenos dos seus enganos e da sua força. Espantado pelos pragas de que fala a Bíblia, ele permite a fuga dos hebreus. Mas logo que a praga desaparece, ele se arrepende, revoga a sua autorização e os escraviza de novo. Mas, por que razão Deus deixa a Sua ação ser paralisada, ficando ao dispor desse jogo do Faraó? Parece que a Deus falte a força de vencer, porque outra vez Ele tem de iniciar de novo a Sua luta. Então quem manda é o Faraó, e Deus é o seu servidor, porque a cada passo tem de correr atrás dele remendando o Seu trabalho mal feito. Que valor tem os milagres feitos por Deus, se depois o Faraó tem o poder de destruir o seu fruto?

Eis as palavras da Bíblia: (Êxodo: 10, 2): (. . . .) "os Meus sinais tenho feito entre eles, para que saibais que Eu *sou* o Senhor". Êxodo (11, 9): "O Senhor dissera a "'Moisés: o Faraó não vos escutará, para que os minhas maravilhas se multipliquem no terra do Egito". Então Deus usava tal método para melhor deixar entender, sobretudo ao seu povo, que Ele era o mais forte, era Quem, pelo Seu poder, mais convencia os Hebreus e estava acima de todos os outros deuses.

A estratégia de Deus é a seguinte: o bem deixa livre o mal, a Lei se deixa vencer, mas depois reage em proporção à culpa ou violação da Lei. Isto pelo fato de que ela não pode movimentar-se contra o ser, contra sua iniciativa, enquanto não houver ofensa; mas pode responder a esta, retribuindo, na mesma qualidade e medida, o choque que recebeu. Pelo princípio de justiça, a reação da Lei tem de ser merecida e por isso gerada somente pelo próprio ser. Quando o pecado já foi cometido, a pena só lhe será imposta conforme a justiça da Lei. Por isso tem de ser deixada ao Faraó a sua liberdade. Já vimos que aos filhos de Deus não pode ser tirada a sua qualidade de origem, mesmo quando se tornam criaturas do mal. É por isso que este em nosso mundo, está livre de se desencadear à vontade. Para ser justo, o constrangimento dos maus tem de chegar depois e não antes da violação, quando o ser ainda

não semeou as causas. Deve haver uma proporção entre culpa e pena, erro e reação.

Vemos assim que há uma gradação nas pragas do Egito. A primeira é somente um aviso. Não o quis entender o Faraó? Eis então a segunda praga, outro aviso, mais duro. Ainda o Faraó não entendeu? Eis a terceira praga, outro aviso ainda mais duro, e assim por diante. O Faraó fica livre, mas não lhe faltam os avisos que estabelecem a sua responsabilidade e tornam justo a reação da Lei. Deus oferece a cada golpe a oportunidade para entender e parar, arrependendo-se e obedecendo. Isto porque é necessário que, para que Deus possa realizar tudo com bondade e justiça, a culpa tem de ficar toda do lado do ser rebelde. Mas se Deus parece estar sendo impedido pelos princípios da Sua própria Lei, nem por isso ele fica vencido. Pelo contrário, cada vez mais Deus reforça a Sua reação em proporção à teimosia e surdez do Faraó, até que este terá de se render a Ele. A rebeldia do Faraó fez chegar ao ponto de morrer o filho e destruir o exército, deixando-o despido de tudo; porque outra maneira não havia para o Faraó entender e obedecer a Deus.

O objetivo não é só o de vencer, mas também o de ensinar. E para ensinar, Deus tem de descer ao terreno humano da força, e com esse meio, o único que a forma mental dos primitivos pode compreender, Deus tinha de se mostrar vencedor, porque de outro modo nem os Hebreus, nem o Faraó, O teriam respeitado. Tal biótipo não se ajoelha senão perante o mais poderoso, e não lhe obedece se este não impõe a sua vontade, infligindo dano aos rebeldes. O fraco é desprezado e deve ser destruído. Assim é a lei desse selvagem plano de vida. Mas era exatamente a esse plano que havia de descer, pelo impulso evolutivo da Lei, um princípio de vida mais adiantado. Foi assim necessário que o superior se adaptasse ao inferior, mas permanecendo superior. Daí nasceu uma luta, ora observada e que termina com o triunfo de Deus. E assim que o direito de usar a força pertence somente a Deus e não ao indivíduo, ao qual pertence, porém, o direito de ser defendido pela Lei e forca de Deus. É assim que na Terra é deixado ao mal o poder de agredir, atormentar, dificultar o bem, mas não o de vencê-lo.

A derrota de Deus é apenas momentânea e aparente. A vitória chega só no fim, depois de ter deixado o mal desencadear-se à vontade. Nesse momento o bem triunfa, e as criaturas do mal têm de pagar à Lei o que devem. Mas como poderiam estas ter de pagar, se antes não o tivessem livremente merecido? E que vitória seria a do bem, que prova de valor e superioridade teria, se atingida sem esforço e merecimento? E por isso que Deus deixa ao instrumento humano todo o trabalho dessa luta. Esta lhe pertence também pelo foto de que, cumprindo u'a missão o indivíduo deve também realizar a sua elevação pessoal para um plano mais adiantado de vida. A ajuda para o instrumento pode lhe chegar de Deus, somente quando esta é indispensável por ter o indivíduo realizado com o seu esforço tudo o que estava ao seu alcance realizar. Mas quando tudo isto houver sido feito, então aparece a ajuda prodigiosa do Alto, que salva. Deus fica olhando e vigiando tudo, vela sempre sobre a sua criatura e nunca a abandona. Quem está sozinho de verdade é o homem que trabalha sem Deus, e que por isso não pode vencer senão de momento, no terreno falso das areias movediças do mundo, recolhendo ilusões e dívidas a pagar perante a Lei.

Tudo isto é conseqüência lógica da estrutura do Todo, dividido em S e AS. Estamos em fase de superação. O mal, enquanto o processo evolutivo não terminar, fará parte do organismo universal. O fato é que o mal existe e ele não poderá desaparecer senão depois de ter sido reabsorvido e neutralizado por evolução. Hoje estamos no dualismo, e há de haver luta entre o bem e o mal, para que o mal seja transformado em bem. O princípio da luta é universal, porque é um direito derivado da cisão em S e AS. Por isso em nosso universo cada termo não pode existir senão em função de seu termo oposto. Se não houvesse o mal, Deus seria vencedor de que? A idéia de vitória implica sempre a de um inimigo a vencer. Luta significa também

experimentação, escola, aprendizagem, sofrimento, redenção. Aqueles que com as astúcias humanas conseguem fugir dessa engrenagem, estão parados na evolução, que é o caminho da sua salvação.

Eis como o caso do Êxodo de Moisés confirma o nosso ponto de vista. No fim o bem triunfa, demonstrando que ele é o mais forte. Depois da passagem do Mar Vermelho, Deus vence definitivamente: (. . . .) "a tua destra, ó Senhor, tem despedaçado o inimigo" (Êxodo: 15, 6).

XVII

AS ESTRATEGIAS DO BEM E DO MAL

Observemos agora sob outros aspectos o fenômeno da luta entre o bem e o mal, para entender cada vez melhor a íntima técnica do seu funcionamento. Que acontece, então, na profundeza quando as forças do mal agridem?

A negatividade é o que mais existe em nosso mundo próximo do AS. Aqui o ser vive mergulhado num oceano de forças desse tipo, e na sua liberdade, ele pode escolher e dirigi-las contra quem quiser. O ser, para dominar no seu plano, procura apoderar-se delas, e elas se apoderam dele, gerando uma fusão pela qual se personificam naquele indivíduo, que as quis canalizar contra os seus objetivos. Mas, pelo fato de que não há no universo fenômeno que não seja regido por uma lei à qual ele tem de obedecer, o ser pela sua escolha, fica preso dentro da engrenagem dos princípios que regulam esse fenômeno, isto é, o funcionamento das forças do mal, constrangendo-se a aceitar todas as conseqüências. Uma vez que o ser escolheu o tipo dos seus movimentos, fica amarrado à lei deles. O ser agride, porque a posição natural do cidadão do AS é o ataque, enquanto a do cidadão do S é o amor. Quem ataca é o ser que está insatisfeito, fora da ordem, o rebelde cujo reino é o da luta, não aquele a quem no S nada falta e que nada procura.

Qual é, então, do outro lado a técnica do funcionamento das forças do bem, a estratégia da sua defesa? O princípio da agressividade só se encontra no AS. Ele é filho da luta, que é filha da cisão, a qual por sua vez é filha da revolta. No S nada disto existe. Seria absurdo ver dois anjos lutar um contra o outro, como ver dois diabos amarem-se. Tantos perguntam sem saber responder: por que em nosso mundo há guerras? Há, porque ele ainda pertence ao AS. No S não há guerras. As forças do bem não agridem, não aceitam a luta do mundo, com as suas armas. Como, então, as forças do mal não conseguem vencê-las? Qual é o segredo, onde está a força escondida dessa estranha estratégia, que o mundo prega, com o Evangelho, mas na qual não acredita? Para quem toma a sério a palavra de Cristo é fundamental conhecer o mistério desse fenômeno, porque ele tem de vive-lo e no uso desse conhecimento se baseia a sua sobrevivência.

A diferente posição que as forças de um tipo tomam quando se chocam com as do outro, depende da particular natureza de cada um desses tipos. As forças do mal estão situadas na incerteza do movimento que representa a tentativa do ignorante. Elas são levadas a agitar-se para encher o vazio da sua negatividade, para reencontrar o equilíbrio perdido com a revolta. O movimento sem paz é a condenação dos rebeldes. Pelo contrário, as forças do bem ficam naturalmente imóveis na plenitude representada pela sua positividade. Elas estão situadas na

posição de certeza de quem sabe, que é o estado determinístico da perfeição. Ora, imobilidade não quer dizer falta de movimento, o que seria morte, mas um tipo de movimento diferente, isto é, não um movimento cindido contra si mesmo porque dividido em duas partes contrárias (AS), mas um movimento unitário, fundido na ordem do estado orgânico (S). E o rebelde do AS que corre atrás do S, que contém tudo o que no AS perdeu e que agora o rebelde vai desesperadamente procurando recuperar. E então por esta sua diversa natureza que as forças do mal se movimentam e o fazem com os seus métodos de revolta, conforme a sua natureza, agredindo as forças do bem. Mas estas também, seguindo os seus métodos, conforme a natureza, não reagem lutando em sentido oposto, porque a estratégia da luta se encontra somente no AS. O choque entre duas estratégias iguais se encontra só entre dois inimigos que existem no mesmo nível de vida e possuem a mesma forma mental. Mas neste caso, quando um homem comum agride um homem do Evangelho, eles têm natureza, psicologia e usam estratégias diferentes, um existe num plano de vida que esta acima do plano de vida do outro, um do lado do S, e outro do lado do AS.

Eis então como funciona a estratégia do bem. Quando as forças do mal se movimentam agredindo as do bem, estas não se movimentam em sentido contrário, respondendo com um contra-ataque, mas usam o método oposto, isto é, simplesmente ficam fortes na sua imobilidade, e isto basta para tornar vão o ataque. Mas como é isto possível? Se as forças do bem são fortes na sua imobilidade, é que, como há pouco explicamos, essa imobilidade é feita de um movimento unitário, representando um sistema de forças orgânico e compacto, fechado em si mesmo, no qual não é possível penetrar. Assim as forças do bem permanecem como tais, resistindo como rocha dura, impenetrável como uma parede lisa de pedra. Isto pode fazer só quem é forte por sua natureza, porque está do lado do S, isto é, da positividade, mas não pode ser feito por quem é fraco por sua natureza, porque está do lado do AS, isto é, da negatividade.

Aqui é necessário esclarecer com uma observação. Se a Lei não responde com um contra-ataque, mas fica resistindo na sua imobilidade, como falamos e sempre se fala de reação da Lei? E como se resolve o caso sem a reação Dela? Quando usamos tais palavras, para ser melhor entendidos, tomamos como empréstimo de nosso mundo baseado no AS, uma imagem toda humana, filha do princípio da luta, ataque e contra-ataque, conceito que, porém, é um absurdo no seio da Lei, que funciona com o método oposto, o do S. Mas foi necessário usar a forma mental do ser rebelde, com a qual o homem funciona e sem a qual ele não entende. Então o que acontece da fato é outra coisa, isto é, a Lei não reage, mas só resiste, não contra-ataca, mas pela sua resistência deixa que automaticamente o ataque por si próprio se devolva ao agressor. Veremos agora como isto se verifica. Então tudo o que faz a Lei contra a agressividade das forcas do mal, é ficar firme no seu castelo, invulnerável pela forca da sua positividade. Quando parece que a Lei reaja, é que contra a sua justiça, é a própria ação do agressor que ricocheteia contra ele mesmo. Neste ponto entramos no domínio inviolável da Lei, que leva vantagem sobre a liberdade do ser. Ele é livre de movimentar as suas forças e de iniciar o desenvolvimento do fenômeno. Mas logo o ser fica preso, sem saída, dentro dos princípios que regem esse fenômeno, o que significa acabar atingindo outros resultados.

Como então as forças do mal ricocheteiam para cima do agressor? Temos um lançamento de forças negativas contra o castelo invulnerável das forças da positividade. Mesmo que não houvesse a resistência das duras paredes desta, as forças do mal contêm, na sua própria natureza de impulsos torcidos ao negativo, a tendência a voltar para trás, continuando na sua posição de emborcamento. Esta é a parte determinística do fenômeno, da qual ninguém pode fugir.

Observemos mais pormenorizadamente como se realiza esse processo de ricochete. Veremos também quando ele se verifica, isto é, as condições necessárias para que ele se possa verificar. Quando o assalto das forças da negatividade se lança contra as paredes do castelo das forças da positividade, procuram o ponto fraco feito de negatividade, porque esse é o único ponto pelo qual o inimigo pode entrar. Mas, por que a negatividade constitui o ponto fraco onde o inimigo pode entrar? Assim acontece pelo fato de que, como já explicamos, enquanto o movimento das forças positivas é unitário, é um sistema de forças orgânico e compacto, fechado em si mesmo, no qual por isso não é possível penetrar, pelo contrário o movimento das forças negativas é cindido contra si mesmo, é um amontoado de forças anárquicas e discordantes aberto de todos os lados, no qual por isso é fácil penetrar. Eis o que constitui a fraqueza da negatividade. Os seres do AS são fracos porque gastam a sua energia lutando uns contra os outros.

Então o resultado final é esse: se o mal encontra este ponto fraco vulnerável, ele pode entrar; mas se não o encontra, porque do lado oposto não existe, então o mal não pode penetrar. É como nas doenças. Ninguém pode viver num mundo esterilizado sem micróbios patógenos, como ninguém pode ficar isento dos assaltos das forças do mal. A defesa está no indivíduo e não no ambiente. Assim as doenças não pegam quando encontram um organismo bem defendido, porque sadio e forte, como o ataque do mal não pode penetrar no indivíduo, quando neste não há pontos fracos de negatividade, isto é, a personalidade dele está sadia pelas forças da positividade. Começa então a vislumbrar quais são as condições necessárias para chegar à vitória quem usa a estratégia evangélica do perdão. O que constitui a força do agressor é o ponto fraco do agredido, onde este é vulnerável. Se este ponto fraco não existe, o mal nada pode, porque ele se encontra perante um ser invencível. Este é o caso em que se verifica o fenômeno do ricochete. Veremos depois o caso em que, pelo fato de que o agredido está enfraquecido por qualidades de negatividade, por esse caminho o mal o pode atingir.

Estabelecidos esses princípios, observemos agora como, no caso do homem verdadeiramente de bem, que com isso se colocou na posição de invulnerabilidade, se inicia e realiza o caminho de volta, para trás, contra as próprias forças do mal. Se, pelo que foi acima explicado, a vitória do bem é garantida, isto do lado oposto implica também o seu contrário, o que quer dizer que está garantida também a derrota do mal. Consequentemente, é perigoso agredir o homem que pertence ao bem. Mas quem agride não sabe nada desse sutil jogo de forças e, na sua ignorância, se arrisca cegamente nesse perigo. Acaba assim derrotado. Mas, como isso pode acontecer?

Quando o mal se lança contra um castelo íntegro. todo positividade, os impulsos destruidores da negatividade, não encontrando um ponto fraco, não podem entrar. Chocam-se então contra a parede da positividade, sem atingir o seu objetivo e com isso o seu desafogo, que absorva e esgote a sua negatividade. As forças do mal não estão aniquiladas, mas vivas e têm de continuar indo à procura de um alvo que as receba. Uma vez que foram movimentadas, elas não podem parar, mas têm de continuar o seu caminho, até esgotarem em qualquer parte o seu impulso. Unia causa não pode deixar de atingir o seu efeito. E, se o caminho para a frente está fechado pela impenetrabilidade da positividade, os caminhos colaterais não atraem porque levam para objetivos desconhecidos, e se o caminho para trás está aberto, como um convite, pela fraqueza e penetrabilidade da negatividade, então que podem fazer as forças do mal senão dirigirem-se para a fonte que as gerou, voltando ao seu ponto de partida, isto é, por um caminho as avessas, lançando a sua agressividade contra o próprio agressor?

Mas as forças do mal são por sua natureza destruidoras, de modo que acontece neste caso que, quem as lançou contra quem não mereceu tal ataque, as receberá de volta, isto é, será

agredido por sua vez pela sua própria agressão. Eis como funciona automaticamente o fenômeno do ricochete e onde está o perigo para quem, estando situado do lado do mal, agride quem está do lado do bem. Então o agressor, antes de iniciar a sua aventura, deveria entender duas coisas fundamentais: 1) que as forças do bem, e quem está do lado delas, são invulneráveis e não podem ser vencidas pelas forças do mal; 2) que quem agride um inocente, que evangelicamente perdoa, automaticamente recebe de volta o impulso destruidor que ele lançou contra o inocente Eis como o método do Evangelho não é um absurdo, como a maioria acredita.

Assim o resultado final para o agressor é que outra onda de negatividade destruidora cai em cima da sua negatividade, reforçando os impulsos destrutivos no seu campo de forças, mas desta vez contra o próprio agressor. Isto porque no ataque de regresso é fácil entrar naquele castelo. Ora, tudo isto é obra providencial da sábia estrutura da Lei, porque deste modo o mal cumpre a sua verdadeira função, que é antes de tudo a de destruir o mal, se auto-perseguindo e se auto-eliminando, em favor do bem, o que deve vencer. Isto, para a forma mental humana, parece uma armadilha traidora. Armadilha, porém, não devida a engano da Lei, mas à ignorância do homem. Armadilha justa e saudável, porque leva o ser para a vitória final do bem e à destruição do mal, o que representa o maior objetivo da evolução, que é o de remir o ser, levando-o para a sua salvação. Tudo isto não é senão o resultado de um processo lógico da Lei, da sua justiça e bondade. E lógico e útil que os produtos doentios de negatividade acabem sendo torcidos contra si próprios para se destruírem. Tudo o que é positivo é poderoso, porque deriva do "Eu sou" de Deus, enquanto tudo o que é negativo, pela sua posição emborcada, não representa senão um eu não sou . Eis como se realiza esse ricochetear de impulsos destruidores contra quem os lançou. É o mal que age contra si próprio, conforme a justiça, punindo-se como ele merece. Nisto está a sabedoria da Lei.

❑ ❑ ❑

Para melhor o explicar, observamos até agora o fenômeno na sua posição mais evidente, que poderíamos chamar perfeita, isto é, no seu caso limite, em que o agressor se encontra totalmente culpado, do lado da injustiça, num terreno de absoluta negatividade e por isso de vulnerabilidade, e o agredido está completamente inocente, do lado da justiça, num terreno de absoluta positividade e por isso de invulnerabilidade. Mas este é caso raro na Terra, onde não é fácil encontrar anjos. Por isso a maioria não o leva em conta, porque a prática lhe ensina que muitas vezes acontece que o fenômeno do ricochete não se verifica e o mal atinge o seu objetivo. Mas isto é como se um ser, acostumado a viver nas trevas, quisesse por essa razão negar a existência da luz. Como é então que o ricochete não funciona e o agredido fica vencido? Vimos quais são as condições da sua vitória. É lógico, que, se estas não se verificarem, ele não possa vencer; todavia, a vitória somente poderá acontecer com os recursos necessários.

Agora que conhecemos os princípios que regem o fenômeno, é possível calcular a *priori*, para o agredido, a probabilidade da sua vitória ou derrota, o grau de sua vulnerabilidade em função do grau de negatividade do seu campo de forças, ou o grau da sua invulnerabilidade em função da sua positividade. Pode-se assim estabelecer a percentagem da fraqueza do indivíduo em relação à percentagem de negatividade que ele possui, e a percentagem da sua força de resistência aos assaltos do mal, em relação à percentagem de positividade que se encontra no seu campo de forcas Sabemos o que na prática significa negatividade e positividade. A primeira quer dizer: injustiça, engano, desonestidade, e tudo o que pertence ao mal; a

segunda quer dizer: justiça, verdade, honestidade, e todo o que pertence ao bem. Estas são as armas desta nova estratégia, que aqui estamos estudando, baseada sobre princípios completamente diferentes da estratégia usada pelo mundo. Coisa estranha para o mundo: a defesa depende de um exame de consciência! Depende das qualidades que possuímos e não das armas que dominamos. É este fato que permite que sejam destruídos os mais poderosos indivíduos, exércitos e nações.

Então podemos dizer que quem possui 100% de positividade, é totalmente invulnerável; quem possui 90% é invulnerável 90%, e vulnerável só na medida de 10%; quem possui 50% é metade invulnerável e metade vulnerável, porque as suas forças são 50% positivas e 50% negativas; quem possui só 1 % de positividade, é 99% vulnerável, e quem não possui nem ao menos 1%, encontra-se todo em poder dos assaltos do mal, abandonado pela Lei, sem defesa alguma. Em nosso mundo encontram-se esses casos, cada um com uma percentagem diferente, o que marca, desde o início, o resultado final. No inevitável choque entre o bem e o mal, o problema fundamental é o de se possuir as qualidades da positividade, que representam forças, e não as da negatividade, que representam a fraqueza. Mas o fato de mudar a percentagem de umas em relação às outras, depende de nós. E com a evolução que podemos conquistar as qualidades da positividade, eliminando as da negatividade, isto é, nos afastando cada vez mais do AS, reino do mal, e nos aproximando do S, reino do bem. É lógico que o mal seja tanto mais poderoso e facilmente vitorioso, quanto mais nos aproximamos do AS, e seja tanto mais fraco e dificilmente vitorioso, quanto mais nos aproximamos do S. Assim, em última análise, a invulnerabilidade do agredido depende do grau da sua evolução. Quanto mais ele for evoluído, tanto mais será inatingível aos ataques do mal. Isto até ao caso limite, em que o mal é absolutamente impotente contra os cidadãos do S. É com a evolução que o homem pode transformar as condições de sua vida e com isso ser regido por outras leis. Se quisesse viver o Evangelho, tudo mudaria para ele. O fato de que o Evangelho não é tomado a sério e vivido, mas julgado utopia, é devido a que ele, na Terra, não encontra as condições necessárias para o seu funcionamento, isto é, a presença do homem de bem cem por cento. Não sendo bons os resultados julga-se que é o método que não tem valor. Para fazer o esforço de subir uma escada, o homem exigiria ver primeiro o que se enxerga de lá de cima, quereria atingir o resultado do seu esforço antes de realizá-lo, sem o que não o faz. Assim o homem não faz nada para praticar o Evangelho, o que o afasta sempre mais dos seus positivos resultados.

A conclusão é que o poder de defesa está na pureza da estrutura interior do sujeito. A sua fraqueza começa logo que aparece no seu castelo de positividade uma percentagem de negatividade, o que enfraquece aquele poder. Na prática isto se realiza quando e na medida em que pactuamos com o mundo, usando a sua psicologia e métodos, praticando as suas sagacidades. Então abrimos as portas e deixamos entrar a negatividade destruidora e com ela a nossa fraqueza e vulnerabilidade. O princípio é que as forças do mal podem entrar na medida estabelecida pela percentagem de negatividade, o que enfraquece aquele poder, isto é, estabelece qual é a abertura das portas que deixam livres a entrada. Contra um castelo de energias puras, todas positivas, sem vestígios de negatividade, qualquer assalto do mal pára e volta atrás. Quando o mal vence, a culpa está não somente no agressor, mas também no agredido, porque a sua derrota é devida à dose de negatividade com a qual está corrompido o que ele possui de positividade. Neste caso ele inicia o seu contra-ataque, aumentando assim ainda mais a sua negatividade; agarra as armas, desce ao terreno traidor do AS, enfraquecendo-se cada vez mais numa luta na qual ninguém vence, destruidora para todos. Quando ela se realiza no mesmo terreno humano, com a mesma forma mental, no mesmo nível de vida, com os mesmos métodos entre involuídos, então se atingem sempre os mesmos resultados: os dois

lutadores, sejam indivíduos ou nações, acabam-se transmitindo um ao outro só o que eles possuem, numa troca recíproca de negatividade, de destruição, de sofrimento.
O pedido de justiça, para ser ouvido, exige que quem pede seja inocente, esteja do lado do bem e não do mal. Para que a Lei funcione, também em nosso plano, é necessário que sejam usados os seus métodos, que substituem à estratégia da força a da justiça. A força pode ser a mais poderosa, mas, se ela é injusta, se torna fraca, porque neste caso a Lei logo se coloca contra o agressor. O próprio fato da vítima ser inocente, a coloca na posição de credora perante a justiça da Lei. E por isso que os astutos da Terra procuram na luta disfarçar-se de vítimas. Mas com isso podem enganar as leis humanas, mas não a de Deus. Perante esta o agressor é devedor, por isso tem de pagar, o que constitui a sua fraqueza; e o agredido é credor, por isso tem de receber, o que constitui a sua força.

Apesar de serem tão imperfeitas as leis humanas, nelas lá existe tal conceito de justiça, que em nosso mundo, regido por outros princípios, se realiza quando é possível. Infelizmente este é um mundo de aparências, de modo que o que tem mais importância mais do que o fato de ser justo é o de demonstrar com provas visíveis que se é justo. É lógico que tão imperfeita justiça tenha de ser a cada passo revista e corrigida pela justiça de Deus. E neste ponto que começa a funcionar esta outra Lei, que está acima de todas as humanas, e que é constituída por outros princípios. Chega-se assim a esta estranha conseqüência: quem move uma ação na Terra, seguindo os métodos das leis e dos juizes da Terra, obtendo o julgamento ou sentença, apesar de ele acreditar ter com isso resolvido definitivamente o caso conforme a verdade, tal indivíduo não tem percorrido senão um breve trecho do seu caminho, que continua e se completa perante outro tribunal, cujos métodos, vimos, quanto sejam diferentes. Pode assim acontecer que um processo completamente vencedor na Terra, seja depois completamente perdido no céu, de modo que quem na Terra recebeu a satisfação de todos os direitos que a lei humana confere ao vencedor, se isto não foi conforme a justiça, esse homem terá, à custa dos seus sofrimentos, que pagar tudo ao tribunal do céu, se o julgamento deste for diferente.

❑ ❑ ❑

Não adianta o nosso mundo não entender e negar estas coisas. Ele fica igualmente preso na rede dessas forças sutis. O mundo nega-as, porque elas escapam aos seus sentidos. Mas quem amadureceu devido a profundos sofrimentos, atingiu um grau de sensibilização que lhe permite perceber o que acontece neste mundo subterrâneo, no interior das aparências, antes que, saindo deste seu estado sutil, se materialize nos seus efeitos concretos, que representam só a última fase do fenômeno, aquela que o mundo percebe. É assim possível, para um sensibilizado, observar os acontecimentos desde o seu início, lá onde ninguém se apercebe da existência deles, e assim conhecendo-os, prever o seu desenvolvimento e o que eles serão quando atingirem a sua última fase sensória, aquela que es outros percebem. É assim que alguns podem ver os acontecimentos antes que eles se revelem por fora o que é julgado previsão ou profecia. Mas não se trata de trabalho de adivinhador, mas só da leitura do que já existe, mas que os outros ainda não vêem. Trata-se de uma observação positiva do acontecimento na sua fase preparatória, a que escapa à observação dos outros. Então se diz que isto é previsão do futuro. Mas o futuro não nasce de nada e já existe como germe no presente. Nós dizemos que um fato existe quando o acontecimento atingiu a fase final do processo da sua formação e desenvolvimento. Mas tudo isto existe também antes de atingir esse seu ponto

final, e é pelo fato de que tudo existe antes deste momento, é que alguns podem observar e assim prever o seu desenvolvimento futuro.

Então é possível examinar o fenômeno da luta entre o bem e o mal, e prever qual será o resultado do assalto do agressor contra a vítima inocente, não somente pelos caminhos da lógica, porque conhecemos os princípios que regem o fenômeno, mas também por este outro caminho da visão interior do fenômeno, assim antecipando o conhecimento da sua solução. Mas como é que isto pode acontecer, incluindo o aviso aos outros do perigo que se prepara, antes de chegar à fase final em que o caso se materializa na forma concreta de desgraça, doença, sofrimento? Traduzida em termos sensíveis, uma concentração de forças do mal pode ser percebida como uma nuvem preta que se vai aos poucos condensando no ar, enquanto uma concentração de forças do bem pode ser percebida como uma nuvem branca. O preto expressa a negatividade, o branco a positividade, porque o ponto de referência é a luz do S. O branco corresponde à plenitude da luz. O preto corresponde à falta de luz, as trevas do AS. Quando nem uma nem outra dessas duas posições prevalece de modo absoluto, teremos uma mistura de branco e preto, que há de expressar se o que prevalece no campo de forças é positividade ou negatividade. Na maioria dos casos, culpa e mérito, mal e bem, estão de ambos os lados, em medidas diferentes. Ora, se prevalece o bem, e o que domina no campo de forças é positividade, então teremos uma nuvem branca, na qual aparecem manchas pretas maiores ou menores, conforme a negatividade possuída que elas expressam. Se prevalece o mal, e o que domina no campo de forças é a negatividade, então teremos uma nuvem preta, na qual aparecem zonas brancas maiores ou menores, conforme a positividade possuída que elas expressam.

Observamos, então, deste novo ponto de vista, o que acontece nos vários casos. Conhecendo a percentagem de positividade ou negatividade que contém o campo de forças de cada um dos dois antagonistas, se pode prever qual será o resultado do choque entre eles. No caso limite que já vimos, da vítima completamente inocente e do agressor possuído só pelas forças do mal, será possível perceber as vibrações deste que se vão condensando no ar, vão-se concentrando até atingir a forma de uma nuvem preta, acima da nuvem branca da vítima inocente, para se lançar contra ela para a destruir. Que acontece então? A nuvem branca é toda branca, não possui manchas pretas, não oferece por isso porta aberta alguma, que constitui um convite para entrar, um ponto pelo qual as forças da nuvem preta se possam descarregar. Esta, perante tal impenetrabilidade, repete os seus ataques, mas cada vez mais inutilmente. Pelo contrário, quanto mais bate contra a parede dura, tanto mais é levada a ricochetear para trás. Isto até que, impulsionada pela necessidade de se descarregar em qualquer parte, a nuvem preta não tem outra escolha a não ser a de percorrer às avessas o seu caminho de ida, descarregando todo o seu impulso de agressão contra o campo da personalidade que lançou o assalto, a qual acaba assim sendo atormentada pelos tormentos que ela havia procurado lançar contra o inocente.

Diferente é o caso em que a vítima não é inocente. Então a nuvem da vítima não é toda branca, mas possui manchas pretas oferece por isso portas abertas, que convidam a entrar e por onde as forças do mal se podem descarregar. Então elas aproveitam tal penetrabilidade e penetram, atingindo o seu objetivo. Assim, a vítima recebe o choque, como um organismo fraco tem de aceitar a doença, porque ele não foi suficientemente forte para se defender. Neste caso a culpa é do agressor, mas ela está também na vítima, o que paralisa a Lei impedindo-a de intervir com a sua justiça para a defender. Eis por que em tantos casos humanos a Lei não pode funcionar: porque a vítima não é inocente e mereceu ser atingida pelas torças do mal. O princípio geral é o seguinte: que todas as vezes que o mal nos atinge, não tem sentido, como se

costuma fazer, lançar a culpa nos outros, pelo fato de que nada podemos receber que antes não haja sido por nós próprios merecido. O grau dessa penetração das forças do mal no terreno do agredido, com todas as suas conseqüências de desgraças e sofrimentos, se pode prever observando a amplitude das manchas na nuvem do agredido, que estabelece o grau da sua vulnerabilidade. O caso de uma nuvem branca que agride não existe, porque as forças do bem nunca agridem. Se o mal, pela sua negatividade, não sabe trazer senão destruição e morte, o bem, pela sua positividade, não pode trazer senão reconstrução e vida.

A moral de tudo isto é que, verdadeiramente forte é quem está do lado da Lei; e que a força do mundo, por si só, é uma forma de fraqueza. A astúcia também é inútil, porque desenvolve a arte de descobrir mentiras, que paralisa a própria astúcia, e acaba eliminando-a. Pelo princípio de equilíbrio cada ação gera a sua paralelo antagonista, armado para combatê-lo. Na realidade não existe somente a força para chegar à vitória, mas há luta para realizar a evolução. A psicologia do super-homem, herói da força, é somente produto do mundo emborcado do AS, um crescimento às avessas, canceroso e destruidor. Este porém foi até agora um dos maiores ideais humanos.

Esta é a conclusão de tudo o que temos até aqui explicado: poderoso é o homem inerme do Evangelho; fraco é o armadíssimo homem do mundo. Fique dentro da Lei, e nada terá que temer. Quem quer usar os métodos do mundo, tem de ficar com as suas desvantagens. Todo o mal depende de nossa posição emborcada no AS contra Deus. Quem a escolheu, mesmo que seja o dono do mundo, está perdido. O homem de bem possui a força que a Lei com a sua defesa lhe confere e que é superior a todas as outras forças.

A vida do Evangelho é dura, mas leva o homem para o S. A vida do mundo é mais fácil, mas deixa o homem no AS. O homem do Evangelho vai ao encontro dos seus semelhantes para colaborar, sem interesse nem egoísmo, para o bem de todos; mas eles respondem agredindo em virtude do seu interesse e egoísmo, só para a sua vantagem pessoal. Trata-se de duas psicologias opostas, a do S e a do AS. No S os seres são complementares, as suas diferenças são compensadas e fundidas numa união orgânica, na qual cada ser se encontra feliz cumprindo a função para a qual foi criado. Eles estão unidos por liame de amor, numa contínua troca ou permuta em que cada um dá e recebe vantagens de graça. No AS os seres não compensam com tal troca as suas diferenças, mas as usam para se agredir e destruir uns aos outros, num estado de caos em que cada ser não ama, mas repele aos seus semelhantes, sozinho contra todos, cumprindo apenas uma função de agressão e destruição. No AS os seres estão separados pela rivalidade numa contínua luta, em que cada um dá e recebe sofrimentos.

Tudo depende do grau de evolução e natureza do indivíduo. Dela deriva o estado de paraíso ou inferno. Basta que haja dois seres do AS, isto é, dois diabos, para que logo eles construam ao redor de si um primeiro núcleo de inferno. Da mesma forma, basta que haja dois seres do S, isto é, dois anjos, para que logo eles construam ao redor de si um primeiro núcleo de paraíso. Isso é o resultado da sua conduta. Os primeiros, para um vencer o outro, logo entram em luta, que termina apenas gerando sofrimento para todos. Os segundos, um amando o outro, logo entram em colaboração, que termina gerando paz e bem estar para todos. Os primeiros destroem, criando necessidade; os segundos constróem, criando abundância. Eis a posição de nosso mundo atual, em comparação do que deverá surgir quando se realizar na Terra o anunciado Reino de Deus.

Escrevi este capítulo e o precedente em cerca de quinze dias, com febre quase contínua, julgo que devido ao choque recebido pela agressão de que falei nas páginas precedentes. Não quis parar por isso, mas aproveitei do descanso aconselhado pelo médico, para desenvolver estes capítulos. Assim o leitor poderá ver qual foi o meu tipo de reação.

Encerraremos este livro, com o capítulo que segue. Haveria muita coisa ainda para dizer, porque o assunto parece inesgotável. Ficará para o próximo volume e que iniciarei em seguida.

É noite profunda. É carnaval, e o mundo louco está dançando sob a ameaça de um destino tremendo e merecido, que se está aproximando.

XVIII

CONCEITO DE MORTE PARA O EVOLUIDO E O INVOLUIDO

Utilizamos, nos dois capítulos precedentes, um caso pessoal vivido, para dar maior evidência às teorias destes livros, apoiando-as em fatos, mostrando como se aplicam na prática e que no estamos apresentando teorias fora da realidade da vida. Aos que possam censurar que estamos com a cabeça no céu, é necessário mostrar que estamos também com os pés na Terra, em equilíbrio entre a teoria e a prática, ficando em contato tanto com uma como com a outra - as teorias para explicar os fatos, e os fatos para provar as teorias. Teoria e prática ao mesmo tempo, apoiando-se uma na outra. Explicar as teorias é relativamente fácil; mais vivê-las, levando-as até ao nosso mundo, é outra coisa. Estamos convencidos de que a pregação sem a aplicação é mentira, e que não é lícito sustentar um princípio sem a condição de estar, ao mesmo tempo, vivendo-o. Este problema não é só de honestidade moral, mas também de seriedade de pesquisador, porque como pode afirmar a verdade de uma teoria, quem não a experimentou no laboratório da vida?

A grande afirmação, fundamental, destes livros, resolve-se no terreno prático em sustentar a verdade do Evangelho. A maior experiência da minha vida foi a de vivê-lo. Haviam-me dito que o Evangelho, se tomado a sério e praticado, mata. Quis ver se isto era verdade e, se fosse necessário ser morto, só o seria pela palavra de Cristo e não por ter acreditado nas tolices humanas. Achei que esta era a experiência mais importante e que poderia dar um conteúdo sério e interessante à minha vida, que eu não podia esbanjar correndo atrás das ilusões habituais. Agora, na velhice, estou chegando ao fim desta experiência e aproximando-me cada dia mais da sua conclusão. Quais são os resultados desta tentativa, julgada pelo mundo coisa louca e desesperada? Vale a pena fazer tanto esforço, para acabar assim na pobreza, desprezado como simplório, sobrecarregado de deveres e de trabalho? Explorado pelos maus e condenado pelos práticos, que sabem fazer seus negócios? Quão melhores resultados concretos poderia ter atingido e agora gozar deles, se tivesse usado a inteligência para triunfar no mundo? Esta poderia ser a primeira conclusão, mais atingível: que este caminho foi errado e não é aconselhável segui-lo.

Tal resposta estaria certa se a vida se esgotasse toda e somente neste mundo. Há duas maneiras de enfrentar a vida, dando-lhe um ou outro destes dois objetivos diferentes: ou o imediato, no presente, encerrado dentro deste mundo, ou outro mais vasto, longínquo, acima dele. O primeiro pode-se logo alcançar em forma tangível, como a riqueza, o poder, as honras, os gozos materiais etc. Este método tem, porém, o defeito do fruto de tanto trabalho se abismar todo no vazio com a morte. Depois dos grandes funerais, nada permanece, tudo acaba no vácuo. A realização do segundo objetivo nos escapa nas nuvens dos ideais, enquanto na Terra a

realidade é pobreza, servidão, humilhação, sofrimento etc. Este segundo método oferece, porém, a vantagem de que se pode colher um fruto permanente de tanto trabalho. Depois de pobres funerais abrem-se as portas de um mundo superior, onde se continua vivendo uma vida maior.

Sinceramente devo confessar: agora que a minha vida está acabando, estou muito mais satisfeito de ter seguido este segundo método, satisfeito de ter sofrido mais do que gozado. É satisfação ter tomado a vida a sério, a qual se pode tornar uma coisa imensa se lhe dermos, também, um imenso conteúdo. E satisfação na velhice não ficar chorando com saudade para um passado que acabou, mas, pelo contrário, alegrando-se com um desejo para um futuro melhor que se aproxima. Perante a morte que se avizinha sinto claro que quem tinha razão e venceu foi o método do Evangelho e quem falhou foi o do mundo. Se tivesse seguido este, agora ficaria olhando para o abismo que se estaria abrindo aos meus pés, voltaria triste, apegando-me ao passado morto, desesperadamente e em vão tentando ressuscitá-lo. Mas, pelo contrário, nada me pode dar tanta alegria como a sensação da vida nova que se aproxima e o pensamento de que o tempo fatalmente me leva para ela, porque a morte não é o fim, mas apenas a libertação de uma forma de vida inferior, que abre as portas para uma outra superior.

A morte, ponto final, conclusão da vida. Este é assunto que quero focalizar neste último capítulo e com isso encerrar este livro: a morte do homem material, astuto, egoísta, apreciado pelo mundo porque sabe vencer, e a morte do homem espiritualizado, evangélico, altruísta, desprezado pelo mundo; a morte que, para o involuído situado do lado do AS, é queda, e que para o evoluído, que com o seu esforço subiu aproximando-se do S, é salvação. A morte para o primeiro é falência, porque ele nada pode levar consigo, deixando neste mundo todas as coisas; enquanto é triunfo para o segundo que, havendo-se apegado aos valores eternos, nada pode perder do fruto do seu trabalho. E não se pode dizer que este assunto seja teórico, que não interessa porque está fora da realidade, dado que não há quem não tenha que chegar a este ponto final.

Procuremos então antes de tudo entender o que é a morte. Todos, inclusive quem não conhece ou nega a teoria do S e AS, estamos mergulhados neste dualismo universal, e com a vida e a morte vamos oscilando de um pólo ao outro. A própria ciência já admite a existência de um anti-cosmo em que tudo o que é positivo encontrar a sua contrapartida negativa, de modo que cada molécula teria a antimolécula, cada estrela a sua antiestrela, cada galáxia a sua antigaláxia etc. Existiria assim um anti-universo constituído de antiátomos e antimatéria. Eis que a nova ciência se está encaminhando para o conceito de S e AS.

Eis por que somos feitos de corpo e de espírito, que representam os dois pólos opostos e complementares do mesmo dualismo A morte é só do corpo, que pertence ao AS, enquanto a Vida é qualidade do espírito, que pertence ao S. O princípio da geração pertence à positividade do S. O princípio da morte é a sua posição emborcada, que pertence à negatividade do AS. Em nossa própria existência vemos funcionar S e AS, em luta um contra o outro: o princípio positivo do S sempre gerando, e o princípio negativo do AS sempre matando. O primeiro é maior e por isso sempre vence, porque é obra de Deus, enquanto o segundo é menor e não consegue prevalecer contra o outro, porque é obra da criatura rebelde. E assim que quem está do lado do S está do lado da vida, quem está do lado do AS está do lado da morte. Mas o que em nós pertence ao S é o espírito, e o que pertence ao AS é o corpo. O que em nós é espírito não morre, e o que é corpo morre. Então a morte é só do corpo e não do espírito. Disto decorre que, quanto mais pertencemos à vida no plano material e o nosso eu é constituído pelo corpo, e por isso estamos próximos do AS, tanto mais temos de ficar sujeitos à morte; e que, quanto mais pertencemos a vida no plano espiritual e o nosso eu é constituído pela alma, e por isso

estamos próximos do S, tanto menos temos de ficar sujeitos à morte, porque possuímos a vida. A morte está só no corpo, na matéria, que é produto emborcado pela queda no AS, não está no espírito, que é obra de Deus, de modo que, quanto mais o ser, evoluindo, se espiritualizou, tanto menos ele está sujeito à morte.

Logo surge a diferença que existe entre o utopista evangélico e o homem vencedor em nosso mundo. Se a morte mata só o corpo e não o espírito, eis que ela mata o homem da matéria, mas nada pode contra o do espírito. Eis a grande diversidade. Eis como na morte se revela o que é um homem, tornando-se assim a pedra de toque do seu valor, marcando o resultado final do que ele escolheu praticar. Assim, quanto mais o ser é atrasado, tanto melhor se encontra no ambiente humano, aí realizando os seus baixos instintos e gozando a vida, mais para ele a morte é morte. E ao contrário, quanto mais o ser é adiantado, tanto pior se encontra no ambiente humano, aí lutando para realizar os seus elevados instintos e por isso sofrendo, menos para ele a morte é morte. Enquanto esta representará para o primeiro o fim do próprio eu, significará para o segundo só a libertação da sua casca material. E lógico que, com a evolução que saneia a doença da negatividade, o ser se liberta da morte que é o fruto da revolta, de modo que por ela o ser tanto mais terá de sofrer quanto mais ele é involuído, e tanto menos quanto mais ele é evoluído.

Compreende-se assim como é natural que o ser atrasado tenha medo da morte, conseqüência lógica da sua posição de involuído próximo do AS e por isso mergulhado na ilusão de que está feita toda a sua vida, aonde ele julga que chega o fim de tudo, pelo contrário, o ser adiantado não tem medo, porque sabe que se trata somente de continuar a vida numa forma melhor. As religiões ensinam essa verdade, mas por meio da fé, o único expediente que se pode usar com seres não evoluídos, que por isso não podem entender: fé que não é certeza e deixa os crentes duvidosos, como vemos pelo fato de que eles têm medo da morte, como os descrentes. Mas também tudo isto é providencial, porque é necessário que o ser atrasado fique amarrado ao terreno das duras experiências terrenas, que, apesar de dolorosas, a ele são indispensáveis para evoluir, que representa o único meio de salvação. Mas é lógico também que essa ilusão, necessária para os inferiores, desapareça com a evolução, que abre a inteligência para entender.

Eis então como é, e porque é, que a vida do involuído está cheia de contínuo medo da morte. Ele está desesperadamente apegado a esta forma de existência que não é senão uma forma inferior, porque é a única forma que ele conhece, e para ele representa toda a vida. Aqui é necessário esclarecer um fato. A vida quer dizer existir e por isso é coisa tão fundamental, que não ha' ser, por mais involuído que seja, possa renunciar a ela. Tudo o que existe deriva de Deus, cuja primeira qualidade é a do "eu sou", isto é, o existir. Se o ser, com a revolta, erguendo-se como Anti-Deus para estabelecer uma contra-lei, caiu numa forma torcida de existência, nem por isso ele a pode perder e tem de a aceitar nesta sua forma torcida. A revolta pôde, momentaneamente, na superfície que pertence ao AS, emborcar no negativo (morte-interrupção de vida), mas não aniquilar, o princípio fundamental do "eu sou", que está em Deus, isto é, na profundeza que pertence ao S. E por isso que tal princípio deve permanecer indestrutível em todas as individuações que constituem as criaturas, que não podem deixar de existir, inextinguíveis pelo que são centelhas de Deus. A existência pode mudar de forma e tomar outra, invertida, em vez de continuar inalterável; é despedaçada a cada passo pela morte, mas não se pode aniquilar. O ser não possui o poder de se destruir, tornando-se definitivamente um não-ser, num estado de absoluta não-existência. Com a revolta o ser pode emborcar, mas não eliminar a Lei Por isso a morte aparece no AS como um parêntese transitório que a queda colocou no tempo, dentro da vida, não como elemento de destruição definitiva, mas somente

como princípio negativo e termo oposto e antecedente ao positivo da ressurreição, que representa a vida que ninguém pode anular. O aniquilamento dos espíritos, que quiserem para sempre insistir na sua revolta, já vimos no Cap. II que é só caso excepcional e uma possibilidade teórica. A própria presença do AS, com o seu processo involutivo-evolutivo, já dissemos que representa apenas um parêntese temporário dentro da vida eterna do S.

Ora, se a vida é insuprimível necessidade para todos, os que desceram e se encontram nos níveis inferiores, e por isso não possuem nem conhecem outro tipo de vida, senão a inferior daqueles níveis, têm então que ficar apegados a esta sua única forma de existência, qualquer que sejam os sofrimentos que ela contém, e lutando a cada passo para a defender da morte. No S a vida, num ambiente saturado de positividade, é, sem esforço, naturalmente boa e eterna, como é o movimento às grandes velocidades nos espaços siderais aos corpos que saem do campo gravitacional da Terra. No AS a vida não pode ser mantida senão ao preço de uma luta contínua contra a negatividade que quer destruí-la, como qualquer movimento na superfície da Terra para os corpos presos no seu campo gravitacional, movimento que sabemos do esforço exigido para ser realizado. Como o homem no seu ambiente tem de extrair de si com esforço a energia muscular, enquanto dela há em quantidade ilimitada no universo, assim o ser do AS tem de ganhar a sua vida, com o esforço duma luta contínua, enquanto há vida sem limites para quem está no S.

Eis porque a existência terrestre, para resistir, tem de se sustentar com um combate sem descansos contra infinitos perigos e obstáculos, expressando a negatividade do AS que a ameaça a cada passo. Isto tanto mais, quanto mais o ser é involuído, abismado no AS, que é o reino da destruição e da morte. Para o desgraçado que está mergulhado em tal atmosfera de negatividade, a vida, é antes uma desesperada procura de vida, para acabar por arrancar alguns fugitivos momentos seus, sem nunca ser possível atingi-la na sua plenitude E por isso que a vida do homem está ameaçada a cada passo pela morte, atormentada pelo sofrimento, e tem de ser conquistada a toda a hora contra todos - Ao primeiro momento de fraqueza, qualquer cidadão de nosso mundo pode ser vencido e destruído por outro mais forte. Essa é a lei do ambiente terrestre.

A ciência afirmou a presença dessa lei da luta pela vida, mas não explicou a razão da sua existência, não entendeu a causa que a gerou. Tal lei representa a condenação do decaído, que tem de subir de novo, evoluindo com o seu esforço, reconstruindo e ganhando duramente o que agora lhe faz falta, e que antes da queda o ser possuía de graça na maior abundância. E por isso que o homem primitivo, se quer sobreviver, tem de lutar contra as feras, os elementos desencadeados, inúmeros perigos e inimigos, cego pela sua ignorância, perdido no caos, enquanto com a evolução, tudo isso se vai arrumando e melhorando, até que, com o desenvolvimento da inteligência, o homem consegue construir um ambiente mais favorável, seja dominando-o e domesticando as forças da natureza, seja transformando-se em ser civilizado que sabe conviver com os seus semelhantes, não mais seus inimigos, mas seus colaboradores.

Essa a razão da tão miserável vida do cidadão do AS. Com a queda não ficou nas suas mãos senão um farrapo de vida, ao qual ele fica desesperadamente agarrado para não o perder. Não há conquista que não seja ameaçada pelo medo de a perder, não há poder que não seja cheio de perigos, riqueza que não seja roída pela inveja dos rivais, glória que não seja enganada pela mentira da adulação etc. Neste nível cada vantagem está fatalmente inumada pela correspondente desvantagem, devida à negatividade do AS, de modo que aumentar a vantagem implica aumentar a respectiva desvantagem. Acontece assim, que conquistar sempre mais poderes, riqueza, glória etc., não leva, como o ser desejaria, só para conquista de

positividade, mas também de qualidades negativas, devidas à negatividade do ambiente do AS, e necessariamente leva consigo um aumento de todos os males e embaraços que àquelas vantagens estão inseparavelmente ligados.

Mas é lógico que, quando o ser, situado no AS, procura nesta sua posição involuída, as doçuras do S, no fundo delas encontre o veneno e as amarguras do AS. É lógico que num mundo emborcado no negativo, também quando se buscam produtos positivos, não se possam encontrar senão produtos prontos a toda a hora a emborcar-se no negativo. É lógico que, quanto mais em nosso mundo quisermos possuir produtos positivos, para saciar a nossa fome de positividade, tanto mais seremos embaraçados e sufocados pelos produtos da negatividade. Na sua ignorância, o homem cegamente pretende realizar o absurdo de atingir as satisfações do S, movimentando-se em descida em direção emborcada, aprofundando-se sempre mais no AS, enquanto o seu anseio não pode ser satisfeito senão pelo caminho oposto, isto é, como a renúncia a tudo o que é AS e com o esforço para reconstruir tudo o que é S. Acontece assim que, para aumentar os seus poderes, o ser não ganha, mas perde Trata-se de uma nutrição às avessas, que não tira mas aumenta a fome, que não sustenta, mas envenena Tudo é lógico, nem poderia ser diferente. Temos assim também uma explicação racional dos ditames sustentados pela ética e pelas religiões, e da inconciliabilidade entre Cristo e o mundo.

❑ ❑ ❑

Observamos o que é a morte e a vida para o biótipo atrasado, cidadão do AS, forte e hábil vencedor em nosso mundo. Observemos agora o que acontece do lado oposto, isto é, o que é a morte e a vida para o biótipo evoluído, que vai se aproximando do S, o homem evangélico, que o nosso mundo despreza como fraco e utopista.

A maior punição para o involuído, que está do lado do AS, é automática e está no fato de que, na sua ignorância, ele julga ser a sua vida a única e verdadeira, e por isso toma a sério uma vida que é somente uma existência inferior de condenado. A maior vantagem para o ser adiantado que está do lado do S, repousa no fato de que ele não aceita tal ilusão, porque entendeu que a verdadeira vida é outra, a imorredoura e não a temporária e perecível na matéria. Eis que existe para ele uma vida maior, em que se justificam e compensam os sofrimentos humanos, uma existência melhor, onde não há morte a ser destruída. Ressuscitando e continuando, a vida vence a morte, finalmente um apoio firme em alguma coisa estável que não pode ser destruída, coisa certa que não se resolve numa ilusão. Então este homem, que o mundo julga um sonhador, vive fora da realidade, é o único que baseia a sua vida num ponto positivo, e não acaba num engano, como acontece com as coisas do mundo. Tudo depende da forma mental que possuímos e com a qual julgamos É lógico que o ser vivendo emborcado no AS julgue verdade o que é ilusão, porque pela sua própria posição ele não pode deixar de ver tudo às avessas. E é lógico, também, que o ser próximo do S julgue ilusão, a própria ilusão, porque pela sua posição ele não pode deixar de ver tudo de maneira correta. E esta diversa visualização que desloca os conceitos e os valores dos dois biótipos. Se quisermos então conhecer como vê e julga o mundo o ser mais adiantado, próximo do S, basta inverter o julgamento que o mundo faz dele e de si próprio.

Para o evoluído a vida terrestre representa um inferno adaptado para feras, que para os atrasados pode parecer até civilizada. A moral comum aconselha a superação da animalidade com o desapego das coisas do mundo. Mas o evoluído não sente apego, mas sim enjôo delas. Este é o estado de quem não somente despreza o que a maioria mais procura e gosta, mas sente por tudo isto instintiva repulsa, que representa a fase final da superação, da libertação e a fuga

definitiva para fora do ambiente terrestre. Neste caso o ser tanto experimentou os enganos do mundo e entendeu o jogo das ilusões, que para ele não se trata mais de, por esforço de virtude, não desejar riquezas, honras, poder, gozos materiais; mas se trata pelo contrário do fato de que ele não pode deixar de rejeitar com um sentido de repugnância tal tipo de satisfações, recusando-as com náusea, apesar de que elas sejam tanto procuradas pela imbecilidade humana; revoltado contra elas, sobretudo porque são causas de tantas maldades e crimes, cometidos por quem, devido ao seu egoísmo e semeando tantos sofrimentos, delas faz o maior objetivo da vida. Mas os atrasados não se apercebem que monstruosidade repelente e horrível representa, para os mais adiantados, a falta de sentido moral.

Esta é a posição de quem vive a última das suas encarnações terrestres. A esse ponto, abrindo os olhos depois de tantas experiências dolorosas, todos terão de chegar. Tal é a psicologia de despedida do inferno terrestre, no qual os vencedores do mundo, que atormentam os bons, julgando-os ineptos, terão de ficar até que com o seu esforço, tenham percorrido todo o caminho que leva para a libertação. Quem está apegado a um mundo inferior, pelo seu próprio apego tem de voltar a ele. A condenação é automática, devida à própria natureza do ser. Até que tenha aprendido toda a lição através de mil dores e desilusões, esse tipo de homem ficará encadeado a essa forma de existência e a todos os males a ela relativos. A vitória do homem do mundo é a sua maior condenação, é o que sempre mais o prende à sua prisão. Ele agride os bons que julga fracos, os explora e esmaga, com isso acreditando vencer e ganhar. Eles o utilizam para serem expelidos para fora do inferno dentro do qual, com isso, os seus agressores se vão cada vez mais radicando. Os bons e perseguidos sofrem, mas sobem e subindo ganham; os maus e os perseguidores vencem, mas descem e descendo perdem a partida maior. Mas isto, pela sua ignorância, eles não entendem, nem adianta explicar-lhes. Mas o entende quem subiu com o seu esforço e, subindo, amadureceu conquistando o conhecimento.

Vemos aqui como funciona o jogo das ilusões do mundo. O homem está cercado de enganos. Ele acredita ser um vencedor, enquanto é um vencido; quando pratica o mal acredita ficar impune, escapando às conseqüências das suas ações e à justiça de Deus, e não sabe que às reações da Lei ninguém pode fugir. Engana-o a sua miopia, por força da qual ele julga, baseando-se na curta vida atual, que essa vida é tudo, e observando que os seus semelhantes com suas maldades não sofrem conseqüências imediatas. O homem não entende que esse processo é lento e complexo, que o pagamento das dívidas se faz em outras vidas sucessivas, pelas seguintes razões: 1) a eternidade não tem pressa; 2) a justiça de Deus não está fechada dentro da pequena medida de nosso tempo; 3) antes de se resgatar com o pagamento, o ser, entre uma vida e outra, tem de refletir para compreender e poder fazer melhor, porque está fora da ilusão dos sentidos; 4) enfim, pelo fato de que uma existência de pagamento e expiação tem de ser organizada de outro modo, ela é baseada sobre condições de vida diferentes das que constituem a atual, em que o mal foi cometido.

É lógico que o panorama da vida apareça completamente diferente, quando o olharmos de cima para baixo, ou de baixo para cima. É lógico, também, que quem evoluiu acima do comum nível de vida humana, a julgue, e conceba de maneira diferente. É natural que, quem conquistou outras qualidades e tem de realizar outro trabalho, não possa deixar de se sentir desterrado e estrangeiro em nosso mundo, no qual tem de tropeçar a cada passo com coisas que não correspondem à sua natureza, com as quais ele não pode construir a sua vida.

Assim o fenômeno da morte se torna uma coisa diferente, conforme a natureza do indivíduo que tem de a enfrentar Esquecê-la não é possível, porque a toda hora a vemos aparecer entre nós, conduzindo um ou outro, sempre pronta para todos. O homem do mundo

procura não vê-la, atordoando-se com a corrida atrás das coisas materiais que lhe dão a ilusão da realidade, enchendo de barulho os sentidos, ou procurando esquecê-la adormecido na inconsciência. Mas um secreto terror se aninha na sua alma, quando ele pensa neste fim que lhe arranca tudo o que mais ama e defende. Pelo contrário, o homem espiritual, perseguido pelo mundo, pensa com tranqüilidade na morte, porque ela não tem o poder de lhe tirar nada, porque o seu tesouro está nas coisas espirituais que leva consigo. Quem vive, não em função do mundo, mas duma existência superior, nada perde deixando a Terra, mas, pelo contrário, sabe que então sairá do inferno e se regozija pela sua libertação.

Sendo os dois tipos biologicamente situados nos antípodas, é lógico que as suas concepções sejam uma o reverso da outra. Para o homem do mundo a morte é o término da vida; para o homem espiritual ela é o início de uma vida mais alta. Para o primeiro a morte é uma condenação que destrói a felicidade que está no corpo; para o segundo a morte é uma libertação que abre as portas à felicidade que está no espírito. Para o primeiro a morte é morte, para o segundo é ressurreição; para um ela é motivo de tristeza porque tira a vida, para o outro é motivo de alegria porque traz um aumento de vida. É natural que a evolução leve a um aumento de positividade, isto é, de vida, e que nos níveis mais involuídos dos prevaleça a negatividade, isto é, a morte.

A morte é tanto mais destruidora, quanto mais o ser se encontra situado perto do AS, quanto mais a vida dele está no corpo ao invés de estar no espírito, quanto mais está na superfície ou forma em vez de estar na profundeza ou substância. Até que o ser acorde na vida do espírito, tornando-se vivo e consciente nesse nível, não pode gozar da sua imortalidade. Enquanto o ser se identificar com o corpo, julgará morrer, quando o corpo morre Não poderá sobreviver acordado, mas só adormecido, quem não aprendeu a estar vivo e consciente no espírito. É lógico que, para quem está convencido de que a vida está apenas no corpo, quando ele perde o corpo, tenha a sensação de ficar sem vida. Assim ele continua vivendo como num estado de asfixia, sozinho nas trevas, desesperado no vazio, perdido no vácuo de si mesmo.

A terrível autopunição do involuído é a sua ignorância, que lhe deixa acreditar: apegando-se às coisas do mundo possa ganhar a Vida, enquanto ocorre o contrário, porque desse modo ele desce e se enraíza cada vez mais no AS, o reino da morte, de maneira que ele não ganha, mas perde a verdadeira vida. Essa é a lógica conseqüência da posição emborcada em que se colocou o ser com a revolta, pela qual ele não pode deixar de conceber tudo às avessas. Está escrito nas próprias leis da existência, e ninguém pode impedir: quem escolhe o caminho da descida vai para a morte, e quem segue o caminho da subida vai para a vida.

Paralelamente, o oposto ocorre ao evoluído. Enquanto o ser atrasado luta desesperadamente para conservar a sua efêmera vida inferior, seu único tesouro, o adiantado não consegue suportá-la senão transformando-a num meio para realizar alguma coisa superior, que concorde com os seus instintos e pertença ao seu plano de vida. A orientação e os objetivos da vida do evoluído estão nos antípodas aos do involuído. O primeiro é idealista, o segundo materialista. Este realiza toda a sua vida aqui na Terra; aquele a realizará na sua plenitude somente amanhã, porque para ele a verdadeira vida se inicia quando para o outro tudo parece acabar com a morte. Convencido de se encontrar numa posição mais vantajosa, o mais adiantado gostaria de ensinar o segredo da sua vida superior ao involuído, para o seu bem, e essa transmissão de conhecimentos se torna a finalidade da sua existência terrena. Mas o atrasado se encontra proporcionado às suas trevas e não quer ser incomodado pela luz, que o impulsione a fazer o esforço de realizar em si essa reforma revolucionária. Então ele repele a ajuda e responde com a revolta e a agressão, que é a lei do seu plano, escrita nos seus instintos, perfeitamente convencido que tudo isso corresponde à verdade.

A conclusão é que tudo vai bem para quem na Terra se encontra no seu nível evolutivo, que representa o ambiente a ele proporcionado. Aqui ele pode realizar a sua vida conforme a sua natureza. Mas tudo vai bem, enquanto o jogo de uma vida que depende da efêmera existência de um corpo físico não acabe. Pelo contrário, tudo vai mal para quem na Terra não se encontra no seu nível evolutivo, ou ambiente a ele proporcionado. Aqui ele não pode realizar a sua vida conforme a sua natureza, mas tem de a suportá-la, com muito sofrimento. Se, porém, tudo vai mal até à morte, a efêmera existência de um corpo físico que aprisiona o espírito não pode durar para sempre, e depois do cativeiro tudo termina na libertação; a vida não acaba na morte, mas numa vida maior Eis então que os primitivos, sedentos de vida, irresistivelmente se reproduzem, para depois se matarem uns aos outros nas guerras. Eles têm de ficar apegados a um mundo onde cada berço é um esquife, onde a geração serve para alimentar a morte, onde uma vida de lutas atrai mil enganos tem de acabar na destruição do que mais foi almejado. O que não faz parte dessa condenação para eles é utopia rejeitada, de maneira a que eles fiquem na sua posição, como merecem.

O mais adiantado, que entendeu a mecânica desse jogo, chora sobre tanta ignorância e miséria. Ele quer fazer alguma coisa para salvar os seus irmãos menores, mas estes se apressam a crucificá-lo. Assim, tal ajuda é repelida e fica em pé a miséria e a vergonha do mundo. Eles não entendem e não adianta explicar-lhes. Quando, movidos pelo originário instinto de positividade do S, eles procuram levantar na Terra afanosamente as suas construções, não entendem que, por pertencerem a um mundo feito de negatividade, qual é o AS, aquelas construções não podem durar e deixar de cair, tudo terminando num engano. Para que censurar, se cada um, pela sua própria natureza, traz em si mesmo o seu prêmio ou a sua condenação? Nada se pode acrescentar ou tirar à perfeição da justiça de Deus, pela qual automaticamente cada um recebe o que merece.

❑ ❑ ❑

Já vimos que na Terra são conhecidos três níveis de evolução: o da fera, que usa o método da força; o do homem que, quando não é fera, usa o da astúcia; o do super-homem, que usa o método da honestidade e justiça. Estes níveis estão um em cima do outro. Cristo ensinou o método do nível mais adiantado, no qual transformando-se por evolução, terão que chegar os outros. Assim Cristo antecipou e aprontou as novas realizações do futuro: um mundo em que basta cada um cumpra o seu dever a respeito dos outros, para que os outros o cumpram a respeito dele; um mundo às avessas do atual, em que se fareja de longo o tipo honesto para o explorar e se acredita que a inteligência consiste em não fazer o seu dever, aproveitando os que o fazem O jogo é bonito e gostoso. Há, porém, os irrefreáveis impulsos da evolução que não podem deixar de acabar limpando o mundo de tal imundície Então tais seres inteligentes às avessas serão pela própria vida eliminados do nível humano e impelidos para planos inferiores, porque o progresso pode cada vez menos tolerar os seres não civilizados

Com o exemplo, Cristo nos mostrou a superioridade do seu método, porque se Ele se deixou crucificar, depois as leis da vida constrangeram o mundo, por milênios, a ajoelhar-se perante a Sua imagem de crucificado. Perante a figura de Cristo o homem tudo pode fazer, menos ficar indiferente. Apesar de negando e rebelando-se, ele não pôde deixar de ter que engolir a doutrina de Cristo, porque ela está escrita na lei de evolução da vida, e tanto assim é que quando os melhores não são escutados, os piores são chamados pela história, a impor aquela doutrina (justiça social) com métodos dos inferiores. As religiões cristãs, não importa se não acreditando nem praticando, tiveram que proclamar e sustentar o método de vida de Cristo

- o da honestidade e justiça. Bilhões de indivíduos durante milênios tiveram de conhecer essa doutrina e exemplo, ouvir aquelas palavras, palavras que o mundo não pode silenciar. Os maduros encontraram em Cristo um refúgio e a justificação para a sua conduta, que o mundo julga loucura. Assim eles não estão mais sozinhos, porque há alguém que endossa o seu comportamento. Por isso eles se agarram a Cristo, único sustentáculo seu no desterro terrestre. E se juntam à pequena turma dos Seus seguidores, onde apenas podem encontrar os seus companheiros de luta e de martírio, para realizar, seguindo as pegadas de Cristo, a grande tarefa de civilizar o mundo.

Mostrando qual é a posição do involuído e a do evoluído nos seus respectivos planos de existência, indicamos também qual é o caminho que o primeiro tem de percorrer para atingir o nível do segundo. Este é o trecho humano do grande caminho ascensional do ser, que vai do AS ao S; é o caminho da salvação, que destrói todas as tristes qualidades da negatividade e leva para a conquista de todas as felizes qualidades da positividade. Chamamos a esse caminho de *subida,* porque vai para o aperfeiçoamento, mas o poderíamos chamar também de *descida* porque vai da superfície, onde está o AS, para a profundidade, onde se encontra o S. Trata-se de diferentes imagens para nos tornar inteligível a mesma realidade.

É nesta profundeza que está a verdade. É de lá que fala a voz da vida, se origina e procede a sua ação, abisma as suas raízes até Deus. Ele está no centro do todo, daí se manifestando em todas as formas, regendo todos os fenômenos, segundo os princípios por Ele estabelecidos na Lei. É nesta profundeza que se encontra a sabedoria, a orientação, a energia, a saúde, a ajuda moral e também material, que se resolve os problemas do conhecimento. Aí está a bondade, o poder, a justiça. Tudo desce daquela primeira fonte que é Deus.

Quanto mais o ser é involuído, tanto mais ele está situado na periferia do todo, representada pelo AS, com todas as suas qualidades. Quanto mais o ser é evoluído, tanto mais ele está situado perto do centro do todo, representado pelo S, com todas as suas qualidades Dentro da casa exterior representada pelo nosso universo material, reino dos rebeldes - expulsos do S - vivendo na ignorância e no sofrimento, há um caroço de natureza oposta, representado pelo universo espiritual do S, reino de Deus, onde domina sabedoria e felicidade.

Mas os dois remos não são separados, mas contíguos, de modo que podem se comunicar. O S que está no centro. irradia continuamente as suas qualidades de positividade e de vida para o AS, que está na periferia. Este, pela sua natureza invertida, está feito somente de negatividade e de morte e, se fosse deixado sozinho, a si mesmo, estas suas qualidades o destruiriam Há, porém esta contínua irradiação de positividade e de vida, que nasce do S e penetra, alimenta e assim salva o AS da destruição, compensando e corrigindo suas qualidades de negatividade e morte.

Por outras palavras, o Deus transcendente, que está além do nosso universo atual, no S, do centro onde Ele está situado, estende e faz chegar a sua ação até à zona periférica, de superfície, isto é, no AS, aí ficando presente na forma de Deus imanente, representando o princípio da vida, que sustenta todas as formas, e a inteligência que com a Lei dirige o funcionamento de todos os fenômenos. As fontes da vida estão no S que, com as radiações da sua positividade subindo da profundeza, de contínuo reconstrói o que a negatividade do AS na superfície de contínuo destrói. E assim que Deus, as fontes da vida, o S, estão dentro de tudo o que existe e dentro de nós, e aí os poderemos encontrar descendo na profundidade de nosso ser.

Explica-se desse modo como, na luta entre a vida e a morte, Se AS, em nosso mundo, a vida vence a morte. Isto porque o S é obra de Deus, é mais forte do que o AS, obra da criatura. De fato vemos que as construções humanas para resistir à destruição necessitam de uma manutenção contínua, que se pratica pelo trabalho do homem de fora para dentro,

enquanto as construções da vida automaticamente se reconstroem de contínuo, intimamente alimentadas de dentro para fora (reconstrução dos tecidos celulares etc.). E assim que. por exemplo deixamos abandonada uma cidade aí voltarmos depois de um século, encontraríamos apenas ruínas. Se, pelo contrário, deixarmos abandonado um campo plantado de árvores, depois de um século, aí encontraríamos um espesso bosque. A diferença está no fato de que os edifícios de uma cidade, como toda obra humana, são um produto tipo AS, só obra do homem, e por isso não estão ligadas pelas suas raízes às fontes da vida, que estão em Deus. Ele cria operando de dentro para fora, provando que o S está no interior do AS. O ser destrói de fora para dentro, matando o corpo, dessa forma, provocando que o AS é exterior ao S. Cada um trabalha conforme a sua posição no Todo.

Em nosso mundo encontramos os dois elementos: o construtivo do S e o destrutivo do AS, a vida e a morte, em luta entre si. Quando um ser nasce em nosso mundo, deve-se o fato ao impulso da vida que, derivando do S, vai até ao AS, onde se manifesta na forma. Mas logo que isto acontece, a negatividade do AS começa e vai roendo e consumindo o poder daquele impulso, até prevalecer sobre ele, e então chega a morte. No primeiro momento é o S que vence, no segundo é o AS. Temos assim um universo dualista, devido à revolta que o despedaçou em dois momentos opostos: na profundeza, a vida; na superfície, a morte. A tarefa do S é sempre a de gerar a vida; a função do AS é a de destruí-la. Se dentro do AS não existisse o S, isto é, se o nosso universo não fosse animado e sustentado pela presença de Deus imanente, tudo teria fracassado há muito tempo, destruído pela negatividade do AS. Se esta não existisse, como acontece no S, então não existiria morte e a vida seria eterna.

É assim que, quanto mais o ser no AS está longe do S, tanto mais ele é matéria inerte, em que a consciência do espírito está adormecida; e quanto mais o ser do AS, evoluindo, se aproxima do S, tanto mais ele adquire vida e se potencializa como vida, tendo acordado a consciência do espírito. E pelo fato de que a evolução significa aproximação do S, que ela representa uma conquista de vida. E por isso que, com a evolução, se fortalece cada vez mais o poder da vida e se enfraquece o da morte, até que, ao concluir-se o processo evolutivo com o regresso ao S, juntamente com o AS desaparece a morte, e a vida volta a ser eterna, acima da dimensão tempo. Produto da queda, agora reabsorvido pela evolução.

Mostramos neste volume os duros efeitos da queda, mas também os caminhos da salvação. Temos agora a diagnose do mal e os remédios para o tratamento. A conclusão é que, com a evolução, temos nas mãos a chave de nossa salvação, o meio para a conquista da felicidade e da vida eterna. Se com a revolta o ser involuiu no AS, com a evolução ele pode voltar ao S. Esta nossa conclusão não é novidade, porque é uma ética que coincide com a do Evangelho e com a que repetem as religiões num consentimento quase universal, que nos confirma como prova de verdade das nossas teorias. A novidade está na forma, mais convincente, na qual apresentamos tal verdade. As religiões apoiam-se na fé cega, porque falavam e ainda falam a seres incapazes de ser convencidos e entenderem o valor das provas racionais, incapazes de ficar impressionados pela sua lógica. Nem a filosofia abstrata, nem a ciência, limitada ao que aparece objetivo, podiam tornar atual e introduzir na vida essa ética.

Para chegarmos às nossas conclusões era necessário possuir uma visão clara da estrutura do universo, mostrada em nossos livros precedentes. Para que tais conclusões fossem aceitáveis, era preciso apoiá-las no único argumento que todos entendem e que a todos convence, prático, concreto - o da utilidade própria. É sobretudo neste que nos baseamos. Aqui, neste volume, não se trata de vôos místicos ou arremessos fideísticos, o que já algures foi feito, mas do cálculo das vantagens que compensam o esforço evolutivo. Não basta dizer que na evolução está a salvação. A evolução representa um trabalho duro, e dele quase todos querem

fugir. Então, para que fazê-lo? Para ser ouvido é necessário provar que este trabalho é pago com uma utilidade nossa, e como, quando e por que é pago. A fé sozinha nos deixa sempre um pouco duvidosos, tanto que para a sustentar foi necessário apoiar-se no inferno, já que o paraíso prometido pelas religiões parece não convencer muito os crentes, que, com o risco de merecerem o inferno, muitas vezes preferem o paraíso bem pobre, mas menos nebuloso e mais inteligível e concreto, o das coisas terrenas. Não esqueçamos que a vida, e por isso o ser, são utilitários. Cada um faz os seus cálculos e, antes de se movimentar, estuda se convém fazer o esforço necessário, se ele é compensado, sem o que não o faz. Na prática, a pregação de sacrifícios para teóricos ideais de virtude não convence ninguém. Essa é a realidade, lógica e natural conseqüência do que o homem é de fato.

Eis por que neste livro procuramos dar provas do dano que recebemos cometendo erros, como da utilidade que atingimos, se cumprirmos o esforço de evoluir, seguindo os ditames de Cristo. Este nos pareceu o melhor comentário possível para demonstrar a verdade do Evangelho. Assim ele se torna atual e prático, necessário a toda a hora no meio de nossa vida, também fora do ambiente fechado das religiões particulares. Por isso demonstramos que estar do lado de Cristo significa não ser fracos e vencidos, como o mundo julga, mas fortes e vencedores, não ignorantes, mas sabedores, porque melhoramos as condições de nossa existência, enquanto o contrário acontece para os vencedores no mundo, vítimas das suas ilusões, em virtude das quais, acreditando ganhar, eles perdem.

Contra a mural dominante nos fatos, que parece verdadeira, assim demonstramos a verdade do que parece um absurdo, que é a moral oposta, a do Sermão da Montanha, a do Evangelho das bem-aventuranças. Trata-se somente de nos tornarmos mais inteligentes para compreender o truque dos enganos do mundo para não cair mais neles, e que outro é o caminho para obter a nossa verdadeira vantagem. Aos homens práticos e positivos quisemos provar que vale a pena, é bom negócio, o melhor possível, tomar o Evangelho a sério e vivê-lo.

Trata-se do problema fundamental, que é o de nosso sofrimento ou de nossa felicidade. Explicar racionalmente qual é o método melhor para alcançá-la, é a minha grande vingança contra os meus semelhantes pelas espoliações e esmagamentos que, para cumprir o dever, tenho recebido na minha vida, num mundo em que, infelizmente, parece que o maior crime, que poucos perdoam, o mais desprezado e punido, é o ser honesto. Que se pode fazer de mais útil para o bem dos outros, que é mais urgente em nosso mundo? Não será procurar civilizar os primitivos, explicando-lhes onde está a sua verdadeira vantagem, para que eles não sofram mais, continuando sempre a cometer erros?

S. Vicente - Páscoa de 1961